

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Programa de Pós-Graduação em História Social

MAYCON DOUGLLAS VIEIRA DOS SANTOS

**Na sintonia da política: Getúlio Vargas, os “campeões do microfone” e o trabalhismo
na *Revista do Rádio* (1948 - 1954)**

Versão Corrigida

São Paulo
2023

MAYCON DOUGLLAS VIEIRA DOS SANTOS

**Na sintonia da política: Getúlio Vargas, os “campeões do microfone” e o trabalhismo
na *Revista do Rádio* (1948 - 1954)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Mestre em História Social.

Área de concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio.

São Paulo
2023



**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE**

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Maycon Douglas Vieira dos

Santos Data da defesa: 30/03/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Marcos Francisco Napolitano de Eugênio

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23/05/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237s Santos, Maycon Dougllas Vieira dos
Na sintonia da política: Getúlio Vargas, os
"campeões do microfone" e o trabalhismo na Revista do
Rádio (1948 - 1954) / Maycon Dougllas Vieira dos
Santos; orientador Marcos Francisco Napolitano de
Eugênio - São Paulo, 2023.
177 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Social.

1. Segundo Governo Vargas. 2. História e Imprensa.
3. Revista do Rádio. 4. Cultura política. I. Eugênio,
Marcos Francisco Napolitano de , orient. II. Título.

SANTOS, Maycon Douglas Vieira dos. Na sintonia da política: Getúlio Vargas, os “campeões do microfone” e o trabalhismo na Revista do Rádio. 2023. 177 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Aprovado em:

Banca examinadora

Orientador: Prof. Dr. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio (USP)

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos (UFU)

Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho (USP)

Profª. Dra. Tânia Regina de Luca (UNESP)

Dedico este trabalho aos meus dois corações fora do peito, Raimunda Nonata Martins Vieira dos Santos e Raimundo Nonato Ferreira dos Santos. Dedico também ao David, que por muitas vezes salvou minha vida.

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer quase sempre vem acompanhado de riscos. O maior risco, talvez, seja esquecer alguém que foi tão valioso na caminhada até a entrega da dissertação, que inclusive foi um árduo, doloroso e importante caminho. Esse caminho começa em 2019, quando decido me preparar para ingressar no mestrado. A minha maior inspiração para tal foi a profa. Dra. Eça Pereira da Silva. Ela leu meu projeto, me indicou leituras, orientou-me em tudo que foi necessário para que meu ingresso fosse possível. A ela, minha eterna gratidão.

Em 2020, antes de partir para São Paulo, fiz uma “vaquinha” coletiva, com o intuito de comprar passagem e garantir algum auxílio financeiro. Recebi apoio de tantas pessoas, até de professores do ensino médio, em especial as professoras Abmalena e Raquel. Sou muito grato por todas as pessoas que me ajudaram nesse período. Menciono aqui o nome de Wallysson Victor (*in memoriam*). Sei que você está em um lugar de muita paz, muito obrigado! Agradeço ao meu grande amigo Wedster Martins, que também é mestrando em História Social pela USP. Ele e eu fizemos o mesmo processo, e desde então, estamos sempre um apoiando o outro, lendo a dissertação um do outro. Que seu caminho seja de muita luz e alegria, Wedster. Outro amigo que conheci na USP foi o Ângelo Ribeiro, um ser humano lindo por dentro e por fora. Sua gentileza e inteligência me ensinou tanto. Espero lhe reencontrar no dia da defesa. Também agradeço ao meu amigo Mateus Mendes Machado, por todos os conselhos, saídas, madrugadas tomando cerveja, e sobretudo, por muito companheirismo. Muito obrigado!

Agradeço ao meu orientador, o prof. Dr. Marcos Napolitano. Sua orientação dispensa palavras. Nenhum elogio caberia aqui. Certamente, se este trabalho estiver em um nível de excelência, devo integralmente a você. Obrigado por toda orientação, conselhos, ajuda, por todas as palavras de incentivo. Sua generosidade, combinada com doses de rigorosidade, principalmente no que diz respeito aos prazos, é o que vem me tornando um profissional e uma pessoa melhor, muito obrigado! Agradeço também à CAPES pela bolsa que possibilitou o financiamento deste estudo.

Minha trajetória no mestrado foi muito dolorosa. Fora o contexto pandêmico, o desgoverno bolsonarista, tive que me dividir em trabalhar e pesquisar. No entanto, nada disso seria possível se eu não tivesse uma rede de apoio, segurança, carinho e respeito. Essa rede tem dois nomes: Raimunda Nonata Martins Vieira e Raimundo Nonato Ferreira dos Santos, meus pais. Vocês são o meu combustível de vida. Tudo que eu faço e farei será por vocês dois.

Nesse caminho, tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis. Dentre elas, agradeço ao David Willamy Martins. O destino quis que meu caminho se cruzasse ao seu, e

serei eternamente grato por isso. Você não faz ideia do quanto me ensinou sobre a vida, relacionamentos, família, sobre ter um porto seguro e principalmente, sobre se colocar sempre em primeiro lugar. O amor-próprio foi construído em mim graças a todas as conversas que já tivemos. Muito obrigado!

Por fim, agradeço a todos os pequenos milagres diários, por todas as vezes que encontrei força para continuar. Não foi só uma vez que pensei em desistir, mas cá estou, escrevendo para lembrar a mim mesmo o quanto tudo que me ocorreu, de bom ou ruim, foi importante para que essa etapa fosse concluída. No mais, agradeço a Deus, que dele, por ele e para ele são todas as coisas!

RESUMO

O presente estudo tem por principal objetivo realizar uma leitura política da *Revista do Rádio*. Especializada em assuntos radiofônicos, passou a circular em 1948. Tinha por diretor-chefe Anselmo Domingos, escritor de radionovelas. O periódico se tornou a maior revista sobre o rádio daquele período. Os principais assuntos e temáticas tratados pelo periódico giravam em torno da vida íntima e pessoal dos artistas de rádio, ficando assim conhecida como a primeira “revista de fofoca” brasileira. As pesquisas acadêmicas que a colocaram como fonte ou objeto de análise levaram em conta apenas seus aspectos de amenidade e entretenimento. Mas, será que essa é a única leitura possível da revista? Ao folheá-la, percebi que havia algo que poderia revelar mais do que trivialidades; suas folhas estavam, ainda que de maneira pontual, inebriadas de discussões políticas. O recorte temporal escolhido para este estudo foi entre 1948 e 1954, mais especificamente no contexto do segundo governo Vargas, momento em que o semanário mais apresentou as linguagens e a culturas políticas em que se inseria, tanto de quem escrevia na revista, quanto da classe de radialistas na qual se colocava como principal porta-voz. Inúmeros radialistas se candidataram para cargos políticos, o que também foi acompanhado pela revista. Na medida em que informava seus leitores sobre os “campeões do microfone”, termo cunhado por Anselmo Domingos em referência aos “radialistas políticos”, o periódico também construía e mobilizava uma coesa e precisa imagem de Getúlio Vargas. Logo, meu intento é averiguar as razões que levaram a revista, além de grande parte dos radialistas e artistas de rádio a apoiarem a volta de Vargas ao poder. Além disso, também proponho discutir os motivos que conduziram alguns radialistas adentrarem ao espaço político.

Palavras-chave: Revista do Rádio; Getúlio Vargas; Trabalhismo; Rádio; Cultura Política.

ABSTRACT

The main objective of this study is to carry out a political reading of *Revista do Rádio*. Specialized in radio matters, it began to circulate in 1948. Its chief director was Anselmo Domingos, a writer of radio soap operas. The periodical became the largest radio magazine of that period. The main subjects and themes dealt with by the periodical revolved around the intimate and personal life of radio artists, thus becoming known as the first Brazilian “gossip magazine”. Academic research that placed it as a source or object of analysis took into account only its amenity and entertainment aspects. But, is this the only possible reading of the magazine? As I flipped through it, I realized that there was something that might reveal more than trivia; its pages were, albeit occasionally, intoxicated with political discussions. The time frame chosen for this study was between 1948 and 1954, more specifically in the context of the second Vargas government, when the weekly most presented the languages and political cultures in which it was inserted, both of those who wrote in the magazine, and of the class of broadcasters in which he placed himself as the main spokesperson. Countless broadcasters applied for political positions, which was also followed by the magazine. As it informed its readers about the “microphone champions”, a term coined by Anselmo Domingos in reference to “political broadcasters”, the periodical also built and mobilized a cohesive and precise image of Getúlio Vargas. Therefore, my intention is to find out the reasons that led the magazine, as well as most of the broadcasters and radio artists to support Vargas's return to power. In addition, I also propose to discuss the reasons that led some broadcasters to enter the political space.

Keywords: *Revista do Rádio*; Getulio Vargas; Labor; Radio; Political Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Relações entre história, imprensa e política nos anos 50.....	16
O trabalhismo como linguagem e cultura política	19
Percurso teórico-metodológico	23
CAPÍTULO I - NO AR, O RÁDIO POR ESCRITO: Folheando “páginas revisteiras” de um semanário radiofônico	27
1.1. As revistas de rádio no Brasil	29
1.2. A história e a trajetória da <i>Revista do Rádio</i>	33
1.3. Temas em destaque	38
CAPÍTULO II - A <i>REVISTA DO RÁDIO</i> E AS MULHERES DO MICROFONE: Representações femininas e seus lugares no universo radiofônico	57
2.1. Marlene, Emilinha e Dalva de Oliveira: as mulheres que mais foram estampadas pela revista.....	58
2.1. O concurso das rainhas do rádio: uma “experiência democrática”?	63
2.2. Mulheres do rádio também fazem política: o caso de Eladir Porto	81
CAPÍTULO III - UM SEMANÁRIO “TRABALHISTA”? Tradições, linguagens e culturas políticas da/na <i>Revista do Rádio</i>	92
3.1. Associação Brasileira de Rádio, um órgão de (primeira) classe.....	93
3.2. Sindicato dos Radialistas, não dos mandões, mas do que labutam no rádio.....	107
CAPÍTULO IV - GETÚLIO VARGAS EM PAPEL E TINTA: A <i>Revista do Rádio</i> e o “retrato do velho outra vez” no cenário político nacional.....	118
4.1. O semanário com saudades do velhinho	119
4.2. O rádio está com Getúlio? A campanha presidencial dos anos 50 em páginas radiofônicas	126
4.3. O que esperar de Getúlio? entre expectativas e frustrações	131
4.4. “Agosto de 54” e como a revista lembrou de Getúlio	137
CAPÍTULO V - A <i>REVISTA DO RÁDIO</i> E OS “CAMPEÕES DO MICROFONE”: Candidatos radialistas e suas trajetórias políticas	141
5.1. Candidatos do rádio em páginas revisteiras.....	142
5.2. Radialistas e getulistas	146
5.3. E os antigetulistas? Vereadores radialistas fora da órbita varguista	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171

INTRODUÇÃO

Eu estava na metade do curso de graduação¹, quando meu orientador² daquele período me chamou, junto com outros colegas, para conversarmos sobre iniciação científica. Entusiasmados com a ideia de fazer pesquisa, cada um foi convidado a pensar em uma temática que mais lhe interessasse. Como já havia me deparado com algumas leituras sobre imprensa, com destaque as obras da Isabel Lustosa e Tânia Regina Luca³, resolvi escolher um tema sobre a imprensa no Tocantins. Me veio, então, a seguinte pergunta: e o rádio? Quando surgiu? Quais foram as primeiras experiências radiofônicas no Tocantins? O rádio naquela região, até então, não tinha história. Melhor dizendo, as experiências radiofônicas no Tocantins (que na década que estudei era chamado de “norte de Goiás”) não haviam sido delineadas como fontes/objetos de estudo. Pronto. Tinha a faca e o queijo na mão. O que bastava era encontrar vestígios que me possibilitassem apreender e construir uma narrativa histórica sobre a temática.

O que não esperava era a grande dificuldade de analisar o surgimento do rádio no norte goiano de outrora. Sobretudo pelo fato de que, nas palavras de Lia Calabre, “funcionando dentro de uma lógica empresarial, as emissoras de rádio não se preocuparam com a preservação de suas histórias” (CALABRE, 2003, p. 1). Resumidamente, havia certos consensos na historiografia tocantinense sobre um suposto passado de atraso e abandono, e que eram estas as chaves interpretativas para se compreender a história daquela região. Tentei ir na contramão: ao escolher o rádio como fio condutor, busquei encontrar vestígios que pudessem inverter esta lógica, demonstrando que aquela localidade não estava “atrasada” das demais regiões. Não ser tragado por explicações cristalizadas faziam parte de meus intentos como pesquisador do rádio (tocantinense).

Em 1930 o rádio ainda não havia chegado, pelo menos não em sua materialidade como estação radiofônica local. Já na década de 1940, encontro no *Norte de Goyaz*⁴ a informação de que tinha sido instalado na prefeitura de Porto Nacional um aparelho-receptor de rádio. Ou seja, ainda que não houvesse uma estação, o rádio já tinha uma história naquele lugar. Num outro

¹ Fiz graduação em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

² Meu orientador na graduação durante a iniciação científica foi o Prof. Dr. Radamés Nunes Vieira (UFG).

³ Faço aqui referência ao livro organizado pelas autoras citadas “História da Imprensa no Brasil” (2008).

⁴ O periódico *Norte de Goyaz* foi fundado no ano de 1905 pelo deputado federal Dr. Francisco Ayres da Silva, que teve ajuda de sua família, sobretudo de seu irmão João Ayres Joca. Era uma publicação quinzenal. Não há conhecimento sobre a aquisição e a compra da Typographia Nortense, porém, o cabeçalho do primeiro número possuía as seguintes informações: propriedade “viúva Ayres e filhos” e publicado na cidade de Porto Nacional.

texto, comentei que “a década de 1940 é considerada a época de ouro do rádio no Brasil, e o Norte de Goiás, especificamente a cidade de Porto Nacional, então no estado de Goiás, acompanhou este período entrando em sintonia com as novidades do momento” (SANTOS, 2019, p. 10).

Na medida em que ia desenvolvendo a pesquisa, encontrei no meio do caminho inúmeros autores e autoras que se debruçaram sobre a história do rádio no Brasil. As primeiras experiências de radiodifusão ocorreram de forma bastante elementar. Além disso, “na década de 1920, o governo brasileiro não se interessou em criar um sistema estatal de emissoras de rádio, deixando o caminho aberto para a iniciativa privada” (CALABRE, 2003, p. 162). Houve uma virada na história da radiofonia brasileira com a promulgação do Decreto 21.111/1932, passou a ser permitida a publicidade nos programas de rádio. A partir daí, a radiodifusão deixaria de ser essencialmente voltada para a “formação intelectual” e passaria a ter um caráter comercial. Seria o próprio presidente da República que concederia as permissões necessárias para que uma estação de rádio pudesse funcionar.

Sobre a última questão, cabe ressaltar: quem assinou o decreto que regulamentou os serviços de radiodifusão foi o chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, que montou um aparato robusto que regulamentava, difundia e utilizava o rádio com propósitos voltados para compor o cenário do “ideal nacionalista”, ou de acordo com Alcir Lenharo, “o rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional” (LENHARO, 1986, p. 40). Pelo visto, o rádio tem uma história e tanto. Do local ao nacional, acompanhou bem de perto todos os acontecimentos que marcaram a trajetória da República brasileira, assim como foi também moldado por esta. Todos os decretos, leis e aparatos que tinham como alvo o sistema radiofônico, construíram o caminho que ele trilhou. Porém, deste momento (década 1930), algo permaneceu no meio radiofônico: sua intensa e ampla sintonia com a política.

A respeito das fontes que possam ser utilizadas para se tecer uma história do rádio no Brasil, tem-se, segundo Lia Calabre (2008), os regulamentos, os decretos-leis que envolvem a radiotelefonia ao longo de sua implantação, bem como as próprias gravações de programas que estão preservados e guardados em diversos museus e memoriais. Além disso, Calabre ressalta que uma importante fonte para os estudos radiofônicos são as revistas especializadas, como, por exemplo, a *Revista do Rádio*. A revista contava normalmente com 50 páginas, a capa geralmente vinha com fotografias de artistas de rádio, principalmente mulheres, e seu conteúdo vinculava-se integralmente a assuntos referentes ao rádio, embora acolhesse, também, matérias sobre a televisão. Começou a circular mensalmente em 1948, e em menos de dois anos passou

a ser semanal, tendo a tiragem na média de 50 mil exemplares por mês. Tinha por diretor-chefe Anselmo Domingos, escritor e roteirista de radionovelas da época.

Meu interesse por pesquisá-la é, de certa maneira, fruto dos resultados que obtive na iniciação científica: há uma intrínseca relação entre rádio e política. A primeira estação de rádio no Tocantins foi empreendida por um político que na época era prefeito da cidade de Porto Nacional, o que me levou à conclusão de que houve interesses políticos envolvidos, visto que tradicionalmente era a família Ayres da Silva que trazia para o antigo norte goiano os equipamentos e construções tidos como “modernos”. Como esta família há muito estava fora do jogo político (desde o primeiro governo Vargas), houve um rearranjo no poder local, o que se evidenciou no fato da primeira estação de rádio ter sido inaugurada em 1968, época em que Antônio Poincaré Andrade governava aquela cidade (a família Andrade até hoje se encontra na vida política).

Seja no âmbito local, regional ou nacional, as relações de poder que circunscrevem a mídia e a política são aclaradas nos meios impressos (a notícia da chegada da Rádio Difusora do Tocantins foi alardeada no *Jornal Porto Nacional*), o que me levou a olhar para a *Revista do Rádio* com o intuito de tentar vislumbrar como a política, seu vocabulário político, personagens e representações estiveram ali presentes. Para tal, procurei na literatura acadêmica trabalhos centrados no periódico. Além de haver poucos estudos sobre a revista, quase todos possuem algo em comum: a encaram como uma publicação com bastante amenidades, e focada, principalmente, em ser uma “revista de fofoca” sobre o meio radiofônico. Rodrigo Faour, que escreveu uma das primeiras obras sobre o periódico, nos diz que “a revista tinha os ingredientes certos para emplacar: não bastassem as informações em geral sobre a vida pessoal e artística das celebridades do momento, havia ‘fuxicos’ e um pouco de apelação em suas manchetes para atingir em cheio a curiosidade do povão” (FAOUR, 2002, p. 23).

Outras duas autoras que escreveram sobre a revista foram Doris Fagundes Haussen e Camila Stefenon Bacchi (2001), que analisaram alguns editoriais da década de 1950, na tentativa de demonstrar se os conteúdos estavam alinhados com a proposta da direção do periódico. Sobre os conteúdos, “observa-se que há a tentativa de evidenciar uma vida ‘família’, em que os (as) artistas mostram as suas casas, filhos, lazer” (HAUSSEN e BACCHI, 2001, p. 2), não fugindo, novamente, da lógica de que o periódico se preocupava apenas em ater-se a assuntos relacionados à vida privada dos artistas de rádio.

Um outro trabalho encontrado foi de Carlos Gregório dos Santos Gianelli (2016), no qual ele apresenta como o periódico está organizado no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Segundo Gianelli, é necessário ter um olhar mais cuidadoso aos acervos, sua

organização, e atentar ao fato de que eles se encontram em uma plataforma digital, e que por conta disso, ela está sendo apresentada à maneira como a Hemeroteca optou como conveniente sob o ponto de vista arquivístico e das Humanidades Digitais. Gianelli também indica algumas potencialidades em se utilizar de revistas como fonte, dentre elas “é o fato de que as revistas no Brasil sempre tiveram uma grande capacidade de se articular com as questões do cotidiano” (GIANELLI, 2016, p. 16).

O que observei a partir da leitura dos trabalhos sobre a *Revista do Rádio* é que, quase todos os autores e autoras concordam que este é um periódico que não oferece nada além de entretenimento e fuxico sobre os artistas de rádio ou sobre o imaginário popular dentro da cultura de massa nascente. Sobre essa questão, Gianelli afirma que “restringir a *Revista do Rádio* à mera ‘revista de fofoca’, como dá a entender as reportagens a respeito do livro de Faour, é simplificar demais todas as possibilidades de análise de tal periódico” (GIANELLI, 2016, p. 18). Natascha Stefania Ostos (2014) sinalizou que a historiografia que aborda as “revistas mundanas” como fontes de pesquisa, geralmente, enxerga esses periódicos como somente capaz de fornecer aos historiadores conteúdos relacionados à publicidade, propaganda e, segundo a autora, “com pouca frequência elas sustentam investigações dedicadas aos fenômenos políticos e quando isso ocorre tende-se a privilegiar a análise das charges ali contidas” (OSTOS, 2014, p. 17).

Logo, o que proponho é, dentre outras questões, fazer uma leitura política da *Revista do Rádio*, mais especificamente, demonstrar como a revista tratava, debatia e apresentava as questões concernentes à política brasileira de meados do século XX. Lia Calabre concorda que os anos 1950 são usualmente conhecidos como a “idade de ouro do rádio” (CALABRE, 2002). E este foi um dos motivos para a escolha de nosso recorte temporal: deslocando nosso enfoque para o “auge” da radiofonia brasileira, encontramos inúmeros radialistas que passaram a pleitear os assentos da “gaiola de ouro”, termo cunhado pelos próprios radialistas referindo-se à Câmara Legislativa. Acredito, portanto, que os editores da *Revista do Rádio*, guiados por suas opções e opiniões políticas, estamparam por diversas vezes o quão benigno seria que aqueles e aquelas que eram os “companheiros diários” dos indivíduos – no caso os radialistas e artistas de rádio - fossem também seus representantes políticos.

Logo, a finalidade principal deste trabalho é acompanhar, por meio do semanário, como se deu a aproximação dos radialistas e demais artistas de rádio com a esfera política, bem como analisar as razões que levaram estes profissionais a atuarem no campo político, e se em alguma medida a revista contribuiu para que as “vozes” que soavam no rádio alcançassem também os palanques.

O período que aqui será analisado é considerado um momento de grande rearranjo político no âmbito nacional. Com a queda do Estado Novo, o país vivenciou o que na historiografia ficou conhecido como “experiência democrática” brasileira. A *Revista do Rádio* acompanhou de perto, sobretudo as eleições que trouxeram Vargas novamente à presidência, estampou entrevistas com artistas enfatizando suas preferências políticas, publicou caricaturas de Getúlio Vargas com seu irreverente sorriso, divulgou fotografias. Portanto, optei por recortar o período que antecede a campanha eleitoral, mais precisamente o período de 1948, até o ano de 1954, quando o mandato de Vargas se findou, seguindo a sugestão de Lucília de Almeida Neves, quando diz que “dessa forma, para o historiador, a definição de cortes cronológicos é tão fundamental quanto a escolha do próprio tema ou objeto de pesquisa” (NEVES, 2001, p. 170), pois a demarcação temporal, seja ela décadas ou alguns poucos anos, é também definidora do próprio tema a ser pesquisado.

Quais eram as intenções dos radialistas em aproximar-se de Getúlio? Mero oportunismo? Ou afinidade ideológica? O que foi noticiado pelo periódico que possa revelar essa aproximação entre os trabalhadores do rádio com a política varguista? Caminhando nessa perspectiva, o principal objetivo deste trabalho é investigar, por meio da *Revista do Rádio*, a atuação e a participação política dos radialistas no período varguista, mais precisamente no seu segundo governo, desde a campanha presidencial, iniciada em 1950 até o ano de 1954, quando o mandato foi interrompido por seu suicídio. Intenta-se compreender as razões que levaram estes profissionais a se aproximarem de Getúlio, quais os projetos defendidos, e como a revista evidenciou a relação direta entre radialista e a política da época.

Relações entre história, imprensa e política nos anos 50

Inicialmente, a *Revista do Rádio* seria utilizada prioritariamente como fonte. No entanto, com o desenrolar da pesquisa, e a partir das reflexões proposta por Lucas Schuab Vieira (2013), as revistas, para além de simples fontes históricas, ou repositório de informações sobre um determinado tempo, são também agentes na história, também formando opiniões, visões e representações de um dado período histórico, e assim, passei a vislumbrar o periódico como também objeto de análise. Objeto esse que está inserido no contexto da década de 1950, momento de intensas transformações no mundo dos impressos.

Já é bem conhecido no âmbito historiográfico o espaço privilegiado que a imprensa, seja como fonte ou objeto de estudo, ocupa nos estudos históricos, bem como nas demais

ciências humanas e sociais. Na interface que relaciona história/impressão, proponho pensar, levando em considerações os apontamentos feitos pelas autoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto, que nos dizem que no caso da imprensa “é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica” (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 257). As autoras salientam, portanto, que ao adentrar no universo dos impressos e tratá-los enquanto fonte, é preciso ir além do simplismo de enxergar jornais e revistas como meros repositórios de informações, visões ou ideologias, tal qual demarcou Nelson Werneck Sodré, que cunhou uma “história da imprensa no Brasil” de maneira a considerar, por exemplos, apenas os aspectos macroeconômicos, não levando em conta que esses impressos poderiam ter também transmitir visões políticas “autônomas”. Nas palavras de Sodré,

As grandes transformações operadas no Brasil, desde os fins do século XIX, marcadas inclusive por alterações institucionais importantes – o fim do escravismo, o advento da República principalmente – corresponderam ao avanço das relações capitalistas em nosso país e, conseqüentemente, à progressiva ascensão da burguesia. No amplo quadro daquelas transformações é que se deve situar, a passagem da imprensa artesanal à imprensa industrial, da pequena à grande empresa (SODRÉ, 1999, p. 391).

Sodré também ressalta que a imprensa no Brasil, a partir da década de 50, estaria refém das agências de publicidade, sobretudo as internacionais, e que pelo fato das empresas jornalísticas brasileiras ainda não terem conquistado sua “independência” financeira, estariam sujeitas a divulgar as posições políticas e econômicas de seus mantenedores. Sendo assim, não se pode crer que os jornais e revistas daquela época deixaram de opinar sobre questões políticas. Sobre esse assunto, Luís Carlos Passos Martins nos diz que

Ao nosso entender, essa forma de compreensão da imprensa e de sua relação com outras instâncias sociais é bastante discutível. Algumas análises mais recentes têm demonstrado, por exemplo, que os grandes jornais brasileiros dos anos 50 já apresentavam maneiras próprias de inserção no espaço público, não podendo ser considerados apenas suporte do discurso de poder de outras instâncias sociais (MARTINS, 2010, p. 10).

Defendo, então, a ideia de que é praticamente impossível não encontrar nas fontes jornalísticas e impressas, mesmo as mais banais e ligadas a temas mundanos e amenidades, sobretudo na década de 50, conteúdos, orientações e posições políticas de seus respectivos jornalistas e editores. Luís Ricardo Araújo da Costa, dissertando sobre o papel da imprensa carioca na campanha presidencial de Vargas, comentou que há uma “compreensão de que a imprensa brasileira se vinculava, à época, a um jornalismo com posições políticas

sensivelmente clarificadas” (COSTA, 2016, p. 11). É válido também lembrar que a imprensa, ou melhor dizendo, seus editores e editoras, estão inseridos em contextos, tradições e linguagens políticas de seu tempo, e que a análise destes impressos, sob a ótica de uma história política, é passível de ser feita. Isto quer dizer que a partir do que foi publicado, noticiado e apresentado nas páginas de jornais e revistas, é possível averiguar as dimensões políticas de seus respectivos contextos históricos. Segundo a historiadora Ana Paula Ribeiro,

Todos [os impressos], em graus variados, adotaram as técnicas modernas como armas de luta política. O que não significa que interesses econômicos (ligados diretamente ao mercado) não tenham igualmente impulsionado as mudanças. É que não havia, nos anos 1950 (segundo acredito), nenhuma contradição entre a lógica da empresa jornalística e a lógica da política (RIBEIRO, 2003, p. 156).

Como já mencionado acima, o quadro cronológico deste trabalho se enquadra, também, no segundo governo Vargas (1951-1954). A imprensa teve um papel imprescindível no acirramento das tensões políticas que compõem o respectivo período, e “durante todo o segundo governo Vargas, praticamente todos os jornais de maior circulação iriam perseguir esse objetivo de minar as bases do getulismo, mas sem êxito” (ABREU e LATTMAN-WELTMAN, 2011, p. 28). Sabemos, com base em uma vasta literatura historiográfica, que diversos setores, principalmente aqueles ligados à UDN, não estavam satisfeitos com o possível retorno de Vargas à Presidência (BENEVIDES, 1981). Prova está na “guerra de palavras”, para utilizar o termo cunhado por Luis Ricardo Araújo da Costa, travada na imprensa carioca do período. Jornais de grande circulação nacional não mediram esforços para que fosse impedida a candidatura varguista. Diante dos impasses, se construía um outro retrato, intensificando as negativas perante a figura de Vargas, qualificado como “ditador, populista, demagogo”, e tantos outros adjetivos foram relacionados com uma imagem pejorativa e maniqueísta de um Getúlio “não democrático”.

Sendo assim, perdurou na historiografia brasileira uma explicação quase que unívoca: toda a imprensa brasileira da década de 50 era contrária a Vargas. Não só por motivos de cunho pessoal, principalmente quando se pensa na censura imposta pela ditadura do Estado Novo, mas sobretudo pelas divergências ideológicas entre Vargas e a imprensa liberal e antigetulista. O primeiro era visto como um estadista avesso aos ideais “liberais” defendidos intensamente pela segunda. E Vargas, desde o início de sua campanha, deixou evidente que daria continuidade a seu projeto trabalhista, iniciado nos anos finais do Estado Novo, e que, como defendo neste trabalho, encontrou terreno fértil para tornar-se na “experiência democrática” um tipo de linguagem política de massas.

Essas ideias, cristalizadas na historiografia, já foram também alvo de estudos de Luís Carlos Passos Martins, que nos convida a problematizar o entendimento que a imprensa daquele período possui o signo “liberal”, ou se essa é a única maneira de interpretar a conflituosa relação entre Vargas e imprensa. De igual maneira, gostaria de tensionar, utilizando a *Revista do Rádio* como fio condutor, a interpretação posta na historiografia de que toda a imprensa “fechou o cerco” e se colocou contrária ao Vargas. Ora, ao considerarmos a *Revista do Rádio* como um periódico que também debatia e apresentava suas opiniões e opções políticas, e não apenas fofocas e amenidades do mundo dos radialistas, formando opiniões políticas, principalmente quando deixava evidente as preferências partidárias dos radialistas, majoritariamente ligada ao getulismo.

Essas preferências, conforme minha hipótese, eram voltadas ao projeto getulista de retorno ao poder. Claro, não houve nenhuma nota editorial ou posicionamento oficial da revista em que ela declarava seu apoio a Vargas. Porém, os sinais deste apoio surgem ao longo das edições, mais do que qualquer outra preferência política ou ideológica. Se a maioria dos jornalistas da “grande imprensa” era contra Vargas e considerava o seu governo o “algoz” da nação, a *Revista do Rádio*, ao que parece, era bastante sintonizada com Getúlio. Logo, meu intuito é averiguar quais os níveis de apoio da *Revista do Rádio* ao projeto getulista, se esse apoio era circunstancial e permanente (durante todo o governo ou somente na campanha presidencial?), e quais razões levaram o periódico, assim como seus editores, colunistas e escritores a desejarem com afinco o retorno de Vargas ao poder.

O trabalhismo como linguagem e cultura política

Embora os conteúdos e temáticas da revista focassem o universo do rádio, radialistas e artistas de rádio, ela não deixou de participar do debate político da época, informando e até mesmo orientado seus (e)leitores sobre os assuntos políticos diversos. Partimos então da seguinte pergunta: pode uma revista expressar uma cultura política? Se sim, a *Revista do Rádio* expressava alguma cultura política específica? Era uma revista “trabalhista” ou “antigetulista”? Poderia ela encampar as duas culturas políticas opostas em uma só linha editorial, visando ampliar seu público leitor? Quais eram os posicionamentos políticos que a revista deixava em evidência? Ao esquadrihar a cultura política e as representações daí advindas, na *Revista do Rádio*, pretendo demonstrar que o trabalhismo (getulismo) era, naquela época, a principal cultura política presente no periódico, com amplo apelo popular entre os ouvintes e radialistas.

Segundo Serge Berstein, não existe uma definição exata e unívoca do que seja cultura política, o que leva o próprio autor (e no caso deste trabalho também) a adotar a terminologia no plural - culturas políticas - visto que este termo possui intermináveis explicações, problemáticas, alusões, e que não há uma única cultura política, por exemplo, que dita as regras hegemonicamente numa dada sociedade. Sobre o conceito de culturas políticas, Serge Berstein nos diz que,

Pode-se admitir, com Jean-François Sirinelli, que se trata de uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas. Desta definição, reteremos dois fatos fundamentais: por um lado, a importância do papel das representações na definição de uma cultura política, que faz dela outra coisa que não uma ideologia ou um conjunto de tradições; e por outro lado, o caráter plural das culturas políticas num dado momento da história e num dado país (BERSTEIN, 1998, p. 350).

Uma cultura política seria um conjunto de referentes que estão formalizados no seio de um partido ou de um determinado grupo social, ou seja, um código que se torna inteligível numa dada sociedade e num dado momento da história, sob o qual operam as linguagens e os comportamentos políticos. Não há, portanto, uma cultura política que esteja descolada de seu tempo histórico, pelo contrário, se constitui a partir da lógica espaço temporal na qual é formulada. Além disso, nem uma cultura política se expressa em um partido específico, indo além dos seus limites. Entretanto, no período em que estamos trabalhando, a cultura política trabalhista tinha um rosto – Vargas – e um partido, o PTB.

Outro ponto é a questão das representações que compõem e atuam na definição das culturas políticas, o que pode ser evidenciado na “invenção do trabalhismo” (GOMES, 2005). O trabalhismo, encarado aqui como uma cultura política, foi mobilizado por meio de um pacto entre as classes trabalhadoras e o governo varguista, onde a legitimação de seu governo se daria a partir da adesão consciente dos trabalhadores à lógica trabalhista, e em contrapartida, caberia ao Estado garantir o funcionamento das leis trabalhistas criadas nesse período

Essa lógica construiu duas importantes representações: a primeira é a figura paternalista de Vargas, podendo até mesmo dizer que trabalhismo é sinônimo de “getulismo” (GOMES e D'ARAÚJO, 1989); a segunda é a imagem do trabalhador como ator político, o que invariavelmente moldou os sentidos que a categoria “trabalho” possuía até então. Trabalho e trabalhador, leis trabalhistas, todas estas categorias passaram a fazer parte da linguagem política vigente naquela época, e que produziu uma cultura política que não se conteve com a deposição de Vargas em 1945. A cultura política trabalhista, forte nos anos 1950 entre as massas populares

urbanas (que, aliás, constituíam a maioria dos ouvintes de rádio), dava o tom e a tinta para as “páginas revisteiras” da *Revista do Rádio*?

A cultura política trabalhista se expressava em uma determinada linguagem política. Segundo Elias Palti, “uma linguagem política não é um conjunto de ideias ou conceitos, mas um modo característico de produzi-los” (PALTI, 2020, p. 13). Ou seja, para além da criação, invenção de ideias e conceitos para enquadrar determinadas ações políticas, uma linguagem política é, antes de qualquer coisa, a maneira pela qual estas ações, pensamentos e ideias se tornaram possíveis de serem concretizadas. Para traduzir nos termos de nosso trabalho, a questão é não apenas explicar o trabalhismo presente nas páginas da *Revista do Rádio*, mas compreender, também, como tornou-se possível como linguagem política impressa (verbal e visual), quais os mecanismos e referências foram utilizadas para constituir uma linguagem política “trabalhista”. Ainda segundo Elías Palti, “para reconstruir a linguagem política de um período não basta, assim, analisar as mudanças de sentido sofridas pelas diversas categorias, mas penetrar na lógica que as articula, entender como se recompõe o sistema de suas relações recíprocas” (PALTI, 2020, p. 13).

Palti, em um dado momento de sua obra, nos revela que o que ele denomina como “linguagem política” é o que Pierre Rosanvallon chama de “História conceitual do político”. Em seu texto mais conhecido, este autor traz para o debate a categoria de “racionalidades políticas”. Sob suas palavras, “o objeto da história conceitual do político é a compreensão da formação e evolução das racionalidades políticas, ou seja, dos sistemas de representações que comandam a maneira pela qual uma época, um país ou grupos sociais conduzem sua ação” (ROSANVALLON, 2010, p. 16)

Tomemos como exemplo a categoria “trabalho”, que no Brasil do período imperial possuía uma forte carga negativa, e que segundo Ângela de Castro Gomes, tornou-se no período varguista, um instrumento de construção da nacionalidade. Essa mudança de sentido, essa inversão na operação foi engendrada na “invenção” do trabalhismo. As novas formulações que há sob as categorias de trabalho e trabalhadores, é o que está sendo aqui denominado como uma “linguagem política trabalhista”. Ora, o trabalhismo pode ser encarado como uma categoria analítica e explicativa do primeiro governo Vargas, fugindo daquela ideia pejorativa de um populismo de massas, e pensado como um pacto entre as classes trabalhadoras e o Estado Varguista. Mas também se estruturou como uma linguagem política que incorporou e inseriu “o trabalhador” brasileiro, principalmente da zona urbana, no cenário político nacional (ANGELI, 2016).

Logo, o que está sendo levantado como questão principal é que o trabalhismo, além de uma ideologia fundada na ditadura do Estado Novo, é uma linguagem política, ou seja, um sistema de referências e representações de um universo político onde a palavra “trabalho” passava a ser, em certa medida, o “motor da história”, e o trabalhador brasileiro passou a ter suas reivindicações legitimadas, e seus direitos de cidadania atrelados às políticas sociais gestadas pelo Estado varguista, em que pesem todas as insuficiências e contradições dessa relação. No entanto, essa linguagem não se “encerra” com a queda do Estado Novo, e muito menos o prestígio de seu antigo ditador, para mencionar uma frase de Jorge Ferreira (1998), tornando assim o trabalhismo uma “tradição política”. Tradição essa que ganhava contornos específicos quando alinhadas ao universo dos radialistas e de suas respectivas posições políticas. Nas palavras de Elias Palti, “a análise de como foram sendo reformuladas as linguagens políticas, ao longo de um determinado período, oferece elementos para entender aspectos históricos mais gerais” (PALTI, 2020, p. 11).

Ainda segundo Ângela de Castro Gomes, o culto ao trabalho em nossa sociedade se inicia anteriormente ao governo Vargas, mais precisamente com o fim da escravidão e no alvorecer da República. O trabalho esteve sempre ligado a aspectos negativos, visto que eram os negros escravizados que “trabalhavam”. Logo, “a operação implicava inverter os sinais pelos quais a categoria trabalho era identificada na sociedade de então. O trabalho não mais poderia ostentar o sinal da desgraça e do atraso, como acontecia na escravidão” (GOMES, 2005, p. 23). Já na década 1930, houve um esforço institucional para inverter essa lógica, tornando o trabalho como o que “dignifica o homem”, formulando, a partir do “roubo da fala” (PARANHOS, 1996) dos trabalhadores pelo Estado varguista, as relações entre estes e as classes trabalhadoras.

Ângela de Castro Gomes, num outro trabalho, explica as razões pelas quais optou pelo termo “trabalhismo” em detrimento do populismo. Para ela, o segundo conceito sempre esteve relacionado à ideia de um poder centralizado somente em uma personalidade carismática, ou em uma população manipulada e indiferente, alheia à política. De acordo com a autora, o trabalhismo pode ser referido a uma cultura política que em alguma medida consegue explicar a arquitetura institucional e governamental voltada para as classes trabalhadoras, não os colocando fora, indiferentes, mas sim como atuantes e responsivos para com todos os benefícios sociais conquistados durante o Estado Novo.

Gostaria de operar com o conceito de *trabalhismo* integrando não somente os eleitores (que também eram trabalhadores), mas um grupo social que por diversas razões também queriam se tornar os eleitos. Os radialistas e demais artistas de rádio começaram a ver as mais variadas possibilidades que poderiam alcançar, e dentre elas, se achegar ao ramo político.

Levando em consideração todos os “ganhos” que essa classe conquistou no período em que Vargas esteve no poder, havia também houve uma espécie de “pacto” entre eles: Vargas era conhecido como o “pai dos radialistas”, e seus “filhos”, que já não eram mais tão inocentes, queriam conquistar “espaços” para além dos microfones, ou falarem em microfones não somente nas estações, mas também nas câmaras legislativas.

Percurso teórico-metodológico

O percurso deste trabalho seguiu dentro de dois campos teórico-conceituais: a História Política e a História Cultural (DOSSE, 2003). Ambos os movimentos advindos da “renovação historiográfica” ocorrida na década de 1980, que reformulou as formas de pensar e estudar a política na História, bem como trouxe à baila a importância do enfoque cultural como fundamental para a compreensão de quadros e contextos históricos. Vale ressaltar que a perspectiva deste estudo foi de não trabalhar com dois campos de maneira separada e interdependente. Pelo contrário, o intuito é emoldurar a temática já apresentada com aspectos políticos e culturais de forma simultânea.

Em outras palavras, o intuito é compreender como as práticas culturais da classe dos radialistas, que eram amplamente retratadas na *Revista do Rádio*, revelam as posições e orientações políticas tanto do semanário quanto da própria classe de radialistas, assim como as linguagens e culturas políticas eram contornadas nos circuitos culturais e de sociabilidade dos radialistas, sendo o semanário aqui analisado o principal espaço de comunicação não só entre os pares, mas com o público que também se interessava pelas coisas do rádio. Mas, o que são e de que forma se constituem as linguagens, tradições e culturas políticas? A partir de quais referências é possível delinear estes conceitos e se eles servem para compreender as dimensões políticas do período aqui proposto? Em que medida o universo radiofônico, bem como seus atores se inserem no âmbito político através das linguagens e ações específicas de seu tempo?

As ideias, categorias e conceitos que se inter-relacionam com as questões políticas são resultado de uma “virada historiográfica” ocorrida no final da década de 1980. Houve uma renovação dos estudos políticos e um adensamento teórico dos aspectos culturais em quase todas as ciências humanas, principalmente na disciplina histórica (BARROS, 2011). Um dos primeiros historiadores que abriu caminho para a renovação dos estudos políticos no campo da História foi René Rémond. Para este autor, no decurso do século XX, principalmente no meio acadêmico, “o político, de certa forma, não passava de um engodo, não era nada além da transcrição, em outro registro, de realidades mais fundamentais” (RÉMOND, 1994, p. 14). Com

a renovação advinda de uma Nova História, a política, para além das grandes personalidades e instituições tradicionais, passou a ter um “lugar na família” do campo historiográfico, para utilizar as palavras de Rémond.

O redimensionamento dos estudos históricos com enfoque no político teve, também, uma significativa contribuição da História Cultural, sobretudo das noções apresentadas por Roger Chartier. Dentre elas, tem-se a de “representação”, que segundo o autor,

Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja reproduzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o dele (CHARTIER, 1991, p. 177).

Esta noção, que foi delineada de maneira mais precisa ao longo dos anos pelo próprio Chartier, ajuda a pensar nas interfaces que dialogam com um dos objetos de estudo do presente trabalho, qual seja, a linguagem do trabalhismo. Esta não é apenas uma categoria analítica, mas também uma forma de representação dos grupos políticos ligados aos ideólogos do Estado Novo (e “inventados” por eles). Porém, acabou desembocando para além do período em que foi mobilizado, pode-se inferir que a *Revista do Rádio*, por exemplo, utilizou desta linguagem, desse modo de “representar e dar sentido ao mundo que era deles”, para definir e defender suas respectivas posições políticas

O objetivo deste trabalho é também contribuir para o avanço no debate sobre a relação entre História, mídia e política. Será utilizada como fonte privilegiada a *Revista do Rádio*, que tradicionalmente foi vista como uma “revista de fofoca”. E olhar para o periódico como somente de entretenimento, inviabiliza o potencial que as páginas da revista podem proporcionar para análises históricas e/ou políticas. Minha pretensão é problematizar essa visão e demonstrar que é possível construir uma narrativa de cunho histórico empregando-a como um meio de vislumbrar a relação entre radialistas e a política da época.

A fonte principal, como já se sabe, é a *Revista do Rádio*, no entanto, foi analisado outras revistas que tinham como especialidade tratar de assuntos referentes ao rádio, para efeito de comparação. Levei em conta, a todo momento, as sugestões teórico-metodológicas da historiadora Tânia Regina de Luca quando nos diz que “é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural” (LUCA, 2005, p. 132).

A autora também advoga que para analisar uma revista, por exemplo, como fonte histórica, é necessário considerar o contexto de produção e circulação do material em questão.

Ana Luiza Martins argumenta que antes de partir para análise das “páginas revisteiras”, é importante que haja preliminarmente uma crítica exaustiva dela por parte do pesquisador. A autora também nos diz que “texto, imagem, ilustrações, reclames e seções - em princípio, independentes de análise mais profunda - evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar” (MARTINS, 2003, p. 60).

O primeiro capítulo apresentarei a história e a trajetória da *Revista do Rádio*, bem como suas principais características, temas, os públicos aos quais se dirigia, tentando evidenciar o aspecto da *segmentação*, que segundo Ana Luiza Martins, é de imprescindível importância para tornar inteligíveis as questões históricas mais gerais na qual a revista está inserida. Ou seja, compreender quais segmentos orbitavam no semanário auxilia a percepção das dimensões políticas e culturais contornadas ao longo dos números que aqui serão analisados. Esse capítulo também se destinará a fazer um panorama das revistas de rádio no Brasil, no intento de inserir o periódico aqui pesquisado dentro de um universo dos impressos radiofônicos e compreender as razões de seu sucesso em detrimento dos demais.

O segundo capítulo discutirá as imagens e as representações engendradas pela revista sobre as mulheres do rádio. Levando em conta o contexto, o periódico deixava bem claro quais eram os lugares que as mulheres radialistas e artistas de rádio deveriam ocupar. No entanto, a revista, ao que tudo indica, deixou escapar as trajetórias de radialistas mulheres que participaram e atuaram politicamente. Além disso, irei tratar do concurso que foi um dos maiores acontecimentos da história da radiofonia brasileira: a escolha da Rainha do Rádio. A proposta é também averiguar o quanto de teor político havia no certame, e se alguma medida, ele contribuiu, ainda que de maneira indireta, para o fortalecimento da democracia representativa ao fazer um simulacro de campanha eleitoral, votação e preferências do eleitor.

O terceiro capítulo teve como intento apresentar as tradições, culturas e linguagens políticas da *Revista do Rádio*, bem como da classe dos radialistas. O intuito é, primordialmente, encarar o trabalhismo de Vargas não apenas como uma categoria analítica de um dado período, mas também como uma linguagem política, que operou de formas diversas, adentrando no universo radiofônico, fazendo desta linguagem base para suas ações e atuações. Analisarei os números que tratam especificamente da Associação Brasileira de Rádio e do Sindicato dos Radialistas, expressões organizativas dos trabalhadores do rádio que dialogavam com a cultura política trabalhista.

Já no quarto capítulo, me deterei sobre as relações estabelecidas entre radialistas políticos e Getúlio Vargas, que no período aqui delimitado, retornou à presidência, e que segundo uma das hipóteses desta dissertação, recebeu dos radialistas um amplo apoio, alguns

até mesmo foram seus “cabos eleitorais”. Embora a *Revista do Rádio* não deixasse evidente seu apoio a Vargas, ela, ao optar por estampar fotografias, editoriais, entrevistas, notícias de maneira sistemática sobre este personagem, de alguma forma, traduziu seu alinhamento com o retorno de Getúlio Vargas ao poder.

Por fim, no quinto capítulo serão analisadas as trajetórias dos radialistas propriamente “políticos”, ou seja, homens e mulheres que trabalhavam como radialistas, artistas do ramo radiofônico, que também se colocaram como candidatos e candidatas nas eleições de 1950. A intenção é evidenciar, através da *Revista do Rádio*, quais foram as formas de aproximação e os intentos da classe de radialistas em participarem da esfera política e estiveram presente nas páginas do periódico.

CAPÍTULO I - NO AR, O RÁDIO POR ESCRITO: Folheando “páginas revisteiras” de um semanário radiofônico

As revistas, que desde o final do século XIX, estavam, segundo Ana Luiza Martins (2003), encontrando seu lugar no mundo dos impressos, já se apresentavam com características técnicas muito distintas dos já conhecidos jornais. Dessa forma, passaram a ser publicadas ainda no contexto imperial brasileiro, aglutinando texto, imagem, reclames, seções, aparentemente, consoante Martins (2003), corriqueiros e cotidianos. O possível interesse em tornar periódicos revisteiros como fontes de análises históricas se dá pela característica que a fundamenta, pois “todos os seus componentes, aparentemente corriqueiros – formato, papel, letra, ilustração, tiragem – sugerem indagações que prenunciam a carga de historicidade presente nas, hoje, velhas e amarelecidas publicações” (MARTINS, 2003, p. 60).

No alvorecer da República brasileira e ao longo do século XX, surgiram inúmeros títulos das mais variadas temáticas para públicos distintos, uns com vida longa, outros que não emplacaram como gostariam. Assim, em revistas esportivas, religiosas, políticas, para e sobre mulheres, não faltou conteúdo. Porém, o que demarca a história dos impressos no Brasil é a ausência de um público leitor consolidado. Seja pelas altas taxas de analfabetismo, ou pelo passado escravocrata, ou pela tardia implantação de instrução pública, as revistas, que precisavam de gente para folheá-las e compreender o que nelas vinha, encontraram inúmeros obstáculos para permanecerem circulando. Conforme Baptista e Abreu (2010), as revistas no final do século XIX tinham algo em comum, pois

Tiveram existência muito curta. A falta de recursos e de assinantes fez com que algumas delas fossem obrigadas a circular apenas uma ou duas vezes, além do que, contavam com uma tiragem muito baixa. Entre elas, as revistas recordistas em permanência no mercado editorial brasileiro à época “duraram”, no máximo, um ou dois anos (BAPTISTA e ABREU, 2010, p. 3).

Desse modo, no desenrolar das transformações técnicas e gráficas, as revistas passaram a utilizar como estratégias de vendas e cooptação de público o uso (e abuso) de imagens, fotografias e ilustrações. Visto que demoraria ainda para se resolver a problemática do analfabetismo, a utilização desse recurso servia como principal forma de alcançar um público cada vez mais amplo. Ainda sobre essa questão,

A fotografia passa a ter lugar de destaque junto aos periódicos nacionais a ponto de, em 1900, surgir *A Revista da Semana*, especializada em fazer reconstituições de crimes em estúdios fotográficos instaurando, assim, no mercado brasileiro de revistas, um modelo que veio para ficar: veículos

recheados de ilustrações e fotos atraentes aos olhos do consumidor (BAPTISTA e ABREU, 2010, p. 4).

Ainda, segundo Martins (2003), a imagem tornou-se mais eficaz que a letra, ganhando assim nas páginas revisteiras um espaço privilegiado e a principal maneira de entregar a mensagem proposta. Desse modo, “sua mensagem atingia indistintamente o letrado, o semialfabetizado e até o analfabeto. O alcance foi imenso, levando-se em conta a força da imagem, sempre procedente no conjunto, da esfera do simbólico (MARTINS, 2003, p. 77). O caso mais emblemático e que alterou significativamente o mercado revisteiro no Brasil foi a criação da revista *O Cruzeiro*, fundada em 1928 por Assis Chateaubriand, tornando-se o periódico de maior circulação nacional.

Já no contexto da década de 1950, o mercado editorial revisteiro se consolidou e passou a ter público e alcance ampliado, conquistando lugar de destaque no mundo dos impressos, sobretudo por conta do período histórico no qual está situado, cujo fim da ditadura do Estado Novo e a volta da liberdade de imprensa contribuíram significativamente para o fortalecimento do jornalismo como empresa. Por conseguinte, não deixando de levar em consideração que em à essas transformações, os impressos não deixaram de participar calorosamente dos debates políticos, podendo inferir que as revistas, por exemplo, circulando em um tempo favoravelmente democrático, estampavam suas opções e opiniões políticas.

Assim, as revistas foram incorporadas pelos historiadores “como suporte rico e diversificado de documentos, síntese privilegiada de instantâneos reveladores de processos históricos, representação material de práticas de consumo, usos e costumes” (MARTINS, 2003, p. 60). A autora destaca que ao delinear as revistas como fonte para compreensão de processos históricos, se faz importante, primeiramente, encarar o aspecto da segmentação, que é traço constitutivo dos impressos que circulavam no período aqui delimitado. O que isto significa? Que as revistas especializadas pretendiam atingir um público específico, “que entende do assunto”, ou no neste caso, que compreendia sobre rádio.

A *Revista do Rádio* se enquadra como uma revista especializada, e ainda de acordo com editor-chefe deixou evidente no primeiro número, o periódico pretendia ser totalmente voltado aos assuntos radiofônicos. Porém, ela não foi a única que também tinha essa pretensão. Antes mesmo dela, surgiram inúmeros outros títulos que, acredito, serviram de base e inspiração para que Anselmo Domingos criasse sua própria revista de rádio. Logo, o intuito deste capítulo é realizar, primeiramente, um panorama histórico das revistas radiofônicas, apresentar os principais aspectos dos periódicos, sob o intuito de demonstrar que já existia uma “tradição” de

impressos que tratavam sobre o meio radiofônico e como, direta ou indiretamente, os elementos encontrados na *Revista do Rádio* se relacionavam e dialogavam com esse universo dos periódicos sobre o rádio.

1.1. As revistas de rádio no Brasil

A primeira transmissão radiofônica no Brasil ocorreu oficialmente em 1922, e não demorou muito tempo para que surgissem revistas especializadas sobre o rádio. Essas publicações “pretendiam inicialmente satisfazer o interesse informativo dos primeiros aficionados do rádio, e seu conteúdo editorial apresentava principalmente assuntos relacionados à radiodifusão, de cunho técnico e científico” (ADAMI e DIAS, 2019, p. 267). Logo, os primeiros títulos criados com o intento de falar sobre o rádio, acompanharam, simultaneamente, os primeiros passos da radiodifusão, bem como, estampavam em suas páginas conteúdos relacionados aos procedimentos puramente técnicos e científicos do respectivo meio de comunicação.

Duas revistas foram criadas nesse contexto: *Radio* (1924) e *Electron* (1926). Ambas, destinavam ao seu público, seletivo e específico, temáticas que divulgavam, a partir de critérios científicos, questões sobre o rádio. Segundo o primeiro editorial do *Rádio*, que pertencia à Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a estação foi criada para determinadas finalidades, dentre elas:

A Rádio Sociedade fundou-se para propagar no Brasil o T.S.F. como elemento da cultura popular. Manterá para seus sócios uma biblioteca, um laboratório e uma estação de telefonia, que diariamente espalhará por grande parte do território nacional informações científicas e industriais, conferências literárias, a poesia e a música (RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO, 1924, p. 1, apud. ADAMI e LUCAS, 2019, p. 271).

O nome sugestivo da revista *Electron* também evidenciava o teor temático que o periódico se propunha. Desse modo, era publicada bimestralmente, passou a circular em 1926, e “assim como a *Rádio*, a Revista *Electron* era distribuída aos associados e comercializada em pontos de venda localizados em diferentes estados brasileiros” (ADAMI e LUCAS, 2019, p. 271). Pertencia à rádio *Mayrink Veiga*, o que era traço comum das primeiras revistas radiofônicas: eram periódicos ligados especificamente a uma estação radiofônica, sendo porta-vozes oficiais dessas estações, estampavam os estatutos, legislações, tudo referente à radiodifusão. No entanto, o recorte temático também se limitava à estação à qual se filiavam.

Outro lugar-comum das primeiras revistas sobre o rádio, segundo Newton Dângelo, é que “a grande maioria de seus editores eram provenientes do universo editorial impresso, ainda distantes de um padrão e linguajares mais afinados com o meio radiofônico” (DÂNGELO, 2013, p. 3). Ou seja, os editores, escritores e articulistas desses periódicos não eram radialistas, ou indivíduos que trabalhavam no ramo, o que fazia desses números uma avaliação jornalística sobre o rádio.

De acordo com a literatura acadêmica, as revistas supracitadas, continuamente, afirmavam suas posições de porta-vozes das estações radiofônicas, bem como evidenciavam o caráter educativo e “civilizador” que o rádio possuía. Contudo, na década de 1930, com a possibilidade de inserção da propaganda e publicidade no meio radiofônico, promulgado por Getúlio Vargas, ainda no Governo Provisório, o rádio passou a ter outra face: comercial e popular. O decreto assinado por Vargas garantia também, em maior ou em menor grau, a sobrevivência das estações de rádio, visto que elas não eram de domínio público, e com a entrada da propaganda, o rádio passou a ter maior investimento para que, inclusive, pudesse alargar seus tentáculos.

O caráter nacionalizante recebeu um significativo impulso por parte de Vargas e todo aparato administrativo montado em seu primeiro governo, já que o veículo seria capaz de irradiar as ondas de seu projeto para a nação de forma a “integrar” toda a população brasileira. Junto a isto, o rádio foi tomando proporções gigantescas, tornando-se, “um companheiro diário” (AMORIM e CAMARGO, 2010). Logo, os discursos, decretos e mensagens do presidente Vargas para a população, chegariam através das ondas radiofônicas, revelando assim, a íntima relação que foi estabelecida entre rádio e política. O que pretendo deixar evidente é que as relações entre Vargas e a “gente do rádio” foram fincadas em bases harmoniosas. Vale ressaltar que, quem decretou a lei que garantia direitos autorais para artistas no Brasil foi Getúlio Vargas, onde, daí levar seu nome como homenagem. Legislação essa que afetou positivamente a vida e o bolso de compositores e cantores de rádio. Arrisco dizer que a “amizade” entre Getúlio e radialistas não se caracterizava apenas pelos aspectos de generosidade pessoal ou coletiva; tratava-se de ganhos reais, concretos e materiais facilmente perceptíveis e que, certamente, formataram a visão que possuíam sobre Vargas

No ano de 1938 foi criada a Revista *Pranove*, periódico oficial da Rádio Mayrink Veiga, que “era vendida em bancas de jornal ou distribuída via assinatura. Em seu conteúdo editorial, apresentava cantores e compositores consagrados e contratados pela emissora, cujas imagens estampavam as capas de suas edições” (ADAMI e LUCAS, 2019, p. 273), ela não poupou esforços para destinar seu apoio político a Vargas. Na edição 18, o jornalista Gilson Amado,

teceu a seguintes palavras:

Herói sem empasse, coração sem orgulho, intérprete de forças mais altas, o Presidente vai modelando a história pátria, com gestos mansos, como um escultor sereno que, distraído dos frívolos rumores ouve apenas a confiança íntima do destino, murmurando-lhe a inspiração do bem público (REVISTA PRANÓVE, 1939, p. 33).

A política, que era tema pouco tratado ou quase não aparecia nas revistas radiofônicas, passava, na década de 30, a ter espaço nas folhas impressas sobre o rádio. Vale ressaltar que a censura tomou conta das produções artísticas, radiofônicas e impressas durante a ditadura do Estado Novo, não deixando, claro, de considerar que o aparato repressivo não fez com que urgissem, entre artistas de rádio, vozes que destoavam do tom varguista. Mas, em linhas gerais, os meios de comunicação precisavam dançar conforme a ditadura vigente: valorização do trabalho, patriotismo exacerbado (tais como no trecho acima) e a prévia censura de tudo que fosse contrário ao projeto político estadonovista. Em contrapartida, também nesse período, o rádio passou a ter um alcance exponencialmente amplo, chegando aos lugares mais longínquos, levando o “trabalhismo” a todos os cantos do país (GOMES, 2005). Na medida em que o sistema radiofônico ia crescendo, paralelamente, se emoldurava a figura paterna e benigna de Vargas.

Doris Fagundes Haussen, em seu livro sobre rádio e política, nos esclarece que “através de uma série de medidas [...] aliadas ao bom relacionamento com os artistas, Vargas conseguiu cooptar os artistas para o seu projeto político” (HAUSSEN, 1997, p. 35). Dentre essas medidas, destaca-se, sumariamente, o apoio que Getúlio dava ao fortalecimento do rádio como um veículo de massa, assim como as boas relações estabelecidas entre artistas e governo, podendo então dizer que a imagem que Getúlio mobilizou, ao longo de seu primeiro governo, para além de “pai dos pobres”, foi também, a de amigo dos artistas. Logo, “a partir, o DIP, utilizou a imprensa, o rádio, e o cinema para divulgar as propostas do Estado Novo, de integração nacional, e de formação da nacionalidade, popularizando a figura do presidente como grande líder nacional” (HAUSSEN, 1997, p. 22).

Já na década de 1940, surgiram outras revistas especializadas em rádio, dentre elas, a *Radiolar* e a *Rádio Visão*. A primeira foi criada nos embalos da popularidade da Rádio Bandeirantes, estação paulista, que “apontava a dimensão dessa fase da popularização dos artistas radiofônicos e do papel das revistas especializadas” (ADAMI e LUCAS, 2019, p. 273). Assim, circulou até 1951 e trazia em sua capa fotografias de artistas radiofônicas e seguia o caminho pelo qual revistas sobre o rádio trilharam: estampava em seus números notícias sobre

a vida dos artistas de rádio, publicava imagens, possuía em seu escopo editorial a proposta de ser uma “revista moderna de rádio para seu lar”, além de colunas voltadas ao público feminino (ADAMI e LUCAS, 2019).

Já a *Rádio Visão*, lançada em 1947, seguia as mesmas tendências das páginas revisteiras sobre o rádio. O que mais chama atenção é o fato de que Anselmo Domingos era colaborador da revista. Escritor de novelas radiofônicas, e pelas informações contidas no periódico, gozava de grande simpatia no meio onde trabalhava. Tanto que, na data de lançamento da *Revista do Rádio*, recebeu elogios por parte da revista em que outrora atuava. Certamente, Anselmo levou suas experiências como cronista radiofônico para o periódico do qual ele mesmo, em 1948, seria diretor-chefe. Pode-se imaginar também que, provavelmente, era um assíduo leitor das revistas radiofônicas, o que também, acredito, agregou para a *Revista do Rádio*, elementos que já existiam no universo dos impressos especializados sobre o veículo, sobretudo a questão de se colocar como uma revista para o rádio em geral, sem fazer acepção de uma estação ou outra: era uma revista que, de acordo com seu criador, tentaria cumprir seu papel por meio do título que carregava.

Em síntese, as revistas especializadas em rádio, desde a década de 1920, acompanharam o trajeto do veículo. Se no início, os periódicos dedicavam suas páginas a tratar de assuntos puramente técnicos e científicos sobre o então recém-chegado meio de comunicação, nos “anos dourados”, as revistas estampavam quase que unanimemente sobre a vida íntima de artistas radiofônicos. Essa transformação editorial ocorreu, dentre várias razões, pela mudança no caráter essencial do rádio: diante da possibilidade de inserção da propaganda e publicidade, o veículo tornou-se amplamente comercial. Com o crescente número de estações radiofônicas criadas nos anos 1930 e 1940, o interesse do público-leitor alterou, ansioso pela vontade de saber mais sobre a vida dos artistas, em conjunto das agências de publicidade que também anunciavam nas revistas, as temáticas sofreram significativas mudanças, tendo a *Revista do Rádio*, inserida nesse contexto, a mais longa trajetória no universo dos impressos radiofônicos.

Entretanto, a revista de Anselmo não foi o único semanário a debater sobre os assuntos do rádio: em 1952, foi criada a *Radiolândia*, que seguia os parâmetros de sua principal concorrente: estampava na capa fotografias de artistas, trazia “focofocas” da vida íntima de cantores e cantoras, noticiava sobre temas concernentes ao rádio. Logo, “pode-se perceber que as colunas da Revista *Radiolândia* apresentavam características semelhantes às da *Revista do Rádio*, fazendo com que as publicações se apresentassem como concorrentes no período (ADAMI e LUCAS, 2019, p. 275). Até mesmo suas carreiras no mundo dos impressos tiveram

semelhanças: ambas publicaram até os anos 1970, e na década de 50, passaram a não só falar sobre rádio, mas também sobre a televisão. Não obstante, a *Revista do Rádio*, sem dúvidas, foi o semanário que mais fez sucesso, visto que ela vinha com a proposta de “falar com maior abrangência de assuntos referentes ao rádio brasileiro, já que na época essas informações vinham diluídas em algumas páginas de jornais [e revistas]” (FAOUR, 2002, p. 18, *grifo do autor*).

As revistas antecessoras ao periódico de Anselmo tiveram vida curta, e sua contemporânea não conseguiu circular com a tamanha proporção a ponto de desbancá-la. Respeitado escritor de novelas religiosas, ele utilizou das mais diversas estratégias para fazer de sua revista um grande sucesso. A próxima seção do presente capítulo pretende apresentar a história da *Revista do Rádio*, destacando suas principais características, temáticas, seções, debates, e principalmente, suas estratégias para que sua revista tornasse uma referência sobre e para o rádio.

1.2. A história e a trajetória da *Revista do Rádio*

A *Revista do Rádio* foi, em sua época, uma das maiores revistas especializada em assuntos radiofônicos. Tinha por diretor-chefe Anselmo Domingos, radialista e escritor de radionovelas, que também foi o responsável pela criação do periódico. Ela passou a circular em fevereiro de 1948, e teve uma duradoura trajetória no mundo dos impressos, vindo a ser chamada na década de 1960 de “*Revista do Rádio e TV*”⁵.

A capa da revista, geralmente, vinha com fotografias dos artistas de rádio ou radialistas, em sua maioria, mulheres, seguindo a trilha de suas antecessoras, que também estampavam “cartazes” do rádio, o periódico de Anselmo estreou deixando evidente “para que veio”: a primeira capa da *Revista do Rádio* foi uma fotografia de Carmen Miranda, considerada na época, a “rainha do rádio”. Na entrevista concedida por Carmen para o periódico, ela revelava um pouco de sua vida nos Estados Unidos, o que também foi um dos pontos mais explorados: a vida privada de artistas do rádio. Vale ressaltar o quão significativo era fundir a ideia de ser uma revista para o rádio trazendo em seu primeiro número a artista mais cotada do período, sem deixar de mencionar, claro, as cifras que essa entrevista poderia fornecer aos bolsos dos editores do periódico.

Seguindo as temáticas da revista, o editorial, que vinha geralmente na terceira página,

⁵ Para o presente trabalho, o recorte temporal foi de 1948 a 1954, quando a revista era chamada apenas de “*Revista do Rádio*”.

era escrito por Anselmo Domingos, onde ele tecia várias opiniões sobre o que estava ocorrendo nos bastidores do universo radialista, mas não se restringia a isso, chegando até mesmo comentar sobre assuntos políticos, econômicos, tudo que tivesse algo de “radiofônico”. Após o editorial, eram publicadas notícias sobre radialistas, artistas de rádio, estações, trazendo as principais programações, eventos e novidades da “gente do rádio”.

De acordo com Rodrigo Faour (2002), o editorial era um dos poucos espaços na revista dedicados a tratar de assuntos “mais sérios”. E, de fato, é possível constatar que Anselmo Domingos mudava o tom e o compasso que fazia de seu periódico essencialmente para o entretenimento do público: nele, o editor-chefe aproveitava para debater sobre assuntos que atravessavam a vida de artistas, cantores e demais pessoas ligadas ao rádio. Especialmente nos anos 50, a temática que orbitava o rádio e radialistas era a política: alguns trabalhavam como cabos eleitorais, outros se candidataram, e Anselmo dedicou também alguns de seus editoriais para minuciar sobre essas questões. Nas palavras de Faour,

Falar da casa, do cotidiano, do salário, com direito ao contraste entre informações relevantes e fofocas. Tudo isso estava na Revista do Rádio. Mas, além de todas essas colunas que procuravam desvendar intimidades e o padrão social e financeiro dos artistas, havia outras de tom mais sério, como o editorial – muitas vezes conservador – escrito por Anselmo Domingos (FAOUR, 2002, p. 45).

O conjunto de assuntos “relevantes” e amenidades sobre a vida privada dos artistas é digno de ser apontado, no sentido de que os pesos e medidas de ambos eram, na revista, desiguais. Os números que se dedicaram a falar diretamente sobre assuntos políticos, por exemplo, são poucos, se comparados com outras temáticas que caracterizavam o que o periódico considerava importante de ser publicado. Era uma revista, portanto, cujo principal objetivo de seus editores era que ela fosse vendida. Então, o que era estampado possuía o intuito de atingir os corações, mentes, e principalmente, a curiosidade de quem a lia. Porém, até mesmo quando se percorrem as matérias consideradas por Faour como “superficiais”, por conseguinte, indignas de serem analisadas com mais afinco, observa-se que elas serviam para compreender o vocabulário político e cultural da revista.

Sendo assim, tudo (ou quase tudo) que estava relacionado ao universo dos radialistas, fosse público ou privado, era estampado nos números da revista, que até o final dos anos 1940 era publicada mensalmente, e que se tornara semanal em março de 1950, chegando a ter uma tiragem média de 50 mil exemplares por mês. Segundo Faour, “nesse momento, a redação se muda para um sobrado na rua de Santana, amplia um pouco suas instalações e deixa de ser tão

restrita ao que ocorria nas rádios cariocas, passando a ter uma dimensão nacional” (FAOUR, 2002, p. 29), publicando notícias voltadas aos demais estados, se consagrando, cada vez mais, naquele período, como uma revista de todas as rádios.

Com frequência, havia um espaço na revista dedicado à “carta dos fãs”, onde leitores e leitoras da revista encaminhavam suas cartas ao periódico, que se colocava como intermediador dessas com o meio artístico. Também era estampada uma série de entrevistas com radialistas, recheadas de fotografias, sobretudo quando o assunto era casamento, ou desquites, “namoricos” escondidos. Era de franco interesse dos editores trazer para o público o que acontecia na vida íntima dos artistas de rádio e que conforme Faour, era o fator determinante para que a revista alcançasse tiragens tão altas. E, quem eram os leitores e leitoras do periódico? “Apesar da pecha de popular, era lida por pessoas de várias idades e classes sociais” (FAOUR, 2002, p. 44). A linguagem trazida já não era aquela técnica e científica, característica principal das primeiras revistas radiofônicas, a revista de Anselmo parece ter encontrado a fórmula acertada para estabelecer com seu público-leitor uma íntima relação, assim como era o meio de comunicação considerado na época como um “companheiro diário”.

Para exemplificar a forma de se relacionar da revista para com seu público, apareceu, com alguma frequência, principalmente nos editoriais, o “bilhete ao leitor”, espaço dedicado a falar sobre assuntos que Anselmo acreditava ser de suma importância de seus leitores terem ciência, um diálogo direto com quem lia sua revista, visto que era um recado direcionado, algo semelhante ao que ocorria nas estações de rádio. Programas de auditórios, que desde os anos 1940 já eram comuns nas programações, aproximaram os “cartazes” dos e das ouvintes, que eram leitores e leitoras da *Revista do Rádio*, e se sentiam, provavelmente, próximos das estrelas, cantores e cantoras, ainda mais quando Anselmo evocava essa proximidade através de seus bilhetes ao leitor. Doris Haussen infere que “a necessidade de aproximação com o público iria fazer desaparecer os vidros os atores radiofônicos da plateia” (HAUSSEN, 1997, p. 56), e as revistas especializadas também seguiam o percurso de aproximação com o público-leitor, o que, suponho, foi uma aposta e principal estratégia para o sucesso da revista de Anselmo.

O primeiro bilhete ao leitor foi publicado em 4 de março de 1950, data em que o periódico se tornou semanal. Nele, Anselmo escreveu as razões pelas quais sua revista apareceria nas bancas todas as terças-feiras, pois “em tão grande desenvolvimento vai o nosso rádio que, para acompanhá-lo, para informar sobre o que ele acontece, com ele e com sua gente, seria preciso uma publicação semanal”⁶. Assim, em sintonia com as mudanças que o rádio

⁶ Revista do Rádio, n. 25, 4 março de 1950, p. 3

atravessava nos anos 50, o periódico, agora semanário, se aventurou na ampliação de seções, notícias, entrevistas, que passariam a vir quase que “no calor da hora”. Mais uma aposta de Anselmo Domingos e sua equipe editorial: uma revista para e sobre um meio de comunicação em francos sinais de intenso desenvolvimento e transformação, qual seja, uma revista semanal de um “companheiro diário”.

O que chama atenção no então bilhete é o fato de que Anselmo diz que continuará seguindo as diretrizes que fundamentaram sua revista desde sua criação: independência e imparcialidade. É notório o esforço do editor-chefe ao longo dos números publicados, para deixar evidente que seu semanário não levantava nenhuma bandeira, ou que as temáticas que apareciam na revista possuíam um caráter essencialmente informativo. A razão, talvez, se dá pelo próprio contexto de transformação das linhas editoriais no universo da imprensa e dos impressos. Conforme Ana Paula Ribeiro (2003), a década de 50 foi um divisor de águas no fazer jornalístico brasileiro: a imprensa, gradativamente, foi abandonando seu estilo literário, opinativo (e até mesmo combativo) e passou a se inspirar nos moldes estadunidenses. Ainda segundo a autora, “a imprensa foi deixando de ser definida como um espaço do comentário, da opinião e da experimentação estilística e começou a ser pensada como um lugar neutro, independente” (RIBEIRO, 2003, p. 148).

E nesse quadro de mudanças que, talvez, fez com que Anselmo Domingos intentasse trilhar sua revista nos caminhos de um jornalismo imparcial e puramente informativo. No entanto, apesar das alterações editoriais da imprensa e dos impressos, havia uma simbiose entre as novas lógicas empresariais e os (velhos) debates políticos. Noutras palavras, a imprensa brasileira continuava levantando bandeiras, debatendo, opinando, orientando seus leitores e leitoras sobre os mais diversos assuntos políticos, econômicos e sociais, e no caso da *Revista do Rádio*, não seria diferente. O que mais se verifica ao folhear o periódico é a escancarada parcialidade, tanto de Anselmo com seus editoriais muitas vezes “conservadores”, quanto de quem escrevia na revista. Ainda segundo Ribeiro (2003), não havia nenhuma contradição nessa configuração, qual seja, de entrecruzar as novas técnicas de diagramação e editoração com as velhas práticas de debater e opinar sobre a política.

Mas, quem anunciava na revista? O que era estampado de anúncio no semanário? Na leitura do periódico aqui analisado, foi observado, com bastante frequência, anúncios e propagandas logo na segunda página, após a capa. Ou seja, antes mesmo do editorial, a revista apresentava um produto ou marca, principalmente de artigos para o lar. João Lucas Trescentti (2020) debruçou-se sobre o que se anunciava na *Revista do Rádio*. Segundo o autor, em uma escala de quais tipos de anúncios aparecem na revista, “salta aos olhos o fato de a *Revista do*

Rádio Editora Ltda. comparecer em primeiro lugar (1715 vezes), o que representa 13,71% do total geral” (TRESCENTTI, 2020, p. 6-7). Os produtos criados por essa editora, que também tinha Anselmo como responsável, foram os mais anunciados no periódico, estratégia essa que, presumo, tornava a revista um pouco menos dependente do capital de outras empresas.

Dentre esses produtos, destacaram o *Álbum do Rádio*, *Vamos Cantar*, bem como livros e novelas religiosas escritas por Anselmo. Interessante observar que a revista conseguia se desdobrar vendendo outros produtos que não fugissem da atmosfera na qual orbitava: o rádio. O periódico já na década de 1950 alcançava a tiragem média de 50 mil exemplares mensais, e a estratégia de atingir a curiosidade de seus leitores, esses outros itens também distribuídos pela mesma editora, complementava o que a revista já trazia de fofocas e fuxico do universo radialista.

Em um bilhete ao leitor de 1953, Anselmo escreveu que “é claro que o bilhete até que é mais para as leitoras. Para as gentis mocinhas que gostam de pedir fotografias aos artistas de rádio”⁷. O editor-chefe sugeriu às leitoras que ao invés de pedirem fotos, que comprassem o *Álbum do Rádio*, visto que ele era mais completo, pois vinha com poses inéditas, curiosidades e novidades da vida dos galãs do microfone. Valia tudo para que a proximidade entre leitor e rádio fosse a mais visível e materialmente possível. “Em outras palavras, possuir o novo 'Álbum do Rádio', número 5, é ter o próprio rádio em casa, ter os artistas juntos de si”⁸

João Lucas Trescentti também constatou que, em termos quantitativos, o mote que mais foi anunciado na revista foi, sem dúvidas, produtos voltados para o público feminino, que iam de cuidados pessoais a utensílios para o lar. Certamente, uma análise mais acurada, tal qual proposta pelo autor, revelou mais do que simples amenidades; os anúncios evidenciaram o universo de representações dos lugares femininos, não só das mulheres do rádio (que será discutido no próximo capítulo) mas de modo em geral. Havia, segundo João Lucas, harmonia entre revista, anúncio e público ao qual era destinados, tanto os produtos veiculados, quanto do que era publicado no periódico, já que a “escolha dos anunciantes, e que recaia sobre este veículo, era bem calculada, uma vez que os produtos vendidos por eles visavam sobretudo as mulheres” (TRESCENTTI, 2020, p. 13).

Ao longo das páginas revisteiras, foram estampadas e, ao mesmo tempo, engendradas certas representações sobre as mulheres, homens, política, sociedade, ou seja, muito além de entretenimento propriamente dito. Por mais que este fosse a finalidade e objetivo primeiro, as folhas impressas da revista de Anselmo deixavam emergir o retrato político e social. Era uma

⁷ Revista do Rádio, n. 222, 12 de novembro de 1953, p. 3.

⁸ Revista do Rádio, n. 222, 12 de novembro de 1953, p. 3.

revista de variedades, especializada em assuntos do rádio, mas que também discutia e debatia opiniões, visões, anseios do vasto universo radiofônico e para além dele. Na próxima seção, apresentarei os principais temas que se destacaram na revista no recorte aqui proposto. Perfilarei sob a tentativa de continuar demonstrando as dimensões culturais e políticas estampadas no seminário a partir das temáticas que mais se peguilhavam, ainda na esteira de encará-la não só como uma revista só de amenidades, mas com conteúdo que desvelam questões políticas e sociais dos “anos dourados”.

1.3. Temas em destaque

A *Revista do Rádio* se sintonizou com os mais diversos temas que gravitavam o meio radiofônico, sobretudo aos que estavam na “boca do povo” ou situações que poderiam despertar a curiosidade dos leitores e leitoras do periódico. No decorrer do final dos anos 40 e início dos anos 50, inúmeros acontecimentos marcaram a trajetória do rádio, bem como dos meios de comunicação em geral (a chegada da televisão será apresentada no próximo tópico). Sucessos que fizeram história na revista, cantoras que abrilhantaram as estações e as folhas impressas, como foram os casos de Marlene e Emilinha Borba, que de acordo com Rodrigo Faour, foram as estrelas do rádio mais citadas no então semanário.

Logo, no final dos anos 40, período em que o concurso para escolha da “Rainha do Rádio” foi promovido pela Associação Brasileira de Rádio (A.B.R.), até 1954, recorte temporal escolhido para esse trabalho, este e todos os assuntos que giravam em seu entorno era alvo privilegiado das páginas do periódico de Anselmo Domingos. A partir da leitura e da forma como o concurso foi retratado é possível analisar o contexto político e cultural dos anos 50. Os diversos estudos que se debruçaram sobre a eleição das Rainhas do Rádio se voltaram, especificamente, para a relação que as artistas tinham com a nascente indústria cultural brasileira (HUPFER, 2009). Ao que tudo indica, existia uma intrínseca e mútua ligação que as figuras como Marlene, Emilinha, Dalva, Dircinha, dentre outras, possuíam com a sociedade de consumo que se instaurava a partir das vestimentas, produtos, que circulavam por meio das propagandas e anúncios que vinham na *Revista do Rádio*, por exemplo.

Porém, pretendo elaborar uma outra leitura sobre o concurso. A discussão sobre as eleições das Rainhas do Rádio na revista utilizou de uma linguagem política que se correlacionava com o período histórico, datado na historiografia como “experiência democrática”. Irei discutir isso mais detalhadamente no próximo capítulo. O que pretendo deixar evidente é que, ao acompanhar o concurso da Rainha do Rádio, a revista também

noticiava sobre a construção do Hospital do Radialista, assunto esse que também foi um dos mais comentados no periódico. Na edição 14 de 1948, Anselmo escreveu em seu editorial que

Foi, não há que negar, uma grande ideia de Vitor Costa, a de fazer-se a eleição da “Rainha do Rádio” por meio de votação popular a razão de 1 cruzeiro o voto. Ao fim da apuração final a Associação Brasileira de Rádio tinha arrecadado um milhão de cruzeiros, dos quais, deduzidas as despesas, ficará um animador saldo para início de uma obra humanamente bela: a construção de um hospital para os radialistas (REVISTA DO RÁDIO, 1948, n. 14, p. 3).

E assim, ao longo dos anos 1950, o periódico acompanhou a saga da construção desse hospital, informando aos leitores e leitoras desde o início, de onde vieram os recursos para o início da empreitada, no caso, o que se arrecadava do concurso das Rainhas do Rádio, parte era destinado para o erguimento do hospital, considerado por Anselmo como uma “obra humanamente bela”. No concurso que ocorreu em 1951, quase todas as menções ao certame, vinham também com a cartilha de que o valor arrecadado seria revertido integralmente para a construção de um hospital para os radialistas. Ao que tudo indica, era de interesse dos editores do periódico que se fixasse a relação concurso/hospital. As reportagens sobre o caso eram recheadas de elogios, tanto para as rainhas, quanto para o presidente da A.B.R., Vitor Costa. A respeito dessa questão, Maria Luisa Rinaldi Hupfer (2009) revela que a *Revista do Rádio*

Não poupava adjetivos para o então presidente Vitor Costa, a quem, segundo ela, se deve a iniciativa do concurso de Rainha do Rádio e dos Bailes do Rádio, a construção do Hospital dos Radialistas e uma Caixa de Aposentadorias e Pensões. Oficialmente, os concursos de Rainha do Rádio tinham por objetivo arrecadar fundos para a construção do Hospital dos Radialistas. E por isso, foram reeditados a partir de 1948 pela ABR (HUPFER, 2009, p. 41).

E a revista, ao mesmo tempo que detalhava os pormenores do concurso, tecia comentários que enalteciam o empreendimento tramado pela diretoria da ABR, responsabilizando Vitor Costa como o grandioso homem do rádio à frente de algo digno e louvável aos olhos do periódico, tal qual aparece em uma reportagem sobre a trajetória da associação. A cronista radiofônica Cecília Loureiro escreveu que

No entanto, a “Associação Brasileira de Rádio” é uma realidade. Tem a sua sede e está envidando os maiores esforços para a construção do Hospital do Radialista; uma obra gigante! Só mesmo criaturas com grande tenacidade e perseverança poderiam continuar a realização de tão nobre ideal. Isso tudo e mais a luta que tem de travar a todo instante com os derrotistas, pessimistas que nada produzem e nem querem que os outros o façam (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 74, p. 43).

Supondo que parte dos radialistas retratados na revista que viveu nos “anos dourados” possuía uma linguagem e uma cultura política, que neste trabalho considero ser a linguagem do trabalhismo, poderia inferir, com as devidas ressalvas, que a construção de um hospital para os radialistas foi uma expressão quase que inequívoca de como o trabalhismo varguista moldava as formas políticas do universo dos “trabalhadores” do rádio. Inclusive, levando em consideração que radialistas, artistas do rádio, locutores, cronistas radiofônicos, pessoas que ganhavam a vida por meio da mídia de maior alcance na época, também foram sujeitos políticos, possuindo preferências, visões, que se expressavam, no e por meio do rádio essas mesmas linguagens políticas retratadas na *Revista do Rádio*. A empreitada era tão vangloriada pelo semanário, que em determinada ocasião, em 1951, na edição 80, foi noticiado que a entrega das medalhas de ouro para os vencedores e vencedoras do concurso promovido pela própria revista “Os melhores do Rádio”, o periódico mencionou que

Alguns dos artistas vencedores, (entre os quais Francisco Alves e Emilinha Borba) achavam que se deveria realizar esse grande espetáculo radiofônico em proveito da REVISTA DO RÁDIO. Imediatamente recusamos. E fizemos mais: oferecemos a ideia a Manoel Barcelos, presidente da A.B.R. para que realizasse o espetáculo em benefício do Hospital do Radialista, revertendo toda a renda bruta para os cofres da associação. E assim será (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 80, p. 7).

Toda e qualquer oportunidade que a revista tinha para tratar do assunto, estava lá o periódico de Anselmo para não deixar esquecer da “obra humanamente bela” e da forma mais expressiva da linguagem trabalhista no seio do meio radiofônico, qual seja, o Hospital do Radialista. No trecho acima, o que o periódico quer deixar evidente era o tamanho envolvimento em que ele possuía com a causa. E, assim, a revista foi noticiando os passos trilhados pela ABR para a construção do hospital. Ao que tudo indica, ainda em 1951, a entidade não havia arrecadado o suficiente para comprar o terreno, o que isso tornava um grande obstáculo para a concretização da obra. Em uma entrevista concedida para revista, o radialista Carlos Brasil mencionou a tamanha dificuldade de angariar fundos para a compra do terreno, e assim, “diante da situação, sugere a REVISTA DO RÁDIO que a ABR faça um apelo ao presidente Getúlio Vargas, pedindo um pedaço de terra para a construção do hospital, desde que o local tem sido o maior obstáculo à realização dessa meritória obra” (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 86, p. 44).

No ano seguinte, 1952, mais especificamente no dia 20 de setembro, de acordo com o

periódico, foram inauguradas as obras do hospital, que ficariam localizadas na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. No número 158, o editorial seguiu com a notícia de que a inauguração dessa obra seria acompanhada por Getúlio, o que traz indícios de que, possivelmente, Vargas estava, mais uma vez, estreitando laços com a classe dos radialistas. A construção foi iniciada no mesmo ano, no entanto, até o recorte temporal escolhido para este trabalho, ainda não havia sido concluído. Os anos que se passaram até a finalização da obra vinham recheados de promessas estampadas no periódico, anúncios de que o governo federal, em 1954, destinou verba pública para a finalização da obra. O conjunto das notícias relacionadas ao Hospital do Radialista moveu, de maneira significativa, paixões, visões e entendimentos políticos, visto que, envolveu parte dos poderes executivos, tanto a nível municipal e até mesmo federal.

O Hospital do Radialista, a meu ver, se tornou, simbolicamente, uma expressão do trabalhismo varguista, dentro dos moldes do universo radiofônico. E fez presente, ainda que não de maneira concreta, ficando pronto somente no final dos anos 1950, e ao mesmo tempo é a representação direta de algo como “trabalhismo radialista”. Linguagem essa que operava e constituía as ações daqueles e daquelas radialistas que se podem considerar “trabalhistas”, assim como também era apreendida, noticiada e apresentada pela *Revista do Rádio*. Depois de árduos anos de espera e expectativa perante o empreendimento mais aguardado pela classe, eis que no dia 13 de junho de 1959, a revista publicou a seguinte matéria:

Logo depois de inaugurar o Hospital do Radialista, o presidente Juscelino Kubitschek se dirigiu ao 9º andar daquele magnífico centro de saúde. Ali o aguardavam, ansiosamente, todos os “Melhores do Rádio e da TV”, eleitos no tradicional certame da REVISTA DO RÁDIO. Acompanhado de Manoel Barcelos e do ministro Mário Pinotti, Sua Excelência tomou seu lugar no auditório do hospital da A.B.R., iniciando a cerimônia da entrega das medalhas de ouro, oferecidas pela A.B.R., àqueles que souberam merecê-las (REVISTA DO RÁDIO, 1919, n. 508, p. 52).

Vargas esteve presente no começo da obra e Juscelino na inauguração. Sessa forma, revelam, em maior ou menor grau, o envolvimento que o rádio possuía com a política. Rádio e política, ao que tudo indica, sempre caminharam juntos. Nesse mesmo dia, JK (Juscelino Kubitschek) havia feito uma promessa de que a próxima entrega de medalhas para os Melhores do Rádio ocorreria em Brasília, onde seria a nova capital federal. Esse concurso era promovido pela própria revista de Anselmo Domingos desde o ano de 1951, e pode ser considerado um dos assuntos mais comentados pelo periódico. Sobre essa questão, Rodrigo Faour nos diz que, embora a revista versasse sobre a vida íntima de artistas de rádio e se destacasse por isso, ela

também soube “interagir com o seu público e até mesmo com os artistas. Foram criadas promoções da própria revista para exaltar os artistas do rádio, estabelecendo prêmios para os melhores do ano” (FAOUR, 2002, p. 47).

Ao “folhear” as páginas da *Revista do Rádio*, e com um olhar mais atento, é possível perceber as diversas estratégias formuladas por Anselmo Domingos e sua equipe editorial para, de fato, tornar a sua revista uma referência para a classe que a representava. Era um periódico especializado no meio de comunicação de maior alcance daquele período. Uma revista que, certamente, levou a cabo o nome que carregava. O concurso dos melhores do rádio, elegendo via voto dos ouvintes, pode ser considerado uma dessas fórmulas encontradas pela revista para emplacar no mercado revisteiro, estimulando a comunicação direta com os leitores e leitoras, e conquistando os corações da classe de artistas de rádio, locutores, pessoas que direta ou indiretamente estavam ligados ao meio, na medida em que o certame era uma maneira de valorizar a categoria. Vou mais além, acredito que concursos como esse geravam sentimentos de pertença e unidade junto a uma classe, a dos radialistas, dos “trabalhadores do rádio”. Talvez por isso que a prêmio, quase sempre entregue pelas mãos dos presidentes da República, perdurou ao longo dos anos 50 e 60, tornando-se uma espécie de tradição da revista, cada vez mais consolidada como uma referência especializada quando o assunto era rádio.

O concurso dos *Melhores do Rádio* foi noticiado, oficialmente, no número 66 de 1950, escrito pelo próprio editor-chefe. Sob suas palavras,

Estamos iniciando o concurso para a escolha dos melhores do rádio dando forma a um velho projeto de premiar àqueles que mais corresponderam, principalmente, no progresso da radiofonia indígena. Nosso objetivo é o mais claro possível: não nos anima outro intuito que o de dar a Cesar o que é de Cesar. O público saberá escolher os dez melhores dos diversos setores artísticos, premiando, através do seu voto, aqueles que realmente fazem jús à sua demonstração de apreço [...] acreditamos, assim, que tocamos num ponto vital do rádio, movimentando algo de oportuno e necessário. Este o nosso espírito e o nosso programa. O concurso que iniciamos, “Os melhores do Rádio”, saberá, por certo, encontrar a ressonância do ouvinte. O tempo nos mostrará essa verdade. E os artistas também (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 66, p. 4).

O concurso funcionava da seguinte maneira: o leitor ou leitora destacava um trecho que vinha em uma determinada página da revista. Nesse excerto, era possível colocar o nome de quem seria votado (o primeiro concurso só era possível eleger o melhor cantor e cantora do rádio) e o nome do votante. Poderia votar mais de uma vez e quantas vezes quisessem. Interessante observar a franca simpatia que a revista possuía com o exercício do voto, ensaiando

algo semelhante ao que ocorria no contexto macropolítico nacional. Os votos eram destinados ao prédio da revista, onde seriam computados por uma equipe selecionada pelo periódico, tendo forte apoio da Associação Brasileira de Rádio. A entrega das medalhas aos melhores do rádio era feita por meio de uma cerimônia solene realizada no prédio da associação.

Muito provável que eventos, concursos, premiações como esses promovidos pelo periódico, gestaram um espaço de troca afetiva e simbólica entre os pares. Se havia intenções para a construção de uma classe de radialistas, que por muitas vezes foi reclamada por Anselmo como “desunida”, as solenidades configuravam uma rede de relações entre aqueles e aquelas que pelo rádio labutavam diariamente. Na segunda edição do concurso, os leitores da revista já podiam votar nas demais categorias, tornando cada vez mais decisivo o voto do público, que sob as palavras de Anselmo era o “maior juiz”. A entrega das medalhas foi realizada, naquele ano, pelas mãos de Getúlio Vargas, então presidente da República. Na edição 146, a revista publicou inúmeras fotografias de Vargas juntamente com os artistas, sorridente, apertando a mão dos vencedores do concurso. No editorial do seguinte número, Anselmo escreveu que

Apertando a mão de um por um, o presidente da República sorria, trazendo no sorriso uma palavra amável. Depois de a todos cumprimentar, dirigiu-se de maneira geral aos “Melhores” que ali se achavam e entre elogios bondosos, terminou: “Se foi o povo que elegeu, isso é uma grande coisa e eu fico muito contente com isso. É a prova de que os senhores são realmente “Os melhores do rádio” o povo é o melhor juiz [...] Em conclusão, leitores amigos, estas apreciações querem dizer que o presidente do Brasil que tanto se interessa pelo nosso rádio e pelos artistas, ratificou, de maneira expressiva, a escolha que vocês, leitores, fizeram dos “Melhores” (REVISTA DO RÁDIO, 1952, n. 146, p. 50).

A presença de Getúlio, a entrega das medalhas por suas próprias mãos para os vencedores e vencedoras do concurso, o aperto de mão, revelam uma simbiótica e harmoniosa relação estabelecida entre radialistas e a figura varguista. Além disso, o concurso dos melhores do rádio pode ser considerado uma das diversas estratégias de cooptação do público leitor da revista, além de conquistar a simpatia do pessoal do rádio, que, certamente, nesse período, já encarava o semanário como o principal porta-voz do meio radiofônico, o rádio por escrito.

Ainda seguindo as palavras do editor-chefe, ele escolheu evidenciar que o presidente da República se interessava pelo “nosso rádio”, o que de fato, é válido, quando se considera que a relação entre Getúlio e meio radiofônico remonta ao período histórico denominado “Era Vargas”. As ondas do rádio quase sempre foram utilizadas como motor das ações varguistas em seu primeiro governo. Logo, a classe dos radialistas possuía grande simpatia por Getúlio. Noutro capítulo irei discutir mais profundamente como essa relação foi estampada na revista

ao longo de seu segundo governo. Acredito que reportagens assim oferecem um novo panorama para pensar o periódico radiofônico, não apenas como uma “revista de fofoca” ou de meras amenidades, mas que contém conteúdos e debates políticos, tanto para dentro do rádio, quanto para fora dele.

Outro assunto assiduamente comentado pela *Revista do Rádio*, que neste capítulo será o último a ser tratado, foi a chegada da televisão para o Brasil. Apesar de ser ansiosamente esperada, a chegada da televisão em território nacional foi acompanhada pela classe dos radialistas com bastante cuidado, ao passo de que o entusiasmo e os temores ficaram à flor da pele, seja para exaltação de um meio de comunicação que poderia contribuir no meio radiofônico, seja para desdenhá-lo a ponto de colocá-lo como inferior ao rádio. Todo este jogo complexo de imagens foi sumariamente publicado ao longo de 1950 nas páginas do semanário, e me atentarei em analisar como foi a recepção da TV no Brasil sob a ótica dos radialistas.

Assim como o rádio, a televisão se tornou rapidamente um franco veículo de comunicação de massa no Brasil, que mesmo tendo tido nos anos 1950 um “lento começo”, para utilizar as palavras de Othon Jambeiro (2002), ela encontrou terreno para sua rápida expansão e comercialização. Para tal, é importante ressaltar a história da chegada da televisão no Brasil também é, em certa medida, acompanhar o contexto social e político vivenciado nos anos 1950, ou segundo Sérgio Mattos, “a história da TV brasileira reflete as fases do desenvolvimento e as políticas oficiais adotadas e por isso este veículo não pode ser analisado como objeto independente do contexto no qual está inserido” (MATTOS, 2002, p. 115).

Othon Jambeiro nos diz que “diferentemente do rádio, que foi de início operado por clubes de amadores, a televisão surgiu no Brasil sob o domínio do sistema empresarial, com a missão de incrementar o comércio de bens e serviços, divertir e emocionar o público consumidor” (JAMBEIRO, 2002, p. 49). Logo, o alvorecer de ambos os meios de comunicação, rádio e televisão, foram historicamente distintos: o rádio com sua trajetória voltada para a “educação” da sociedade (CALABRE, 2002), e a televisão que adentra já a partir de uma lógica comercial. Lógica esta que se aglutinou sumariamente através do espaço empresarial comandado pelos meios radiofônicos nos anos 1950, a “idade de ouro” do rádio brasileiro.

Os primeiros números da revista dedicados a tratar do assunto, revelam a expectativa da classe dos radialistas pela chegada da “maquinaria moderna”, bem como também de que, segundo Anselmo Domingos, seria uma grande estação de rádio responsável pelo grande feito de trazer para estas terras a televisão. Ou seja, passava pelo crivo do Rádio, a consumação da tão aguardada e esperada chegada da TV. Anselmo utilizou seu espaço editorial para falar sobre

assunto em março de 1948, demonstrando assim a sintonia com as novidades comunicacionais surgidas naquele período,

Um assunto anda dominando os meios radiofônicos: a televisão. Aguardam, todos, com justificável expectativa, a vinda das primeiras peças da moderna maquinaria que já faz as delícias do povo do rádio americano [...] uma ou outra, porém que inaugure no Brasil o processo que vem mais salientar ainda o invento de Marconi, terá registrado um marco que passará aos anais (REVISTA DO RÁDIO, 1948, n. 2, p. 3).

A história da TV no Brasil se intersecciona com o universo radiofônico, que já tinha uma grande amplitude nos anos 1950. Não à toa que a *Revista do Rádio*, especializada em assuntos radiofônicos não deixou passar despercebida a vinda desse novo meio de comunicação. Acompanhar o alvorecer da televisão é também contar a história do rádio, ou segundo Plínio Marcos Volponi Leal, é importante lidar com rádio e televisão dentro de um mesmo escopo, levando também em conta que o rádio influenciou as bases para a concretização da vinda da televisão (LEAL, 2009).

O autor também comenta sobre as semelhanças entre o rádio e a televisão nesse período, tais como as programações segmentadas, que já eram muito usuais no meio radiofônico, os primeiros canais de televisão eram uma cópia “televisionada” do que já ocorria no rádio: programas de auditório, jornalismo, programas musicais, dentre outros. Portanto, não creio ser possível perseguir os passos da *Revista do Rádio*, sem mencionar as expectativas que foram geradas e, provavelmente, foram o motor para as ações tomadas pelos radialistas, principalmente aos que eram “os patrões” do rádio, a agirem para que de fato a televisão fosse uma realidade no país. No entanto, ao que tudo indica, havia uma série de incertezas, receios dos causos que a vinda de um novo meio de comunicação, aparentemente mais “moderno” poderia surtir até mesmo na popularidade do rádio e da sua gente.

A revista estampou diversas fotografias em que artistas se encontravam “desprevenidos”, revelando que talvez o pessoal do rádio não estivesse “preparado” para o advento da televisão em “nossa terra”. Ademais, essa reportagem parecia mais um lembrete, um aviso para “tomar cuidado com a televisão”, pois ela revelaria “a realidade” das aparências de quem trabalha no rádio. A todo o momento também, havia uma perspectiva de que a chegada da televisão alargará o “campo de atuação da radiofonia” brasileira. Ou seja, a TV será não o algoz do meio radiofônico, mas sim, seu aliado, ou uma nova maneira, mais “real” dos futuros telespectadores, ouvintes de outrora, conhecerem mais seus artistas radiofônicos, agora atuando em um novo e promissor meio de comunicação. Na edição seguinte, sob o mesmo título

“Cuidado com a televisão”, é publicado que

Quando se sabe que a televisão não demorará muito a aparecer por estas paragens, seria de bom alvitre que os nossos cantores, locutores etc. – radialistas em geral – tomassem suas precauções quando dentro de um estúdio, ou diante de um microfone. A televisão meus amigos, não vai embelezar ninguém. Ela reproduzirá tal qual os “originais” (REVISTA DO RÁDIO, 1949, n. 8, p. 17).

De uma edição para a outra, a televisão, bem como sua vinda próxima, ainda era destaque nas notícias da revista, assim como as opiniões e visões de seus cronistas radiofônicos, de ter absoluto cuidado com a televisão. O título foi usado em duas edições seguidas, o que talvez nos faça ter uma dimensão dos temores de alguns radialistas sobre a televisão, que reproduziria nas telinhas tal e qual “os originais”. No entanto, esse é um tipo específico de cuidado, com a maneira de se portar frente ao microfone, ou uma câmera, algo que, na opinião do periódico, os radialistas estavam distantes do ideal, visto que “a televisão não vai embelezar ninguém”. Gerava não apenas uma contraditória expectativa perante a chegada breve da televisão, mas também uma série de “conselhos” dados pela revista sobre como artistas de rádio deveriam se portar frente ao “valiosíssimo invento”.

No bojo das grandes expectativas dos radialistas, e que eram largamente estampadas nas edições da *Revista do Rádio*, foram publicadas inúmeras charges, geralmente divulgadas na seção “Feira de amostras”, onde havia bombardeios de representações que não apenas ironizava a presença faltante da televisão, como também forjava certas representações estéticas sobre quem trabalha no rádio, sobretudo os rádios atores. O que mais chama atenção reside talvez no fato de que a *Revista do Rádio*, que se colocou no papel de divulgar a vida privada dos radialistas e artistas de rádio, apresentava argumentos que tinham como base perpetrar a tamanha nocividade que a televisão iria proporcionar sobre a “imagem” de seus radialistas, sendo que ela estampava fotografias, entrevistas, enfim, toda uma “imagem” que neste caso seria pensada pela revista como positiva; já a maneira como a televisão possivelmente atuará mostrará o lado mais “negativo”, não era a toa que televisão para o semanário quase sempre vinha acompanhado com o termo “cuidado”.

Portanto, o interesse da *Revista do Rádio* em tratar da chegada da Televisão se deu, principalmente, para reafirmar sua posição de divulgar e tornar próximo os seus leitores, posto este que a “maquinaria moderna” ameaçava tomar, pelo menos segundo a ótica da revista. Paralelamente às diversas vezes que o semanário pedia certo cuidado com a televisão, ela permanecia estampando tal e qual “os originais” à sua maneira. É provável que a classe dos

radialistas encarava a chegada deste meio de comunicação como uma verdadeira ameaça ao universo radiofônico.

O cronista chamado Al Neto que escreveu na revista sobre a chegada da televisão, onde ele revelou certos posicionamentos perante as benesses que a televisão proporcionará, sobretudo para as mulheres. Segundo Al Neto

Uma das tendências da televisão a identifica, em certa forma, com a escultura. Realmente, cada dia se acentua a predileção das estações televisoras norte-americanas pelas formas decorativas que o corpo humano apresenta de quando em quando [...] ao apresentar mulheres bonitas – provavelmente bonitas - os diretores estão incentivando os jovens a cultivarem a beleza física, apanágio que hoje todas as nações ambicionam. Quantas mocinhas, ao verem Nira Bara, não pensam “eu preciso fazer mais ginástica. Como ela é bonita! Seguramente faz pelo menos duas horas de ginástica por dia!”. Aliás, a televisão não é só uma arte nova, mas uma arte dos novos (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 33, p. 9).

E aqui, nas publicações que foram dedicadas a tratar dos assuntos sobre a televisão, a revista, e mais especificamente seus cronistas e editores forjou representações que faziam recortes muito precisos de gênero: enquanto os galãs homens e rádio-atores eram apresentados e representados de maneira não muito atraente, inclusive utilizando o recurso da ironia para dizer que se “houvesse a televisão” o público se decepcionaria com suas aparências. No caso das mulheres artistas, as que eram “provavelmente bonitas” poderiam servir de exemplo para que outras mulheres, principalmente as mais jovens, buscassem, através das exibições televisionadas, “cultivarem a beleza física”. Por que somente as mulheres?

Além disso, é perceptível que o periódico também enquadrava os lugares que homens e mulheres deveriam ocupar, além da pressão estética extremamente explorada (homens do rádio representados com ironias sobre sua aparência, diferente das mulheres, que deveriam “cuidar de sua aparência”). Para não deixar de lado o caráter noticioso da revista, no dia que a Televisão fora inaugurada no Brasil, em 1950, foi estampada a seguinte notícia:

Temos finalmente, a televisão em nossa terra! O grande acontecimento, em caráter definitivo, pertence às emissoras associadas que vem de apresentar o ex-astro cinematográfico José Mojica [...] A direção das associadas fez instalar um aparelho receptor à sua porta de entrada. Grande o número de pessoas que acorreu para ver e ouvir o primeiro programa televisionado (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 48, p. 5).

A chegada da televisão, os concursos, tanto das rainhas do rádio, quanto dos melhores

do ano, a construção do hospital, a separação de Dalva e Herivelto, foram os assuntos mais comentados pela *Revista do Rádio* entre 1948 e 1954, alguns sendo pauta até o final dos “anos dourados”. A proposta deste capítulo era, principalmente, “folhear” o periódico radiofônico de Anselmo Domingos, no intuito de demonstrar que a revista certamente não era só um repositório de amenidades, entretenimento e “fofocas” da vida de artistas de rádio. No próximo capítulo, discutirei com mais detalhes o universo feminino representado pela revista, além de apresentar de maneira mais nítida o concurso das Rainhas do Rádio, oferecendo uma outra proposta de interpretação.

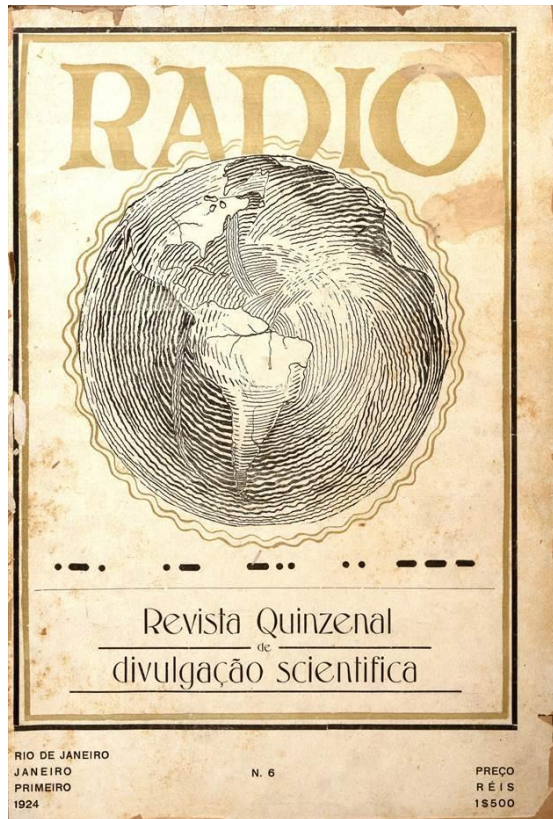


Imagem 1: Capa da revista *Radio*, primeira edição (janeiro) de 1924. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).



Imagem 2: Capa da revista *Electron*, segunda edição, 1926. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).



Imagem 3: Capa da revista *Pranove*, primeira edição, de 1938. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

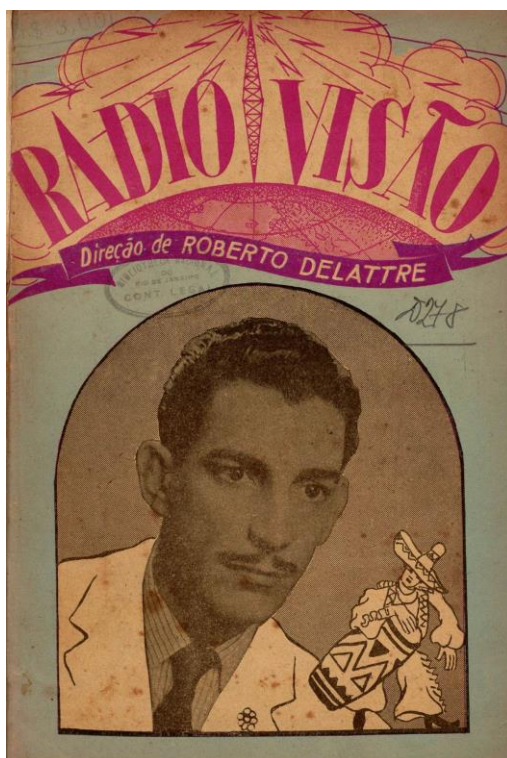


Imagem 4: Capa da revista *Radiovisão*, primeira edição, de 1947. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

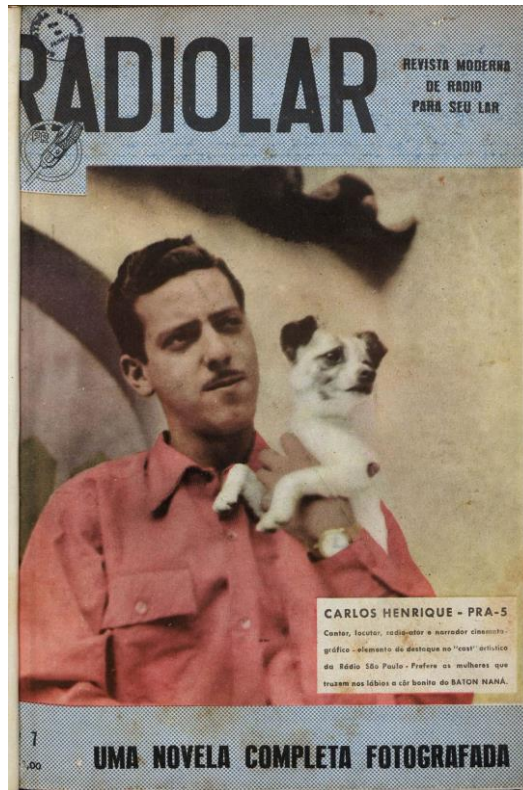


Imagem 5: Capa da revista *Radiolar*, primeira edição, de 1947. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).



Imagem 6: Capa da revista *Radiolândia*, primeira edição, de 1952. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).



Imagem 7: Capa da *Revista do Rádio*, primeira edição, de 1948. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).



Imagem 8: Entrevista com Dalva de Oliveira sobre a separação, n. 29, 1950 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).



Imagem 9: Entrevista com Herivelto Martins sobre a separação, n. 38, 1950 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

S. MAJESTADE JULIE JOY
AOS SEUS SÚDITOS — E FANS :

ÊSTE HOSPITAL Ê UM PARAISO!

Julie Joy fêz questão de conhecer, até por dentro, tôdas as máquinas do majestoso hospital da ABR.



PODEM os radialistas se orgulhar do seu hospital, um dos maiores e mais modernos do mundo, fruto, principalmente, do trabalho e dedicação de Manoel Barcelos, incansável presidente da Associação Brasileira de Rádio. O hospital está situado na Rua Cesário Alvim, esqui-

na com a Rua David Campista, no bairro de Botafogo. Terá 100 leitos, além de 10 apartamentos, com ar condicionado, 36 quartos com banheiros, 34 quartos com banheiros conjugados e 5 enfermarias, com 4 leitos, cada. As obras começaram em 1952 e todos os esforços vêm

sendo desenvolvidos para que o estabelecimento seja inaugurado agora, a 21 de setembro, no Dia do Rádio. Apuramos que o nome a lhe ser dado é Hospital dos Radialistas, mas extra-oficialmente sabemos que há um movimento de homenagem ao presidente da classe, pretendem-

Imagem 10: Reportagem sobre o Hospital do Radialista, n. 465, 1958 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

NO HOSPITAL DOS RADIALISTAS,
DEPOIS DE SUA INAUGURAÇÃO,

PELA TERCEIRA VEZ O PRESIDENTE JUSCELINO ENTREGOU AS MEDALHAS AOS MELHORES DO RÁDIO E DA TV

● ANO QUE VEM SERÁ EM BRASÍLIA!



Manoel Barcelos, em nome da REVISTA DO RADIO, faz a entrega ao Presidente Juscelino Kubitschek do cartão de prata. Sua Excelência, agradece e felicita ao nosso Diretor Anselmo Domingos.



Logo depois de inaugurar o Hospital do Radialista, o presidente Juscelino Kubitschek se dirigiu ao 9.º andar daquele magnífico centro de saúde. Ali o aguardavam, ansiosamente, todos os "Melhores do Rádio e da TV", eleitos no tradicional certame da REVISTA DO RÁDIO. Acompanhado de Manoel Barcelos e do ministro Mário Pinotti, Sua Excelência tomou seu lugar no auditório do hospital da ABR, iniciando a cerimônia da entrega das medalhas de ouro, oferecidas pela R. R. àqueles que souberam merecê-las. Antes, fizeram-se ouvir os srs. Henrique La Rocque de Almeida e Mário Pinotti, que situaram o acontecimento daquele dia, de dupla expressão: a inauguração do hospital e a entrega do honroso prêmio. Depois, Manoel Barcelos chamou os "Melhores", que das mãos do Presidente, e debaixo do espoucar de "flashes" e o rodar de filmes cinematográficos, receberam suas medalhas. Ao final, o chefe da nação teve palavras carinhosas para com a iniciativa e o Diretor desta revista, agradecendo-lhe a oferta de um cartão de prata com dizeres aluzivos ao acontecimento. Sem protocolos e usando de uma linguagem cordialíssima, Sua Excelência salientou que, no próximo ano, o último do seu governo, fazia questão de realizar a entrega das medalhas de ouro, oferecidas pela R. R., em Brasília! Vivamente aplaudido, o sr. Juscelino Kubitschek retirou-se, em seguida, após cumprimentar Anselmo Domingos pelo novo êxito da sua brilhante iniciativa.

● OUTRAS FOTOS
NAS PÁGINAS
SEGUINTE

Imagem 11: Inauguração do Hospital do Radialista e entrega das medalhas dos Melhores do Rádio e TV, n. 508, 1959 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).



Imagem 12: Charge sobre a televisão publicada na seção “Feira de Amostras”, n. 16, 1949 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).



Imagem 13: Charge sobre a televisão publicada na seção “Feira de Amostras”, n. 16, 1949 (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

CAPÍTULO II - A REVISTA DO RÁDIO E AS MULHERES DO MICROFONE: Representações femininas e seus lugares no universo radiofônico

Dentre as proposições que abarcam o presente trabalho, tem-se a defesa de que as linguagens da experiência democrática vivenciada pelos homens e mulheres do meio radiofônico daquele período, contornaram suas práticas e representações de seu respectivo universo cultural e político, e fizeram delas suas principais referências para agirem enquanto grupo e classe social. Isto quer dizer que, para além de focos sobre vida de artistas, a revista, até mesmo quando tratava de assuntos que podem ser considerados “irrelevantes” do ponto de vista analítico. Estampava também visões, representações e imagens que revelavam o quadro histórico dos “anos dourados”.

O periódico não se furtou de apresentar para seus leitores e leitoras suas posições e posicionamentos que, de certa forma, enquadravam os lugares dos homens e mulheres do microfone. Partindo, então, da premissa de que é possível vislumbrar as representações formuladas pela *Revista do Rádio* de artistas, cantores e cantoras, meu intuito aqui é analisar a construção das imagens femininas dentro do semanário de Anselmo. Levando em consideração que a esmagadora maioria das capas vinham com fotografias de artistas mulheres, certamente que estas recebiam significativo destaque. Mas, como elas estavam sendo apresentadas?

Para tal, farei um percurso sobre o concurso mais aclamado da revista, qual seja, o que escolhia a *Rainha do Rádio*. Realizado pela Associação Brasileira de Rádio e amplamente divulgado e noticiado pelo periódico, o certame movia paixões e mobilizava leitores e leitoras, ávidos para elegerem suas preferidas ao posto de rainha, a votarem nas candidatas, que certamente eram alvos preferidos da revista. Marlene, Emilinha Borba, Dircinha Batista e tantas outras artistas concorriam e eram colocadas na revista para apreciação do público que às possivelmente poderia elegê-las.

Porém, há algo no concurso que pretendo analisar: o potencial que tinha para emular o que estava ocorrendo no cenário político nacional (MCCANN, 2004, p. 211-214). Diante dessa questão, tentarei fazer uma leitura política do então concurso, na medida em que analiso quais foram as representações e os lugares enquadrados pela revista para as mulheres, tanto do microfone, quanto daquelas que eram leitoras do semanário. Por fim, irei apresentar artistas e cantoras que tentavam, a todo custo, fugir da lógica aplicada para elas, qual seja, mulheres do rádio que também faziam e participavam da política.

2.1. Marlene, Emilinha e Dalva de Oliveira: as mulheres que mais foram estampadas pela revista

Para elas foram diversas capas, fotografias e entrevistas. Já no número 4 do ano de 1948, o periódico publicou uma reportagem feita com Marlene. Nas palavras estampadas na revista, “um nome que de repente ficou conhecido e apreciado e pertence a uma bonita morena, que canta e dança como ninguém: Marlene; sambista diferente que sabe sentir e interpretar a nossa música popular”⁹. De forma insistente, a revista mobilizou, em se tratando da figura de Marlene, uma precisa imagem sobre sua performance no cenário musical brasileiro: uma cantora diferente, não porque trazia conteúdos temáticos diferenciados em suas letras e canções, mas por conta de seu corpo, que sambava diferente como ninguém. Paola Borges, ao abordar o tema, comentou que “a insistência em retratar como uma artista diferente se limitava, no entanto, ao seu modo de cantar e dançar, não chegando de fato às interpretações das letras que ela gravava (BORGES, 2019, p. 64)

Os sambas e as marchinhas de carnaval gravados por Marlene possuíam um caráter quase que denunciativo da situação de vida e do cotidiano da população em geral. “Lata d’água”, por exemplo, foi um marco na carreira da cantora. De fato, concordando com Paola Borges, o samba de Marlene era diferente, porém, a imagem mobilizada pela *Revista do Rádio* se restringia aos seus traços corporais. Nos anos de 1950, em uma outra entrevista, é citado que “Marlene gosta de ouvir música, muita música, popular ou não [...] Ela, porém só canta sambas. Canta e requebra. E como requebra e canta bem!”¹⁰

Como já mencionado anteriormente, Marlene foi um dos nomes mais citados na revista, logo, tudo que envolvesse sua figura artística (e pessoal, principalmente) era copiosamente retratado no semanário, interessado em oferecer aos fãs da cantora o que mais desejavam saber. No entanto, as escolhas imagéticas feitas pelos editores da revista recaiam na maneira como se pensava o ser mulher ou ser cantora: mulheres elegantes, recatadas, que cultuassem os valores morais de sua época, tal como casamento. Sobre essa questão, Marlene era bastante incisiva, e o periódico, sabendo que não era casada, não deixava de especular sobre sua vida amorosa. Com relação a isso, na entrevista, foi perguntado que tipo de homem preferia, se loiros ou morenos, e a mesma, enfaticamente respondeu “eu acho que nós, mulheres, devemos dar mais valor às qualidades morais do homem do que ao seu tipo físico. E entre estas qualidades eu destaco a inteligência e a compreensão”¹¹

⁹ Revista do Rádio, n. 4, Maio de 1948, p. 22.

¹⁰ Revista do Rádio, n. 24, fevereiro de 1950, p. 32.

¹¹ Revista do Rádio, n. 24, fevereiro de 1950, p. 33.

O que pretendo deixar evidente é que as escolhas de representações sobre o universo feminino permeavam quase que integralmente as páginas de Anselmo, podendo-se até mesmo inferir que os retratos das cantoras de rádio que foram estampadas no periódico queriam, também, como as mulheres deveriam ser e se portar. O que se percebe é que as cantoras não compactuavam completamente com a lógica proposta pelo semanário, o que se evidencia em respostas certeiras como as de Marlene sobre seu tipo preferido de homens. A revista, como de praxe, não poupava tinta para aguçar a curiosidade e, ao mesmo tempo, emitir sua opinião sobre o estado civil da então *Rainha do Rádio*.

Ainda em 1950, surgiu um burburinho de que Marlene estaria noiva de Manoel Barcelos, locutor de rádio muito famoso na época. Isso não passava de boatos, que certamente foram alardeados pelo semanário de Anselmo para alcançar boas cifras. Sobre os boatos, eles foram desmentidos pelo periódico, “entretanto eles não estão noivos e, esta explicação se faz necessária para dissipar dúvidas. A noiva do apreciado locutor da Nacional é uma senhorita da alta sociedade; não é artista de rádio. Quanto a Marlene continua solteirinha da silva... o resto é onda, ou boato”¹². Será que o fato de a cantora mais popular do rádio não ser casada incomodava os editores do periódico? Certamente que sim. O semanário apregoava com bastante intensidade os valores familiares, e ter no *mainstream* radiofônico uma popularíssima “solteirinha da silva” não parecia ser um bom item para se colocar no cardápio das representações femininas na revista.

Emilinha Borba também foi um dos nomes mais citados no periódico, mobilizando uma série de imagens que, conjuntamente às demais, formularam ideias e ideais do que se esperava das mulheres, tanto do meio radiofônico, quanto para além dele. Na primeira entrevista feita com Emilinha, ela informou que “um dos mais sérios problemas na vida de uma mulher é o matrimônio. Por isso, sou francamente favorável ao casamento. Se já não me casei, foi unicamente por ainda não ter tido a oportunidade”¹³. Corroborava, assim, com os valores conservadores e com aquilo que Rodrigo Faour (2002) chamou em seu livro de “moral dos anos 50”, que enxergava o matrimônio como algo indispensável, principalmente para as mulheres. Tanto que Emilinha entendia o casamento como algo bastante problemático, talvez no sentido de que, certamente, deveria ser uma gigantesca pressão social, sobretudo para as cantoras do rádio. Emilinha deixava claro que o casamento não estava fora do horizonte de suas expectativas, o que retroalimentava a forma como as mulheres leitoras tinham que imaginar suas vidas: o casamento como algo ideal e inevitável.

¹² Revista do Rádio, n. 26, 11 de março de 1950, p. 9.

¹³ Revista do Rádio, n. 9, novembro de 1948, p. 13.

A cantora também recebia fartos elogios por parte da revista, principalmente pelo que ela representava para a música brasileira. Na edição 21, Emilinha foi estampada na capa e, junto a ela, Anselmo escreveu no editorial que “Emilinha Borba é indiscutivelmente, um dos maiores cartazes femininos no rádio brasileiro. O mérito de sua popularidade está na maneira diferente com que ela interpreta a música popular do Brasil”¹⁴. Foi a cantora que mais foi presente nas capas da revista (cerca de 75 vezes). De fato, Emilinha foi um grande ícone da radiofonia brasileira dos anos 1950, mas, provavelmente para o semanário de Anselmo, ela representava a imagem que se construiu sobre o que se esperava de uma mulher: recatada, do lar e devota aos valores familiares.

Em termos concretos, Emilinha, dentro do recorte temporal deste trabalho, não era casada e não tinha filhos. No entanto, por ser uma cantora alçada como uma das maiores do ramo radiofônico, certamente mobilizava ações, comportamentos, visões de mundo que, se desviavam das normas de representação impostas sobre o ser feminino, na revista era feito um “acerto de contas”, na medida em que colocavam Emilinha e as demais artistas radiofônicas como mulheres solteiras, porém, à procura de seu par romântico. Logo, a cantora que mais emplacava discos na época não poderia deixar de ser formatada pelo semanário como uma mulher romântica, cujo sonho maior era justamente o que lhe era ausente. Anos depois, em 1956, foi publicada uma matéria na revista sobre o aparecimento em público de seu esposo, algo que era raro de ocorrer. A revista fez questão de destacar que a artista “casada, Emilinha deu ao seu lar o máximo de seu amor e ternura. Queriam os fãs que ela e seu esposo aparecessem em público. Para aplaudi-los com a sua admiração mais sincera”¹⁵.

Ao que tudo indica, os editores da revista não perdiam a oportunidade de enquadrar e formatar o lugar que as mulheres deveriam ocupar social e politicamente, dentro e fora dos palcos, longe ou perto dos microfones. As mulheres do rádio eram inseridas em uma receita pronta de felicidade matrimonial, para assim, servirem de exemplo para as leitoras da revista. E, se ainda não eram casadas, como no caso de Marlene e Emilinha, suas imagens eram mobilizadas dentro do periódico como mulheres apaixonadas à procura de seus cônjuges. Apesar da semelhança, ambas representavam tipos sociais diferentes: Marlene a mulher mais emancipada e Emilinha a mulher mais “doméstica”. Esse conjunto tenso de representações estavam apresentados nas páginas da *Revista do Rádio*, gerando formas de comportamentos sociais, sobretudo para o público feminino.

Um dos temas mais destacados na revista de Anselmo foi, nessa época, a separação de

¹⁴ Revista do Rádio, n. 21, novembro de 1949, p. 3.

¹⁵ Revista do Rádio, n. 377, 1 de dezembro de 1956, p. 4.

Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. Juntamente com Nilo Borges, formavam o “Trio de Ouro”. No final dos anos 1940, surgiram burburinhos de que tanto Herivelto e Dalva iriam se separar, bem como o próprio grupo deixaria de existir, o que foi muito bem acompanhado pelas letras e tintas das páginas da *Revista do Rádio*.

Na edição de outubro de 1948, foi estampada a notícia de que “Dalva e Herivelto não se desquitaram”¹⁶. Era uma entrevista, e nela perguntaram para Herivelto se de fato os rumores da separação (que era chamado de “desquite”) eram verdadeiros. Alegando que não havia “fundamento” para tal boato, ele comentou que era feliz com sua esposa e que “o resto é onda”. Uma questão intrigante me saltou aos olhos em relação à maneira como a revista tratou do assunto: a voz de Dalva foi pouco ou quase nunca ouvida pelos editores do periódico. A revista, inclusive, cravou elogios a despeito da figura de Herivelto, “o brilhante compositor de tantos sucessos da nossa música popular e principal responsável pelo Trio de Ouro, que desse modo, viera dissipar todas as dúvidas em torno desses terríveis boatos”¹⁷. O fato do periódico credibilizar a situação sob o ponto de vista de Herivelto, em detrimento da Dalva de Oliveira. Mencionada apenas como “sua esposa”, revela, novamente, quais eram os lugares que a revista destinava para as mulheres do microfone. Para os homens do rádio, brilhantismo e elogio; para elas, as artistas, silêncio.

Dois anos se passaram, e quando em 1950, no contexto da separação do Trio de Ouro, também se acompanhava pelas páginas revisteiras o desquite entre Herivelto e Dalva de Oliveira. Já no número 29 de 1950, a entrevistada foi Dalva. Ela revelava o real motivo, tanto do fim do Trio de Ouro, quanto de seu divórcio. Segundo ela, Herivelto, em uma das turnês pela Venezuela, encontrou “um novo amor”, e assim voltou para o Rio de Janeiro. Dalva decidiu prosseguir com sua carreira, ainda mesmo realizando shows fora do país, e ao retornar, entraria em uma batalha judicial para desquitar-se de Herivelto. Em sua entrevista para o periódico, ela disse que “É a pura verdade. Pretendo me desquitar de Herivelto o mais rápido possível”. Além disso, ressaltou que estava “imensamente feliz, com minha mãezinha, meus dois filhos, moro no bairro de Noel Rosa e não pretendo mais nada a não ser criar meus filhos e amparar os meus”¹⁸.

Na mesma matéria, abaixo de uma fotografia de Dalva, estava a frase “Dalva de Oliveira, brevemente desquitada”. O contraste traçado pela revista, destilando pomposos elogios para Martins, e em contrapartida, enquadrava a cantora a partir de sua situação conjugal,

¹⁶ Revista do Rádio, n. 8, outubro de 1948, p. 9.

¹⁷ Revista do Rádio, n.8, op. cit.

¹⁸ Revista do Rádio, n. 29, 1 de abril de 1950, p. 22.

é bastante perceptível. Pelo menos nesse número, não se fez nenhuma menção da carreira artística de Dalva. A impressão que se tem das reportagens feitas sobre o caso é de que Herivelto era o personagem mais importante e fundamental para o funcionamento, tanto de seu casamento quanto do próprio Trio de Ouro. E o mais interessante é que a revista também não fez juízo de valor quanto ao fato de Herivelto ter encontrado um “novo amor”, sendo que o mesmo ainda se encontrava casado. Segundo Mariane Carla Fonseca, que em sua dissertação sobre o caso, comentou que

O fardo do matrimônio falho, da incapacidade de sustentar os pilares familiares tendia a cair sob os ombros da mulher. No caso de Dalva de Oliveira, tal possibilidade foi fortalecida por cobertura midiática e ataques públicos do ex-marido, que começaram musicados e constituíram, na Era de Ouro, a briga radiofônica mais célebre da história da MPB (FONSECA, 2014, p. 29).

A imprensa, de maneira geral, deitou e rolou a respeito da separação do casal, mas, assim como ocorreu nas páginas da *Revista do Rádio*, os outros veículos de comunicação, a exemplo de jornais como *Diário da Noite*, que reservou espaço considerável para que Herivelto, não Dalva, escrevesse artigos explicando as razões pelas quais estava se separando. Um olhar mais atento, sem deixar levar pela forma como a mídia impressa conduziu as informações, seria fácil cair no samba de Herivelto. Era significativo o espaço que os impressos davam para o sambista, e as poucas vezes que Dalva fora entrevistada. O tom era levado a convencer os leitores e leitoras que Herivelto de nada tinha culpa por todo embarço.

Claro, a separação do casal rendeu altíssimos lucros, tanto para os dois envolvidos, quanto para suas gravadoras, e muito mais para as páginas de jornais e revistas que dedicaram suas letras para falar do assunto. O sofrimento de Dalva virou canção, lucro, páginas impressas, produto cultural. E a revista de Anselmo, um semanário especializado em falar da vida de artistas radiofônicos, ao mesmo tempo que tratava sobre a temática, demonstrava também, quais eram os enquadramentos culturais utilizados para encaixotar os conceitos de família, casamento, homem, mulher, desquite. Novamente, no ano de 1950, no número 38 do periódico, Herivelto ganhou mais um considerável espaço (três páginas de entrevista). Nela, alegava que o desquite foi solicitado por ele, desmentindo assim o que Dalva tinha confirmado para a mesma revista em uma reportagem anterior. De uma edição para outra, o assunto mais falado era esse. Interesse dos leitores, a revista acompanhou e noticiou os trâmites da polêmica que envolvia a separação de Dalva e Herivelto.

Nas edições de 1950, após o lançamento da canção “Tudo acabado”, interpretada por

Dalva de Oliveira, o periódico de Anselmo estampou na seção “Vamos cantar”, a letra na íntegra. Além disso, na seção “Sucessos da semana”, a música vinha logo nas primeiras colocações. Um verdadeiro sucesso. A revista, porém, limitava-se apenas trazer quase que pragmaticamente a respeito da canção. Não houve entrevistas, reportagens, comentários sobre a percepção de Dalva, pelo menos não em 1950. O que sobrou foi sua voz interpretando suas desventuras ao alegar que “Todo egoísmo veio de nós dois/ Destruímos hoje o que podia ser depois”. E o periódico prosseguia distante e sem destinar algum espaço para que Dalva também fosse ouvida. Fora das páginas revisteiras, Dalva de Oliveira emplacou sucessos atrás do outro. Herivelto continuou com o Trio de Ouro, porém, com uma nova integrante, o que também foi digno de entrevista para a revista. O periódico chegou a comentar que “Dalva de Oliveira está provando, que mesmo sozinha, ela é um grande cartaz da música popular brasileira”¹⁹.

Dalva de Oliveira, em 1951, recebeu o prêmio de “Rainha do Rádio”, consagrando assim sua figura como uma das mais potentes cantoras radiofônicas de seu tempo. A *Revista do Rádio* já tinha se tornado semanal, e sua circulação girava em torno de 60 mil exemplares por mês. Por ser uma revista de grande circuito, é bem provável que ela ditava gostos, comportamentos e visões de mundo. Tudo que envolvia o rádio e seus artistas, o periódico de Anselmo estava ali no meio. No caso do concurso da Rainha do Rádio não foi diferente. O certame foi também um dos assuntos mais alardeados pela revista. Na medida em que o voto poderia ser destinado ao endereço do periódico, Anselmo e seus editores estimulavam de maneira significativa a participação de seus leitores e leitoras na disputa que elegeria a Rainha do Rádio.

2.1. O concurso das rainhas do rádio: uma “experiência democrática”?

O concurso para a escolha da “rainha do rádio” na década de 1950 foi, sem dúvida, um importante capítulo na história da radiofonia brasileira. Promovido pela Associação Brasileira de Rádio, o certame não passou despercebido pela imprensa do período, principalmente pelas revistas especializadas em assuntos radiofônicos, e claro, pela *Revista do Rádio*, que acompanhou assiduamente a trajetória do concurso, não só estampando as apurações dos votos, como ela mesma incentivando o público-leitor a também votarem em suas “favoritas”.

No intuito de situar a importância do concurso na história do rádio brasileiro, ressalta-se que há certo consenso na historiografia de que as décadas de 40 e 50 são considerados os “tempos de ouro” do rádio, não só em termos quantitativos, pois os números de estações de

¹⁹Revista do Rádio, n. 62, 31 de outubro de 1950, p. 39.

ondas curtas e médias aumentou exponencialmente conforme Lia Calabre, mas também no próprio fazer radiofônico, que cada vez mais ganhava contornos comerciais, sobretudo por conta do decreto que autorizava a publicidade através do rádio, tornando então este meio de comunicação presentemente de massa. Nas palavras de Calabre,

Considera-se como período “áureo do rádio brasileiro” aquele concentrado entre 1945 e os últimos anos da década de 50 [...] Ser cantor ou ator de uma grande emissora carioca ou paulista era o suficiente para que o artista conseguisse sucesso em todo país, obtivesse destaque na imprensa escrita e até mesmo frequentasse os meios políticos (CALABRE, 2002, p. 80).

Logo, a criação de um concurso como este, que obteve projeções de longo alcance nacional revelava o coroamento das cantoras de rádio, além do próprio veículo de comunicação, visto que ele estava situado em um cenário de ampliação das ondas radiofônicas pelo país afora, que muito se distinguia dos primeiros projetos de radiofonia que visavam à formação “intelectual e educativa” da sociedade. O rádio no seu período “áureo” estava com “ares” amplamente comerciais com vistas a atingir o maior número de públicos possíveis, ganhando então o status de “companheiro diário”. Concordando com a historiadora Maria Marta Picarelli Avancini, “a popularidade das estrelas e o engajamento do público em torno delas são tomados como evidências da força do rádio entre os anos 40 e 50 e, também, como consequência do modelo de radiodifusão vigente” (AVANCINI, 1996, p. 8). A autora também ressalta que o concurso da “rainha do rádio” não pode ser encarado como mero reflexo ou resultado da “força” que o rádio possuía naquele período, mas sim como formador e constituinte de uma “linguagem radiofônica”, e “mais do que isso, um circuito cultural, de sociabilidade e estética próprios” (AVANCINI, 1996, p. 8).

E é por esta via interpretativa que gostaria de propor como a “linguagem radiofônica” estava inebriada de proposições democráticas, não apenas porque o meio radiofônico atravessava sua fase mais “aurífera”, com uma ampla popularidade e alcance, mas também por conta de que o próprio país caminhava para uma “experiência democrática”. Observa-se, e concordando com a leitura de Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira, que de fato, havia nesse período a consolidação de uma “democracia representativa”, não totalmente pronta e acabada, mas, em caminhos de formação e estruturação (GOMES e FERREIRA, 2018).

Minhas proposições giram em torno de evidenciar como o prestigiado concurso, ainda que indiretamente, contribuiu para a ampliação e consolidação da “experiência democrática” vivenciada no período aqui analisado. De que forma? As linguagens e culturas políticas ganhavam contornos específicos no “universo radiofônico”, com lógicas e racionalidades

políticas próprias, para mencionar Pierre Rosanvallon, sob as quais agiam e se comportavam politicamente. Em outras palavras, a linguagem da democracia representativa estava em plena sintonia com as eleições das rainhas do rádio, que era, sob a ótica da *Revista do Rádio*, uma “eleição plenamente democrática e popular”.

Portanto, os “ventos” da democracia que estavam soprando no cenário político daquela época abria possibilidades para que os demais setores da sociedade incorporassem ou não práticas mais democráticas, utilizando de uma linguagem política que operava com sinais localizados na participação política e na inserção das classes, sobretudo às trabalhadoras, no âmbito do exercício político, através do voto, por exemplo. Mas, não apenas. O “universo radiofônico”, por meio de suas práticas e representações, foi também produtor de ações que visavam aspectos, que segundo suas visões, eram justas e “democráticas”.

Para corporificar nossa proposta, utilizarei um termo conhecido como homologia. Nas ciências biológicas, este conceito faz alusão às características comuns que podem ser encontradas em organismos diversos. O exemplo deste seria a “espinha”. Esta característica, que pode ou não ter funções distintas, são traços comuns partilhados por um amplo espectro de seres vivos (no caso da espinha são os animais vertebrados). Para traduzir nos termos deste trabalho, a espinha dorsal da democracia representativa, vivenciada na República de 46, ou as racionalidades políticas instauradas no apagar das luzes do Estado Novo podem, acredito, ser também vislumbradas como a chave mestra quando se tratava das escolhas das Rainhas do Rádio.

Portanto, gostaria de pensar as eleições desse prestigioso concurso como um “experimento democrático”, intuindo que ele promoveu, ainda que indiretamente, o exercício e a prática de voto dos “fãs” para as “candidatas” que se colocaram como tal no pleito, ensaiando algo semelhante ao que ocorria no cenário político-partidário nacional. A *Revista do Rádio* não mediu esforços para motivar seus ávidos leitores a votarem em sua “Rainha”. O semanário fazia sua parte: divulgava fotografias das cantoras e as estampava em suas capas, publicava as “opiniões dos fãs”, acompanhava todos os movimentos dos “cabos eleitorais” frente às “campanhas” que eram realizadas, tanto por meio dos microfones das estações de rádios, quanto do já mencionado semanário.

No editorial do mês de abril de 1949, Anselmo Domingos o iniciou tecendo elogios, o que já sabemos que não era nenhuma novidade, sobre a escolha de Vitor Costa, naquela época presidente da Associação Brasileira de Rádio, de eleger a “Rainha do Rádio” através da “votação popular”. E “no fim da apuração final a Associação Brasileira de Rádio tinha arrecadado um milhão de cruzeiros, dos quais, deduzidas as despesas, ficará um animador saldo

para início de uma obra humanamente bela: a construção de um hospital para os radialistas”²⁰.

Como apresentado por Anselmo, cada voto custava um cruzeiro. Cada pessoa poderia votar quantas vezes quisesse, não há como mensurar a quantidade exata de votantes, porém, o valor arrecadado demonstra o alcance que o certame conseguiu obter. No decorrente ano, quem venceu o concurso foi a cantora Marlene²¹. A vitória da cantora sobre sua rival, Emilinha Borba, “provocou comoção geral, acirrou paixões e deu início a uma guerra muitas vezes campal entre os fãs-clubes” (HUPFER, 2009, p. 44). De acordo com a autora, a primeira cantora a ter um clube de fãs foi Marlene, transformando as relações que se poderia estabelecer entre artista e público. Relação essa que se tornava cada vez mais próxima, imagética, por conta das diversas publicações e fotografias dessas cantoras estampadas em revistas como as de Anselmo Domingos.

As ocorrências em que o concurso foi mencionado na revista era sempre o relacionando com a construção do Hospital do Radialista, no dizer de Anselmo uma “obra humanamente bela”, que também era um dos projetos que estavam no horizonte de expectativas da Associação Brasileira de Rádio, sobretudo centrado nos anseios de seu então presidente Vitor Costa. Porém, se faz importante ressaltar que esta relação elaborada pelo semanário era feita para justificar o comportamento político e amistoso das candidatas, deixando evidente que não havia um clima de competição entre elas. Mas, e contraditoriamente, a revista fazia alusões a uma suposta rivalidade entre as cantoras Marlene e Emilinha Borba. No mesmo número já mencionado, o semanário publicou em uma dada seção que,

O pleito decorreu sob a mais intensa movimentação. Várias candidatas surgiram com reais possibilidades. Entre elas dois nomes da Nacional: Emilinha Borba e Marlene [...] A princípio julgou-se que Emilinha Borba venceria com facilidade, já que, aparentemente, não havia outras candidatas com tanta projeção. Foi quando, de surpresa, surgiu o nome de Marlene como verdadeira ameaça. Sustentada por um bom grupo de “cabos eleitorais”, Marlene foi ganhando terreno até conseguir uma liderança que não mais deixou, mercê de uma votação altíssima²².

Ainda que a revista mencionasse que havia várias candidatas que potencialmente poderiam vencer as eleições, com possibilidades “reais”, ela não deixa de destacar os nomes de Emilinha Borba e Marlene, visto que ao longo da apuração dos votos, eram essas que apareciam

²⁰ Revista do Rádio, n. 14, abril de 1949.

²¹ De acordo com Maria Luisa Rinaldi Hupfer (2009), Marlene foi patrocinada pela Antártica, entregando um valor aproximado de 500 mil cruzeiros, o que se converteu em votos suficientes para ultrapassar Emilinha Borba. A autora analisa a trajetória do concurso sob a perspectiva da indústria cultural e sua relação com as imagens das cantoras de rádio. Porém, pretendo observar o concurso seguindo uma leitura política dele.

²² Revista do Rádio, n. 14, abril de 1949, p. 22-23.

nas primeiras colocações. É interessante destacar as impressões que o semanário teve a despeito da “intensa movimentação” provocada pelo então concurso, pois foi considerado certo grau de incerteza frente ao pleito, ainda que o público-eleitor já tivesse mostrado quais eram suas “favoritas”.

Nas palavras de Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira, “as eleições tornam-se verdadeiramente competitivas, o que significa que há incerteza no processo político eleitoral, razão que fundamenta o reconhecimento do exercício da liberal-democracia, ainda que com a existência de limites/constrangimentos” (GOMES e FERREIRA, 2018, p. 258). E é partindo dessas novas racionalidades políticas instauradas no plano político-partidário que se percebe como os demais setores da sociedade incorporaram em suas práticas próprias esta linguagem política da democracia representativa, e no caso da *Revista do Rádio*, ela nos revela como estas lógicas política se fazia presente no concurso da “rainha do rádio”, visto que não tinha ao certo quem sairia vitoriosa. Além disso, valia também “compra de votos”, mobilização de massas e práticas “clientelísticas”, tal qual ocorria também em eleições. Ora, o que parecia que estava ocorrendo era uma disputa acirrada, e ainda que não seja possível incorrer que as eleições do então concurso tinham como propósito ser semelhante às eleições do plano político, ao menos tinha o sabor da experiência democrática da República Democrática de 46.

Porém, o mesmo semanário que nos apresenta as práticas democráticas do certame, também não deixou de mencionar o fato de Emilinha Borba não ter “aceitado” o resultado, título que compõe a matéria do trecho supracitado. E não apenas isso, a revista também comentava que Emilinha era um dos nomes “aparentemente” cotados a ganhar o concurso. No entanto, eis que Marlene apareceu como uma grande “ameaça”. Essa precisa demarcação, ainda que sutilmente, demonstrava o apoio que o semanário dava ao nome de Emilinha Borba, a colocando como sua “favorita”. Isto fica mais evidente nos números posteriores, na seção “Opinião do Fan”, inúmeros leitores escreveram cartas questionando o resultado do concurso, dentre estas,

“Aquilo não foi eleição!” declara Maria de Lourdes Dias, ao se referir ao certame que se realizou para consagrar a Rainha do Rádio. Ninguém poderá discutir qual a mais popular das cantoras quando se defrontam Marlene e Emilinha Borba, bastando que se considere os aplausos recebidos por uma e outra nas suas apresentações!²³

A partir do momento que o semanário seleciona esta e não outra “opinião”, ele acabava,

²³ Revista do Rádio, n. 49, 13 de agosto de 1950, p. 6.

ainda que indiretamente, estampando suas expectativas e frustrações quanto ao título que agora pertencia à Marlene. A revista também alimentou uma suposta rivalidade entre as duas cantoras, ainda que fizesse questão de deixar claro o comportamento “amistoso” das candidatas frente ao pleito. O que mais chama atenção no comentário de Maria de Lourdes Dias, era a intrínseca relação estabelecida entre o fato de “ganhar uma eleição” com a “popularidade”, e que por considerar “os aplausos” recebidos por Emilinha, ela deveria ser a rainha do rádio. Se esta leitora destaca que o certame foi inválido e que, por conta disso, “não foi uma eleição”, o que seria uma legítima eleição para os leitores desta Revista? Outra “opinião” publicada, que diz o seguinte

Neusa dos Santos, moradora à rua Melo e Souza, 54, no Rio, acha que a coroa de “Rainha do Rádio” já devia ter sido arrancada de Marlene... que não tem “elegância ou qualidades vocais mínimas”. Sugere a leitora que Linda Batista volte a ser “Rainha” ... como voltou o Getúlio²⁴.

Aqui temos mais uma consideração de uma leitora da revista, que defendeu a ideia de “arrancar” o título de rainha do rádio de Marlene por ela não ter “elegância e qualidades vocais mínimas”. Porém, Neusa dos Santos sugeriu que a coroa deveria voltar a pertencer à Linda Batista, que segundo a Revista, foi a primeira cantora a receber o título de rainha do rádio, nos fins da década de 1930. Será por esta razão que a leitora comparou com a “volta de Getúlio”? Ora, a evocação de Getúlio Vargas retrata certa “tradição” que supostamente existia no âmbito político nacional, e que poderia também servir de instrução para as ações voltadas ao universo radiofônico. Em outras palavras, a rainha do rádio deveria voltar a ser Linda Batista, pois havia aqui uma homologia entre a forma de pensar no coroamento das rainhas do rádio com o “retorno” de Vargas ao poder político, pelo menos segundo a ótica da respectiva leitora.

Voltando a questão sobre um suposto revanchismo de Emilinha Borba e Marlene, o periódico, pelo menos não de forma escancarada, isentou-se de uma posição sobre qual delas era sua “favorita”, no entanto, parece que ela entregava aos seus leitores uma suposta rivalidade entre as duas cantoras. No número 38, de maio de 1950, na seção “Melhor Carta da Semana”, a revista publicou uma que “endereçava” ao César de Alencar, em que era reivindicado que se parasse de tratar de forma desigual as duas “queridinhas” do rádio, visto que “desde que a nossa querida Marlene foi eleita ‘Rainha do Rádio’ não mais cantou em seu programa”²⁵.

Mais importante do que observar uma pretensa postura de “imparcialidade” adotada

²⁴ Revista do Rádio, n. 66, 12 de dezembro de 1950, p. 18.

²⁵ Revista do Rádio, n. 38, 30 de maio de 1950, p. 29

pelo semanário frente à rivalidade Marlene/Emilinha Borba, estampando não apenas as posições contrárias à então rainha do rádio, mas também de leitores e leitoras que se colocavam a favor de Marlene, é factível a forma como os leitores eram ávidos ouvintes de uma radiofonia sumariamente democrática. Inclusive, mencionando por meios destas cartas o comportamento arbitrário de César de Alencar, onde em seu programa na Rádio Nacional, ele estava “dando mais espaço” para Emilinha Borba do que Marlene, o que causou certo alvoroço.

Ao que tudo indica, os ouvintes radiofônicos, que também eram leitores da revista, possuíam uma parcela significativa neste contexto de “experimentação democrática”, visto que eles se sentiam confortáveis em escrever cartas para o semanário, e através delas opinarem como os radialistas deveriam agir. No número 41, a Revista, na mesma seção “Melhor Carta da Semana”, divulgou uma carta onde Zelinda Araújo fez inúmeros elogios à atitude de César de Alencar quanto a dar mais espaço para Emilinha Borba, que segundo ela, é a “verdadeira rainha do rádio brasileiro”,

E quanto ao título de “A nossa favorita”, que ele adotou para a queridíssima Emilinha Borba, está mais do que direito, pois ela é quem merecia o título de “Rainha do Rádio”. Não quero dizer com isso, que Marlene não mereça o título. Mais a Emilinha, está, e estará sempre em primeiro lugar [...] Eu e milhares de fãs de Emilinha Borba, temos certeza absoluta, que ela será ainda, a nossa “Rainha do Rádio” brasileiro, o que, aliás, era para ela ter sido há muito tempo, se quisesse²⁶.

Se a *Revista do Rádio* não se posicionou a favor desta ou aquela “queridíssima” do rádio, certamente contribuiu para uma ambientação de rivalidade e revanchismo entre Emilinha Borba e Marlene, o que passou a ser alvo de notícias e reportagens antes, durante e até mesmo muito depois do concurso, agora promovido pela A.B.R. É certo dizer, pois, que o debate gerado pelo semanário nos idos de 1950 em que elegeu Marlene como “rainha do rádio”, deve ter suscitado uma grande expectativa quanto á próxima edição que, segundo o periódico, ocorreria já em meados do ano seguinte.

A reportagem ainda apresentou registros fotográficos da mesa diretora, sendo Anselmo Domingos o presidente da comissão, o que também demonstra a simpatia que ele possuía entre os pares. Nesta mesma reportagem foi divulgado que Marlene não iria concorrer ao concurso. Em fins de 1950, já nos últimos números, Anselmo Domingos voltou a comentar no editorial sobre a previsão do certame para o ano seguinte, mas que o público já poderia votar, visto que era de “interesse absoluto dos fãs”. Nas palavras de Anselmo,

²⁶ Revista do Rádio, n. 41, 20 de junho de 1950, p. 42.

Sem dúvida que ansiosamente esperado, aí está o novo concurso para escolha da “Rainha do Rádio”, iniciativa promovida pela Associação Brasileira de Rádio, de interesse absoluto para os “fans” e os próprios artistas do microfone [...] É preciso que se registre, também, a lisura da ABR, nomeando uma comissão de radialistas para seguir passo a passo, o desenvolvimento do concurso e seus resultados financeiros. E’ uma atitude elogiável [...] E com mais esse empreendimento, que vem atender à vontade popular em toda a sua extensão, a ABR está se firmando ainda mais no prestígio e simpatia de ouvintes e interessados²⁷.

Novamente, Anselmo Domingos trouxe à tona em suas palavras as elogiáveis atitudes “democráticas” de seus pares, ao garantir “lisura” ao processo de escolha, o que vale a pena ressaltar que era o próprio Anselmo que presidia a comissão do concurso daquele ano. Outro ponto interessante é a demarcação daquilo que Anselmo entendia por “vontade popular”, e do concurso da rainha do rádio ser a consumação desta vontade, onde novamente, os ouvintes e amantes do rádio iriam realizar o exercício de “votar” em sua candidata em que ele considera como “merecedora” de seu voto. Além disso, a menção feita por Anselmo Domingos da “vontade popular”, associando ao concurso, veiculava uma linguagem política da democracia representativa. Para a concretização deste exercício democrático, a A.B.R e a *Revista do Rádio* não mediram esforços, tornando suas respectivas sedes em “postos eleitorais”,

A ABR está distribuindo, para todo o país, os votos que elegerão a nova “Rainha do Rádio”. Custa um cruzeiro o voto. Podem votar todos os fans, quantas vezes o desejar, nas candidatas que preferir. Na REVISTA DO RADIO, Av. Treze de Maio, 2, 18.º andar, os fans encontrarão os votos que desejarem. Também aqui, como na sede da ABR e demais emissoras, estão colocadas urnas que recebem os votos. O tempo é curto: vamos votar depressa, para a eleição da nova Rainha do Rádio!”²⁸.

A *Revista do Rádio* incentivava seus leitores a irem às urnas para deixar seu voto. Nesta reportagem é feita uma interessante indagação, se “todos poderiam votar”, e como não havia regras ou restrições para compra de votos (que custava um cruzeiro), havia certa liberdade quanto a este exercício, ainda que no contexto político-nacional, a “experiência democrática” não tinha tornado plenamente “universal” a prática de cidadania através do voto. Vale também ressaltar que o fato de o sufrágio ser comprado divergia do valor democrático que ele possui. Isto significa que o ato de votar combinava, contraditoriamente, com práticas consumistas, de

²⁷ Revista do Rádio, n. 68, 26 de dezembro de 1950, p. 4.

²⁸ Revista do Rádio, op. cit.

uma sociedade cada vez mais “urbanizada” e “moderna”, o voto acabava também tendo um uso comercial.



Imagem 14: Fotografia de Marlene, coroada rainha do rádio, n. 29, 1950. (FONTE: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

QUEM SERÁ A RAINHA DO RÁDIO DESTA VEZ ?

Como no ano de 1949, a ABR voltou a cogitar da realização do concurso para a escolha da Rainha do Rádio de 1951. Representantes das emissoras se reuniram, numa grande comissão e elaboraram as bases do certamen que se processará à base de aquisição de votos-coupons no valor nominal de 1 cruzeiro. A Comissão do Concurso tem a presidência de nosso diretor Anselmo Domingos.



Marlene, a última Rainha, não concorrerá este ano, segundo se afirma. Ela usando a coroa real e noutra foto Admilde Fonseca que, concorrente de última hora, chegou a derrotar muita candidata colocando-se em segundo plano. O certamen desta vez será de âmbito nacional e já tem como concorrente de São Paulo, Isaurinha Garcia. No Rio fala-se em Emilinha Borba, Olivinha Carvalho, Norka Smith, Marliena Alves, Linda Batista, Aracy de Almeida, e Carmélia Alves. Também em Pernambuco, Minas, Ceará, Amazonas e Rio Grande do Sul já existem candidatas.

Um aspecto das reuniões iniciais é o que apresentamos: Em cima — sob a presidência de Saint Clair Lopes, diretor da ABR, vemos os representantes das emissoras cariocas. Em baixo — Após uma das reuniões, os srs. Mário Leão, gerente da ABR, Elano D. Paula, Manoel Barcelos, Raul Brunini, Anselmo Domingos, Arnaldo Amaral, D. Noêmia, da entidade radialista e a representante de Dna. Magdala da Gama Oliveira.

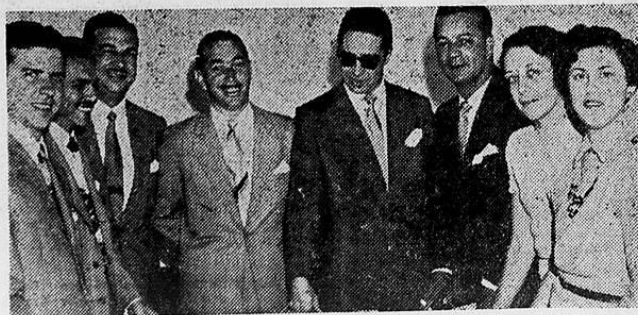


Imagem 15: Reportagem sobre os preparativos para o concurso da rainha do rádio de 1951, n. 67, 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

O semanário passou a divulgar as apurações dos votos, alegando que o concurso estava “sensacional”, como vinha em um dos títulos das reportagens²⁹. Porém, a revista não deixou de demonstrar certa frustração por Marlene, Emilinha Borba e Dircinha Batista não terem participado do concurso. Talvez estivesse mais evidente que a *Revista do Rádio* tinha suas “favoritas”, o que fez com que ela não deixasse seus leitores esquecerem-se daquelas que eram, sob a ótica do periódico, as “autênticas rainhas da música popular”. Ao longo do período em que o semanário se colocou à disposição para tratar o concurso, as palavras mais utilizadas eram quase sempre relacionadas às ideias políticas: candidatas, votos, eleições, vontade popular. Todo esse vocabulário político circunscrevia não só a linguagem e a cultura política dos editores da revista, mas de toda ala feminina do rádio que se envolvia no pleito.

Chegava o dia da apuração final, e novamente o semanário se surpreendeu com a escolha do público: eis que a nova rainha do rádio era Dalva de Oliveira. Sobre isto, o semanário publicou algo interessante a ser ressaltado: neste certame, houve uma adesão maior de candidatas advindas de outros estados, o que diversificou bastante o quadro de cantoras no pleito. “Nacionalização” do concurso? Outra questão levantada pela revista foram os votantes tentarem eleger candidatas de seus próprios estados, o que revelava que a movimentação causada pelo concurso não era somente da esfera radiofônica pura e simplesmente, mas também e principalmente, a partir de posturas políticas.

Não é demais repetir o que foi o êxito do Concurso para a escolha da “Rainha do Rádio de 1951”, título alcançado de maneira sensacional por Dalva de Oliveira. Tudo decorreu dentro da mais perfeita ordem tendo a A.B.R. arrecadado quantia superior a 600 mil cruzeiros, proveniente da compra de votos. Entretanto, o que esta nota mais deseja ressaltar é a adesão que o concurso recebeu das emissoras do Interior. Várias candidatas dos Estados foram apresentadas, dando um colorido diferente ao concurso³⁰.

²⁹ Revista do Rádio, n. 70, 9 de janeiro de 1951. Título da matéria: Está Sensacional a escolha da ‘Rainha do Rádio’, p. 9.

³⁰ Revista do Rádio, n. 75, 13 de fevereiro de 1951, p. 37.

ESTA' SENSACIONAL

A ESCOLHA DA "RAINHA DO RÁDIO"

Contando com as atenções de todo o mundo radiofônico — e, principalmente, dos fans! — o concurso para a escolha da nova "Rainha do Rádio" continua em seu êxito intenso, arrecadando fundos para a construção do ambicionado "Hospital dos Radialistas". Candidatas as mais diversas afluem à Associação Brasileira de Rádio uma atividade absoluta pela vitória de suas pretensões no certame-sensação. Observa-se, mesmo, que os votantes dos Estados endereçam suas predileções pelas candidatas-únicas de suas regiões, lutando, assim, coesos, para que a coroa fique em suas localidades. E' o caso de São Paulo, cujas emissoras, objetivando uma só pretensão, uniram-se em torno da candidatura Isaurinha Garcia, prometendo fazê-la a sucessora de Marlene. E, no Rio, acontece o mesmo?

TRES CANDIDATAS CERTAS

Modificando o regulamento do concurso, deliberou a comissão que acompanha o certame considerar candidatas todas as artistas do rádio que receberem votação. Não será mais exigida a inscrição da concorrente, podendo o fan endereçar seus votos para as artistas que mais responderem às suas predileções. Entretanto, três candidatas estão realmente na liderança do movimento na capital da República: Carmélia Alves, que tem o apoio da PRA-9; Dalva de Oli-

veira, que reúne as simpatias de forte grupo da Rádio Nacional e Araci Costa, prestigiada pelas Rádios Guanabara e Mauá.

SAFIRA E' INDICADA PELA TUPI

Por sua vez, independente da livre votação, também a PRG-3 concentra seus cuidados na candidatura de uma só artista: Safira. A popular cantora está contando com o prestígio da "associada", devendo obter a grande votação dos simpatizantes daquela emissora.

UM AUTOMÓVEL PARA A VENCEDORA

A futura "Rainha do Rádio", além da coroa, ganhará um automóvel, de marca "Goliath", o primeiro carro alemão chegado ao Brasil depois da guerra. As princesas ganharão eletrolas e diversas utilidades de valor, calculadas em dezenas de milhares de cruzeiros.

ONDE ADQUIRIR OS VOTOS

Cada voto custa um cruzeiro, podendo ser adquirido, além de na REVISTA DO RÁDIO, avenida Treze de Maio, 23, 18.º andar, e diversas emissoras, nos seguintes locais: Associação Brasileira de Rádio, à rua do Acre, 47 — 8.º andar, na Associação de Emissoras de São Paulo à Praça da República, 299 sala 209-215, com os senhores: Wilson Angelo, à rua Domingos Vi-eira 123, Bairro de Santa Efi-

gênia, Belo Horizonte, Minas: Tulio Amaral, à rua General Andrade Neves, 64, 1.º andar, Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Lynéa Braga à rua Luiz Antony, 31, Manaus, Amazonas; José Mauricio Colares, rua São Paulo, 833, Fortaleza, Ceará e João Macedo dos Reis, Rádio Cultura da Bahia, Salvador.

AS CANDIDATAS DOS ESTADOS

Enquanto a Rádio Sociedade da Bahia afiança que apresentará uma candidata, outros Estados escolhem, as suas representantes. São Paulo, pelo menos, já se mostrou coeso em torno de Isaurinha Garcia, que, diga-se de passagem, conta com incensurável legião de apreciadores que se converterão, por certo, em votantes.

AS APURAÇÕES

A primeira contagem dos votos começou no dia 30 de dezembro, encerrando-se os cálculos em 27 deste mês, a fim de que, no "Baile do Rádio", a realizarse no dia 30, a nova "Rainha" possa receber a coroa e os títulos devidos. Uma comissão de radialistas, presidida pelo nosso diretor, Anselmo Domingos, e secretariada por Elando D. Paula, acompanha o andamento do certame, cujos proventos, já o dissemos, reverterão para a construção do Hospital do Radialista.

★ ~~~~~ ★
 Marlene, Emilinha e Dircinha Batista, três autênticas rainhas da música popular mas que resolveram não concorrer ao título deste ano.



Revista do Rádio

— 9 —

Imagem 16: Reportagem sobre as apurações dos votos para escolha da Rainha do Rádio de 1951, n. 70, 1951. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Ainda sob a emoção do resultado do pleito, Dalva de Oliveira abraça o nosso diretor Anselmo Domingos. Logo abaixo, rodeada de fans, amigas e admiradoras que foram a ABR assistir ao final das apurações



Desfecho sensacional teve o concurso para a escolha da nova Rainha do Rádio. Num ambiente de intensa expectativa, ao qual não faltaram várias surpresas, procedeu-se, sábado 27, à última apuração do certame que elegeu Dalva de Oliveira, a nova favorita dos rádio-ouvintes de todo o Brasil. Do resultado, interesse e emoções do certame, trazemos, aqui, alguns detalhes.

Logo de início do cômputo dos votos, entendeu-se que a "batalha" seria entre Dalva de Oliveira e Marilena Alves. Pelo volume dos pacotes entregues por uma e outra os prognósticos se dividiram. Aparentemente tranquila, Marilena tomava assento à mesa da contagem, enquanto que Dalva de Oliveira, chegando mais tarde e carregada em triunfo por um gru-



DALVA É A RAINHA!



po de fans, preferia "torcer" numa sala contigua. As primeiras apurações, então, foram evidenciando as hipóteses de início. Conservando a dianteira de outras apurações, Marilena alcançou, neste pôsto, a sexta urna, quando sua rival, numa "disparada" impressionante, arrebatoou-lhe o primeiro lugar. Mas, havia muito que se contar... e o concurso não estava decidido, ainda.

Já próximo do final da apuração, quando outra vez seu nome aparecia no primeiríssimo lugar Dalva de Oliveira abriu caminho entre a multidão, acompanhada de seus dois filhos, para assistir aos derradeiros instantes do certame. Foi então que os fans não se contiveram: manifestações, aplausos e abraços frenéticos partiram de todos os lugares, num desagravo público à cantora que sofria, pelos jornais, ataques e injúrias de seu ex-marido. E nesse ambiente de emoções foi que o nosso diretor, Anselmo Domin-

Contudo, a *Revista do Rádio* se interessou em publicar os acontecimentos da vida íntima de Dalva de Oliveira. Desde seus desentendimentos com Herivelto Martins ou sobre o fato de Dalva ter sido “roubada”. Como dito no capítulo anterior, um dos assuntos mais alardeados pelo semanário de Anselmo Domingos foi a separação de Dalva e Herivelto. No entanto, o que se observa é um destaque maior para a versão do segundo do que da própria rainha do rádio, que teve pouco espaço destinado, ou quando aparecia na revista, sobretudo nesse contexto de desquite, era quase sempre noticiando as tragédias ocorridas em sua vida pessoal. A exemplo do dia em que foi furtada em sua residência, a reportagem ainda destacou que

Cercada de uma porção de pessoas, Dalva de Oliveira não sabe a quem imputar e apenas se sente desolada pois, como disse a um amigo, vem sofrendo uma tenaz perseguição de inimigos gratuitos que depredam seu automóvel e até chegaram ao ponto de apedrejá-la quando deixava um cinema do subúrbio, depois de se apresentar em um festival³¹.

A revista concluiu dizendo que não faltavam motivos para, naquele período, Dalva de Oliveira se encontrar tanto nos holofotes. A impressão que tenho é que a revista não se solidarizava na mesma medida quando se tratava de outros assuntos. As letras frias da reportagem denunciavam o apedrejamento da rainha do rádio se limitaram em apenas anunciar o que ocorreu. É importante também tentar esquadrihar as imagens que são reproduzidas quando se abordava a temática de mulheres do rádio. O espaço das mulheres radiofônicas estava intimamente conectado com as formas de representações femininas de maneira mais geral. Ou seja, no universo radiofônico, as mulheres do rádio eram, principalmente, enquadradas no espectro de expectativas que a sociedade tinha sobre e para elas. E quando as mulheres enquadradas fugiam dessa lógica, o que lhes restava era, segundo o semanário, apedrejamento social.

Os anúncios, fotografias, concursos, tudo mais serviam de pontos de encontro e contato das representações femininas, que dentro do espaço radiofônico possuíam lugares muito bem delineados: cantoras, do lar, casadas, românticas, recatadas, nada que ultrapasse essas linhas.

Nas palavras de Paola Giuliana Borges, ao falar sobre a construção das imagens das cantoras na *Revista do Rádio*, comentou que

As tentativas de colocação dessas cantoras, por exemplo, como mulheres que, mesmo com uma vida profissional atribulada, estavam à procura de um casamento feliz com um homem dos sonhos eram recorrentes na publicação. A partir do momento em que o casamento acontecia, a rotina doméstica do

³¹ Revista do Rádio, n. 78, 6 de março de 1951, p. 5.

casal se tornava um dos assuntos principais da revista, que não poupava especulações sobre filhos e felicidade conjugal (BORGES, 2019, p. 74).

Esse conjunto de representações que fincavam os pés das cantoras do rádio como mulheres que estavam à procura do amor foi, exaustivamente, utilizado pelo semanário de Anselmo, sobretudo quando se descobriu que Dalva iria se casar novamente. Obviamente que a notícia foi apresentada com a cartada do “desquite”³². Como dito por Paola Borges, o ideal do casamento pesava mais nos ombros femininos, logo, a revista não deixou seus leitores e leitoras se esquecerem que sua nova rainha do rádio estava divorciada, caminhando para um segundo relacionamento, o que certamente não era bem-visto aos olhos conservadores da *Revista do Rádio*.

As desventuras de Dalva não passaram nenhum pouco despercebidas pelos editores do periódico, que perseguiram todas as infelicidades vividas pela majestade radiofônica. Uma delas foi o dia em que foi autuada pela polícia do Rio de Janeiro por dirigir sem a devida habilitação. A mesma, de acordo com a reportagem, tentou utilizar o título de “rainha do rádio” para livrar-se da multa. Seguindo a notícia,

Diante das declarações da estrela o guarda adiantou então que ela estava convidada a comparecer diante do comissário de serviço para ser autuada. Conforme afirmou na delegacia, o guarda em questão, Dalva teria ainda promovido um grande escândalo na via pública, demonstrando estar, talvez, alcoolizada. No auge da discussão que se originou entre o representante do Major Côrtes e a cantora, ela teria tentado suborná-lo e o policial não viu outra solução senão prendê-la por desacato e tentativa de suborno!³³

Duas questões são dignas de nota: a primeira é que a notícia supracitada se encontra logo na quinta página, o que revela o interesse da revista em noticiar de imediato o que estava ocorrendo na vida pessoal de Dalva. Ou seja, de todas as possíveis escolhas, esta saltou os olhos de um semanário que não deixava nenhum burburinho radiofônico passar, sobretudo no que dizia respeito à vida das damas do rádio. Dalva de Oliveira, que na época estava lutando judicialmente pela guarda de seus filhos, teve suas ações completamente expostas pelo semanário de Anselmo. E segundo, houve a cogitação de que ela estava alcoolizada, o que poderia piorar ainda mais a situação de Dalva perante a Justiça Criminal. A suposição de embriaguez não é feita de maneira ingênua. Houve, talvez, uma tentativa de enquadrar uma suposta representação feminina: já que ela se encontrava “desquitada”, e nas vésperas de casar-

³² Revista do Rádio, n. 112, O título da reportagem foi “O novo casamento de Dalva de Oliveira, depois do desquite”, 30 de outubro de 1951, p. 10

³³ Revista do Rádio, n. 83, 10 de abril de 1951, p. 5

se novamente, sua vida tinha que ser “representada” como infeliz, sem rumo ou norte, embriagada.

Ora, as precisões que sustentavam essas imagens das mulheres nos anos 1950 encontravam guarida na realidade, e jorravam em abundância nas páginas da *Revista do Rádio*. Mulheres românticas, à procura de seu par, e quando não, estavam abandonadas à própria sorte. No caso de Dalva, mesmo sendo a rainha do rádio, emplacando canções que marcaram sua carreira, o que a revista escolheu apresentar foi a outra face, o oposto, que coadunava diretamente com as imposições para mulheres: se não estiverem casadas ou solteiras, não estavam plenamente felizes. Dalva de Oliveira teve que pagar uma multa, e a notícia se encerra dizendo que o caso seria julgado pela Justiça Criminal do Rio de Janeiro, sendo que o título que “Dalva de Oliveira foi presa”, claro, com a proposta de chamar mais atenção dos leitores e leitoras, ávidos por saber o que estava ocorrendo com sua majestade, a revista acabou mobilizando uma série de representações sobre e para as mulheres, as mesmas que leriam a reportagem e seriam, assim, incentivadas a não seguirem os mesmos tortuosos caminhos da então rainha do rádio.

Porém, minha hipótese é de que, ao mesmo tempo em que a revista depreciava e limitava as imagens femininas do rádio, também eram apresentadas o vocabulário cultural e político no qual o periódico estava inserido. Um conjunto de palavras eram mobilizadas no semanário para tratar, por exemplo, do concurso que elegeu Dalva e Marlene. Nas palavras de Castro Faria, cronista radiofônico,

Com a proximidade do desfecho do certame de 1948 para a eleição da “Rainha do Rádio”, as lutas eleitorais de Emilinha e Marlene criaram um ambiente de verdadeira animosidade entre as duas estrelas, animosidade que aumentou com a interferência das fãs de ambas a ponto de, no dia da coroação de Marlene, Emilinha ter se negado a abraçar a colega vitoriosa! Tempos depois, elementos do rádio, tendo à frente Manoel Barcelos, conseguiram aproximar as duas cantoras.³⁴

Conforme a citação acima, as “lutas eleitorais” causaram um clima de animosidade entre Emilinha Borba e Marlene, visto que, foi a segunda que venceu o concurso de 1948. Ora, o que se observa é que a linguagem política do certame era, em níveis razoáveis, semelhante às disputas eleitorais no cenário político nacional. Ademais, novamente, o Brasil vivenciava uma “experiência democrática”, e o exercício democrático de votar em seu representante, as “lutas eleitorais”, os “fãs”, que também eram eleitores, detentores do poder democrático, escolhiam

³⁴ Revista do Rádio, n. 87, 8 de maio de 1951, p. 20.

suas rainhas, no plano radiofônico, e, presidentes, governadores, prefeitos etc. Ainda que as motivações fossem, por uma questão lógica, distintas, o ato de votar, eleger, evoca uma prática democrática, que no limite, ensaiava o que ocorria nas outras esferas em que o voto também se fazia importante na República que se colocava, naquele período, sem os ares ditatoriais varguistas dos anos 30.

Respectivamente, as ganhadoras do concurso que escolhia a Rainha do Rádio, nos anos 1952, 1953 e 1954 foram: Mary Gonçalves, Emilinha Borba e Ângela Maria. A revista, que nos dois primeiros certames, promovidos pela A.B.R., se prontificou a ser o principal divulgador do concurso, incentivando seus leitores e leitoras a votarem em suas candidatas, deixando espaços recortáveis nas páginas, podendo ser endereçadas para a revista, nos anos que se passaram, Anselmo e seu periódico limitaram-se a apresentar as principais notícias sobre o assunto. Ou seja, o que observei foi um certo distanciamento do periódico em relação ao concurso. E ao mesmo tempo, na mesma medida, a revista continuava ajustando as imagens das mulheres do rádio: estampava fotografias “sensuais” das candidatas, insistia na ideia de disputa e concorrência feminina, o que não destoava da “moral dos anos 50”.

Não se pode esquecer que a *Revista do Rádio* não era um semanário que se pretendia ser uma “revista política”. Mas é plausível supor que ao falar sobre o universo dos radialistas, a revista e seus editores e colunistas faziam escolhas políticas que não deixavam escapar quando escreviam reportagens e editoriais. Porém, ainda assim, ela não deixa de ser encarada como uma revista que buscava mais de perto a vida pessoal e profissional dos radialistas.

Outrossim, o semanário possuía certo interesse em “enquadrar” o lugar pertencente às mulheres do rádio, ao contrário dos homens radialistas, que eram considerados os “campeões do microfone”. Ou seja, quando os homens do rádio se candidataram para cargos políticos, em quaisquer esferas, não eram questionados pela revista sobre seus desamores ou desilusões pessoais. Diferentemente, as mulheres do rádio, ainda que fossem candidatas e trabalhassem não apenas no rádio e tivessem uma sólida carreira profissional no mundo radiofônico, elas quase sempre eram colocadas em representações veiculadas ao lar e à família.

Na medida em que se entende que a classe dos radialistas, por mais democrática que fosse ou agisse, não se distanciava dos valores patriarcais e conservadores que regiam, em maior ou menor grau, as relações sociais daquele período. E neste contexto, a *Revista do Rádio* não tinha por proposta subverter estes valores. Pelo contrário, fazia questão de dar ênfase à vida conjugal e familiar das cantoras de rádio. Sobre essa questão, Paola Giuliana Borges ressalta que,

A análise dos exemplares da Revista do Rádio publicados durante toda a

década de 1950 comprova que, além de não haver intencionalidades transgressoras nos discursos da cantora nas diversas matérias realizadas com ela, a própria revista procurava não dar margem a esse tipo de possibilidade [...] As matérias da publicação sobre seu segundo casamento, que se tornaram tão recorrentes quanto haviam sido as reportagens sobre seu desquite, mostravam exatamente essa Dalva de Oliveira romântica e sonhadora à procura da felicidade conjugal (BORGES, 2017, p. 6).

Paola Borges também comenta que as representações femininas engendradas pela revista contribuíam para a manutenção das idealizações que se tinha sobre os espaços que as mulheres poderiam ocupar na sociedade. Isto quer dizer que as cantoras e radialistas poderiam ser bem-sucedidas na carreira profissional, desde que também estivessem com sua vida pessoal “bem resolvida”. E ainda que obtivesse êxito em suas profissões, como no caso de Dalva de Oliveira, as mulheres e cantoras do rádio eram demarcadas e representadas na Revista como exemplos ou não a serem seguidos pelas leitoras do semanário.

Porém, houve uma cantora que perseguiu o caminho contrário às expectativas e representações da própria revista que divulgava seu nome como “a estrela morena”. Eladir Porto, cantora de boleros e tangos argentinos, não usava sua voz para somente cantar no rádio; ela também era uma assídua participante da política, principalmente nos anos 1950, onde retorna ao Brasil para, segundo o semanário, “trabalhar pela volta de Getúlio” à Presidência da República. No tópico a seguir, irei apresentar como a revista estampou a trajetória e as ações políticas promovidas por Eladir nos “anos dourados” do rádio brasileiro.

2.2. Mulheres do rádio também fazem política: o caso de Eladir Porto

Embora a *Revista do Rádio* enquadrasse as mulheres do microfone determinados aspectos morais, alinhadas ao lar, casamento, família, houve algumas que se destacaram no periódico por ter outros atributos. Foi o caso de Eladir Porto, cantora de rádio, que no contexto aqui estudado estava, segundo o semanário, passando uma temporada na Argentina, mas que retornara ao Brasil para ser uma das mais importantes “cabos eleitorais” na campanha de Vargas para presidência. Seu adjetivo na revista era “Estrela Morena”, cantava e encantava os ouvintes com seus boleros e tangos. Porém, também foi uma assídua participante da campanha varguista, fazendo política e, de alguma forma, destoando das representações engendradas pelo periódico de Anselmo.

A revista tão logo realizou uma entrevista com a cantora assim que chegou ao Brasil. Indagada se retornaria para Argentina, Eladir respondeu que “penso, realmente, em voltar à Argentina. Não agora, pois, como boa brasileira, cônica dos seus deveres cívicos, esperarei as

eleições de outubro vindouro, para votar em Getúlio Vargas ou Adhemar de Barros”³⁵. O vocabulário da cantora, bastante preciso, direto, politicamente distinto dos que costumeiramente são apresentados pela revista, como dito anteriormente, ia na contramão das representações formuladas pelo próprio periódico que, ao mesmo tempo, não deixou de estampar as opiniões e os feitos de Eladir Porto no contexto da campanha de Vargas em 1950. Na mesma entrevista, a cantora revelou que iria gravar uma marchinha para a campanha getulista.

Ao que tudo indica, o periódico era timidamente favorável ao retorno de Getúlio. Não houve um posicionamento aberto e formalizado, porém, era notório que a revista se interessava em dar mais espaço para artistas de rádio que fossem getulistas. Foi o caso de Eladir. Em quase todas as vezes que a “estrela morena” aparecia no periódico, ela deixava bem claro em qual candidato votaria para presidência. Em uma reportagem que a revista fez com inúmeros artistas, sob o título “O rádio está com Getúlio?”, Eladir Porto

lança um apelo aos artistas de rádio que sejam admiradores de Getúlio Vargas para que todos, congregados, trabalhem pela vitória dele. A simpática artista está desenvolvendo suas atividades políticas no escritório eleitoral do Dr. Lutero Vargas [...] No próximo número publicaremos a letra da Marcha “V de Vargas” de Sá Roris, que Eladir Porto vem cantando com grande sucesso³⁶

Na mesma reportagem, foi mencionada a forma como Eladir estava “trabalhando” para o retorno de Vargas, qual seja, emprestando sua voz, organizando shows e comícios, utilizando as páginas da revista para pedir aos artistas de rádio que tornassem admiradores de Getúlio. Creio que essa relação poderia ser considerada aquilo que mais aproximou o rádio da política. Ora, como venho defendendo desde as primeiras páginas do presente trabalho, a *Revista do Rádio* não pode ser considerada apenas como uma espécie de arsenal de amenidades, sobrevivendo de noticiar a vida privada de artistas de rádio.

Pelo contrário, o periódico evidenciou as posições, visões e as linguagens políticas da classe pela qual se colocava como porta-voz. No caso da Eladir não foi diferente. Porém, o que se observa é uma combinação: ao mesmo tempo que a revista externalizava o trabalho político de Eladir Porto, o periódico também fazia questão de elogiar os aspectos físicos da cantora. Numa edição ainda do período da campanha presidencial, a revista estampou que

Na azáfama tremenda do escritório central do Comitê Pró Getúlio Vargas, no

³⁵ Revista do Rádio, n. 28, 25 de maio de 1950, p. 17.

³⁶ Revista do Rádio, n. 37, 23 de maio de 1950, p.38.

burburinho dos partidários mais distintos, entre pacotes de cédulas, fotografias de candidatos e cartazes coloridos, lá está ela, a morena dos olhos tentadores e linhas suaves, num vai-e-vem apaixonante, indo ao microfone, cuidando da campanha de donativos, orientando seções, ouvindo, falando dos mais variados problemas. Essa criatura dinâmica, de olhar cintilante e gestos democráticos, essa figura magnífica de militante idealista, chama-se: Eladir Porto. Sim, meus amigos, essa mesma Eladir Porto, estrela do nosso rádio, intérprete maliciosa do samba, a quem já nos acostumamos a aplaudir.³⁷

A configuração imagética de Eladir Porto, se comparada às demais artistas de rádio, era integralmente diferenciada, pelo menos por duas razões supracitadas no trecho: na grande maioria dos casos em que a revista falava sobre as mulheres do rádio, quase sempre, suas opiniões e opções políticas não eram levadas em consideração. Na esmagadora maioria, as imagens, menções e fotografias das mulheres radiofônicas exaltavam curvas e corpos. Quase não havia espaços para que elas dissessem em qual candidato apoiavam, por exemplo. Este não era o caso de Eladir Porto, em que apesar de ter seus “olhos tentadores e linhas suaves” destacados pela notícia, também foram observados os “gestos democráticos”. Outra questão diz respeito às formas como Eladir é apresentada, fugindo de uma lógica depreciativa, quase respeitosa, até mesmo poética, um “vai e vem” que, aos olhos da revista, era “apaixonante”. A revista de Anselmo Domingos parecia ter um carinho especial para com Eladir Porto, que não mediu esforços em usar e abusar do espaço das páginas de sua revista para fazer campanha política.

Ainda que este não seja o capítulo em que me deterei em esquadrihar as relações entre Vargas e o rádio, fica nítido, em se tratando das reportagens e entrevistas de Eladir Porto para revista, que sua presença marcante na campanha presidencial de Getúlio talvez fosse bem explorada pelo semanário pelo simples fato de se tratar de Vargas. Ou seja, duas figuras que Anselmo provavelmente tinha certo apreço, Vargas e Eladir, juntos sendo estampadas nas mesmas páginas; fotografias de Getúlio com a “estrela morena”, a marchinha sendo divulgada pela revista. A revista simpatizava pela “voz penetrante”, tanto de Eladir, quanto também de Vargas. Ainda sobre a cantora, o periódico mencionava que

Ela vem sendo a trabalhista de todas as horas. Está sempre à frente da organização dos “shows” artísticos, comparece a todos os comícios, sobe os morros e envereda pelas favelas humildes, falando entusiasticamente às populações mais necessitadas, levando-lhes conforto da perspectiva de um Brasil melhor. Quando vocês ouvirem pelo alto-falante de uma caminhonete do PTB, que percorre a cidade, uma voz feminina, penetrante e incisiva, [...] o nome de Getúlio Vargas, por mais incrível que parece, essa voz é ainda a

³⁷ Revista do Rádio, n. 55, 26 de setembro de 1950, p. 38.

voz incansável da estrela morena Eladir Porto³⁸.

Cabe salientar que, novamente, a imagem forjada de Eladir nas páginas do semanário destoava completamente de todas as outras artistas femininas. Ainda que evocasse a tonalidade de sua pele ou das características marcantes de sua voz, ela era encarada também como uma “trabalhista” de todas as horas. Política e universo radiofônico, imbricados nas ações de uma personagem atuante e completamente ativa no então cenário de retorno de Getúlio ao poder. Bem quista no periódico radiofônico, ao que parece, Eladir Porto liderava e coordenava uma campanha esplendorosa. Conectado com a situação política do período, o semanário faz questão de mencionar que Eladir Porto falava para a multidão sob a perspectiva de um “Brasil melhor”. Ora, Vargas se colocava naquele dado contexto como a saída e a solução para os problemas econômicos enfrentados pelo país desde a redemocratização de 45. Eladir fornecia um claro exemplo de como a classe dos radialistas pensava e agia politicamente, não somente preocupados com sua vida artística, mas com as questões políticas e sociais de seu tempo.

Além da marchinha cantada por Eladir, a revista também publicou uma série de fotografias da cantora “trabalhando” piamente na campanha getulista. Na edição 55, a artista é flagrada fazendo um sinal “V” com os dedos, símbolo da campanha varguista. Ao fundo, é possível ver um cartaz gigantesco de Getúlio Vargas. O semanário mencionou o fato de que a cantora praticamente abandonou sua carreira para se dedicar ao retorno do “velho outra vez”. Trabalhista de todas as horas, getulista de corpo e alma.

³⁸ Revista do Rádio, 1950, n. 55, p. 38

★
ELADIR PÓRTO

TRABALHA PELA VITÓRIA DE GETÚLIO

A ESTRELA MORENA DO RÁDIO E A SUA CAMPANHA PRÓ GETÚLIO – LOCUTORA DE PRAÇA PÚBLICA E ORADORA POLÍTICA – UMA EXPRESSÃO RADIOFÔNICA E UMA VONTADE INABALÁVEL

★
Texto de Manézinho Araújo

Na azáfama tremenda do escritório central do Comitê Pró Getúlio Vargas, no borborinho dos partidários mais distintos, entre pacotes de cédulas, fotografias de candidatos e cartazes coloridos, lá está ela, a morena de olhos tentadores e linhas suaves, num vai-e-vem apaixonante, indo ao microfone, cui-

dando da campanha de donativos, orientando seções, ouvindo, falando, numa preocupação constante dos mais variados problemas.

Essa criatura dinâmica, de olhar cintilante e gestos democráticos, essa figura magnífica de militante idealista, chama-se: Eladir Pórtó. Sim,

meus amigos, essa mesma Eladir Pórtó, estrela do nosso rádio, intérprete maliciosa do samba, a quem já nos acostumamos a aplaudir.

Se, inspirada pelo ideal artístico, na sua interpretação o samba ganha requintes primorosos de brasilidade, as palavras elevam-se ao grau mais



Ao lado de um painel onde figura destacadamente o retrato do senador Getúlio Vargas, Eladir Pórtó faz o clássico V da Vitória. Ela é tão devotada à causa trabalhista que abandonou até a sua carreira artística para trabalhar pela eleição de Getúlio.

Imagem 18: Notícia sobre o apoio de Eladir Porto à campanha presidencial de Vargas em 1950, n. 55, 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Após a vitória de Getúlio, eleito democraticamente para presidente em 1950, a revista seguiu comentando sobre o assunto, destacando a participação de artistas de rádio na campanha de Vargas. Dentre os destaques, a figura de Eladir Porto não desapareceu das páginas revisteiras de Anselmo. Em fevereiro de 1951, a cantora concedeu uma entrevista. Entre as perguntas, foi indagado qual o motivo pelo qual a artista era tão admiradora do então presidente. Ela respondeu que

Em 1945, quando Dutra tomou posse, eu trabalhava na Rádio Nacional. Nessa época já tinha certeza de que Getúlio Vargas se candidataria à Presidente da República em 1950, voltando ao Catete e nunca escondi o meu ponto de vista. E, claro que pouca gente compartilhava de minha opinião e, depois de uma série de incidentes, vi-me forçada a arrumar minhas malas e seguir para a Argentina. Por quê? Apenas em virtude de ser getulista. Quatro anos depois, voltei ao Brasil e ofereci os meus préstimos ao PTB para lutar pela volta de Getúlio Vargas.³⁹

Eladir, assim como, provavelmente, tantas outras artistas femininas do rádio, possuía uma nítida preferência política: no caso, ela se considerava “getulista”. Diferentemente de outras mulheres, a revista de Anselmo não fazia nenhum esforço para coibir a visão política de Eladir Porto. Digo isto, pois, em diversas outras entrevistas com artistas mulheres, o periódico sempre enfocava questões de cunho pessoal. Já para a “estrela morena”, o trato era outro. Como demonstrado acima, o que motivou Eladir a sair do país com a queda do Estado Novo e o início do governo Dutra foi o fato de que suas opiniões e posturas políticas não seriam mais bem-vindas, talvez também em seu ambiente de trabalho.

Ela saiu da Rádio Nacional, emissora que se tornara “estatal” nos anos getulistas. A volta de Eladir Porto foi celebrada no periódico, além de suas ações em prol da campanha varguista de 1950 não serem mascaradas, pelo contrário, veementemente exploradas nas páginas radiofônicas, revela o quanto que Eladir Porto era bem-vista no meio radiofônico. A cantora, na mesma entrevista ainda comentou que

Lutava eu sozinha, encontrando pouco apoio de meus colegas, quando soube que Ari Vizeu também era getulista e estava disposto ao combate pelo PTB. Entramos em contato e enquanto eu visitava os bairros, numa caminhonete do PTB, enfrentando as maiores dificuldades, pois até mesmo um alto-falante foi um sacrifício para instalar, contando somente com o apoio do povo. Ari Vizeu batalhava pelo microfone da PRC-8, também grandemente prejudicado.⁴⁰

³⁹ Revista do Rádio, n. 77, 27 de fevereiro de 1951, p. 22.

⁴⁰ Revista do Rádio, n. 77, 27 de fevereiro de 1951, p. 23.

A cantora revelou pontos importantes a respeito das formas em que artistas de rádio se envolveram com a política: primeiro, usando a própria voz, literalmente, em duas frentes, qual seja, a de visita aos bairros, ou utilizando as estações de rádio para fazer campanha. Foi o caso de Ari Vizeu, colega radialista de Eladir Porto, que junto com a cantora, fez de sua voz o instrumento político para o retorno de Vargas ao poder. Repare que Eladir nomeia a forma de fazer campanha como “batalha” através do microfone, que era prejudicado pela própria emissora de rádio, que ou não era getulista, ou queria que sua estação fosse “neutra”. Porém, é interessante observar que os movimentos que os artistas de rádio tinham iam muito além da maneira como a revista os retratava, e que o mesmo periódico deixava escapar, ainda que de forma esparsa, as posturas políticas dos artistas de rádio.

A *Revista do Rádio* reportou ainda em 1951, a volta de Eladir Porto para Rádio Nacional. É curioso o fato de que no mesmo contexto de retorno à presidência o candidato que a “estrela morena” fez assídua campanha, foi também a mesma época em que ela retoma suas atividades artísticas, visto que passou quase um ano trabalhando na campanha getulista. Segundo a reportagem,

Depois de uma ausência de quase seis anos, Eladir Porto voltou, afinal, ao contato com seus fãs brasileiros. Deixando a Rádio Nacional em 1945, a cantora morena foi para a Argentina, conquistando, ali, sucesso absoluto. Getulista ferrenha, ela voltou ao Rio quando do lançamento da candidatura do líder trabalhista à Presidência da República, participando, ativamente, da propaganda eleitoral. Vitoriosa a campanha que abraçara com entusiasmo indescritível, Eladir voltou à sua condição artística, ingressando na mesma emissora que alcançara grandes sucessos de alguns anos [...] Entre as altas autoridades presentes ao seu programa, notavam-se, inclusive, e representante do Presidente da República, o senador Alencastro Guimarães, Comissões do Catete, da Câmara etc.⁴¹

⁴¹ Revista do Rádio, n. 104, 1951, p. 19.



ESPETACULAR A VOLTA DE ELADIR PORTO À RÁDIO NACIONAL!

Depois de uma ausência de quase seis anos, Eladir Porto voltou, afinal, ao contacto com os seus fans brasileiros. Deixando a Rádio Nacional em 1945, a cantora morena foi para a Argentina, conquistando, ali, sucesso absoluto. Getulista ferrenha, ela voltou ao Rio quando do lançamento da candidatura do líder trabalhista à Presidência da República, participando, ativamente, da propaganda eleitoral. Vitoriosa a campanha que abraçara com entusiasmo indescritível, Eladir voltou à sua condição artística, ingressando na mesma emissora que alcançara os grandes sucessos de há alguns anos. Sua reaparição na PRE-8, por isso mesmo, cercou-se de um enorme carinho dos

fans, que ansiavam pela sua volta, e que não regateou aplausos ao seu regresso ao microfone!

Eladir fez "reentrêe" no programa "Gente que Brilha"; escrito pelo Paulo Roberto, num dia em que o auditório da Rádio Nacional parecia estourar de público! Entre as altas au-

toridades presentes ao seu programa, notavam-se, inclusive, o representante do Presidente da República, o senador Alencastre Guimarães, Comissões do Cate, da Câmara, etc. Eladir, simpática e talentosa, soube fazer admiradores e fans entusiastas, de todas as camadas sociais. Nos clichês, diversos flagrantes de sua reaparição na PRE-8.

QUASE ESGOTADO!

Teve a melhor das acolhidas, por parte dos leitores, o livro que Nestor de Holanda escreveu, glosando as "gaffes" mais singulares do rádio. Apesar de sua grande tiragem, esta edição da REVISTA DO RÁDIO já se encontra quase esgotada, sobrando poucos exemplares nos jornaleiros de todo o Brasil. Os próprios artistas do microfone receberam o livro com extraordinária simpatia, sorrindo com as suas histórias curiosas e realmente engraçadas. Jorge Veiga, que aparece nas "Anedotas do Rádio", tornou-se um dos maiores fans do livro de Nestor de Holanda — mostrando-nos do seu entusiasmo, na gravura, ao lado do autor e de Julie Joy, outra que não regateou boas gargalhadas ao livro, mais querido do que o



REVISTA DO RÁDIO

Imagem 19: Reportagem sobre o retorno de Eladir Porto à Rádio Nacional, n. 146, 1952. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Será que a “estrela morena” foi movida por interesses pessoais? Será que Eladir era realmente a “trabalhista de todas as horas”? O que é possível retirar do que foi reportado pela revista é que houve, nesses casos, dois retornos triunfais e dignos de nota para a revista de Anselmo: a de Vargas para presidência e a de Eladir Porto para Rádio Nacional. Getulista ferrenha, Eladir Porto, ao que tudo indica, foi generosamente recompensada por ter se envolvido na campanha vitoriosa de Vargas em 1950. Ela retornou para a mesma emissora em que emplacou grandes sucessos de sua carreira. A Rádio Nacional, segundo Dóris Fagundes Haussen (1997), era uma empresa “privada”, porém, por conta de um decreto promulgado por Vargas em 1940, ela passou a pertencer ao patrimônio da União. A partir daquele momento, o diretor da Rádio Nacional era escolhido pelo presidente da República. Getúlio, ao retornar para presidência, colocou Vitor Costa como diretor da Nacional. No mesmo ano em que Vitor assumiu a diretoria, Eladir voltou triunfante para o *mainstream* da maior emissora de rádio daquele período.

No desenrolar do tempo, mais especificamente durante o segundo governo Vargas, Eladir Porto foi se distanciando do PTB, e a revista, que dava amplo espaço para cantora, foi também, aos poucos, deixando de falar sobre Eladir ou de seus feitos. Notícias pontuais foram estampadas, mas nada comparado às variedades de reportagens e fotografias durante a campanha presidencial. No entanto, permaneceu padrão semelhante, qual seja, de estampar sobre as preferências políticas de Eladir, que foi se movendo para a esfera de contraposição em relação ao governo varguista. A primeira vez que foi mencionado sobre a questão foi na seção *Rua da Pimenta*, em que foi dito o seguinte, “Ouvi dizer que Eladir Porto deixou o PTB e ingressou no PSD. Que decepção teve a cantora para assumir tal atitude? E como se perde assim, sem mais nem menos, um elemento do valor dela?”⁴².

Getúlio, ao retornar ao poder, enfrentou um cenário completamente oposto ao dos anos 1930, o que acarretou um governo marcado por crises e dissidências. A postura de Eladir, afastando-se da legenda petebista, refletia o descontentamento, não só dela, mas também de alguns tantos outros radialistas, cada vez mais afastada de Vargas. Eladir não somente se afastou de Vargas, como também se lançaria para a vereança da cidade do Rio de Janeiro. A revista comentou que “Eladir Porto, concorrerá às eleições municipais em 54. A cantora da Rádio Nacional disputará um assento no legislativo carioca, na chapa do Partido Democrata Cristão. Com as simpatias e popularidade que desfruta é certo que será eleita vereadora”⁴³.

Algo de uma representação feminina de artistas radiofônicas não se encaixava com o

⁴² Revista do Rádio, n. 146, 24 de junho de 1952, p. 16.

⁴³ Revista do Rádio, n. 214, 13 de outubro de 1953, p.8.

que era noticiado sobre Eladir. A exemplo do trecho acima, publicado um ano antes das eleições municipais, as adjetivações para a cantora (simpatia e popularidade), segundo o periódico, poderiam ser o suficiente para que ela vencesse o pleito. A revista, ao falar de artistas de rádio que concorriam a cargos políticos, quase sempre falava de bom tom, até mesmo sugerindo que estes (ou estas) fossem os candidatos de seus leitores e leitoras. O mesmo ocorreu com Eladir. No entanto, o que antes eram três páginas, num outro contexto, mais ao final do segundo governo Vargas, a revista limitou em apenas comentar em uma pequena caixa de texto, sem dar muito destaque. Mas, é significativo o fato de que a “estrela morena” era estampada como uma mulher, artista de rádio, que se interessava pela política. Quase não há menções sobre seu corpo, vida íntima, casamento. A revista, ao se debruçar sobre a figura de Eladir, a colocou em um lugar diferente das demais: uma artista que gostava tanto de política, a ponto dela mesmo se candidatar para o cargo de vereadora.

Outras duas notícias sobre Eladir, dentro do recorte temporal para este trabalho, dizem respeito ao fato de que ela, ao se lançar para carreira política, afastou-se da Rádio Nacional, além também da revista ter comentado sobre as propostas de sua candidatura,

Eladir Porto – Foi uma vigorosa batalhadora pelo PTB nas eleições passadas e hoje, desiludida dos políticos daquele partido, lança-se à luta novamente como candidata. Nacionalização das riquezas nossas, cumprindo finalmente o programa. Ser contra a exploração de qualquer forma, para bem da coletividade. Candidata pelo PSB (REVISTA DO RÁDIO, 12 de junho de 1954, n. 248, p. 27).

Esta foi a última menção ao nome de Eladir, pelo menos até o final do ano de 1954. Ela se candidatou por um partido distante da órbita getulista, porém, as bandeiras que levantava em muito se alinhavam ao projeto trabalhista, sobretudo no que dizia respeito à “nacionalização das riquezas”, ou de ser contra a exploração de todas as formas, além do signo “coletividade”, que remeteria ao espectro mais progressista, longe de qualquer esfera do partido de oposição ao varguismo, como a UDN, por exemplo. A revista mencionou a desilusão que fez com que Eladir Porto se afastasse do PTB, não propriamente por causa de Getúlio, mas por causa “dos políticos daquele partido”.

Embora não seja possível expor que a totalidade das representações femininas engendradas na e pela *Revista do Rádio* sejam semelhantes àquelas que foram para Eladir Porto, de alguma forma o semanário conservador de Anselmo Domingos deixou escapar, de maneira pontual e específica, outras configurações imagéticas sobre as mulheres daquele período. Eladir, estrela morena, trabalhista de todas as horas, interessada por política dos pés à cabeça

foi, de tantas outras, uma artista feminina que mais caminhou na contramão da “mulher romântica” ou somente “do lar”. Claro, a visão hegemônica do semanário radialista era essa, qual seja, de mulheres recatadas, porém, a fresta que se vê no fim do túnel através da luz da “estrela morena” revela mais do que as imagens mobilizadas pela revista. No próximo capítulo, ainda no intuito de encarar o periódico para além das amenidades, discutirei as linguagens, tradições e culturas políticas apresentadas no semanário radiofônico

CAPÍTULO III - UM SEMANÁRIO “TRABALHISTA”? Tradições, linguagens e culturas políticas da/na *Revista do Rádio*

A *Revista do Rádio*, muito embora tenha se dedicado integralmente tratar de assuntos do universo radiofônico, não deixou também de participar dos debates políticos, apresentando, publicando as opiniões e visões dos artistas e radialistas, principalmente quando em períodos eleitorais, sobretudo nos anos 1950. Nossa proposição é de que, ao informar sobre os assuntos políticos, os editores da *Revista do Rádio* estampavam suas tradições, linguagens e culturas políticas sob as quais estavam alinhadas. Estes homens e mulheres, os “trabalhadores do rádio” e sujeitos de seu tempo, não se colocavam como alheios ou indiferentes às questões políticas da época, seja no âmbito interno aos radialistas, seja para além do rádio. Pois “falar de política é uma coisa tão natural para um elemento de rádio como falar sobre o rádio para um elemento da política!”⁴⁴.

Ao longo dos números publicados pela revista, é factível a presença de discussões e orientações políticas adotadas pelos editores e escritores do semanário. Porém, as formas como eram retratadas as questões passavam por uma “linguagem radiofônica”, específica da classe dos radialistas, que ao mesmo tempo, selecionava certos aspectos do que chamaremos aqui de “linguagem política do trabalhismo”, porém, que não se limitava a esta. As ações que serão analisadas através dos números da revista revelam a maneira como o trabalhismo de Vargas foi alargado, deixando apenas de ser uma “invenção” engendrada na ditadura do Estado Novo, mas tomando outros contornos políticos dentro do universo radiofônico e da própria Revista.

Partindo do pressuposto de que o semanário, em conjunto com a classe dos radialistas, estavam inseridos em uma linguagem política trabalhista e por ela constituindo e moldando suas ações políticas, analisarei dois casos que foram amplamente estampados na Revista: a estruturação da Associação Brasileira de Rádio (A.B.R.) e a criação de um Sindicato dos Radialistas. Dois órgãos que, segundo a revista, foram ações que visavam à união da “classe radiofônica”, o que também veremos, estava em sintonia com o que era de mais basilar no trabalhismo varguista.

⁴⁴ Revista do Rádio, n. 28, março de 1950, p. 15.

3.1. Associação Brasileira de Rádio, um órgão de (primeira) classe

A Associação Brasileira de Rádio foi fundada em 1944. Ali no alvorecer da República Democrática, surgia uma organização que tinha por pretensão ser um agregador dos membros dessa mesma classe, que segundo a *Revista do Rádio*, “na boca do povo tudo era bom, menos o pessoal do rádio. A designação generalizada da ‘gente do rádio’ tinha um sentido pejorativo”⁴⁵. Logo, nesse período, falar de uma associação que representasse o que o periódico denominava de “trabalhadores do rádio”, era algo impensável. Assim, em uma reunião com diversos radialistas, em 1944, foi criada a A.B.R. que, sob as palavras de Anselmo, seria o órgão “mais ideal da classe” dos radialistas. E é partindo desses pressupostos que será discutido ao longo do presente capítulo sobre as ações, motivações e projetos da A.B.R. na e para a classe dos radialistas.

A *Revista do Rádio* se colocou no papel de informar aos seus leitores, obviamente formado também por radialistas, cantores, artistas, enfim, “gente do rádio”, sobre os feitos, propostas e ações da A.B.R. Não à toa, o próprio editor-chefe, na primeira edição, teceu as seguintes palavras, “já temos enfim o que se pode chamar um órgão da classe. Resta que todos nós cooperemos. Não se compreende um radialista fora da associação”⁴⁶. Segundo a perspectiva do então periódico, os radialistas, que agora possuíam finalmente um “órgão da classe”, deveriam também fazer sua parte em “cooperar”, tornar-se membro, visto que não se compreendia um radialista fora dela.

No entanto, gostaria de iniciar precisamente este tópico pensando os radialistas como uma classe. E para subsidiar nossa compreensão dos radialistas enquanto classe social, perfilarei a partir da maneira como a própria revista construiu essa noção. Os radialistas retratados no periódico, primeiramente, se enxergavam enquanto classe, ou pelo menos, houve um grande esforço regido pela *Revista do Rádio* em formular este sentimento entre os pares. Seguidamente, o próprio semanário apresentou diversas entrevistas com radialistas nas quais eles também se referiam à “classe radialista”, ou aos “trabalhadores do rádio”, o que revela a maneira como se enxerga enquanto tal. Partindo do pressuposto de que podemos encarar os radialistas como classe, circunscrevem-se também as práticas e ações que visavam, principalmente, á concretização de suas vontades e anseios. Ora, os radialistas vivenciaram experiências que são comuns entre eles, sobretudo as transformações técnicas e de programação que o rádio

⁴⁵ Revista do Rádio, n. 65, 5 de dezembro de 1950, p. 30.

⁴⁶ Revista do Rádio, n. 1, fevereiro de 1948, p. 3.

atravessou durante o período aqui delimitado. Outrossim, enquanto esta classe estava “se fazendo”, eles reconheciam entre si as demandas que diziam respeito aos radialistas, e quais formas de organização (e associação) melhor poderiam atender a estas respectivas demandas.

No entanto, o que os editoriais da revista demonstravam é que, no final dos anos 1940, segundo as palavras de Anselmo Domingos, a classe dos radialistas era composta por uma desunião generalizada. O desapontamento por parte do semanário em relação à falta de união entre os radialistas era um dos pontos diretamente explorados pelo editor-chefe. Perseguindo as edições, houve o reconhecimento de que existia sim uma classe de radialistas, mas que estava plenamente desunida. Prova disto era pouca adesão entre eles à A.B.R., que segundo Anselmo Domingos, queria “cooperar do lado de fora”. Nas palavras do editor-chefe,

Não vamos ao ponto de elevar a Associação Brasileira de Rádio o órgão perfeito e ideal da classe [...] O maior mal dos radialistas é a desunião. Sabem que existe uma sociedade da classe – boa ou má – e ao invés de nela se congregarem para a fortalecer e conduzir aos seus verdadeiros rumos, preferem fazer política menos recomendável, qual seja a de combater de fora, sem construir, sem cooperar, sem dar um pouco do seu trabalho, da sua parcela imprescindível [...] A prova está em que no mês findo a A.B.R. comemorou mais um aniversário de fundação e raríssimos radialistas souberam disso. É uma lástima.⁴⁷

Em mais um editorial, já nas primeiras páginas, Anselmo Domingos dedicou-se a tratar sobre o assunto da A.B.R., no sentido de destinar certa dose de culpa do insucesso e da falta de organicidade dela para os radialistas, cujo “maior mal é a desunião”. O que vemos neste editorial é a significativa indignação de Anselmo quanto ao tipo de política que os próprios radialistas faziam, por ao invés de congregarem, a criticavam “do lado de fora” O que nos leva às seguintes perguntas: Como foi constituído o entendimento de classe para os radialistas? Teve a *Revista do Rádio* algum papel no sentido de congregar em um periódico os interesses de uma “classe” que ainda operava com os sinais voltados para desunião?

O que já fica evidente é que o semanário radialista possuía entendimentos precisos sobre política, uma linguagem adensada no trabalhismo varguista. A ideia de “sociedade”, provavelmente, era formulada a partir do que pode ser chamado de “associativismo”. Ao longo do primeiro governo Vargas, houve um gigantesco esforço por parte do Estado brasileiro, chefiado por Getúlio, para obter o controle sob as classes trabalhadoras, de “roubar a fala” dos trabalhadores e assim, inventar uma aliança, um pacto simbólico entre trabalhadores e o Estado Varguista. O trabalhismo brasileiro, mobilizado já no fim do Estado Novo, utilizou das mais

⁴⁷ Revista do Rádio, n. 9, novembro de 1948, p. 3.

diversas estratégias para cooptar os “trabalhadores do Brasil” para dentro de seu projeto político. Uma delas foi o corporativismo. Em linhas gerais, ao que tudo indica, a crítica feita por Anselmo sobre alguns radialistas que se recusavam a “cooperarem” para o pleno desenvolvimento da A.B.R., converge com o que se esperava destes mesmos radialistas, qual seja, de agirem de acordo com a linguagem do trabalhismo corporativista.

A Associação Brasileira de Rádio, enquanto um órgão que deveria congrega os interesses dos radialistas, não teve vida fácil, o que acabou encontrando forte resistência dos trabalhadores do rádio em se tornarem membros, pelo menos em fins da década de 1940. A situação passou a ter significativa melhora no contexto do segundo governo Vargas. Embora não haja relação direta entre Getúlio e a adesão mais expressiva de radialistas na associação, acredito que a figura getulista de volta no páreo, agora como presidente democraticamente eleito, fortalecia a linguagem do trabalhismo dentro do universo radiofônico. O retorno de Vargas ao poder simbolizava também a continuidade de seu projeto trabalhista. Porém, já nesse período, a política inventada anteriormente no período ditatorial, foi costurada no período da “experiência democrática” como uma linguagem e cultura política, que, a meu ver, encontrou terreno fértil nas ações da A.B.R. e insistentemente foi estampada nas páginas da *Revista do Rádio*.

A proposta é averiguar quais projetos, ações e proposições que a Associação Brasileira de Rádio promoveu entre fins de 1940 e durante o segundo governo Vargas, para principalmente, fortalecer a unidade classista entre os radialistas, bem como verificar a participação da revista no intuito de informar os feitos da A.B.R., e se as publicações surtiram efeitos ou não no sentido de “unir” a classe dos trabalhadores do rádio, o que certamente, não era essa a impressão que o editor-chefe possuía sobre os radialistas. Tanto é que nos primeiros números, foi estampado, por diversas vezes, pequenos “lembretes” aos leitores sobre a importância da associação como um “órgão de classe”, tais como na imagem a seguir:

VÁRIAS DE CINEMA

Entre os grandes sucessos do cinema americano recentemente estreados — quando os veremos? — estão: "My wild Irish rose", um musical de luxo da Warner com Dennis Morgan; "T-Men", uma arrepiante história de mistério, filme que conta com Dennis O' Keefe, Mary Mead e outros. Entre os mais esperados pode ser destacado o "Mrs. Bishop" notável comédia que reúne também um cast notável. David Niven, que surge neste celulóide, casou-se recentemente, algum tempo depois da morte trágica de sua primeira esposa.

Um acontecimento notável é a volta de Eddie Cantor ao cinema, numa comédia altamente divertida e repleta de boas músicas; "If you knew Susie". Ao seu lado está a impagável Joan Davis...

O que faz muita gente ficar espantada em Hollywood é que o tempo parece desconhecer miss Joan Crawford... A atriz veterana e famosa continua em grande forma. Vê-la-emos próximamente em "Daisy Kenyon" ao lado de Henri Fonda e Dana Andrews.

Um dos casais mais unidos e felizes de Hollywood: — Humphrey Bogart e Lauren Bacall. Eles surgem na tela, juntos mais uma vez, em "Dark Passage" Este é o quarto filme em que aparecem juntos. O amor aí é um facto!

O exemplo daquele filme "Inspiração trágica" da Warner parece que pegou mesmo... Agora é a vez de Charles Boyer bancar o assassino de sua própria esposa para conquistar o amor de Ann Blyth em "Vengeance of woman"...

O maior canastrão do cinema, Cesar Romero, — acreditem ou não — foi grandemente felicitado por seu desempenho em "Capitão de Castela"...

Edward G. Robinson fora da tela é um perfeito cavaleiro, gentil e amável. Ele é conhecido como um perfeito animador de uma reunião íntima... Assim são os "gangsters" perigosos de Hollywood...

Quem diria que o correto e sóbrio Ronald Colman aquele galã da velha guarda fosse agora bancar o assassino mórbido e cruel numa produção da Universal Internacional? O artista de tantos filmes memoráveis realiza assim a sua primeira experiência no gênero... O filme intitula-se "A double life" e, lado de Colman, surge Signe Hasso.

Quem diria que aquela "lou-ra incendiária" de Hollywood, Betty Hutton, é considerada uma esposa "calma", muito feliz ao lado de seu esposo e da filhinha, Diana... Betty deve voltar e em grande forma aos estúdios.

Susan Peters será aproveitada no filme de Irving Cummings "The Sign Of The Ram". O mundo amante de cinema comoveu-se quando a inteligente atriz foi declarada inválida depois de um perigoso acidente que sofrera. Neste novo trabalho ela surge na sua cadeira de rodas, bem no final do celulóide.

A cegonha anda ativa em Hollywood. Red e Georgia Skelton; Bob e Jessica Ryan esperam seu segundo filho. Ainda estão na lista: Os Payne, e os Dick Contz.

Em "Expresso de Berlim", Merle Oberon que nasceu na Tasmania e nunca perdeu o seu acento britânico, representa o papel de uma jovem francesa. Charles Korvin, húngaro, faz o papel de um alemão disfarçado em francês. Paul Lukas, também nascido na Hungria, aparece como um alemão liberal... E Bob Ryan, irlandês, desse grupo o único que nasceu na América (Situação estranha) e faz um americano mesmo no filme.

**TODO RADIALISTA
TEM O DEVER
DE SER SÓCIO**

**DA
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE RÁDIO**

Imagem 20: Trecho da *Revista do Rádio* que apresenta um "lembrete" aos radialistas sobre a Associação Brasileira de Rádio. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Esses avisos, colocados não de maneira despreziosa, revelam um claro posicionamento político dos editores da revista quanto à adesão cooperativa (e corporativa) dos radialistas à associação, visto que tornar-se membro dela era um “dever de todo radialista”. A proposição de trazer este debate advém, principalmente, da defesa que fazemos no presente trabalho, e mais especificamente neste capítulo, de como as linguagens, culturas e tradições políticas constituem e moldam sujeitos e classes, e a *Revista do Rádio*. Ora, se há algo de trabalhismo varguista, certamente, não é difícil de observar nas páginas revisteiras do então semanário. Existe uma significativa insistência por parte da revista, pelo menos ao longo de 1949, para os radialistas e artistas de rádio se associarem à A.B.R., seja entrevistando os diretores da associação, onde eles indicavam a importância dela para a vida e profissão dos radialistas, ou, por outro lado, para insinuar a desunião dos radialistas frente ao estimado órgão da classe. Já em abril de 1950, é publicado que

Talvez o maior mal do rádio, da sua gente, seja a desagregação. Nunca se supôs que uma associação de classe, como a ABR, tivesse por destino ter de viver mais pelo entusiasmo de quatro ou cinco. O resto, verdade crua, não se inflamou até agora. Houve um sopro forte, espécie de ‘vai ou racha’, quando Getúlio em seu tempo lhe deu uma ajuda de mão beijada. Mas caímos depois na realidade, voltou a associação a viver de suas mensalidades e raríssimas rendas eventuais. Temos uma sede, bonita, central, mas não temos quase associados. Temos um nome pomposo, uma classe simpática, popular, mas não há cooperação. Um mal do rádio, um defeito de sua gente⁴⁸.

A começar pelo título (“A classe radiofônica tem seus defeitos”), tem-se por certo o uso que se faz do termo “classe” para nominar os que trabalhavam no rádio possuía o intuito de atingir os “trabalhadores” do rádio que também eram leitores e leitoras da revista. Ora, se o principal “defeito” da “classe radiofônica”, sob a ótica de Anselmo Domingos, era a desunião, provavelmente, aqueles que diariamente trabalhavam no rádio, e que não eram as “estrelas”, cantores, locutores, estavam mais ainda na margem dessa classe. E ao que parece, a revista pretendia alcançar os corações daqueles que labutavam no rádio sem o reconhecimento, visto que não eram “cartazes”, pois trabalhavam nos bastidores. Acredito que o semanário de Anselmo queria também comunicar-se com essa parcela dos “trabalhadores do rádio”.

Não é a primeira vez que é destacada na revista a desunião dos radialistas, um “mal do rádio, da sua gente”, o que ainda é algo presente aos olhos do semanário, visto que no início de 1950, os radialistas não davam exemplos cooperativos, sobretudo no que dizia respeito à falta de apoio para associação que se colocava como representante dos interesses da classe. Ora,

⁴⁸ Revista do Rádio, n. 31, 11 de abril de 1950, p. 3.

considero que as exortações estampadas no semanário eram, ao mesmo tempo, apresentar em tom denunciativo o que faltaria para a “classe radiofônica” para ela se tornar o que a revista considera como “ideal”, que, acredito, seria o alinhamento desta classe com a linguagem política do trabalhismo de Vargas.

O nome de Getúlio foi citado para exemplificar que, no período em que estava no poder, mais especificamente no final da ditadura do Estado Novo, a A.B.R., ao ser fundada, recebeu “uma ajuda de mão beijada”. Em outros termos, Getúlio Vargas doou uma quantia expressiva de cruzeiros para os cofres da associação, o que lhe rendeu o título de presidente honorário. Ora, no mesmo ano em que Associação Brasileira de Rádio surgia, estava a ditadura varguista caindo em ruínas. Mas, conforme Jorge Ferreira, o prestígio do ditador não findou. Prova disso reside no fato de que este mesmo Getúlio, que estava saindo da cena política, não deixou de ser alçado como “presidente”, o que revela também o prestígio que possuía perante os radialistas. Orgânica e ideologicamente, as relações estabelecidas entre rádio e Vargas perpassava as práticas e ações propostas pela revista, associação e a classe dos radialistas, que enxergava na figura de Vargas não só um “pai dos pobres”, mas também, amigo dos artistas.

Como informado pela própria revista, Getúlio Vargas era presidente honorário da A.B.R., e que em fins de 1945, realizou uma significativa “doação” para os cofres da associação. Veremos nos próximos capítulos como se operava mais detidamente as relações entre os radialistas, sobretudo aqueles e aquelas que pleitearam cargos políticos, e o projeto varguista, e como eles, bem como a *Revista do Rádio* estampou em suas páginas as formas de aproximações entre eles. Porém, o que vale pontuar neste tópico é que as linguagens políticas do universo radiofônico estavam, ao mesmo tempo, contornadas pela “experiência democrática”, assim como pelo trabalhismo varguista.

Parece, a meu ver, que a *Revista do Rádio* selecionou certos aspectos da linguagem trabalhista, tais como a formação de associações e sindicatos, ou das formulações das ideias de “união de classe”, que eram bastante alardeadas na ditadura do Estado Novo, para, definir e defender os seus próprios interesses. Ora, por mais que haja o reconhecimento de uma “ajuda” por parte de Getúlio, não houve uma subserviência entre os radialistas para com Vargas. Isto quer dizer que, e talvez por conta do próprio contexto “democrático”, existia um esforço por parte da Associação e da Revista em buscar uma autonomia de classe. Fica então escancarado uma postura mais “trabalhista” do que “getulista”. Há uma combinação, às vezes tensa, entre as duas facetas da liderança varguista. A primeira implicava autonomia, ainda que relativa, e a segunda, adesão personalista.

Ou seja, na tessitura das ações e proposições políticas dos radialistas há algo de

“trabalhismo”, mas que extrapola os limites desta linguagem, visto que os mesmos, ou pelo menos a A.B.R. e a própria revista em tornar a linguagem radiofônica mais democrática e participativa possível. Quando o semanário se esforçava para alcançar os “trabalhadores do rádio”, e tentava convencer de que a associação era o órgão ideal da classe, acredito que o cálculo político foi aprendido através das bases do trabalhismo. Algo que talvez os radialistas observaram e absorveram para dentro de sua classe. Anselmo Domingos, sendo ele o diretor-chefe da maior revista de rádio de seu tempo, também se colocou à disposição de sua classe para, a partir de uma linguagem trabalhista, unir os radialistas em torno da Associação Brasileira de Rádio. Ainda em 1950, em um editorial escrito por Anselmo Domingos, ele escreveu que,

Por que não se inicia uma tarefa de conagração? Precisa o rádio mostrar ao público que a classe é vasta porém coesa. Já há tempos se falou que o mal da A.B.R. seria o de estar nas mãos dos patrões do rádio. Já agora parece-nos que não mais prevalece esse sentido. Vamos pois! Compenetrem-se os radialistas de que todos reunidos, valem muito. A Associação é nossa, vamos trabalhar por ela!⁴⁹

Anselmo, pois, explorou os sentidos do entendimento de classe, que seria o antagonismo de outra, a “dos patrões do rádio”, que não dominavam mais a diretoria da associação, pelo menos segundo seu ponto de vista, o que também ratifica a ideia de que o conagração deveria ocorrer quem diariamente labora por meio do rádio. Portanto, por não haver mais o domínio já citado, não haveria motivos concretos para que os radialistas não se comprometessem em se unir, visto que a “associação é nossa”. A ideia de trabalhar por ela também traz algo da memória do trabalhismo de Vargas. Trabalho e os trabalhadores são pilares fundamentais para formulação da linguagem trabalhista, aqui é evocado por Anselmo para que se “trabalhe” ao ponto de tornar-se a associação, de fato, o ideal órgão de “conagração” entre os radialistas.

Datas também eram importantes de serem estampadas pela revista. Uma delas, e talvez a mais simbólica, era o Dia do Rádio. Comemorado no dia vinte de setembro, o semanário fazia questão de publicar uma mensagem escrita pelo próprio presidente da A.B.R, Vitor Costa, no qual dirigia suas palavras para todos os associados e demais trabalhadores e trabalhadoras do rádio. No ano de 1950 não foi diferente. A revista destinou a quarta página para a publicação de uma nota redigida por Vitor, no qual divide espaço com outras notícias gerais do meio radiofônico,

⁴⁹ Revista do Rádio, n. 32, 18 de abril de 1950, p. 3.

Aproveitando a passagem do ‘Dia do Rádio’, a vinte do corrente mês, Vitor Costa, presidente da Associação Brasileira de Rádio, lança, por intermédio desta revista, a seguinte saudação aos radialistas brasileiros:

Em todo o continente americano comemora-se a vinte de setembro, o “Dia do Rádio”. Para nós, brasileiros, e sobretudo para os que há anos devotam os melhores momentos de sua vida ao progresso da radiofonia, o acontecimento cerca-se de particular significação [...] A Associação Brasileira de Rádio, que reúne em seu corpo social a expressiva maioria dos radialistas brasileiros, pelo seu presidente e por intermédio da REVISTA DO RÁDIO, saúda a todos os que se dedicam à carreira radiofônica. A saudação amiga, que é também uma força de confiança nos destinos dessa atividade já hoje emancipada, se destina aos técnicos de som, aos operadores, aos locutores, produtores, rádio-atores, redatores – enfim a essa colmeia anônima e laboriosa que se pode orgulhar de ter dado ao Brasil um rádio que se não é perfeito, é um dos melhores do mundo (REVISTA DO RÁDIO, 19 de dezembro 1954, n. 54, p. 4).

Ao saudar os que se dedicavam à carreira radiofônica, não somente ao *mainstream*, mas quem estava no anonimato: locutores, produtores, operadores e técnicos de som, é provável que esta saudação fazia parte da operação de unificar a emergente classe, onde o fio condutor seria a Associação Brasileira de Rádio, o órgão responsável por representar as estrelas de rádio, mas também a “colmeia anônima e laboriosa”. Talvez essa tenha sido uma das estratégias tramadas pela revista para o chamamento dos trabalhadores radiofônicos a se sentirem pertencentes à classe, a enxergar na A.B.R. um espaço de convergência dos interesses políticos do pessoal do rádio. Como dito anteriormente, a *Revista do Rádio* utilizou de suas páginas para construir um sentimento de unidade classista. Os critérios para essa união se ancoravam em uma cultura trabalhista, o que também acompanhava as letras e as tintas das páginas revisteiras de Anselmo, uma linguagem do trabalhismo, algo que concretizava a identificação dos trabalhadores do rádio com a Associação.

Em dezembro de 1950, estava a Associação Brasileira de Rádio realizando os preparativos para as eleições da nova diretoria, que já assumiria no ano seguinte, o que, claro, não passou despercebido pela revista, que estampou em seus editoriais, todos os detalhes, inclusive, orientando sobre qual “chapa” seria a mais viável apoiar. Segundo Anselmo,

Está a Associação Brasileira de Rádio em vésperas de eleições. Por isso mesmo já os radialistas andam articulando personalidades da classe para a composição de chapas que conduzam à vitória os seus pontos-de-vista. Dentre esses movimentos justo se faz destacar aquele que procura levar Manoel Barcelos à sucessão de Vitor Costa [...] Embora a escolha do novo Presidente dependa do Conselho Deliberativo da ABR, já se observa uma tendência quase uníssona para conduzi-lo ao lugar que lhe compete, por justiça. Saberão os

radialistas apoiar o movimento, que toma corpo e se agiganta, dia a dia?⁵⁰

A *Revista do Rádio*, em diálogo e sendo ela uma espécie de “porta-voz” da classe dos radialistas, bem como a Associação Brasileira de Rádio, estavam em franco movimento relacional com a “experiência democrática” vivenciada nos anos 1950. Prova disto está a anunciação de que dentro do âmbito representativo da “classe” – a ABR – estaria ocorrendo já os preparativos para as *eleições* da Presidência do então órgão “da classe”. No entanto, também parece ser preocupação do semanário em indagar aos radialistas se eles estão ou não apoiando um “grande movimento” que está sendo articulado para colocar “por justiça”, sob a ótica da revista, Manoel Barcelos como o “justo” presidente e sucessor do aclamado Vitor Costa. Aqui, vale ressaltar que as impressões deixadas por Anselmo nesse editorial é de que a classe dos radialistas começava a se mover de forma mais “uníssona”, caminhando assim de acordo com o que era esperado e ansiado pelo semanário, qual seja, uma unidade de classe.

No número 65 foi publicada a história da fundação da A.B.R. Também foram estampadas diversas fotografias, principalmente quando de suas primeiras reuniões. Nas palavras de Demostenes Gonzalez, cronista radiofônico, “nascida do idealismo de alguns, a Associação Brasileira de Rádio é hoje uma realidade que constitui orgulho para a classe radiofônica”⁵¹. Gonzalez também destacou que o termo “gente de rádio” era, pelo menos nos anos 1940, utilizado de maneira pejorativa e preconceituosa, onde os radialistas eram interesseiros e só pensavam em fama, ou algo assim. Porém, “foi aí que alguém lembrou de que os trabalhadores do rádio deveriam ter a sua associação”⁵², e segundo o que foi publicado, em 1944 nascia a Associação Brasileira de Rádio, cujo principal interesse era “cuidar dos que verdadeiramente trabalhassem no rádio”.

A *Revista do Rádio*, ou seus respectivos editores, parecem estar formulando nas páginas que se dedicavam em tratar dos assuntos da associação, uma pomposa trajetória da A.B.R., que embora tenha por principal obstáculo a falta de união entre os radialistas, conseguiu “graças ao dinamismo e a inteligência de Vitor Costa”, concretizar alguns serviços assistenciais para a classe radiofônica. As intenções, acredito, do semanário em falar de uma história da associação é, talvez, justamente se utilizar de prerrogativas de uma tradição que se instaurou entre os radialistas, para justificar o porquê que eles deveriam se associar a ela.

⁵⁰ Revista do Rádio, n. 65, 5 de dezembro de 1950, p. 3.

⁵¹ Revista do Rádio, op. cit.

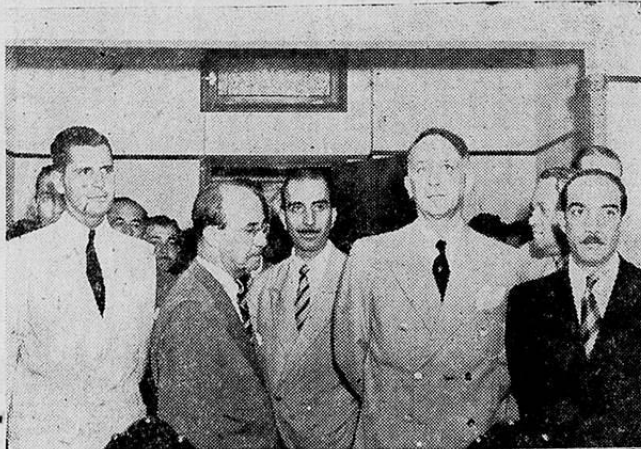
⁵² Revista do Rádio, op. cit.

Nos velhos tempos de sua fundação a ABR recebeu um dia a visita do Ministro Marcondes Filho. Ele-lo entre o diretor do DIP, Capitão Aílcar Dutra, Nicolau Tuma e Gilberto de Andrade, então presidente da entidade.

✱

Nascida do idealismo de alguns, a Associação Brasileira de Rádio é hoje uma realidade que constitui orgulho para a classe radiofônica.

Em 1940 o rádio evoluía e se tornava um poderoso instrumento de divulgação. Na boca do povo tudo era bom, menos o pessoal do rádio. A designação generalizada "gente de rádio" tinha um sentido pejorativo e servia para denegrir qualquer lutador hones-



História da Associação Brasileira de Rádio

Um sonho que se tornou realidade --- Da humilde sala da rua dos Andradas à sede monumental da rua Acre --- Grandes lutas e vitórias inúmeras

Texto de DEMOSTENES GONZALEZ



to. O público era ingrato, sem dúvida. Naquela época, falar em organizar uma associação que congregasse os elementos do rádio, seria malhar ferro frio. "Gente dispersiva, desorganizada, só pensa em gozar a fama e o dinheiro", diziam todos. E contudo, essa gente "desorganizada e dispersiva", essa "gente de rádio", fazia uma obra monumental. A radiofonia brasileira crescia assustadoramente. O comércio passava a acreditar na publicidade falada e o povo aplaudia as programações. A gente que não servia para nada, servia para realizar um grande Rádio.

Foi aí que alguém se lembrou de que os trabalhadores do rádio também deveriam ter a sua associação. E no dia 30 de setembro de 1944, numa modesta sala da rua dos Andradas nascia a Associação Brasileira de Rádio, com o objetivo de defender, orientar e unir to-

✱

O departamento médico está bem instalado e socorre os associados sempre que eles precisem e as necessidades não sejam muito onerosas.

Imagem 21: Trecho da reportagem sobre a história da Associação Brasileira de Rádio, n. 66, 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

As fotografias estampadas na reportagem combinam com o que está sendo descrito como os serviços prestados pela A.B.R: assistência médica e jurídica. Esse assistencialismo, traço característico da linguagem trabalhista, foi proposto na notícia como uma espécie de “benefício” para os radialistas associados, ou seja, sob a ótica da revista, a Associação, graças ao desempenho de Vitor Costa, foi capaz de entregar à classe direitos “trabalhistas”, que provavelmente não teriam por outras vias, visto que a profissão de radialista ainda não era reconhecida como tal. Logo, o ofício da associação, que se vinculava em sua essência com o trabalhismo varguista, nutria-se dele para promover suas próprias ações associativas.

Retomando as eleições, conforme a revista de Anselmo esperava, o radialista Manoel Barcelos ganhou o pleito e se tornou então o novo presidente da A.B.R. Em seu editorial sobre a vitória de Barcelos, escreveu que

A nós, desta revista, cabe grande parcela do sucesso da eleição de Manoel Barcelos para a presidência da Associação Brasileira de Rádio. Em verdade, esta revista iniciou a campanha para a condução do prestigioso radialista àquele posto, expondo, através destas mesmas colunas, as qualidades que faziam de Manoel Barcelos o homem indicado para a tarefa tremendamente difícil e espinhosa. Lançamos, assim, a sua candidatura, fazendo-nos de fiadores de um nome que, de fato, obteve as preferências de todos os radialistas, num pleito de absoluta identidade dos representantes da classe dos homens do rádio. Investido, agora, na presidência da ABR, Manoel Barcelos começou a trabalhar com afinco, correspondendo à confiança que a REVISTA DO RÁDIO e os próprios radialistas lhe depositaram (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 79, p. 3).

A revista enxergou na vitória de Manoel Barcelos além de uma recompensa por ela mesma ter contribuído estampando suas qualidades, como também um suposto “amadurecimento” da classe radiofônica, que se unira em torno de um radialista, que aos olhos do editor-chefe, era o mais preparado para assumir o cargo. Nas palavras de Anselmo, “e isto, por si só, além de constituir uma vitória da REVISTA DO RÁDIO, representa a certeza de que a classe radiofônica está amadurecida, sabendo colocar nos lugares certos os homens certos”⁵³. Nota-se que as diversas ocorrências a respeito da Associação Brasileira de Rádio, bem como seus feitos, quase sempre eram destacadas na revista logo nas primeiras páginas, mais especificamente, na seção onde o próprio editor-chefe era quem a escrevia. Isto quer dizer, talvez, que Anselmo Domingos tinha por preocupação divulgar e falar sobre a A.B.R. para que seus leitores, que também era “gente do rádio”, soubessem o que seu “órgão de classe” estava

⁵³ Revista do Rádio, op. cit.

realizando e concretizando para a classe radialista. Outro feito noticiado pelo semanário foi sobre o maior “congraçamento” dos radialistas a finalidade de mais “gente que trabalha no rádio” se associarem à ABR, para então alcançar, sob a ótica do editor-chefe, “o espírito de classe”. Em maio de 1951, é publicado a seguinte notícia

Indiscutivelmente, vem a nova diretoria da Associação Brasileira de Rádio levando a efeito obra digna de encômios, notadamente pelo muito que já realizou em apenas tão pouco tempo de trabalho. Do novo corpo de dirigentes da Casa do Radialista, o qual tem à frente Manoel Barcelos, atual presidente, muito espera a classe dos trabalhadores do microfone e tudo indica que essa diretoria corresponderá em tudo por tudo aos seus anseios. Assim é que, em menos de sessenta dias de mandato, já a Associação Brasileira de Rádio acaba de inaugurar seu Serviço de Assistência Odontológica, o que representa a realização de uma das maiores aspirações da entidade dos radialistas (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 86, p. 12).

O contexto que se encontrava a classe dos radialistas, os ares que estavam respirando não só a revista, mas de maneira generalizada, era o retorno de Getúlio, democraticamente eleito. As expectativas geradas eram muitas. O semanário também, que se mostrava ainda que timidamente entusiasmado com a volta de Vargas ao poder, não deixou de estampar o otimismo quanto à liderança de Manoel Barcelos. Era um tempo de mudanças, tanto no cenário político nacional, quanto no universo radiofônico brasileiro. O periódico parece ter interpretado um ponto de virada no que dizia respeito à unidade classista da “gente do rádio”: o que antes parecia ser somente desunião, desacordo e desalinho dos trabalhadores do microfone, agora, e através da vitória de Barcelos e seus primeiros feitos como presidente da Associação, pode-se dizer que os anseios estavam finalmente concretizados. Além disso, o Serviço de Assistência Odontológica entra em sintonia com aspectos da linguagem do trabalhismo, sendo encarada por Anselmo como uma das “maiores aspirações” da entidade dos radialistas.

E o semanário prosseguiu estampando as mais diversas realizações da associação, tais como o campeonato de futebol entre os radialistas, a doação de brinquedos para os filhos dos radialistas, a construção do Hospital do Radialista, bem como todos os bailes e desfiles promovidos pela Associação para o coroamento da Rainha do Rádio, concurso este também organizado pela entidade. Somam-se todos estes feitos digno de serem publicados pela revista radiofônica, não só para informar aos seus leitores sobre o quão unido estavam os radialistas, como, parece, a própria revista percebe ao longo dos anos, sobretudo quando da reeleição de Manoel Barcelos, que de fato, a “classe radiofônica” estava mais unida em torno de seus interesses, assim como também estava ela operando com sinais voltados para uma “união classista”.

E não apenas, mas também demarcou os traços de assistencialismo, que era tipicamente característico da linguagem do trabalhismo varguista, e que em larga medida, encontrou nas ações da A.B.R. formas de se atualizar num outro contexto, e como venho ressaltado ao longo do presente trabalho, a linguagem trabalhista não operava automaticamente e totalmente alinhados aos preceitos varguistas, mas sim, com características que ganham certa particularidade dentro do universo dos radialistas.

Sobre conquistas materiais, foi publicado no número 106, o retorno de uma tradição, interrompida durante a segunda guerra mundial, qual seja, a de “silenciar os microfones do rádio” no dia 21 de setembro, promovendo assim um “feriado” para os trabalhadores do microfone. “De parabéns, portanto, os radialistas, com o ‘feriado’ que, afinal, conquistaram no ‘dia do Rádio’”⁵⁴. E assim como foi tratado no início deste tópico sobre as incontáveis vezes que Anselmo Domingos denunciou a falta de “espírito de classe” entre os radialistas, o cenário e até mesmos os elogios alteraram-se significativamente, sobretudo quando da reeleição de Manoel Barcelos, em 1954, à presidência da A.B.R.

Nos dias que correm o sentido de gratidão anda tão relegado, tão esquecido, que a gente há de se espantar ao ver um gesto grato, uma atitude de reconhecimento. É o caso da reeleição de Manoel Barcelos à presidência da Associação Brasileira de Rádio, reeleição por unanimidade de conselheiros presentes. Belo, dignificante, justo e exemplar, o espírito de gratidão dos que mantiveram o nome de Barcelos como presidente da classe. Nós, do rádio, já por tantas vezes tidos como um tanto ou quatro pueris, vaidosos, desagregados, demos com esse gesto uma demonstração de senso de justiça, de união, de reconhecimento. Estamos nós próprios de parabéns (REVISTA DO RÁDIO 1954, n. 232, p. 50).

Dentro do quadro temporal escolhido para o presente trabalho, a revista trabalhou arduamente para que as ações e feitos da Associação Brasileira de Rádio se tornassem conhecidas, para seu público leitor, mas para os ouvintes e trabalhadores do microfone, que cada vez mais se enxergavam como classe, participavam das proposições que eram promovidas pela associação, beneficiavam-se daquilo que de mais “trabalhista” tinha o órgão, que com o decorrer do tempo tornou-se, conforme a imagem a seguir, “orgulho da classe”:

⁵⁴ Revista do Rádio, n. 106, 18 de setembro de 1951.

ABR - Orgulho da Classe

No relatório que Manoel Barcelos apresentou ao Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Rádio, onde se encontra uma síntese dos trabalhos da entidade dos radialistas no período compreendido entre 1.º de janeiro e 31 de dezembro de 1953, nota-se que tem sido das mais proficuas a gestão da atual diretoria.

O movimento de sócios foi, por exemplo, bastante significativo. Nada menos de 181 associados foram admitidos, no ano findo, nos quadros da A. B. R. 58 foram demitidos por diversas razões e 8 faleceram. O Departamento Legal solucionou nada menos de 80 casos. O ambulatório do Serviço Médico atendeu ao total de 4.106 consultas assim distribuídas: Ginecologia — 1.527; Pediatria — 1.212; Clínica Geral — 1.001; Tisiologia — 218; e Cardiologia — 148. O Serviço Dentário, por sua vez, atendeu a 3.851 consultas, realizando 623 radiografias.

O Departamento Feminino realizou, também, tarefa das mais elogiosas, organizando o "Natal do filho do radialista" (tendo distribuído brinquedos, roupas, etc. a cerca de 900 crianças) e diplomando 45 alunas, em duas turmas, no setor de corte e costura e demais trabalhos femininos.

A Tesouraria, apesar dos enormes esforços dispendidos para cumprir as obrigações financeiras da associação, conseguiu um "superavit" de Cr\$ 820.701,90 (oitocentos e vinte mil setecentos e um cruzeiros e noventa centávicos). O Hospital

No ano de 1953, a Associação Brasileira de Rádio empreendeu outras iniciativas magníficas, correspondendo plenamente, mais uma vez, à confiança que os radialistas sempre depositaram em seu presidente, Manoel Barcelos. O relato que vai nesta página diz com eloquência, das atividades e empreendimentos magníficos que fizeram da ABR, sem favor, um legítimo orgulho dos que trabalham no mundo do microfone

do Radialista, cujo terreno foi pago em 1952, com parte do financiamento do IAPC, tem sua construção orçada em Cr\$ 29.344.310,00 (vinte e nove milhões trezentos e quarenta e quatro mil e trezentos e dez cruzeiros), tendo sido pagas, até a presente data, à firma construtora Federal Imóveis Engenharia Fiel Ltda. e ao IAPC, referente a juros, as seguintes importâncias: Pela A. B. R. — Cr\$ 2.409.874,80; Pelo IAPC — Cr\$ 12.328.500,00, num total de 14.738.374,80.

A Receita foi assim distribuída: Mensalidades, carteiras e jóias — Cr\$ 813.258,80; juros dos depósitos — Cr\$ 18.621,10; Espetáculos, subvenções, Balle do Rádio, Concurso da Rainha do Rádio, Festas juninas, Semana do Rádio, etc. — Cr\$ 3.078.841,30 — Receita do bar — Cr\$ 264.473,10. As despesas

foram assim discriminadas: Despesas de administração (vencimentos de funcionários, contribuições de Previdência, luz, telefones, despesas gerais, comissões) Cr\$ 890.140,70; Escrituras, juros, despesas gerais, seguros e impostos — Cr\$ 138.813,40; Despesas de espetáculos, Balle do Rádio, Festas juninas, Concurso da Rainha do Rádio, Semana do Rádio, Festas Juninas, Concurso da Rainha do Rádio, Semana do Rádio, Foleto, etc. — Cr\$ 819.787,30; Despesas do bar (compras, despesas gerais, vencimentos dos funcionários, etc.) Cr\$ 319.785,40; e Despesas do Hospital (em construção) juros de empréstimos do IAPC para a compra do terreno e despesas diversas — Cr\$ 198.525,20.

Vale ressaltar ainda que, ao findar o exercício de 1953, a Associação Brasileira de Rádio mantinha em bancos a importância de Cr\$ 7.225,60 e em Caixa 104.598,10. Em Bens Imóveis possuía Cr\$ 21.191.756,40, referente a sede própria, terreno e parte da construção do Hospital do Radialista. As principais rubricas do passivo referem-se a contas a pagar na importância de Cr\$ 513.224,80 e hipotecas a pagar em Cr\$ 15.866.573,40.

Aí estão, em linhas gerais, os pontos principais do relatório apresentado pelo presidente Manoel Barcelos ao Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Rádio. A frieza dos números fala com muita precisão da obra que ele realizou em 1953, coadjuvado pelos seus companheiros de diretoria.



Timoneiros da Associação Brasileira de Rádio: OSVALDO LUIZ (tesoureiro), GÉBER MOREIRA (diretor-jurídico), JORGE CURY (diretor-social) e MANOEL BARCELOS (presidente).

Chegando ao ano de 1954, novamente a A.B.R. estava em vias de eleger o novo presidente da associação, e o que se percebe é uma profunda transformação no tom que a revista declarava nas páginas dedicadas a falar do presente órgão. Longe das reclamações de desunião, a revista entrever uma classe mais sólida, fortificada. O papel exercido pelo semanário surtiu o efeito esperado, de unir, como a revista mesma denomina, os trabalhadores do microfone. De acordo com o que foi publicado, “no ano de 1953, a Associação Brasileira de Rádio empreendeu outras iniciativas, magníficas, correspondendo, plenamente, mais uma vez à confiança que os radialistas sempre depositaram em seu presidente Manoel Barcelos”⁵⁵. Nessa mesma reportagem, é estampado o relatório de ações durante a presidência de Barcelos, destacando com lisura os gastos da Diretoria da A.B.R.

No próximo tópico, tratarei especificamente de um outro órgão que também se colocou como representante dos “trabalhadores do rádio”, qual seja, o sindicato dos radialistas. A proposta é semelhante: verificar como a linguagem do trabalhismo adentrou as formas representativas da radiofonia brasileira, além de averiguar as dimensões apresentadas pela *Revista do Rádio* sobre, por exemplo, uma suposta “necessidade” de haver além de uma associação, um sindicato.

3.2. Sindicato dos Radialistas, não dos mandões, mas do que labutam no rádio

É possível também esquadrihar, a partir das publicações da *Revista do Rádio*, o significativo alinhamento político desta com os preceitos fundamentais da linguagem trabalhista/varguista. Ainda mais quando se atenta à forma como o semanário retratou a tamanha “necessidade” de ter um Sindicato dos Radialistas, valendo também ressaltar que a A.B.R e o sindicato dos radialistas poderiam realizar concretamente o modelo de organização getulista para o rádio. Diferentemente da A.B.R, o sindicato dos radialistas não passava de um desejo e vontade de “poucos radialistas”, ou da própria Revista que, neste momento, se colocou também no papel de falar para a “gente do rádio” sobre a pretensa inevitabilidade de se ter um sindicato.

Logo, a proposta é tecer as linhas que coadunam as práticas e as ações dos radialistas com a linguagem do trabalhismo, compreendendo que esta linguagem política, juntamente com o contexto “democrático” experimentado nos anos 1950 no cenário político nacional, ganhava contornos específicos dentro do universo radiofônico. Ou seja, o trabalhismo operando

⁵⁵ Revista do Rádio, n.241, 24 de abril de 1954, p. 48.

enquanto linguagem política, não foi interpretada de maneira direta e automática, pelo contrário, ao que tudo indica, alguns tantos radialistas retratados na revista incorporava as matizes do trabalhismo varguista para definir e defender suas ações e posições políticas, que objetivavam, principalmente, o atendimento e a concretização de demandas específicas à classe dos radialistas.

Um dos aspectos fundantes e constituintes do trabalhismo varguista era a adoção do corporativismo, bem como do sindicalismo. Ainda nos 1930, principalmente quando na ditadura do Estado Novo em 1937, Vargas e seu Ministério do Trabalho construíram, através de um aparato político-institucional, uma série de medidas que visavam a incorporação das classes trabalhadoras no cenário político, e dentre essas medidas, a sindicalização oficial, tutelada pelo Estado e sendo ele mediador dos conflitos classistas. Sobre o corporativismo, que segundo a Ângela Maria Carneiro de Araújo, fora do tipo inclusivo, ela nos diz que

esta política continha uma dimensão positiva de concessão de benefícios, de atendimento concreto de certos interesses desta classe e que, principalmente no que dizia respeito à construção das estruturas corporativas, ela necessitava, para sua concretização, de certa aquiescência dos trabalhadores (ARAÚJO, 2002, p. 30).

Ângela Araújo também concorda que ainda nos 1930, as classes trabalhadoras não aderiram à lógica trabalhista de forma direta e automática, se submetendo ao governo Vargas ou de sua figura paternalista, sem antes realizar um cálculo de benefícios que, segundo Castro Gomes, foi de exígua importância para o firmamento do pacto entre o Estado varguista e as classes trabalhadoras. Logo, quando o trabalhismo foi “inventado”, seus interlocutores incorporaram em suas bases a possibilidade dos trabalhadores se inserirem enquanto atores políticos.

A *Revista do Rádio*, porta-voz da classe dos radialistas, e sendo ela também alinhada à linguagem do trabalhismo varguista, a utilizou para informar e formar em suas páginas as conquistas e os anseios do meio radiofônico, e dentre estas, a suposta “necessidade” de um sindicato. A primeira vez na Revista em que é mencionado sobre essa questão foi em 1948, logo nos primeiros editoriais, que segundo Anselmo Domingos,

Não é de hoje que se pensa fazer o sindicato dos que trabalham no Rádio. Mas tudo não saiu ainda do terreno das cogitações, porque infelizmente, em matéria de união os radialistas do Brasil ainda não mostraram lá grandes exemplos. Estamos nos referindo aos trabalhadores. Os patrões não. São mais unidos [...] Trata-se do Sindicato das Empresas de Radiodifusão. Isso quer dizer nada mais nada menos que eles, os donos, os patrões, os mandões, estão

plenamente organizados dentro da Lei, para o que der e vier. Os empregados não. E vá a gente tentar convencê-los de que o **Sindicato é uma necessidade**. Ninguém aparece para trabalhar. Mas quando for a hora de ‘malhar’ é um Deus nos acuda! (REVISTA DO RÁDIO, 1948, n. 8, p. 4)

Vemos aqui, novamente, a incorporação da linguagem política trabalhista moldando as afirmações dos editores da Revista quanto de uma suposta necessidade da criação de um sindicato. Ora, de onde surgiu tal necessidade? Quando no Brasil passara a ser incentivada a formação de sindicatos como via de representação de grupos e classes sociais? Como dito anteriormente, a sindicalização como política institucional de cooptação (e repressão) das classes trabalhadoras viera da lógica trabalhista, fundamentada no traço corporativista e autoritário do regime de Vargas. Ainda caminhando que segundo a Ângela de Castro Gomes,

Por essa razão, em tal lógica, ao lado de um Executivo forte e pessoal, o segundo grande instrumental político para a produção de novos arranjos institucionais era a montagem de um Estado corporativo que, ao mesmo tempo, separava os indivíduos – agrupando-os em diversas categorias profissionais por sindicatos – e reunia-os pela hierarquia global e harmônica de uma ordem social corporativa (GOMES, 2005, p. 112-113).

O arranjo autoritário e corporativista adotado durante o primeiro governo Vargas acabou, invariavelmente, deixando certos traços de continuidade, que atravessou o pós-Estado Novo, e deu suporte para a sustentação política dos argumentos apresentados na *Revista do Rádio*. Nesse percurso, se o sindicato e a união dos que trabalham no rádio era, para Anselmo, como uma necessidade, isto se explica, talvez pela linguagem e tradição política na qual ele se situava e ao mesmo tempo se baseava para operar os comportamentos políticos, tanto o seu quanto dos demais radialistas.

Através do antagonismo proposto pelo editorial supracitado, de por um lado existir um sindicato dos “patrões” e não daqueles que “trabalham no rádio”, se vislumbra uma divergência da proposta trabalhista de Vargas, qual seja, a de uma “união das classes” e da “paz e harmonia social”. Logo, a proposta de criação de um sindicato dos radialistas seria a de, principalmente, reunir as demandas específicas da classe, utilizando este vínculo corporativo - que seria uma característica do trabalhismo - para alcançar a união entre os “trabalhadores do rádio” e os respectivos benefícios que seriam alçados através dessa forma organizacional, o que vimos que na prática, porém, “os radialistas no Brasil não deram bons exemplos”. Inclusive, vale comentar que, novamente, os sinais apresentados pela revista a respeito da organicidade da “classe radiofônica” eram, também nesse caso, de desunião. Ora, ao tratar da Associação Brasileira de Rádio, Anselmo deixava claro que ainda no início dos anos 1950, os radialistas eram desunidos

e pouco participavam (ou “trabalhavam”) nas suas respectivas organizações representativas, o que gerava transtornos e linhas para o periódico, que tentou ser, a todo momento, a ponte entre radialistas, associação e, agora, sindicato.

No ano de 1951, um editorial escrito por Anselmo Domingos, comentou sobre o assunto dizendo que

Há tempo, apareceu a boa nova no mundo radiofônico: a criação de um sindicato dos radialistas, destinado a congregar a gente do microfone nas questões mais específicas, fora do alcance da Associação Brasileira de Rádio, completando a assistência à gente do microfone [...] Por tudo isto, pensou-se que a sociedade de classe, de embrião, crescesse e atingisse a todas as necessidades dos radialistas, gente sacrificada em salários, apesar dos paradoxais ordenados de vinte a cinquenta mil cruzeiros, pagos a alguns (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 71, p. 3).

Junto a isto, percebe-se, através das palavras escolhidas por Anselmo, certa distinção com recorte classista, entre aqueles que são “sacrificados em salários” em contraposição aos “vinte mil cruzeiros pagos a alguns”. Este ponto em específico, ainda que pontualmente, se distancia do núcleo mais importante do trabalhismo de Vargas: a pretensa “harmonia” entre as diferentes classes, e a solução dos conflitos através da união de todas elas perante a construção da nacionalidade. A formulação do trabalhismo pretendia tornar o Estado a fonte de conciliação, distanciando-se de qualquer preceito marxista de “luta de classes”. Claro, Anselmo não estava convocando os “trabalhadores” para se unirem e destronar seus patrões, mas, para defender seus interesses específicos da relação de trabalho.

No entanto, essa linguagem permanecia equidistante daquela dos tempos varguistas, na medida em que o periódico organizava e separava detidamente quem eram os “patrões” e os “trabalhadores” do rádio. Os primeiros possuíam um sindicato, estavam unidos para o que der e vier, diferente do outro lado da ponta, que permanecia desunido, sem nenhum compromisso de “trabalhar” para que os interesses classistas fossem atendidos. Porém, assim como ocorreu com a A.B.R., algo próprio do contexto vivido pelos radialistas passou a alterar as relações entre rádio e suas organizações de classe, mais especificamente ao longo do segundo governo Vargas.

O semanário seguiu os anos 1951 tensionando por meios dos editoriais a “falta” que fazia um sindicato. Ainda segundo Anselmo Domingos,

Ainda constando com a assistência valiosa da ABR, nem por isso a gente do microfone prescinde da existência de um sindicato efetivo, que pugne pelos seus interesses, investindo nas questões de salários, melhorias de trabalho e

reconhecimento de direitos, enfim, que só uma entidade sindical pode abordar com a certeza de sucesso [...] Realidade insofismável, empregando dezenas de milhares de técnicos e artistas, o rádio exige esta cobertura na legislação trabalhista. E ela virá se os próprios radialistas colocarem de lado o comodismo, trabalhando em prol do ressurgimento do seu sindicato... e das funções que lhe competem (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 76, p. 3).

Novamente, o editor-chefe da revista precisou sua linguagem política, deixando evidente seu entendimento sobre a questão que lhe parecia imprescindível gastar tinta e papel: um efetivo sindicato. Ora, apesar da avaliação de Anselmo para com a Associação Brasileira de Rádio ser quase sempre positiva, ele compreendia que existiam determinadas demandas que somente um sindicato poderia, “com sucesso”, alcançar, sobretudo no que diz respeito à melhoria de salários e condições de trabalho. Ao final, tem-se evocação da ideia do trabalho e que, somente “trabalhando” será possível reacender a chama sindical dentro do meio radiofônico. Com alguma frequência, a ideia da laboração é destacada no periódico quando se tratava dessas organizações, ou de que a união da classe radialista somente seria possível se os trabalhadores radiofônicos trabalhassem por ela.

Em junho de 1951, o semanário publicou uma notícia sobre os preparativos que a classe dos radialistas estava realizando para as eleições da diretoria do Sindicato de Radiodifusão, que estava em vias de se concretizar. Normando Lopes, que nesse período, venceu e se tornou o primeiro presidente do Sindicato, foi constantemente elogiado pela *Revista do Rádio*, o que não era nenhuma novidade, adentrando no rol das celebridades radiofônicas que o semanário destilava grandiosas congratulações. A primeira medida tomada por Normando Lopes e explorada pelo semanário foi a greve geral do rádio com o intento de melhorias salariais. Essa greve ocorreria especificamente entre radialistas cariocas, e caso não houvesse o firmamento de um acordo entre os donos das emissoras, as rádios ficariam em completo silêncio, buscando assim forçar que os interesses dos radialistas fossem atendidos. Ainda de acordo com a reportagem, o motivo que levou a cogitarem a um dissídio coletivo foi o fato de o custo de vida não ser compatível com os baixíssimos salários recebidos, não pelas estrelas e cartazes, mas por quem trabalhava nos bastidores radiofônicos.

GREVE GERAL NO RÁDIO!

AMEAÇA QUE PAIRA SÔBRE O RÁDIO — LUTARÃO OS RADIALISTAS POR MELHOR SALÁRIO

Falando à reportagem, o locutor Normando Lopes, presidente do Sindicato de Radiodifusão, revelou que depois de amanhã, dia 24, a entidade dos radialistas realizará uma assembléa geral extraordinária para o estudo da instauração de um dissídio coletivo. Como se sabe, os empregados em emissoras radiofônicas pretendem um aumento de salários, argumentando que percebem ordenados baixíssimos, incompatíveis com o alto custo da vida atual. Nada conseguindo com

a assembléa da próxima quinta-feira, os filiados ao Sindicato e ainda o Presidente da entidade que faz a revelação! — tratarão do dissídio, forçando os empregadores a uma decisão mais urgente às suas pretensões. Dessa maneira o rádio carioca (pelo menos!) estará ameaçado de completo silêncio, com a paralisação de suas transmissões, até que os donos e empregados das emissoras cheguem a uma conclusão.

Disse-me-disse Condenável!

Os leitores se lembram, por certo, da reportagem, há pouco saída, onde era feita a pergunta "Quem é o melhor, Francisco Carlos ou Jorge Goulart?". A referida reportagem se limitava a estampar as opiniões ouvidas. Depois da idéia executada não seria lícito nem honesto deixarmos de publicar os resultados, por sinal favoráveis a Jorge Goulart. Dissemos, contudo, na matéria que essas "enquetes" refletem tão apenas um momento, nunca significam que um seja melhor do que outro realmente. Não seria mesmo espanto que outra repor-

tagem agora apontasse Francisco Carlos como superior. As circunstâncias operam muito nesses casos, e, afinal, ambos são ótimos cantores, excelentes amigos desta revista. Entretanto, a par disso, aconteceu o seguinte:

Francisco Carlos encontrou-se com um dos nossos redatores e informou que Afrânio Rodrigues e o maestro Ercole Vareto tinham dito a ele que não haviam dado nenhuma opinião na referida reportagem. Entretanto, Afrânio Rodrigues manifestou seu ponto de vista em presença de Germano e o sr. Wallace Láus, na Rádio Mayrink Veiga. Uma e outra testemunhas, aliás, prontificaram-se à confirmação. O maestro Vareto, por sua vez, indagado pelo nosso redator-chefe, não se furtou à opinião que evidenciamos naquela reportagem, respeitando até as vírgulas de sua frase. Não queremos estabelecer polémicas. Pelo contrário: vale-nos a convicção de absoluta honestidade profissional que sempre guiou nossas atitudes. De hoje em diante, até que os senhores Afrânio Rodrigues e Ercole Vareto desfaçam o disse-me-disse condenável, a REVISTA DO RÁDIO evitará colher opiniões de ambos, temerosa, naturalmente, que seus autores fujam à realidade das coisas.

Falando Mais Alto a Guanabara

Comemorando a instalação do seu novo transmissor, a Rádio Guanabara ofereceu aos cronistas, dia 8 passado, uma grande feijoada, pontilhada de cordial bate-papo e planos de futuro. Carlos Brasil, diretor da PRC-8, foi o anfitrião perfeito, cercando os colunistas radiofônicos das maiores gentilezas. A feijoada esteve esplêndida, emoldurada pela paisagem de fios, válvulas eletrônicas e antenas: o almoço foi no local do próprio transmissor, em Bonsucesso.

SOFRE DE ASMA?

Se a tosse o atormenta e exige do seu organismo um esforço sobre-humano, produzindo ansias, asfixias, e ruptura dos vasos capilares evite chegar a êsses extremos, tomando algumas doses do REMÉDIO REYNGATE, as gotas que dão alívio imediato nas tosses e bronquites crônicas ou recentes, secas ou com catarro. Um único vidro do REMÉDIO REYNGATE é o bastante para desobstruir as vias respiratórias, normalizando a sua respiração, dando alívio e bem-estar, porque o muco é dissolvido. Quem tem bronquite encontra no REMÉDIO REYNGATE a sua salvação. Em todo o Brasil. Distribuidor: Araújo Freitas. Não encontrando no local, envie, pelo endereço telegráfico "Mendelinas", Rio Cr\$ 30,00, que remeteremos. Não atendemos pelo Reembolso Postal.

PARA SUA CÚTIS!



3 GRANDES REPORTAGENS!

★ AS CANTORAS DIZEM O QUE PENSAM DE EMILINHA BORBA!

★ AS "LOUCURAS" DOS ARTISTAS DO RÁDIO! ★

★ LUIZ GONZAGA APRESENTA SUA FILHA, A RAINHA-HERDEIRA DO BAIÃO!

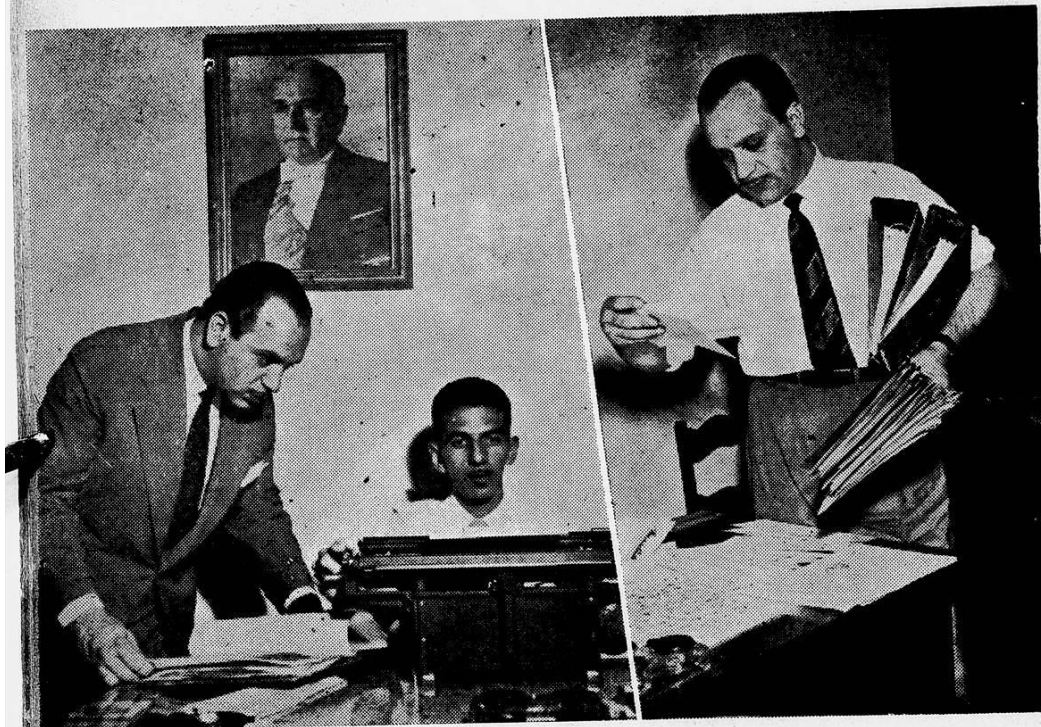
★ E UM MUNDO DE FOTOGRAFIAS E CURIOSIDADES, NA

REVISTA DO RÁDIO

Não percam!
Reserve o seu exemplar!



Normando Lopes, no Sindicato dos Radialistas, confere documentos, na luta pelo aumento de salários para o pessoal do microfone. Virá a melhoria!



VIRÁ O AUMENTO DOS RADIALISTAS!

ASSEGURA NORMANDO LOPES, PRESIDENTE DO SINDICATO DA GENTE DO RÁDIO ★ ELE E LINDA BATISTA: BONS AMIGOS, NADA MAIS

Texto de MAX GOLD — Fotos de E. MELO exclusivas do nosso arquivo

Quando se fala em aumento dos radialistas, vem à tona o nome de Normando Lopes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão do Rio de Janeiro (ou melhor Sindicato dos Radialistas). Vamos apresentar uma rápida biografia de Normando Lopes e alguns dos esclarecimentos que nos prestou quando fomos pedir-lhe uma entrevista. Seu nome todo é Normando Ferreira Lopes e nasceu na cidade de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul. Foi no Paraná que iniciou a carreira radiofônica, ao vencer um concurso para locutor da ZYZ-5, Rádio Difusora de

Paranaguá, em que teve de competir com outros 73 candidatos. Após um ano nesta emissora, foi para São Paulo e, na Tupi, fez o Correspondente G-2, durante a guerra. Em 1944, voltou ao Paraná, para atuar na PRJ-2, Rádio Clube Pontagrossense. Cinco anos depois chegava ao Rio e entrava para a Rádio Clube do Brasil. Nesta permaneceu 3 meses, passando em seguida para a Tupi, a convite de José Mauro, então seu diretor artístico. Em setembro de 1950, a pedido de Paulo de Gramont, ingressou na Tamoio.

Há 4 meses, após um teste para rádio-ator, ingressou, tam-

bém, no rádio-teatro da mesma Tamoio.



— Normando, queríamos saber alguma coisa sobre sua atividade no Sindicato...

— Bem, em 1951 houve um movimento renovador no Sindicato, surgindo uma chapa para a diretoria do mesmo, encabeçada pelo Carlos Frias. Eu e alguns colegas achamos que deveria haver mais de uma chapa para que a eleição fosse bem democrática. Fêz-se então outra, na qual fui indicado como Presidente por Ivair Duque Estrada, operador da Jornal do Brasil. Nesta altura, Carlos Frias resolveu retirar sua cha-

Imagem 24: Entrevista com Normando Lopes, onde ele assegurava o aumento do salário dos radialistas, n. 164, 1952. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

A revista, agora semanário, seguiu vivamente noticiando e publicando as ações promovidas pelo Sindicato dos Radialistas, e que por mais que estivessem no plano das cogitações (ameaças de greve e não a greve em si, pelo menos ainda não havia ocorrido), a revista, acredito, permaneceu tecendo elogios à entidade, sobretudo ao Normando Lopes, que está “vivamente empenhado na conquista de melhores salários para o pessoal do microfone”. A notícia ainda destaca que os radialistas, que lutavam por um aumento de quatro mil, não iriam “voltar atrás de suas pretensões”⁵⁶. Junto a isto, o semanário de Anselmo utilizava a força e influência que possuía para que a mensagem da greve chegasse a todos os cantos, quem sabe até nos “patrões” do rádio, certamente leitores da revista, provável que não era ingênua o que era publicado sobre o assunto, ainda mais quando o periódico deixava claro que “paralisarão as novelas, locutores fecharão a boca e os cantores descansarão a garganta”⁵⁷

Como ressaltado ao longo do presente estudo, os “trabalhadores do rádio” e seus representantes, centrada na figura de Normando Lopes, na época presidente do Sindicato dos Radialistas, inebriaram-se da cultura e da linguagem política trabalhista, e nesse processo, eram estas interpretadas e encaradas de maneira a fazer um cálculo de benefícios que fosse favorável à classe. Em dada entrevista publicada pela *Revista do Rádio*, Normando Lopes assegurou aos radialistas que o aumento salarial virá em breve, e que está “trabalhando” para que seja de fato concretizado, e a revista não deixou de tecer pomposos elogios frente à figura do presidente do sindicato, pois “quando se fala em aumento dos radialistas, vem à tona o nome de Normando Lopes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Empresas de Radiodifusão do Rio de Janeiro (ou melhor Sindicato dos Radialistas)”⁵⁸.

Os radialistas e artistas de rádio, amparados pela Associação Brasileira de Rádio e o recém-criado Sindicato de Radiodifusão, passaram a construir relações de unidade, diferentemente das primeiras notícias retratadas por Anselmo, de que a classe fosse desunida, com a atuação do sindicato e da associação, houve uma alteração nas ações políticas; estavam, pois, “lutando” juntos por um aumento de salários, como estão também utilizando um recurso que até então estava “veladamente proibido” no período do Estado Novo, qual seja, as greves e os dissídios. Reivindicações por aumento de salários não era apenas um caso isolado, pois ao observar o próprio contexto, vemos que esta prática estava sendo tomada por outras classes trabalhadoras.

Ainda sobre o contexto histórico, durante o segundo Governo Vargas, sobretudo em

⁵⁶ Revista do Rádio, n. 153, 12 de agosto de 1952, p. 43.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Revista do Rádio, n. 164, 28 de outubro de 1952, p. 32.

1953, estouraram inúmeras e intensas greves e dissídios coletivos das classes trabalhadoras. E durante esse período, segundo Juliana Martins Alves (2015), a greve era encarada pelas forças políticas como um “antidireito”. Ou seja, por mais que legalmente era permitido que houvesse greves dos trabalhadores, na prática, o que houve no pós-Estado Novo, e principalmente no Governo Dutra, uma grande repressão frente aos movimentos operários. Com o retorno de Vargas ao poder, houve uma espécie de “reatualização” do discurso trabalhista, que aqui encaramos esta readequação a partir da transformação deste discurso enquanto linguagem política.

Ora, na antessala das grandes greves ocorridas em 1953, insurgiu dentro das classes radiofônicas reivindicações que levaram estas ao dissídio coletivo, ao passo que houve ameaças de algumas estações do Rio de Janeiro de “desligarem seus microfones”. E por mais que as greves fossem encaradas como um “antidireito”, vê-se que para além de uma resistência por parte de alguns radialistas, houve a reutilização do discurso trabalhista a favor de seus próprios interesses. Era como se os trabalhadores do rádio, que tinham uma “devoção” ao Getúlio Vargas, não fosse o suficiente para impedir que eles se organizassem, pensando em uma “unidade classista” para lutarem e defenderem seus respectivos direitos. Quando em fins de 1952, a questão sobre o aumento de salário dos radialistas tinha se tornado “radionovela”, arrastando ao longo do mandato de Normando Lopes sem resolver,

Até o momento em que encerrávamos os trabalhos desta edição, o Sindicato dos Radialistas encaminhava aos canais competentes, no Ministério do Trabalho, o pedido de dissídio-coletivo para colocar artistas e técnicos do rádio do rádio em greve legal de protesto contra a decisão dos proprietários das emissoras, que decidiram não atender aos sucessivos apelos de aumento de salário para a classe [...] Dessa maneira, não aceitando os empregadores as pretensões já reduzidas do Sindicato, o rádio entrará em greve, silenciando por completo os microfones⁵⁹.

O que se evidencia ao longo das publicações da *Revista do Rádio*, principalmente quando ela se detinha a retratar as visões e as representações políticas de seus pares, seja o Sindicato ou a Associação, era uma harmoniosa e coesão construção imagética de uma classe unida, ou que estejam em vias de alcançar a tão esperada “unidade da classe”. Prova disto está no fato de que o semanário vislumbrava que a dissidência, a vontade de realizar a greve vinha também daqueles e daquelas que menos apareciam nos cartazes do rádio, técnicos de som, enfim a “gente do rádio” que tanto o sindicato, bem com a A.B.R. queriam representar.

⁵⁹ Revista do Rádio, n. 165, 4 de novembro de 1952, p. 49.

Por outro lado, percebe-se que o próprio semanário não deixou de apresentar aos seus leitores as devidas incongruências que as mesmas representações possuíam, ou os jogos de interesse e de conflito pela qual perpassava as instâncias sindicais dos “trabalhadores do rádio”. Exemplo disto tem-se um número da Revista, em meados de 1953, onde ela publicou sobre uma “rebelião do sindicato”. Sob as palavras de Max Gold, um dos cronistas que escrevia na Revista,

pelo noticiário dos jornais, o público tomou conhecimento de que já se encontra, no Departamento Nacional do Trabalho, um protesto que tomou o número de 151.835, assinado por inúmeros homens de rádio de nossa capital, contra a aprovação das contas da Diretoria do Sindicato dos Radialistas, relativas ao exercício de 1952 (REVISTA DO RÁDIO, 1953, n. 199, p. 36).

O protesto acima mencionado seria um concreto exemplo de coesão e unicidade da classe dos radialistas? Ora, um número expressivo de pessoas que trabalhavam no rádio assinaram um protesto que criticava as ações e possíveis corrupções praticadas por Normando Lopes, o que também, talvez, teve um significativo peso em sua derrota na segunda eleição para presidência do Sindicato, cujo Manoel Barcellos, que também era presidente da Associação Brasileira de Rádio, vencera as eleições, o que foi estampado alegremente pela Revista do Rádio, que também acreditava ter tido papel central na vitória deste sobre Normando Lopes.

O semanário estampou também nesse período um “bilhete ao leitor”, o que, de acordo com o que já foi discutido no primeiro capítulo, era uma espécie de carta direta a quem lia a revista, uma mensagem objetiva e concreta, geralmente declaratória e convocatória para algo relacionado diretamente ao rádio ou a seu pessoal. Nesse caso, o bilhete publicado em abril de 1954 dizia respeito ao pleito que Manoel Barcellos estava concorrendo a vereador para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Anselmo escreveu um bilhete para que seus leitores não só tivessem ciência que o então presidente da Associação Brasileira de Rádio, além de ser também do Sindicato dos Radialistas, era candidato e que possuía reais chances de vencer.

Não foi a única vez que o periódico radiofônico destacou sua gente como candidatos do rádio para cargos políticos, o que será debatido no último capítulo. A meu ver, é por si só uma forma de ler a presente revista: se ela se alimentava de fofocas e amenidades, não deixou em nenhum momento de se posicionar politicamente, sobretudo quando se tratava de estar a favor de seu pessoal, entregando elogios, qualificando-os como bons exemplos para ocupar espaços de poder, seja dentro ou fora do rádio. Não à toa que Anselmo escreveu que “na Câmara Municipal ele certamente se empregará com essa mesma flama em defesa das mais sentidas aspirações do povo carioca. Por isso, prezado eleitor [...] recomendamos ao eleitorado o nome

de Manoel Barcellos”⁶⁰.

Em maio de 1954, foi noticiado que

Vencendo as eleições no Sindicato dos Radialistas, Manoel Barcelos tornou-se duas vezes presidente: da ABR e da entidade de classe dos homens do rádio. Isso veio confirmar o alto conceito de que ele se fez merecedor entre seus companheiros de profissão (REVISTA DO RÁDIO, 1954, 234, p. 16).

A forma como as eleições foram publicadas na revista, dois pontos são dignos de nota: o primeiro diz respeito às práticas inegavelmente democráticas, dado também o período que aqui está sendo analisado, de uma “democracia representativa em consolidação” na esfera política e governamental, e que, em certa medida, encontrou no universo radiofônico alinhamentos precisos e positivos, sobretudo quando se verifica a prática de votar, ou de realização de eleições entre os seus para o Sindicato dos Radialistas, por exemplo.

Getulismo, trabalhismo e “experiência democrática”, faces da mesma moeda, pelo menos em termos de linguagem política (GOMES e D’ARAÚJO, 1989), encontrou terreno fértil no universo radiofônico, ganhando contornos específicos no fazer político da “classe radiofônica”, bem como do semanário que aqui chamamos de “trabalhista”. Certamente a *Revista do Rádio* não levantava a bandeira trabalhista em sua plenitude, mas também, não deixou de noticiar as ações políticas de seus pares. Verifica-se, portanto, um evidente alinhamento com a linguagem política trabalhista, seja por meio das ideias e definições das categorias de trabalho, sindicato, associações, que foram engendradas através do trabalhismo, ou pelas representações de um Vargas carismático nos números do semanário, sobretudo na campanha eleitoral.

No entanto, é possível também constatar que os editores da Revista não se submetiam completamente aos moldes trabalhistas, e que era mais provável que se utilizasse de uma linguagem política do trabalhismo para informar e formar posições, opiniões e visões sobre a classe radiofônica. Essa seleção de imagens também visava à representação positiva de Vargas ao longo das publicações, e certamente, essa construção imagética de um Getúlio carismático possuía o duplo interesse de se vigorar o projeto político getulista no poder, bem como dos próprios radialistas (que na época alguns estavam se colocando como candidatos políticos) participarem também da arena política, que serão as principais temáticas discutidas ao longo dos próximos capítulos.

⁶⁰ Revista do Rádio, n. 238, 3 de abril de 1954, p. 50.

CAPÍTULO IV - GETÚLIO VARGAS EM PAPEL E TINTA: A *Revista do Rádio* e o “retrato do velho outra vez” no cenário político nacional

No apagar das luzes do Estado Novo, Getúlio Vargas e suas respectivas estruturas ditatoriais deixam de compor a cena política nacional. Porém, nos anos 1950, eis que o mesmo ditador, iria colocar-se no pleito democrático, concorrendo ao cargo de chefe máximo do Executivo. A campanha presidencial de Vargas, além de seu Segundo Governo foi acompanhada, divulgada e estampada nas páginas da *Revista do Rádio*, semanário esse que se não era formalmente getulista, era no mínimo um admirador da figura de Getúlio, além de ser favorável ao seu retorno.

Importante ressaltar que o trabalhismo, inventado e moldado sob o primeiro governo Vargas, tornou-se, a meu ver, dentro do contexto da “experiência democrática” uma linguagem política. Linguagem essa que operava ações da classe radiofônica, além de ser sumariamente utilizado no periódico aqui analisado. Sobre essa questão, Juliana Martins Alves nos diz que “nos anos 1950, sob a vigência do regime liberal-democrático, os valores do trabalhismo foram recuperados e vivificados” (ALVES, 2013, p. 146). Dentre eles, como já demonstrado em capítulo anterior, a organização via sindicatos e associações por parte dos grupos sociais, no caso, radialistas. Concordando também com Antonio Luigi Negro, o trabalhismo é um “fenômeno que, arquitetado com o propósito da tutela, foi construído com a possibilidade da reinvenção e da ameaça de ruptura” (NEGRO, 2003, p. 10).

Ao que tudo indica, o trabalhismo que foi pensado como um pacto político entre as classes trabalhadoras e, o Estado varguista foi ressignificado ao longo da “experiência democrática” pós-Estado Novo, e a partir dessa constatação, é possível observar que as aproximações políticas entre a classe radiofônica, em conjunto com Getúlio Vargas se deu também através de um pacto: os radialistas dariam seu amplo apoio ao então candidato a presidente em 1950, e Vargas permaneceria sendo o mantenedor dos benefícios e demandas que eram almejadas por esta classe, tais como adentrar também no jogo político. Logo, ao longo dos números da revista, foram estampadas inúmeras fotografias de Vargas, assim como entrevistas e artigos de apoiadores do Getulismo, contribuindo para que o “retrato do velho” fosse colocado outra vez.

Getúlio era o maior símbolo do trabalhismo, mas não apenas. E ao passo em que tornava uma linguagem política, ganhava novos contornos, sobretudo quando verificam as formas políticas da classe radiofônica agir através do trabalhismo. No entanto, Vargas era a força motriz. E não deixou de ser, além dos artistas de rádio, um dos assuntos mais comentados e

noticiados no então periódico radiofônico. Logo, o objetivo principal deste capítulo é analisar o conjunto de imagens e representações de Getúlio Vargas nas páginas da *Revista do Rádio*, com o intuito também de averiguar as motivações para que o periódico mobilizasse positivamente a figura de Vargas.

4.1. O semanário com saudades do velhinho

A *Revista do Rádio* começou a circular em fevereiro de 1948. E já na segunda edição do periódico, houve a primeira menção a Getúlio Vargas. Veio acompanhado de uma fotografia, não daquele período, mas de um outro, registrando uma visita de alguns radialistas no Palácio Guanabara. Não há exatamente uma datação específica da fotografia, mas o periódico mencionou que “Naqueles bons tempos todo o mundo era getulista. A fotografia acima é uma prova”⁶¹. Vale ressaltar que a presente notícia aparece na quinta página, o que retrata a tamanha importância, visto que a imagem escolhida estampava um vínculo de amizade entre Getúlio e classe radiofônica. A palavra “tempo” associada a imagem, em que “todo mundo era getulista” também é sugestiva: quem escrevia na revista estava com saudades de Vargas.

A partir do ano de 1949, nas vésperas das eleições presidenciais, a revista passou a perguntar recorrentemente aos radialistas e artistas de rádio se acompanhavam os “acontecimentos políticos”. Numa dada entrevista com o radialista Manuel Monteiro, ele respondeu que “como todo bom brasileiro. Interesse-me, entretanto, interesse-me por todos os fatos ligados à pessoa do senador Getúlio Vargas”, e ao ser indagado o motivo, ele respondeu “porque sou getulista de coração, meu caro”⁶². Saudosismo e vínculo são as duas formas encontradas na revista a respeito das primeiras menções de Getúlio nas páginas aqui mencionadas. Apesar de ocupar o cargo de senador da república, Vargas se encontrava recluso em sua fazenda em São Borja, no Rio Grande do Sul. Longe dos holofotes, mas não esquecido pela *Revista do Rádio*, muito menos dos solidários amigos e amigas radialistas.

Tânia Regina de Luca já sinalizou que “a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (LUCA, 2005, p. 140). Em outras palavras, os conteúdos destinados a falar sobre as preferências políticas da classe radiofônica retratam, possivelmente, as sugestões que a própria revista entregava em suas páginas para o seu público (e)leitor. Quando o periódico destina

⁶¹ Revista do Rádio, n.2, março de 1948, p. 3.

⁶² Revista do Rádio, n. 11, janeiro de 1949, p. 40.

caneta, papel e atenção para os radialistas e artistas de rádio que votariam em Getúlio Vargas para presidente, poderia então inferir que o semanário era um franco apoiador do getulismo? Partindo dessas constatações e questionamentos, a revista ia apresentando, representando e ao mesmo tempo, não permitindo que o nome de Getúlio fosse esquecido.

A edição 14 trouxe uma matéria sob o título “Alvarenga e Ranchinho tem saudades de Getúlio”. A reportagem falava dos boatos que às vezes cercavam os humoristas que faziam piadas com os acontecimentos e personagens políticos da época. Nesta, é realizada uma entrevista com Alvarenga e Ranchinho, no qual eles não apenas desmentem que já foram alvos de qualquer tipo de censura por conta de suas piadas, pelo contrário, mesmo no tempo do Sr. Getúlio Vargas nada nos aconteceu. Pelo contrário, ele gostava bastante das nossas atuações”⁶³. Vargas, segundo eles, soltava “altas gargalhadas”. A dupla era, de acordo com o que foi noticiado, constantemente requisitada para fazer suas apresentações no Palácio do Catete.

A revista foi construindo de maneira coesa e precisa a imagem de um Getúlio carismático, sorridente, de bem com a vida, levando em conta as palavras que acompanham o nome de Vargas na própria entrevista, tais como "saudade" e "altas gargalhadas". Distante de qualquer menção negativa, ignorava-se o fato de que Getúlio outrora tinha governado de forma ditatorial, o Vargas da *Revista do Rádio* tinha outros contornos. Bastante nítidos. O alardeio das vésperas eleitorais era vinculado a um sentimento de saudade do valoroso tempo em que Getúlio esteve no poder estatal, tal qual sugere a reportagem citada acima. Até que ponto não são os próprios editores da revista que pretendem provocar este tipo de sentimento no seu público leitor? Será que não são os próprios radialistas que estão com saudades de Getúlio? Um outro ponto interessante diz respeito à forma como a revista adjetiva Getúlio, como o “líder dos trabalhadores”. Isto não apenas significa o quanto os escritores do semanário estavam alinhados ao curso dos acontecimentos políticos da época, como também reconhecem que Vargas de fato era, segundo a ótica da Revista, uma figura importante do trabalhismo.

⁶³ Revista do Rádio, 1949, n. 14, p. 8

ALVARENGA E RANCHINHO

TÊM SAUDADES DE GETULIO

O EX-PRESIDENTE GOSTAVA DE OUVÍ-LOS — TAMBÉM O GENERAL DUTRA GOSTA DA POPULAR DUPLA — SUCESSO DE UMA PARÓDIA

Os humoristas do nosso rádio que se dedicam à sátira política têm, de quando em vez, os seus nomes envolvidos em boatos, nos quais se afirma terem sido eles detidos pela polícia por esta ou aquela crítica aos nossos homens públicos.

Alvarenga e Ranchinho, que fazem desse gênero de humorismo o motivo de atração de suas atuações, têm sido, constantemente, alvo daqueles boatos tendenciosos.

— Nós, porém, jamais fomos

dar com os costados nas grades por causa das nossas piadas — disse-nos Alvarenga.

— Aliás — acrescentou Ranchinho — mesmo no tempo do sr. Getúlio Vargas nada nos aconteceu. Pelo contrário, ele gostava bastante das nossas atuações. Tanto, que nas festas do seu aniversário e do dos seus familiares, nós lá estávamos com as nossas paródias e modas de viola. Nessas ocasiões, ele nos pedia para contar algumas das numerosas anedotas nas quais o seu nome estivesse envolvido.

— E vocês contavam? — perguntámos.

— Como não?! — respondeu Ranchinho. — No momento, lembro-me de uma que ele não se cansava de ouvir.

Solicitámos, então, aos “milionários do riso”, que nos contassem a referida anedota.

Alvarenga não se fez de rogado e contou:

— Ela era assim: eu fazia uma cara feia e dizia para o Ranchinho: “Eu num ando bão, cumpadi. Tô munto fraco, sabi?”

Ao que Ranchinho respondia:

— Óia, cumpadi: prú que vançê num toma a tar di vitamina?”

— “Já tumei tôdas. Desde o “a” até o “y” — redarguia Alvarenga.



Eles se lembram de Getúlio com saudade e dizem que o ex-Presidente gostava de ouvi-los, dando boas gargalhadas. Até hoje Alvarenga e Ranchinho ainda contam piadas envolvendo o nome do líder dos trabalhadores

Imagem 25: Entrevista com Alvarenga e Ranchinho, na qual é destacada a “saudade” que estavam de Getúlio, n. 14, 1949. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

No bojo das reportagens que antecederam as eleições de 1950, a que salta aos olhos foi a visita de Pedro Raimundo, radialista, ao Getúlio em São Borja. A matéria em si não é sobre Getúlio. No entanto, há um pequeno trecho, ao lado de uma fotografia de Vargas com Pedro Raimundo, onde está escrito que “Getúlio foi sempre amigo dos artistas”⁶⁴. Novamente, a revista retratava de maneira contundente as atribuições positivas de Vargas para com os artistas de rádio, apresentando uma relação de amizade muito próxima, como no caso de Pedro Raimundo, que em visita ao Rio Grande do Sul, fora ao encontro de Getúlio, e lá foi tirado uma fotografia, estampada neste número. Assim como a primeira fotografia registrada e publicada pela revista, esta também é tirada, junto com Pedro Raimundo, de Vargas sorrindo. O sorriso de Getúlio foi um dos pontos mais explorados pelo semanário aqui analisado, e a opção de retratar o ex-presidente de forma carismática não é feita despropositadamente. O periódico propõe apresentar e representar a figura de Getúlio Vargas desta e não de outra forma. Sorrindo, e não de outra maneira.

No editorial da edição seguinte, escrito por Anselmo Domingos, ele comenta que dentre os que se propõem fazer a “arte embaraçosa de escrever graça para o microfone”, Aloísio Silva é o que mais consegue obter sucesso dentre os programas de rádio. Ao citar um exemplo desses programas (Pensão do Catete), Anselmo diz que, por mais que seja cômico, o mesmo só peca por um motivo: “Ataca Getúlio”. Segundo suas palavras, “Atacando a Getúlio, talvez Aloísio agrade aos granfinos. Ao zé povo, aos que na maioria ouvem seus programas, não”⁶⁵. Houve uma posição bastante refinada das finalidades do ramo radiofônico para com o “povo”, ou para sociedade em geral. Será que tudo isso nos ajuda a pensar nas formas de relação entre rádio e Vargas? Ora, Getúlio já era encarado pela revista como o líder dos trabalhadores, conforme a edição anterior. Ou seja, parece que existe um reconhecimento da imagem positiva de Vargas para com o “povo”, e essa imagem opera de maneira a aproximar este com os radialistas e demais artistas de rádio (conforme edição anterior, Getúlio foi sempre “amigo dos artistas”).

Ainda em 1949, uma matéria com o título “Um milhão de cruzeiros pelas memórias de Getúlio no Rádio” veio acompanhada de uma caricatura desenhada de Vargas juntamente com a notícia. A reportagem consiste em relatar uma proposta feita a Getúlio Vargas de gravar suas memórias e irradiá-las no rádio, mais especificamente àquelas ligadas aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Inclusive, fora o próprio Chateaubriand que teve a presente ideia, bem como de oferecer um milhão de cruzeiros ao Sr. Vargas. A proposta foi recusada, mas antes, a revista deixa claro que viera com “uma gargalhada ampla”, explorando mais uma vez o sorriso

⁶⁴ Revista do Rádio, n. 16, junho de 1949, p. 19.

⁶⁵ Revista do Rádio, n. 17, julho de 1949, p. 3.

de Getúlio. Chateaubriand havia solicitado que Salgado Filho, ex-ministro do Trabalho para que fosse à fazenda de Vargas, em São Borja, para oferecer mil cruzeiros em troca de uma série de gravações das memórias de Getúlio, que seriam amplamente transmitidas nas emissoras “associadas”.

Seguindo a reportagem:

A resposta, porém, (estamos suficientemente informados) foi recusada. Depois, com uma gargalhada ampla, o ex-presidente do Brasil perguntou ao sr. Salgado Filho:

- Mas afinal, que desejava o Chateaubriand fazer com as minhas memórias? (REVISTA DO RÁDIO, n. 17, 1949).

A proposta seguia com a condição de que Vargas não precisaria escrever de próprio punho. Haveria um datilógrafo disponível, assim como um revisor de redação. Por mais que Vargas tenha recusado a oferta, a revista escreve que “não resta dúvida, seria um acontecimento sensacional no rádio brasileiro”⁶⁶. Esta reportagem viera nas primeiras páginas da revista, o que demonstra o grau de importância em se noticiar tal fato, ainda que a proposta tivesse sido recusada por Getúlio. Outra questão interessante diz respeito à gravura de Getúlio Vargas, com a mão no bolso, “bonachão”, com um sorriso entreaberto. Foi a primeira vez que a revista “representou” a figura de Vargas, desenhando-o conforme o imaginário que já estava se consolidando, de um político “carismático”. Num outro trabalho, comentei que

o efeito sombreado e as curvas que remetem a um “senhor de idade”, bem-vestido, com a mão no bolso, demonstrando destreza, confiança. Uma imagem intimista, por assim dizer. Com um sorriso entreaberto. Inclusive, os próprios redatores da reportagem fizeram questão de dizer que a recusa viera de Getúlio com “uma gargalhada ampla” (SANTOS, 2020, p. 197)

E mesmo sem ter ocorrido, podemos dizer que essa reportagem, juntamente com a gravura de Getúlio, e seu sorriso sendo evocado mesmo tendo recusado a oferta, acabou tomando esta singela reportagem como um espaço lembrança e não esquecimento do sorriso e da espirtuosidade de Vargas, arraigado nos traços da gravura. A memória de Vargas não foi irradiada, mas sua imagem se fez presente na revista, certamente “o sorriso do velhinho” não deixava ser esquecido pelo semanário radiofônico.

⁶⁶ Revista do Rádio, n. 17, julho de 1949, p. 5.

UM MILHÃO DE CRUZEIROS PELAS MEMÓRIAS DE GETÚLIO NO RÁDIO!

LEIA ISTO:

Estamos solidamente informados de que o Sr. Assis Chateaubriand, diretor geral das rádios e jornais "associados", mandou fazer uma tentadora proposta ao ex-presidente Getúlio Vargas: um milhão de cruzeiros pelas

— Mas afinal que desejava o Chateaubriand fazer com as minhas memórias?

O antigo ministro informou que as Memórias do sr. Getúlio seriam transmitidas ao microfone (possivelmente radiofonizadas) em irradiação diária, por meio de uma grande cadeia de todas as emissoras "associadas" do Brasil, comandadas pela Tupi do Rio! Simultaneamente os capítulos das Memórias seriam publicados no "Diário da Noite", do Rio.

Como se vê, tratava-se de uma iniciativa arrojada. E, por certo, o sr. Chateaubriand não esperava que o sr. Getúlio Vargas recusasse tanto dinheiro. Mil contos! Com a seguinte atenuante para o ex-presidente: ele não precisaria escrever do próprio punho. O diretor das rádios "associadas" colocaria à disposição do mesmo uma dactilógrafa e um revisor de redação! Mesmo assim o sr. Getúlio Vargas não aceitou.

Não resta dúvida, seria um acontecimento sensacional no Rádio brasileiro!



Brasilêêêêiros!...

suas Memórias pessoais! O portador dessa proposta foi o senhor Salgado Filho, com o qual o sr. Assis Chateaubriand mantém relações de amizade. O ex-ministro do Trabalho esteve na fazenda do sr. Getúlio Vargas e lhe apresentou o vultoso oferecimento. A resposta porém, (estamos suficientemente informados) foi recusada. Depois, com uma gargalhada ampla, o ex-presidente do Brasil perguntou ao sr. Salgado Filho:

★ Quando estiver ouvindo rádio em casa, não aumente muito o volume do seu receptor. Lembre-se de que os vizinhos podem não gostar do programa que você está ouvindo.

★ Auxilie os diretores das estações mandando a sua opinião, sempre que puder. Elogiando quando o programa lhe agrada. Criticando, com ética, quando não gostar.



REVISTA DO RÁDIO

5

Imagem 26: Entrevista com Alvarenga e Ranchinho, onde é destacado a "saúde" que estavam de Getúlio, n. 14, 1949. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Em uma entrevista com o radialista Silvino Neto, o assunto principal foi política. Na entrevista nos é revelado que este radialista fez sucesso com uma modalidade de fazer e falar no rádio: o futebol político. Na entrevista, a revista deixa evidente que Silvino ficara conhecido no Palácio do Catete após Agamenon Magalhães colocar Getúlio para escutar um de seus programas, o que resultou em uma “das mais espetaculares risadas de sua vida e começou a achar graça em Silvino”. Silvino Neto estava bastante atento ao decurso político da época, alegando que se porventura houvesse apoio de Getúlio à candidatura de Adhemar de Barros para presidência do país, certamente venceria. Seguindo a lógica de Silvino Neto, “política é como futebol. Os melhores jogos são aqueles que têm a maior torcida”⁶⁷.

O número 17 foi a publicação em que o nome de Getúlio é mais mencionado, representado nas gravuras, no editorial e na entrevista de um radialista político. Relembrando que já estavam sendo elaboradas neste período as possíveis alianças políticas que acarretariam ou não na candidatura de Vargas na presidência. Novamente, é possível verificar a imagem de Getúlio sendo retratado com seu irreverente e largo sorriso. Será que é desta maneira que Vargas era visto pelos editores da revista, como alguém que estava “sempre de bom-humor”? Eram comuns também enquetes sobre quais eram as preferências dos candidatos à presidência. No geral, a maioria se declarou favorável ao Getúlio. Outra parte dos entrevistados mencionou o nome de Ademar de Barros. Ademar também era fenômeno de “carisma”, e considerado, naquele momento, um fiador do getulismo em São Paulo. Duas respostas merecem destaque: “Se o povo prefere Getúlio, pra que discutir com o povo?” e “Meu filho, nós somos francamente do Getúlio. Se ele se candidatar, levará nosso voto incondicionalmente”⁶⁸.

A enquete viera acompanhada do título “Os artistas querem”. O verbo ‘querer’, no contexto aqui analisado possui outros sentidos. Sentidos esses ligados a uma linguagem política trabalhista. É provável que, mesmo sem intenção, o semanário acabou invocando e trazendo à baila um movimento ocorrido nos finais dos anos 1945 e que, em maior ou menor grau, ainda tinha força de expressão, qual seja, o quererismo. Ao discutir sobre os sentidos do quererismo, Jefferson José Queler nos diz que “o uso do termo quererismo para descrever as manifestações populares a favor de Getúlio Vargas, em 1945, é bastante cristalizado na historiografia. Entretanto, é possível indicar como tal conceito, longe de possuir um sentido neutro e fixo, foi então instrumento central da luta política” (QUELER, 2016, p. 2).

Embora não seja possível estabelecer uma linha direta entre quererismo e *Revista do Rádio*, é no mínimo curioso observar quais nomenclaturas foram utilizadas e que acabam

⁶⁷ Revista do Rádio, n. 17, julho de 1949, p. 32.

⁶⁸ Revista do Rádio, n. 19, setembro de 1949, p. 34.

desembocando numa linguagem do trabalhismo. Os artistas “querem” a volta de Getúlio, e o quererismo radialista revelam o mesmo intento que os “trabalhadores” que participavam do movimento como tal. Movimento este que travou inúmeras disputas sobre seu “real” sentido, e que, na verdade, para utilizar as reflexões de Jorge Ferreira, trouxe um amálgama de aprendizados políticos para as diversas classes trabalhadoras (FERREIRA, 2006). E os “trabalhadores do rádio”, em sintonia com os acontecimentos políticos em seu entorno, também aprenderam com a linguagem do trabalhismo, inclusive a formarem opiniões, visões de mundo, estampados em larga medida no semanário de Anselmo.

4.2. O rádio está com Getúlio? A campanha presidencial dos anos 50 em páginas radiofônicas

Em uma entrevista realizada pela revista, o radialista Almirante, “a maior patente do rádio”, declarou algo interessante: “Falar de política é algo tão natural para um elemento de rádio como falar sobre o rádio por um elemento da política”⁶⁹. Logo, o entrevistador (Caspary) queria retirar daquela entrevista as preferências políticas do Almirante, o que consegue com êxito. Ele declara que acredita que Getúlio é um homem honesto, mas que votará em Adhemar de Barros. E o mais interessante é que o destaque do título da reportagem é que “Getúlio é um homem honesto”, e nenhum momento é deixado evidente de antemão que o Almirante votaria em outro candidato.

A revista, mais especificamente Caspary, selecionou o que convinha para o título, para talvez provocar a ideia de que o Almirante não apenas acredita que Getúlio é um homem honesto, como também automaticamente faria dessa opinião um ponto suficiente como dado de seu apoio à candidatura de Vargas. Numa outra entrevista feita para a *Revista do Rádio*, Lúcia Delor, ao responder a última pergunta sobre quem ela votaria para presidente do Brasil, ela diz que seu voto será para Getúlio Vargas. Mais que isso, de todas as afirmações feitas por Lúcia ao longo da entrevista, àquela que foi digna de ser destacada no título foi justamente a menção dela para Vargas. Quais as intenções que há em deixar evidente o amplo apoio da classe radiofônica à candidatura de Getúlio?

⁶⁹ Revista do Rádio, n. 29, 1 de abril de 1950, p. 15.



**"VOTAREI
EM
GETÚLIO
VARGAS
PARA PRE-
SIDENTE
* DO
BRASIL"
afirma
Lúcia
Delor
a
estréla
rádio-atriz**

de Emile Zola, interpretando a esposa de Zola. Entretanto voltou a sua primitiva profissão que é atriz, para só retornar ao rádio em 1944 quando assinou contrato com a PRE-3, que deixava de ser Transmissora para receber o batismo de "Globo". Até hoje Lúcia Delor continua como uma categorizada rádio-atriz do elenco dirigido por Amaral Gurgel.

Lúcia Delor é uma pessoa extremamente simpática e cativante, de forma que esta entrevista foi para nós, um "bate-papo" muito agradável. Rabuscamos na memória o que ouvimos da "estréla" da Rádio Globo para contarmos aos leitores.

Em determinado momento perguntamos-lhe se tinha preferido o rádio ao teatro e a sua resposta veio pronta.

— Não. — Fêz uma pausa para refletir e continuou: — Afastei-me do teatro por motivos íntimos, mas, continuo incondicional ad-

miradora do teatro. Agora quanto ao rádio a questão é a seguinte: desta vez radiquei-me inteiramente ao teatro-cego e assim por uma série infundáveis de motivos não mais pretendo deixá-lo se Deus quiser.

— Nesta afirmativa, podemos pensar então que você está plenamente satisfeita com a Rádio Globo?

— "Satisfeitíssima. Para mim a Globo é a melhor estação que existe para se trabalhar, como também considero os meus colegas os melhores que existem.

— Diga-nos Lúcia, qual o gênero que prefere representar?

— "Não tenho predileção. Como

**EM CADA TERÇA-FEIRA
UM NÚMERO MELHOR
DA
REVISTA DO RÁDIO**

profissional, a todos os papéis que me encarregam de fazer, eu procuro dar o melhor de meus esforços".

— Lúcia, vimos você no filme "Pinguinho de Gente". Qual será o seu próximo filme?

— Realmente atuei no filme da Cinédia, entretanto por absoluta falta de tempo tenho recusado as propostas e convites que me têm sido feitos. É difícil para uma artista trabalhar no rádio e no cinema ao mesmo tempo.

— Estamos satisfeitos Lúcia, mas, vamos fazer-lhe a última pergunta e esta você responderá se quiser. Já escolheu o seu candidato para as próximas eleições?

Lúcia esboçou um sorriso e respondeu:

— Já. Votarei em Getúlio Vargas.

Assim nos despedimos de Lúcia Delor com o nosso muito obrigado,

Imagem 27: Entrevista com Lúcia Delor, na qual afirma que votará em Vargas, n. 31, 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Na coluna sobre *Rádio e Política*, Caspary inicia narrando sobre a trajetória do radialista e, naquela época, vereador, Ary Barroso, que segundo suas palavras, havia tido um contingente significativo de votos, mas que agora estava “prevendo que seu partido não tenha forças suficientes para reelegê-lo”⁷⁰, a Revista aponta que Ary estava cogitando mudar de partido, e que estaria mesmo disposto a ingressar no PTB. No entanto, o próprio radialista diz que é mais fiel ao seu público eleitor do que aos partidos. Anselmo, diretor-chefe da revista, comenta em um de seus editoriais que a revista não possui “cor política” além de ser regida pela imparcialidade. No entanto, o que decorre nas páginas é que, pelo menos Caspary, colunista que escreveu na seção aqui citada, possuía claramente uma posição política, o que põe em xeque a isonomia e equidistância política do periódico.

Creio ser quase impossível, sobretudo em tempos eleitorais, que as pessoas deixem de debater política. A prova está no fato de que praticamente quase todas as entrevistas feitas com artistas nos anos 1950 tinha-se a pergunta em qual candidato votariam. A atenção maior era para a presidência da República. Nesse contexto, a revista publicou uma matéria sob o título “O Rádio está com Getúlio?”⁷¹ O título da matéria já é, por si só, bastante provocativo. Primeiro, que engloba uma série de segmentos do meio radiofônico em uma só expressão, “Rádio”. Ou seja, não apenas radialistas ou cantores do rádio, mas toda a classe radiofônica está com Getúlio? Ora, a própria revista, bem como seus jornalistas e editores teriam embasamento o suficiente para saber que havia um contingente significativo do meio radiofônico que é getulista (basta verificar os números anteriores desse mesmo ano). A questão é, ao que tudo indica, que se faz necessário ressaltar, lembrar ou até mesmo reafirmar que os “trabalhadores do Rádio” estão com Vargas.

Isso pode ser vislumbrado no decorrer da reportagem, quando é mencionado o nome da Eladir Porto, que no número anterior havia comentado que tinha vindo da Argentina para cumprir “o seu dever patriótico” de votar “em Getúlio”. Ela ainda comenta que na semana seguinte iria gravar um jingle da campanha de Getúlio. Já neste número, a Revista apresenta Eladir Porto como um entusiasta getulista que está a serviço de “seu patrono”, realizando shows nos bairros do Rio de Janeiro e angariando votos para Vargas. A revista toma o nome de Eladir como exemplo de uma classe radiofônica que estava em pleno alinhamento com a campanha presidencial de Getúlio Vargas, bem como de seu retorno ao poder.

Ainda sobre o trabalho feito por Eladir Porto, foi noticiado, já nas primeiras páginas, um “show” realizado pela cantora na inauguração de mais um escritório eleitoral para a

⁷⁰ Revista do Rádio, n. 31, 11 de abril de 1950, p. 25.

⁷¹ Revista do Rádio, n. 37, 23 de maio de 1950, p. 38.

campanha presidencial de Getúlio Vargas. É notável como de fato os artistas de rádio, mais especificamente a Eladir Porto que é manchete pela terceira vez na revista, “vestiu a camisa” da campanha e trabalhou arduamente em prol de Vargas. Algo interessante que o semanário ressalta é que o grande público que estava presente nessa inauguração comprovava “o interesse do público pelo rádio e sua aliança com a política”⁷². O assunto não era outro. Não tinha como escapar. No entanto, Anselmo Domingos, editor-chefe, fez questão de escrever em um editorial desse período que

Não temos cor política. Se alguma coisa temos publicado com referências a candidatos ou a eleições é porque algo de radiofônico se poderá extrair das referidas publicações. Vários leitores nos perguntam se fazemos força por Getúlio. Outros nos sugerem que seria muito mais ‘negócio’ abrir as páginas à política do governo. Preferimos, porém, o que estamos fazendo: dar notícia a tudo que realmente nos pareça interessante para os leitores, leitores de uma publicação destinada aos assuntos de rádio. É claro que rádio e política estão muito juntos, ultimamente, razão pela qual estaremos presentes em qualquer assunto político onde haja rádio, como não de qualquer assunto radiofônico só porque tenha ele ambiente político... Certo?

As palavras de Anselmo ajudam a explicar as razões pelas quais os anos 1950 foram o período em que sua revista mais se dedicou a tratar sobre política. Partindo da premissa da imparcialidade, o diretor-chefe deixava claro para seus leitores que não levantava a bandeira “trabalhista” ou “antigetulista”, diferentemente de outros meios de comunicação, tais como jornais que se colocavam na trincheira de combate ao retorno de Vargas. De acordo com Luís Ricardo Araújo da Costa, “desenhado como um neoconvertido a democrata, Getúlio era continuamente desmentido pela imprensa carioca, pródiga a rememorar a experiência estadonovista” (COSTA, 2016, p. 127). Para esse autor, parte da imprensa carioca se mostrava nos anos 50 completamente avessa ao que Vargas representava: um ditador, demagógico, antiliberal, e que certamente deveria não competir nas eleições presidenciais. A *Revista do Rádio*, embora não colocasse na empreitada de ser deste ou daquele partido ou candidato, não parecia incomodada com o fato de que a esmagadora maioria da classe de radialistas era favoravelmente alinhada a Getúlio.

Em uma reportagem concedida por Anita Otero, no dia 3 de outubro de 1950, data das eleições, a artista de rádio opinou sobre suas posições políticas, bem como qual seria o candidato que votaria. A questão é que ao lermos a notícia, pelo título, de acordo com a imagem acima, já sabemos em que iria votar. Será que é mais uma investida dos escritores da revista em

⁷² Revista do Rádio, n. 43, 4 de julho de 1950, p. 3.

deixar evidente o quanto era numerosos os artistas e as artistas do meio radiofônico que estavam alinhados com Getúlio Vargas? O que pode ser constatado, principalmente no ano de 1950, é a dedicação que o semanário teve em tornar públicas as opiniões políticas da classe radiofônica, mas talvez não seja forçoso acreditar que a Revista tivesse interesse em publicar (e colocar nos títulos das reportagens) o nome e a candidatura de Getúlio.

Semanas após as eleições, Anselmo destinou algumas de suas opiniões políticas nos editoriais. Porém, a tônica não era necessariamente sobre a vitória de Getúlio, mas de algo que muito me interessa discutir, qual seja, uma das possíveis razões que levaram determinados radialistas e artistas de rádio a apoiarem Vargas. Vamos ao que foi dito pelo criador da revista. Em suas palavras,

Pode-se argumentar que nem todos os candidatos do rádio poderiam aparecer na chapa do PTB, onde até Sagramor, para entrar, só o conseguiu com a intervenção de Getúlio [...] Provado está, mais do que provado, que o fã escolheu entre os candidatos do rádio os que eram de Getúlio. Deixou de lado a questão do nome, prestígio pessoal do artista, cara bonita, etc (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 59, p. 3).

Nas mesmas eleições presidenciais, alguns radialistas se colocaram no pleito, concorrendo a cargos de vereadores na capital federal, Rio de Janeiro. Irei discutir mais detidamente sobre os “candidatos do rádio” no próximo capítulo. No entanto, é importante realçar a visão política que Anselmo possui sobre os acontecimentos que giravam em torno das candidaturas radiofônicas. Para o escritor de radionovelas, a vitória ou derrota dos candidatos se deu pela aproximação ou o distanciamento destes com Getúlio. O então presidente eleito democraticamente em 1950 era encarado e representado como um político de tamanha importância, e a classe radiofônica tinha ciência de tal fato. E pelo visto, o próprio Anselmo se viu na obrigação de admitir em suas linhas editoriais. A vitória de poucos candidatos do rádio poderia ser explicada, pela ótica da revista, através da relação recíproca entre aqueles e aquelas radialistas que eram “getulistas”.

Ainda sobre essa relação, na seção *Feira de Amostras*, foi publicado o seguinte comentário: "Dizem que Getúlio Vargas, dentre todos os presidentes, é o maior amigo dos artistas brasileiros. E, é verdade. Verdade é também que os artistas são os maiores amigos de Vargas. Tanto que já está provado que fomos nós que lhe demos a vitória!"⁷³. Apesar desta pequena reportagem ter um excêntrico tom de ironia, visto que foi publicado em uma parte da

⁷³ Revista do Rádio, n. 68, 26 de dezembro de 1950, p. 5.

revista dedicada a “piadas” sobre as pessoas do rádio, ela revela os posicionamentos políticos da classe radiofônica, onde as linguagens políticas, certamente, ganham contornos específicos quando se converge assuntos do rádio e questões políticas.

4.3. O que esperar de Getúlio? entre expectativas e frustrações

No editorial de fevereiro de 1951, eis que Anselmo, que se colocava sempre na espreita da imparcialidade, resolveu levantar algumas questões (políticas) no que dizia respeito às primeiras ações de Getúlio. Ele inicia dizendo que é “natural” que com a mudança de governo, também sejam modificadas as diretorias das emissoras oficiais e semioficiais do Estado, tais como a Rádio Nacional, que é servido de exemplo. O mais interessante é que Anselmo delineia uma categoria que, já naquela época, caracteriza (ainda que de forma pejorativa) governos e governantes, isto é, o populismo. Seguindo as palavras de Anselmo, “nomes de confiança do senhor Getúlio Vargas, evidentemente, tomarão conta dos destinos das ‘pe-erres’ ligadas diretamente ou indiretamente aos poderes públicos, divulgando, está claro, os assuntos de maior interesse do populismo”⁷⁴. Isto também nos leva a considerar as nuances que havia entre a classe radiofônica e a figura política de Vargas, bem como de sua maneira de governar, já denominada por Anselmo como “populista”.

A palavra “populismo”, parte do vocabulário político de Anselmo Domingos, apresentado pela revista, demonstrava aquilo que já foi sinalizado por Ângela de Castro Gomes, quando diz que “se trata de um conceito com um dos mais altos graus de compartilhamento, plasticidade e solidificação, não apenas no espaço acadêmico da história e das ciências sociais, como transcendendo este espaço e marcando o que poderia ser chamado uma cultura política nacional” (GOMES, 1996, p. 2). O Populismo possui uma história e trajetória que atravessou a história política recente (FERREIRA, 2001). De acordo com a literatura acadêmica, inicialmente, as primeiras vezes em que esse termo passou a ser cunhado, sobretudo por parte da sociedade e da imprensa nos anos 50, ser “populista” estava relacionado a um político “carismático”, que se aproveitava de um “eleitorado que não sabia votar” e que acreditava em tudo que aquele político dizia.

Vargas, nesse sentido, era considerado populista pelo editor-chefe da revista. Mais precisamente pelo motivo de que a troca de diretores das emissoras não tinha critérios “lógicos

⁷⁴ Revista do Rádio, n. 75, 13 de fevereiro de 1951, p. 3.

e racionais”, mas sim por pura “troca de favores” ou porque estes que seriam alocados o foram pelo simples fato de estarem ligados à órbita varguista. O próprio Anselmo no término de sua fala no editorial, sugeriu que “melhor seria deixar como está...[...] longe da política, são emissoras de utilidade pública, populares e graças aos seus atuais dirigentes, têm cumprido os seus bons e elogiáveis propósitos”. Ora, este mesmo editorial revela que a Revista tinha expectativas de como seria o trato de Getúlio no que tange ao universo radiofônico. E Anselmo não estava contente com as “mudanças desnecessárias” que ocorreram na troca de diretores. Importante ressaltar que Getúlio colocou Vitor Costa, radialista que foi presidente da Associação Brasileira como diretor da Rádio Nacional, no mesmo contexto em que Eladir Porto também retornou a essa emissora. Tudo isto foi lido e interpretado por Anselmo Domingos como uma “política populista”, certamente numa lógica vista como extremamente negativa.

Isto quer dizer, que de alguma forma, aqueles e aquelas radialistas que levantaram mastro e remaram a favor da maré para a volta do “retrato do velho” outra vez, agora, após as eleições, tinham suas expectativas apresentadas no semanário. Numa enquete publicada sob o título “O que você espera de Getúlio?”, surgida a partir de uma indagação de dois artistas de Rádio, se Vargas fará um bom governo, teve como finalidade averiguar a opinião dos radialistas e artistas de Rádio a despeito do futuro governo. No entanto, quem escreveu a reportagem já deixa evidente sua opinião a respeito de Getúlio, qual seja, “todos sabem que o atual presidente eleito sempre foi grande amigo dos radialistas”, destacando também que Vargas era presidente honorário da Associação Brasileira de Rádio. De maneira geral, os artistas e radialistas que foram entrevistadas disseram estar otimistas quanto ao futuro governo, bem como da capacidade que Getúlio possuía de realizar um bom trabalho enquanto presidente, e “depois disso ninguém pode duvidar que o presidente eleito conta com as simpatias da classe radiofônica”⁷⁵.

Na seção *Perguntas da Semana*, também veio da mesma indagação anterior, questionado se os artistas de rádio estão gostando do governo Vargas, conforme imagem a seguir:

⁷⁵ Revista do Rádio, n. 76, 20 de fevereiro de 1951, p. 12.



DICK FARNEY

«Até aqui, estou. Getúlio parece que vai ser um bom presidente... principalmente se reabrir o jôgo!»



LUZ DEL FUEGO

«Não... porque Getúlio está perseguindo mulheres indefesas, apreendendo as revistas naturalistas e, inclusive, a minha Colônia de Nudismo.»



DOMICIO COSTA

«Estou... e espero que ele cumpra suas promessas... que não são poucas, por sinal!»



ELADIR PORTO

«Sempre gostei. Porque Getúlio sabe perdoar, seguindo a lição do Divino Criador.»

★
A Pergunta da Semana

**ESTÁ
GOSTANDO
DE
GETÚLIO ?**



AIMÉE

Num sorriso significativo, veio a resposta singular: «Estou esperando...»



JÚLIO ATLAS

Fazendo «blague», o produtor da PRA-9 explicou: «Estou gostando... dos discursos de Getúlio!»

★
LURDINHA BITENCOURT

«Estou. Se Getúlio não fez mais é porque não pode produzir milagres!»



XEREM

«E muito, porque ele está fazendo tudo para o progresso do Brasil e para o nosso bem-estar.»

Revista do Rádio

Imagem 28 :Seção “Pergunta da Semana”, cuja pergunta foi “Está gostando de Getúlio?”, n. 91, 1951. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Das respostas, a que mais chama atenção, talvez, seja a de Eladir Porto, getulista de corpo e alma, deixando evidente ao falar que “sempre gostei. Porque Getúlio sabe perdoar, seguindo a lição do Divino Criador”. A palavra ‘perdão’ remete a uma outra, que foi a costura que conectou toda a campanha de Getúlio, conciliação. Para Maria Celina d’Araújo (1982), as alianças conciliatórias formuladas para que Vargas tivesse apoio político eram sintomáticos da crise pela qual era base do sistema democrático brasileiro daquele período. De acordo com essa autora, a “crise” do governo varguista não se deu no seu término, mas sim pelo fato de que a impossibilidade de haver naquele contexto alguém que desbaratinasse Getúlio, era a prova cabal da falta de uma democracia sólida. A crise já estava evidente antes de “agosto de 54”.

No entanto, as páginas dedicadas para tratar sobre esse assunto revelam algumas outras matizes que, em maior ou menor grau, colocam em xeque a questão de encarar o segundo governo Vargas com apenas “crise”. Digo isto pois, se levarmos em consideração que a “experiência democrática” vivenciada nos anos 50 não estava pronta e acabada, mas sim em vias de consolidação. A classe radiofônica, que aqui também é objeto de estudo, demonstrava satisfação com a volta de Vargas, mas não tirava de vista que Getúlio tinha que “fazer mais” do que aquilo que tinha prometido. O que quero dizer é que mesmo depois das eleições de 1950, os radialistas não deixaram de acompanhar, debater e opinar sobre assuntos concernentes ao governo. No ano de 1952, em uma entrevista que o semanário fez com Maria do Carmo, num dado momento, foi perguntado a ela o que ela achava da carestia da vida. Ela responde que achava um verdadeiro “despropósito”, mas que acreditava que a culpa não era do presidente. Após sua resposta, perguntaram-na se era getulista. Respondeu que não entendia de política, mas que antes das eleições, pelo que ouvia, a melhor opção era votar em Getúlio, mas que confessou estar “decepcionada”. Será que este sentimento de decepção é compartilhado por mais artistas de rádio?

Getúlio Vargas continuava sendo uma figura proeminente para o semanário. A exemplo, foi noticiado que o nome de Vargas tinha se tornado “prêmio”. Em termos de práticas e representações, esta, talvez seja uma das mais significativas reportagens da Revista, não somente pelo conteúdo, mas pela maneira como foram engendrados título, fotografias e as palavras, combinadamente relacionadas. Na fotografia em destaque, aparece Vargas segurando uma bandeira do Brasil, alinhado ao patriotismo com a data cívica tratada na reportagem, qual seja o Dia do Trabalhador, que fora comemorado pelo Jockey Club Brasileiro (a fotografia fora tirada na ocasião). Segundo quem escreveu a reportagem, “houve um grande prêmio denominado Presidente Vargas. Eis uma justa homenagem. O nome de nenhum outro brasileiro está tão ligado à data do Trabalho como do dr. Getúlio Vargas. As conquistas que as classes

operárias hoje desfrutam foram, na sua quase totalidade, obtidas no governo do ilustre brasileiro”⁷⁶. O Dia do Trabalhador, conforme apontado por Isabel Bilhão (2011), foi alvo de intensas disputas por seus “sentidos”, sendo apropriado pelo discurso varguista ainda na ditadura do Estado Novo. O que se revelou na reportagem acima é que a memória coletiva e social sobre esse dia foi completamente “colada” com a imagem de Vargas, sendo este considerado o mantenedor dos direitos trabalhistas.

Como se pode observar, o vocabulário político da *Revista do Rádio* tinha seu alicerce no trabalhismo varguista. Trabalho, associações, sindicatos, populismo, palavras vinculadas a uma lógica política bastante relacionada com Getúlio, encarado e estampado no semanário como um político do “povo”. Sobre essa questão, foi feita uma reportagem sobre a entrega do prêmio dos “Melhores de 51”. De fato, foi um evento e tanto, com presenças de Anselmo Domingos, o secretário de governo, que também era radialista, o Dr. Roberto Alves. Vargas fez questão de mencionar que, na visão dele, de fato aqueles e aquelas que estavam ali presentes ganharam o prêmio (ou eleição), pois havia sido o “povo” que havia os escolhido, que são “os melhores juízes”⁷⁷. Muito chama atenção as homologias com a própria “experiência democrática” vivenciadas por todos e todas neste período, com as eleições e prêmios realizados no ramo radiofônico.

No decorrer de 1952, um acontecimento uniu, assim como tantos outros, Vargas e a Rádio Nacional. Desta vez, a emissora estava ameaçada de fechar suas portas. Duas questões chamam a atenção: a primeira é de que foi esperado com “visível ansiedade” o pronunciamento de Vargas sobre o assunto, visto que somente ele poderia decidir sobre o destino da emissora, ou de que o presidente “teria a palavra final” sobre a questão. E a segunda é uma fotografia de Getúlio discursando em um microfone, a fotografia está bem localizada e destacada na reportagem. A palavra de Vargas sobre a situação era esperada pelo semanário. A exemplo de outras reportagens, ela tinha um tom sensacionalista. Não havia riscos reais da Rádio Nacional fechar. Para além disso, o que vale aqui analisar é essa recíproca relação entre rádio/Vargas, o que tornava o segundo um franco mantenedor do primeiro.

Ainda sobre a relação entre governo e estações radiofônicas, Anselmo escreve um editorial bastante contundente quanto à falta de assistência e “carinho” por parte do governo quanto à manutenção e apoio ao funcionamento da Rádio Mauá. Apesar de a menção ao nome de Vargas não estar acompanhada de um tom de crítico sobre ele, Anselmo Domingos escreveu que Barreto Pinto, ex-deputado trabalhista, apelou para que Getúlio olhasse com “mais carinho”

⁷⁶ Revista do Rádio, n. 133, 27 de maio 1952, p. 43.

⁷⁷ Revista do Rádio, n. 146, 24 de junho de 1952, p. 8.

para a então emissora do “trabalhador”. O editor-chefe também lança irônicas críticas ao ministro do Trabalho, João Goulart. Sob suas palavras, “este novo Ministro do Trabalho, que se mostra empolgado e vibrante em diversas outras atividades, bem poderia, com seu élan natural, correr em socorro da Rádio Mauá, pois está a mesma ligada e dependente do próprio Ministério, embora com liberdade comercial. Ou o sr. Jango Goulart não acredita no poder e na utilidade do rádio?”⁷⁸

Chegou o ano de 1954, e com ele, o desafio de compreender conjunturalmente, a crise que o governo Vargas estava atravessando, talvez bem antes do período em questão, e como se formula outras opiniões no universo radiofônico de e sobre Getúlio. Talvez opiniões que antes eram favoráveis, parecem ser no momento, contrárias, dentre elas, a de Oswaldo Elias, “se seus auxiliares de governo colaborassem construtivamente, esta pergunta seria desnecessária”, ou como respondeu Amaral Gurgel, “sinceramente, essa é uma das perguntas que eu não gostaria de responder”⁷⁹. O semanário voltou, nesse contexto, a se interessar em trazer à tona quais as opiniões e visões dos radialistas a despeito do governo. Lembrando que o ano de 1954 é marcado por uma série de crises governamentais, que levará a um final trágico (GOMES, 2011).

O que se observa é que a classe radiofônica já não olha para Getúlio com os mesmos olhos de 1950. Na seção Mexericos da Candinha, é comentado que “alguns radialistas que ‘eram’ getulistas, mas agora estão no rigor da moda, ou seja, contra Getúlio: Silvino Neto, Edgar de Carvalho, Eladir Porto e Paulo Roberto” Será que também a *Revista do Rádio* está se colocando como contra, ou estão na contramão do ‘rigor da moda’?”

O que se sabe é que vários radialistas estavam decepcionados. Dentre eles, temos a vereadora-radialista Scuvero Martins. Há uma seção na revista chamada de “falando de coisas sérias”, e nesta, a

radialista Sagramor de Scuvero foi entrevistada, onde ela deu sua opinião nos mais diversos assuntos, mas ironicamente, o enfoque das perguntas se concentrava nos assuntos políticos. Dentre as perguntas, a que mais chama atenção é a seguinte: “qual o maior problema do governo brasileiro?”. E Sagramor responde que “a falta de caráter, de exatidão, de dedicação, de lealdade de seus colaboradores”⁸⁰. Será que neste momento a Revista, bem como a classe radiofônica, possui a percepção de um governo cuja falta de lealdade é um dos principais problemas que Vargas estava enfrentando? Não parece haver uma acusação direta à figura de Getúlio como o culpado da crise que se instaurou na conjuntura de 1954, mas que os

⁷⁸ Revista do Rádio, n. 208. 1 de setembro de 1953, p. 50.

⁷⁹ Revista do Rádio, n. 232, 20 de fevereiro de 1954, p. 19.

⁸⁰ Revista do Rádio, op. cit.

“colaboradores” são desleais. Contudo, uma coisa é certa: as opiniões e visões sobre Vargas estão intimamente atravessados pelo estado de crise, redimensionando até mesmo a “lealdade” de muitos radialistas que antes se colocavam como “getulistas”, conforme número anterior.

4.4. “Agosto de 54” e como a revista lembrou de Getúlio

Entre os meses de julho e agosto de 1954, período esse marcadamente fundamental da crise que desembocou no suicídio de Vargas, não houve uma menção sequer ao nome de Getúlio no semanário. O atentado contra Carlos Lacerda, a renúncia, a possibilidade de golpe militar, todos esses dramáticos acontecimentos não foram noticiados na revista, o que é um tanto incomum. Decerto, o periódico seguiu o ano de 54 estampando as opiniões de artistas sobre suas decepções quanto ao governo varguista, mas na conjuntura da “crise de agosto”, a revista distanciou-se completamente de Vargas. Jornais e revistas posicionaram-se, seja a favor ou contra. A exemplo da revista *O Cruzeiro*, Bibiana Soldera Dias nos diz que “a revista *O Cruzeiro* assistiu amplamente a crise, dando maior ênfase ao atentado que tirou a vida do Major Vaz que ao suicídio do Presidente. Postura condizente com as posições políticas do dono do hebdomadário naquela época” (DIAS, 2008, p. 4)

A *Revista do Rádio* seguiu postura semelhante. Ao longo de agosto de 54, a revista ignorou completamente os fatos que deslancharam o governo Vargas. Por um curto espaço de tempo, parece que o semanário não quis se envolver com os acontecimentos políticos. Completo silêncio. Até mesmo na semana seguinte após o suicídio de Vargas, a revista não noticia e nem publica nada sobre o assunto. enquanto os demais meios de comunicação e imprensa dedicaram-se a noticiar sobre a tragédia ocorrida logo nas primeiras horas e dias, a Revista só foi mencionar o fato duas semanas depois. Ainda que o semanário tenha feito esta homenagem, e apesar da mesma estar centrada na relação intimista de Vargas com os radialistas, no “calor do momento” não houve menções sobre o ocorrido.

GRANDE AMIGO DOS RADIALISTAS



O sr. Getúlio Vargas, cercado de artistas (em cima), cumprimenta Francisco Carlos. Em baixo, o Presidente felicita Humberto Teixeira. No outro flagrante, o sr. Getúlio Vargas fala pelo rádio.

A morte, em circunstâncias trágicas, do Presidente Getúlio Vargas, ocorrida às primeiras horas do dia 24 de agosto passado, comoveu todo o país e, especialmente, o rádio e os radialistas. O antigo Presidente da República, mostrara-se sempre um amigo dos artistas, atendendo às suas reivindicações e prestigiando suas iniciativas. Ainda recentemente, o sr. Getúlio Vargas concedera, em nome do seu Governo, substancial auxílio para as obras do Hospital do Radialista. Aliás, S. Excelência era o presidente de honra da Associação Brasileira de Rádio. Seu passamento provocou emoção e amargura nos seus amigos radialistas, muitos dos quais tiveram a oportunidade de receber suas felicitações pessoais na época em que foram eleitos os Melhores do Rádio, conforme os flagrantes que recordamos nestas e nas páginas seguintes desta edição.



Imagem 29: Reportagem especial, homenageando a memória de Getúlio Vargas, n. 261, 1954. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

OS ARTISTAS CHORARAM A MORTE DE GETÚLIO

Muitos foram os artistas que levaram sua última homenagem, de dor e de saudade, ao sr. Getúlio Vargas. Nossa reportagem, no Palácio do Catete, anotou as presenças de Manoel Barcelos, Blecaute, Ester de Abreu, Emilinha (que se vê ao lado), Marlene e Luis Delfino, Marlon, Silvino Neto, Vitor Costa, Ismênia dos Santos, além de outros



Profundamente comovida, Emilinha Borba entrou na fila e durante horas esperou pela vez de olhar o corpo inerte do ex-presidente. Ela demorou-se algum tempo na contemplação, rezando uma prece e enxugando as lágrimas.

Imagem 30: Reportagem especial, homenageando a memória de Getúlio Vargas, n. 261, 1954. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

As reportagens, vindas nas primeiras páginas, demonstram a importância do acontecimento para o periódico. Suspeito de que a demora para se noticiar se deu, talvez, por uma espécie de “luto radiofônico”. Vargas era uma figura querida para a classe dos radialistas. Creio que uma reportagem que abordasse esse tema teria que ser além das expectativas. Não podia ser qualquer fotografia ou frase. Cada reportagem se estendeu por cerca de cinco páginas, o que era de se acontecer, visto que as entrevistas mais longas geralmente se davam em três páginas, no máximo. O título “Grande amigo dos radialistas” serviu bem para o propósito pelo qual a revista sempre portou: Vargas era visto pelos radialistas como alguém próximo, amigo dos radialistas, pai dos artistas, uma figura pela qual a revista tinha imenso apreço e afeto.

Porém, acredito que esse apreço possuía determinados limites. Anselmo Domingos, por exemplo, não dedicou um editorial para falar da grande perda dos radialistas ou sobre o que Getúlio representava para a classe radiofônica. Tudo ficou destinado a uma série de fotografias de Vargas com os artistas de rádio, sorridente, acompanhado de grandes estrelas como a Eladir Porto, que tinha feito campanha para o retorno de Getúlio ao poder. Na semana posterior, mais uma homenagem. Desta vez, não com fotografias antigas, mas com artistas no velório de Vargas, chorando, rezando e contemplando seu “grande amigo”, o registro estampado na revista foi de Emilinha Borba aos prantos. A *Revista do Rádio* construiu uma coesa e positiva imagem de Getúlio ao longo de suas páginas, embora vários radialistas tenham se afastado da órbita getulista, sobretudo no ano de 1954, a revista não esqueceu de Vargas.

O periódico lembrou conforme a imagem e o conjunto de representações que já pairava desde o início nas páginas radiofônicas, qual seja, um Getúlio carismático, feliz, sorridente, e principalmente, amigo dos radialistas. A classe radiofônica, bem como o semanário Anselmo, embora não tenha se demorado muito sobre o assunto do “momento”, diferente das posturas de outros meios impressos (CUNHA, 2018), que passaram pelo menos dois meses, ou publicaram na íntegra a carta de suicídio, a Revista fez sua parte, lembrou, não de maneira tímida, mas também não de forma dramática, um pouco mais contida no formato da lembrança e da memória. Vargas passou a ser bem menos mencionado na revista após o fim do governo, além do próprio espaço dedicado a discutir política, pelo menos até fins de 1954. Agora era uma revista do Rádio sem Vargas, menos afeita para questões políticas, voltando a discutir mais detidamente com a chegada de JK ao poder. De fato, muitos podem ser os motivos para explicar a tamanha afeição da classe radialista para com Getúlio, o que será o principal objetivo do próximo capítulo: explicar as razões que motivaram radialistas a quererem um assento na “gaiola de ouro”.

CAPÍTULO V - A REVISTA DO RÁDIO E OS “CAMPEÕES DO MICROFONE”: Candidatos radialistas e suas trajetórias políticas

A figura de Getúlio Vargas, como já demonstrado no capítulo anterior, foi um dos assuntos mais comentados na revista no contexto aqui delineado para o presente trabalho. Ao longo das publicações, a imagem produzida e mobilizada versava em valorizar os aspectos positivos, coerentes e alinhados com o retorno de Vargas ao poder. Getúlio e seu sorriso foram estampados em diversas reportagens ao longo da campanha presidencial. Mas, por qual motivo foi escolhido representar Vargas desta e não de outra maneira? Houve outras razões para que o “retrato do velho” fosse tão apreciado pela classe radiofônica?

A relação Rádio/Vargas não era algo da circunstância do contexto. O que se sabe é que esse apreço de um para com o outro tinha uma história que vinha pelo menos desde os anos 1930, mais especificamente quando o rádio passava a ser gradativamente um veículo de massa. Ali, Vargas enxergou o rádio como instrumento de unificação do território nacional, seus discursos eram irradiados em cadeias radiofônicas que chegavam aos lares de todo canto do país por causa do rádio. Assim, o rádio tinha uma enorme força e potência e, é provável que o sentimento nutrido pelos radialistas para com Getúlio era dos mais positivos. No entanto, é importante ressaltar que esse crescimento do Rádio se deu no contexto da ditadura do Estado Novo. Quando os ventos da democracia passaram a soprar, esses mesmos radialistas continuaram a ter grande apreço para a figura getulista. Mas tem algo que se altera. Advindo principalmente das possibilidades políticas trazidas pela “experiência democrática”, a classe de radialistas passa também a querer atuar em outros campos que não somente o rádio, mais especificamente, o campo da política institucionalizada.

Neste capítulo, faremos o mesmo percurso histórico do capítulo anterior, no entanto, invertendo a perspectiva: ao invés de perseguir os números da *Revista do Rádio* a partir do ponto de vista da campanha presidencial de Vargas ou de como o governo getulista fora retratado ao longo do período aqui delimitado, tentaremos perfilar através da ótica da trajetória dos radialistas políticos: Ainda no alvorecer da “experiência democrática”, já houve alguns candidatos políticos que eram radialistas, tais como Ary Barroso, que estavam enveredando seus caminhos para além dos microfones das estações de rádio.

O número de candidatos do ramo radiofônico aumenta de maneira significativa no ano de 1950, e nosso principal intento é compreender as razões e os anseios daqueles e daquelas que eram do rádio, mas que também estavam se colocando como candidatos políticos: quais os projetos defendidos? Seriam automaticamente a favor de uma continuidade do trabalhismo de

Vargas? Quais candidatos e candidatas o semanário mais deu destaque? Quais candidatos tiveram menos apoio da própria revista? São estas perguntas que irão mover as reflexões do presente capítulo.

5.1. Candidatos do rádio em páginas revisteiras

A primeira menção feita pela *Revista do Rádio* sobre os candidatos do rádio se deu em um editorial escrito em março de 1950, onde Anselmo primeiramente delineou um percurso histórico sobre candidatos que “nas eleições passadas” saíram vitoriosos por conta da popularidade que o Rádio proporciona. E que certos disso, inúmeros radialistas se colocaram em 1950 como também candidatos políticos. Certo também dizer que o semanário parece concordar que a “fascinação pelos artistas” e seus respectivos nomes e sua ampla popularidade perante o público ouvinte e eleitor seria o pivô fundamental para a construção de candidaturas políticas do rádio, o que veremos, foi alvo de reportagens publicadas na revista sobre os “campeões do microfone”. Seguindo as palavras de Anselmo,

Não há quem duvide da popularidade que o Rádio dá. E, ciente dela, mais do que todos, estão os próprios elementos que no Rádio labutam. Talvez por isso, certos do sufrágio que a popularidade garante, vários foram os candidatos que nas eleições passadas se candidataram e vitoriosos se tornaram [...] E o próprio Ari Barroso, que naquela ocasião não desfrutava da antiga simpatia entre o público, alcançou um número de votos que a muitos surpreendeu. Coisas do rádio, da popularidade que ele dá, da fascinação pelos seus artistas, pelos seus nomes (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 28, p. 3).

Primeiramente, Anselmo não aparenta ser contrário aos radialistas se colocarem como candidatos políticos. Pelo contrário, em alguns momentos, parece que a revista propagandeou de maneira positiva tal fato. O que o editor-chefe levanta como reflexão se faz importante ressaltar, qual seja, a de que o rádio como um importante ingrediente para a conquista de considerável sufrágio que as personalidades radiofônicas podem alcançar através da popularidade que o rádio oferece. O meio radiofônico é entendido por Anselmo Domingos como uma plataforma para o início da carreira política destes que iriam se candidatar para cargos na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. O próprio editor-chefe traz como exemplo o radialista Ary Barroso, conhecidíssimo artista e compositor, venceu o pleito para vereador em 1947, e de acordo com o que está descrito no editorial, sua vitória só foi possível por causa da

“popularidade que o rádio dá”.

Na sociologia e na ciência política, existem diversas discussões que versam sobre a relação entre mídia e política. Luís Felipe Miguel, ao discorrer sobre carreira política no Brasil, comentou que

É possível dizer que a mídia também contribui para estruturar a própria carreira política. A hierarquização dos diferentes cargos não se deve apenas – ou mesmo prioritariamente – ao poder efetivo de cada um, mas também à visibilidade de que dispõem. E essa visibilidade é alterada ou reafirmada cotidianamente pelos meios de comunicação de massa (MIGUEL, 2003, p. 116).

A carreira política dos candidatos radiofônicos, que foram largamente citados pelo semanário ao longo dos anos 50, dependia, de alguma forma, da maneira como estes apareciam ou não nos meios de comunicação, seja no rádio ou na própria revista. Ou seja, é provável que o sucesso na entrada deles no cenário político viria da visibilidade que teriam que ter nas mídias que estavam disponíveis naquele período. Outro ponto fundamental diz respeito ao capital político, termo cunhado por Pierre Bourdieu (1986; 2011). Para esse autor, o campo político, um microcosmo social, com regras mais ou menos autônomas e específicas é continuamente moldado ou transformado pelo campo midiático. Apesar de serem campos autônomos e com regras próprias, um poderia interferir sobre o outro. Essa relação tensa, simbiótica, pode ser vislumbrada dentro do universo de radialistas que estavam se candidatando para cargos políticos e recebendo ampla atenção nas páginas da *Revista do Rádio*.

Algo importante a ser observado é que, pelo menos no que diz respeito ao trato da revista sobre os candidatos do ramo radiofônico, Anselmo demonstrava franco interesse em trazer para o debate através de suas próprias palavras, descritas nos editoriais, temos por exemplo, a visão de democracia que tinha. Segundo o editor-chefe,

Há um projeto de lei mandando que em épocas eleitorais as estações de rádio abram igualmente seus microfones a todos partidos, sob condições, é óbvio. Entretanto, a Tupi, declarada politicamente a favor de Brigadeiro, está numa atitude digna, mesmo sem a lei ainda em execução: aceita publicidade política de todos. Inclusive irradiou o discurso de Getúlio Vargas. Meio esquisito, o gesto da G-3. Porém muito democrático (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 43, p. 3).

O que fica mais evidente ao longo das publicações da Revista é que, embora o semanário possa ser considerado “trabalhista”, aos moldes do que já foi discutido em capítulo anterior, ou

que ela destacou de maneira veemente a campanha presidencial em prol do retorno de Vargas ao poder, não é possível dizer com todas as letras de que o rádio e os radialistas estavam plenamente com Getúlio. Prova está, por exemplo, da Rádio Tupi, que segundo a Revista, estava apoiando o candidato de oposição ao getulismo. No entanto, ela não deixa de comungar com os preceitos democráticos experienciados não apenas pelos candidatos políticos, mas também pela classe radiofônica, que se demonstrava como fiadora de uma linguagem democrática, ainda que contornada pelo trabalhismo varguista.

Cada vez que Anselmo destinava seu editorial para discutir sobre política ou que a revista publicava sobre assunto, relacionando com os radialistas que queriam um “assento na gaiola de ouro”, ficava mais factíveis as dimensões do vocabulário e das linguagens políticas pelas quais o semanário se alinhava. Em uma reportagem, a revista mencionou que

As eleições estão aí... e, com isto, já se observa, naturalmente, intenso movimento em torno de candidaturas, eleitores, Partido, procurando gente de prestígio, etc. Como não poderia deixar de ser, o rádio entra na história, oferecendo gente de cartaz, com tremendas possibilidades de levar às urnas um grande total de votos. Aqui, vamos mostrar quais os valores do rádio que se candidatarão a postos eletivos, reunindo, de fato, imensas probabilidades de se fazerem representantes do povo nas diversas câmaras (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 43, p. 12).

E o rádio entrou na história com dezenas de radialistas que iriam concorrer para cargos políticos. Dentre eles, temos: Paulo Gracindo, Aloísio Silva Araújo, Júlio Louzada, Edgard de Carvalho, Cesar Ladeira, Jorge Veiga, Carlos Frias, Sagramor Severo, Badú, Ary Barroso e Vitor Costa. Nomes como Silvino Neto, que recebeu muita atenção da revista, também se candidataram para vereador. O semanário conclama os candidatos como “gente de cartaz”, que tinham “tremendas possibilidades” de vencerem o pleito. Valorosos, os adjetivos escolhidos para acompanhar as descrições feitas pela revista, demonstram certo apoio que ela entregava para essa “gente de prestígio”. Osmani Ferreira da Costa, em seu livro sobre rádio e política em Londrina, nos diz que

O comportamento da imprensa e da mídia em geral, em períodos normais ou durante as campanhas eleitorais, nunca é neutro, imparcial, e equidistante entre os diversos candidatos e partidos, como tentam fazer parecer seus proprietários [...] Por isso, a imprensa - com destaque para o rádio - e toda a mídia podem, muitas vezes, criticar e inviabilizar uma candidatura [...] e podem, de maneira inversa, apoiar e levar à vitória uma outra candidatura, usando os mesmos mecanismos, só que para beneficiá-la (COSTA, 2005, p. 140).

E partindo do pressuposto de que o periódico se apresentava favorável ao sucesso dos candidatos do rádio, vemos também que a revista não era tão apartidária quanto tentava demonstrar. Levando também em conta que as aparições dos “campeões do microfone” dependiam de certos critérios. Porém, deixarei essa questão para discutir nas páginas vindouras. O que vale comentar de antemão é que o semanário de Anselmo Domingos muito se interessou em publicar e divulgar os radialistas políticos. Ao que tudo indica, os radialistas que pleitearam cargos políticos ao longo dos anos 1950, pelo menos os que são estampados pela Revista, se concentraram no Rio de Janeiro, mais especificamente para a câmara municipal. A ideia aqui é compreender quais os intentos da classe radiofônica em também querer participar do jogo político-partidário, e demonstrar se em alguma medida, havia uma diversificação quanto às legendas pelas quais estes candidatos e candidatas do rádio se encontravam.

Ocorridas as eleições, veio uma triste surpresa. A maioria dos candidatos políticos do ramo radiofônico não conseguiram se eleger. Mas por quê? De acordo com a revista, a popularidade dos radialistas deveria, em tese, ser o suficiente para angariar votos dos ouvintes. Mas, a leitura de Anselmo, em seu editorial “Sobre os candidatos do Rádio” foi diferente, pelo menos após os resultados. Sob suas palavras, “o que ficou provado é que não basta o nome ser de radialista. O povo quis saber o que os candidatos pretendiam fazer. E, mais do que isso, a grande massa ouvinte do nosso rádio quis saber quais os candidatos getulistas”⁸¹.

Anselmo Domingos fincou nesse editorial o entendimento que ele possuía sobre política, ou sobre a forma como ele encarava as questões político-partidárias que estivessem envolto dos candidatos radialistas. A partir do que é proposto, Anselmo escreveu que os ouvintes do rádio, a “grande massa” estava interessada nos candidatos getulistas. E mais ainda, nas propostas que os radialistas políticos para além de seus nomes conhecidos pelo público ouvinte e (e)leitor da revista. O que ficou evidente é que muitos candidatos perderam não apenas porque deixaram de apoiar Getúlio, mas também porque se ancoraram na ideia de que bastava ser radialista para também ser candidato político ou nas palavras de Anselmo “esqueceram que o fã também tem o direito de ter simpatias políticas”.

Já em 1951, o assunto ainda renderia mais uma reportagem, em que foi comentado o fracasso de vários radialistas que não conseguiram um assento no Legislativo. Segundo o que foi noticiado, “não foi um acontecimento dos mais agradáveis para muitos, o resultado das eleições no Brasil e isso porque, artistas de rádio, tidos como popularíssimos e capazes de arrastar um número elevado de sufragistas, não conseguiram nem ao menos uma votação

⁸¹ Revista do Rádio, n. 59, 24 de outubro de 1950, p. 3.

significativa”⁸². E dentro da linha explicativa sobre o fracasso dos radialistas políticos (ou do grande número dos que se candidataram não terem sido eleitos), apesar da ampla popularidade dos candidatos radialistas, ela não foi o suficiente para garantir o “prestígio político” dos eleitores. Manoel Barcelos, que posteriormente viria a ser presidente da Associação Brasileira de Rádio, e que segundo o semanário, possuía “uma grande simpatia do meio radiofônico” não logrou grande número de votos.

No entanto, gostaria também de chamar atenção para um aspecto: o tempo da “experiência democrática”, consagrada pela historiografia, e que era o espaço temporal vivenciado por estes e estas radialistas também não escapa das novas racionalidades políticas, qual seja, a de que a disputa eleitoral, seja em todas as esferas, não era como na Primeira República de “eleição ganha”, mas como já citado e comentado por Jorge Ferreira e Ângela de Castro Gomes, como eleições mais competitivas. Alguns perderam, outros ganharam. Dentre estes, Scuvero Martins, Silvino Neto, Carlos Frias. Getulistas, udenistas, gente de cartaz, outros que nem aparecem tanto quanto outros no semanário, contarei como os radialistas políticos foram retratados na *Revista do Rádio*.

5.2. Radialistas e getulistas

Iniciarei este tópico trazendo a trajetória política de Sagramor Scuvero Martins. Uma das primeiras menções na revista sobre a radialista dizia o seguinte:

Entre os inúmeros valores do rádio figura em destaque o nome de Sagramor de Scuvero. Não há quem não a conheça e aplauda seus grandes empreendimentos, fazendo do rádio um meio para semear a caridade e o bem. A REVISTA DO RÁDIO conseguiu esta reportagem com “rádio woman” e também apreciada vereadora. Fomos encontrá-la em sua residência [...] (REVISTA DO RÁDIO, 1948, n. 4, p. 4).

Sagramor de Scuvero foi a primeira mulher radialista a se tornar vereadora na cidade do Rio de Janeiro, em 1947. Foram as primeiras eleições nos âmbitos municipais e distritais após a queda da ditadura do Estado Novo, e certamente, envoltos de um “tempo democrático”, percebe-se a tamanha diversificação perante os quadros que disputaram os cargos políticos, temos como exemplo Sagramor, uma radialista, cantora de rádio, rádio atriz que também foi

⁸² Revista do Rádio, n. 79, 13 de março de 1951, p. 32.

uma das vereadoras mais votadas na então capital federal. Porém, vale ressaltar que não foi esse o destaque dado ao semanário na entrevista realizada: as perguntas giraram em torno de sua “vida diária”, dividida entre o lar, o rádio e a Câmara, mas que não houve um sequer momento em que o entrevistador perguntou a Sagramor sobre seu trabalho no legislativo municipal. Em outra reportagem, foi dito que,

Trabalhando todas as horas disponíveis do dia, Sagramor ainda encontra tempo para, nos domingos, preparar a comida do casal. Miguel Gustavo mostra-se encantado com a cozinha da esposa. Afirma que o homem tem necessidade de comer bem para bem trabalhar e assim, aos domingos e feriados, ele aproveita para fazer uma excelente alimentação, pois os pratos que Sagramor prepara são de fato gostosos e nutritivos (REVISTA DO RÁDIO, 1949, n. 21, p. 28).

Apesar de Scuvero ser radialista, vereadora, o destaque no periódico foi sua vida matrimonial. Não de maneira ingênua ou despropositada. O filtro social não permitia enxergar mulheres radialistas fazendo política, salvo raras exceções (no caso de Eladir Porto, por exemplo) em que o lado político é mais apresentado do que o pessoal. No caso da vereadora-radialista, os projetos e as ações políticas eram menos levadas em consideração. O que importava dizer é que os “pratos de comida de Sagramor eram gostosos e nutritivos”. Algo superficial e sem muita relevância? Ao analisar as razões que levam determinadas figuras serem representadas de um jeito, enquanto outros (no caso, os radialistas homens) serem elogiados não por dotes culinários, por exemplo, já ilustra bem os papéis sociais esperados pela revista, e de maneira geral, pelas normas sociais que regiam aquele período.

As informações levantadas pelo semanário sobre a vida de Scuvero Martins giraram também em torno de apresentar o serviço social prestado pela radialista, através de uma série de programas de assistências para famílias cariocas. Esse tipo de trabalho já era realizado via ondas radiofônicas, seja convocando seus ouvintes a contribuírem para causas sociais. Acredito que foi por conta desses aspectos que, provavelmente, ela se interessou em ingressar ao PTB, partido de Getúlio Vargas. O mais interessante é que, nesse contexto de campanha eleitoral, eis que a revista, na última página da edição 54, publicou um ‘recado’, vindo direto de Vargas, onde foi solicitado que se votasse em Sagramor de Scuvero, pois foi a candidata “que Getúlio indicou”. A revista usou do seu espaço, ainda que fosse na última página, para sugerir aos seus leitores e leitoras que votassem em Sagramor.

Partido Trabalhista Brasileiro

PARA VEREADOR

VOTEM EM

SAGRAMOR DE SCUVERO

UM NOME QUE GETÚLIO INDICOU!

P. T. B.

Imagem 31: “Recado” publicado na última página, indicando Sagramor de Scuvero Martins para vereadora, n. 54, 1950. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Nos idos dos anos 50, durante as eleições, a revista promoveu uma série de entrevistas com (quase) todos os candidatos radiofônicos. Nela, foi perguntado quais os projetos, ações e promessas de campanha dos radialistas políticos. Sagramor de Scuvero foi uma das primeiras. Na íntegra, o tom da entrevista foi este,

Sagramor de Scuvero é um nome que não precisa de apresentação. Sua atividade no rádio, desde os velhos tempos de São Paulo, onde se destacou como escritora de programas, locutora e organizadora de postos de auxílio aos pobres, valeram-lhe uma projeção tão grande que a levaram até a Câmara Municipal numa época em que ninguém do rádio tinha coragem de declarar-se candidato sem possuir uma boa dose de cultura e inteligência.

Sagramor é agora a candidata do Senador Getúlio Vargas que mandou colocar o seu nome em primeiro lugar na lista dos vereadores pelo P.T.B. e foi por isso que a procuramos para conhecer de seus projetos e de suas esperanças. Fomos de imediato perguntando pelo seu programa político

- Um verdadeiro e amplo serviço social. Escolas, hospitais, previdência. Trabalho, salários, habitações. Alguma coisa ainda difícil de ser compreendida por outros que não os seus amigos e eleitores.

- Por que ingressou na política?

- Para fazer com o poder oficial o que sempre fiz com o poder particular: Serviço Social que não é apenas dar o que alguém precisa e pede. É dar a cada um o que ele tem direito para melhores condições de vida”

- Em 1947 foi o PR e atualmente o PTB. Não cogitei, nem pensei em outro partido. Fui para Getúlio e continuarei com ele! Apesar de sempre louvar atitudes de meu partido, louvo sempre o de seu chefe supremo, Getúlio Vargas”.

Perguntas contundentes, tais como o que Sagramor faz com seus “subsídios” ou se a mesma possui núcleos eleitorais. Respondeu com prontidão e perspicácia. Não negou sua admiração em relação a Vargas, bem como seu íntimo apoio ao partido sob o qual é “chefe supremo” (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 55, p. 28-29).

A entrevista concedida por Scuvero Martins nos fornece as dimensões da linguagem política inebriada nas palavras e ações da então vereadora, candidata à reeleição. Em face do contexto democrático experimentado nos anos 1950, percebe-se que a conjuntura histórica operava com uma cultura política voltada ao getulismo. Seja nas propostas voltadas ao assistencialismo, mas não apenas. As palavras ‘trabalho’ e ‘salário’ foram também alvos do trabalhismo radialista de Scuvero Martins. Como dito anteriormente, o trabalho voltado para o serviço social já era prática da vereadora-radialista, deixado bem claro por ela em sua resposta quando indagada sobre o motivo que a fez ingressar na política.

Além disso, a outra face do trabalhismo no entorno de Scuvero diz respeito à maneira como Getúlio é nomeado pela radialista. Vargas não é somente presidente, líder, e sim “chefe supremo”, digno de suas atitudes serem “louvadas”. Ora, de todas as escolhas para serem ditas na resposta de Scuvero, o enaltecimento de Getúlio é algo a ser observado, no sentido de que, provavelmente, esses elogios cravaria uma relação que poderia ser bem-vista pelos leitores e leitoras da revista. Primeiro a indicação direta de Vargas, estampada no semanário em pleno período eleitoral, uma “quase” campanha perpetrada pelas páginas radiofônicas, e uma entrevista que se torna uma espécie de plataforma de acesso dela com os leitores getulistas, tal qual Scuvero Martins. Porém, a vereadora não escapou de ser enquadrada pelo periódico. Na seção *Vinte quatro horas na vida um artista*, foi relatado que,

Sagramor de Scuvero acorda cedo e de imediato passa uma vista na correspondência. Enquanto lê, o seu cãozinho Sheik não a abandona e está sempre disposto a afastar importunos.

A preparação do almoço é cuidada pela própria Sagramor que faz sempre um pratinho saboroso para Miguel Gustavo. Conhecendo bem as sutilezas da cozinha, Sagramor trabalha feliz.

A arrumação do lar também merece uma parte de seu dia. Seus cristais e suas porcelanas são limpos e arrumos com toda a delicadeza e atenção, pois Sagramor sabe ser dona de casa.

Preparação de projetos-leis, estudo dos problemas sociais e resposta de sua correspondência consomem, também, uma grande parte do tempo de Sagramor de Scuvero, a vereadora-radialista.

Depois do rádio e da atividade política, Sagramor ainda encontra tempo para tratar de uma roupa de sua filha ou bordar um paninho para ornamento de seu lar e cose compenetrada.

À noite, quando não passeia, lê alguma coisa e espera o marido recostado no sofá da sala de estar. Assim vão passando as horas até o momento de dormir que varia todas as noites (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 86, p. 26-27)

De praxe, o periódico radiofônico não perdia nenhuma oportunidade de delegar determinados lugares para as mulheres. Por mais que ocupassem outros postos, tivessem outros serviços, o espaço logrado para o feminino era o lar, filhos e casamento. É completamente desproporcional: enquanto a parte política de Scuvero é descrita apenas em um parágrafo, tem-se todos os demais relacionados com sua vida íntima, pessoal, como se ela voltasse suas forças inteiramente para seu esposo e sua casa. Apesar da reportagem alegar que a parte da vida como vereadora consumia a maioria de seu tempo, esse mesmo tempo não foi detalhado tal como os outros aspectos de sua rotina. Entretanto, em uma outra notícia, a revista publicou alguns

projetos que estavam tramitando na Câmara Municipal, que tinham Scuvero Martins como autora. Dentre eles,

O primeiro deles visa mudar o nome da Av. 29 de Outubro, para Darcy Vargas; o segundo a isenção do imposto de transmissão para as casas de funcionários municipais, que forem adquiridas sem financiamento da Prefeitura.

- E o terceiro projeto?

- Justamente esse, na minha opinião é o mais importante porque trata de um assunto de suma importância social, pois visa a criação da Casa da Mãe Solteira, um problema que existe, e dia a dia, se torna mais premente, porém sem que seja olhado carinhosamente pelas nossas autoridades e legisladores (REVISTA DO RÁDIO, 1952, n. 140, p. 17).

Os esforços de enquadramento deixaram, uma vez ou outra, a exemplo do trecho supracitado, escapar imagens outras, mobilizadas pela própria pessoa. No caso da Scuvero Martins, apesar de ser colocada pelas páginas da revista como modelo ideal de “mulher”, dedicada ao lar, parece que as pretensões pessoais da radialistas giravam em torno de lutar por outras mulheres, que provavelmente estavam em situações de adversidade, como no caso da criação da “Casa da Mãe Solteira”. O nome do projeto é a contrapelo de toda uma lógica cultural que circulava no período. Basta lembrar de Dalva de Oliveira. Ela era nominada pejorativamente de “desquitada”. É interessante perceber que as representações, em determinadas situações, não dão conta da complexa rede de significados que os próprios agentes da história formulam. Parece ser a trajetória de Scuvero Martins.

Num outro momento, mais especificamente no ano de 1953, a revista elaborou uma reportagem sob o título “Valeu a pena votar neles?”, referindo-se aos radialistas políticos e suas ações nesse contexto. A respeito de Sagramor, o que foi comentado girou em torno das seguintes palavras,

O prestígio do rádio foi claramente demonstrado nas últimas eleições, quando nada menos de 5 radialistas militantes foram eleitos, fora os que se colocara como suplentes e excluindo também, outros candidatos eleitos que, embora não sendo radialistas militantes, estavam ligados intimamente ao rádio [...] Sagramor de Scuvero é o caso de maior importância – de vez que obteve agora a re-eleição. Justo é dizer-se dela: Sagramor. **Que agora é uma radialista dentro da câmara, foi sempre uma vereadora dentro do rádio.**

- Minha orientação, na Câmara (disse Sagramor à reportagem) obedece, naturalmente, às diretrizes do Partido. Mas a minha preocupação máxima – e para ela converge a maioria dos meus esforços – é a assistência social.

Nesse sentido, inúmeros são os projetos de Sagramor. Difícil seria enumerar todos os importantes, mas podemos citar, ao acaso, sua ideia de criação da Casa da Mãe Solteira, anexa ao Serviço Assistencial da Prefeitura. Sua intervenção no caso das meninas do Instituto de Educação, resultando na obtenção da matrícula de todas aprovadas, dentro do próprio instituto... (REVISTA DO RÁDIO, 1953, n. 196, p. 25)

Provado está que, embora a revista tenha feito mais reportagens sobre a vida privada da vereadora-radialista, ela acabou deixando revelar uma trajetória que extrapolava os limites daquilo que se esperava de uma mulher naquele dado período. Indo além, ao que tudo indica, Scuvero Martins dedicou sua legislatura para combater o bom combate de mulheres, seja no intuito de acolher ou de garantir a matrícula no Instituto de Educação, obtendo êxito naquilo que se propôs realizar. Uma radialista na câmara, sempre foi uma vereadora no rádio. As palavras escolhidas para descrever Scuvero acabou trazendo uma visão do que seria para a revista o dever de um “vereador”. Isto quer dizer que Sagramor tinha as qualidades, atendia os requisitos para representar o povo-ouvinte e leitor da *Revista do Rádio*.

Outro radialista também venceu as eleições de 1950 para o cargo de vereador no Rio de Janeiro. Seu nome é Silvino Neto. Ele se colocou na órbita getulista, o que, certamente, fez com que angariasse votos. No entanto, pode ser que a *persona* construída através de seus programas humorísticos também contribuiu para que se tornasse o vereador-radialista mais votado da capital federal naquele período. Mas quando Silvino passa a ser percebido pelo semanário? Na primeira entrevista concedida pelo radialista-humorista, foi dito que,

Paulista de nascimento, entusiasmou-se com obra de Ademar de Barros no Estado de São Paulo e a quem lhe pergunta pela sucessão presidencial não hesita em responder:

- Meu filho, se Getúlio não vier dos pagos para a sua ‘banca’ e tomar o bonde do Catete, pode contar com um presidente certo... [...]
- Política é como futebol. Os melhores jogos são aqueles que têm maior torcida. Na política, torcida é voto. Ninguém vai-me dizer que Getúlio não tenha uma força enorme por esses brasis de meu Deus. Quem ele quiser será eleito! (REVISTA DO RÁDIO, 1949, n. 17, p. 32-33).

No capítulo anterior, apresentei Silvino Neto, porém, pelo olhar e riso de Getúlio, que, inclusive, surgiu da “gargalhada” de Vargas ao ouvir as piadas políticas de Silvino uma singela relação de amizade. Não à toa, a impressão que o radialista teve naquele contexto foi de que Getúlio tinha uma enorme força “por esses brasis de meu Deus”. Levando em conta que Vargas ainda não tinha decidido se de fato iria concorrer à presidência em 1950, havia rumores, alimentado também na revista, de que Ademar de Barros poderia ser indicado para o cargo,

apoiado pelas forças getulistas. Silvino Neto tinha profunda afeição por Vargas, tanto que, por conta disso, passou a ser "censurado" pela rádio Tupi. Nas palavras de Anselmo Domingos,

Verdade se diga as 'associadas' têm tido o que fazer com artistas seus no Ministério do Trabalho. O mais recente caso é o de Silvino Neto, já amplamente falado, por ele mesmo contado nos mínimos pormenores. Diz o famoso humorista que sempre seus programas foram feitos, comicamente está claro, à base da política. Isso há meses, há anos. Até que um dia, pouco antes das eleições. A direção das 'associadas' lhe mandou uma carta, corte, porém enérgica, onde o proibia de falar de política ou de políticos em seus programas humorísticos. Na mesma noite Silvino Neto foi para a rua, num comício, e desandou sem dó nem cerimônia em cima da Tupi, da sua direção, do seu principal acionista, o sr. Assis Chateaubriand (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 57, p. 3)

Anselmo comentou no editorial acima sobre o caso de Silvino Neto contra a rádio Tupi, sobre uma entrevista divulgada no mesmo número, onde Silvino destacou suas reclamações contra a censura prévia que a diretoria das 'associadas' estava querendo estabelecer em seus programas, onde ele não poderia mais falar de política. Justo no período em que ele estava como candidato e pelo partido de Getúlio. Alegava Silvino que jamais se poderia impedir que um artista fale em uma época em que "todo cidadão livre tem o direito de expor suas ideias", o que corrobora com um vocabulário político radialista, sintonizado com as linguagens da democracia, que segundo Silvino, estaria atrelado com a questão de que cidadania é sinônimo de liberdade de expressão. E que no caso que envolvia ele e a emissora de rádio, o termo utilizado para nomear as atitudes da Tupi seria uma "censura". Pois, "Alega Silvino Neto que enquanto 'fazia política de governo' nos seus programas, pela Tupi, sempre teve carta branca; porém quando começou a tratar de 'política de Getúlio' foi impedido de prosseguir. Que julgue o povo"⁸³.

O julgamento e a decisão do "povo" foram, de alguma forma, transparecidos nas urnas. Apesar de ter feito campanha para Getúlio, porque provavelmente suas piadas não eram ofensas, e o fato de a Tupi não ter apoiado Vargas, como indica Silvino Neto, acabou gerando o fim do contrato do artista com a emissora. Mas, nas eleições, ele foi um verdadeiro "campeão do microfone". Foi o vereador mais votado no Rio de Janeiro naquele ano. Sua trajetória, marcada por uma política voltada a apoiar o retorno de Vargas, bem como sua relação próxima com o presidente, o tornou também um radialista político.

A vitória de Silvino Neto foi digna de um editorial especialmente dedicado para explicar

⁸³ Revista do Rádio, n. 57, 5 de dezembro d3 1950, p. 3.

as razões que levaram o humorista a ganhar um assento na “gaiola de ouro”. Nas palavras do editor-chefe,

Eu me lembro de Silvino Neto três dias antes das eleições perguntando-me aqui perto da mesa: - ‘você acha que Getúlio ganha mesmo?’. A minha resposta foi então uma outra pergunta: ‘E você tem esperanças de ganhar, Silvino?’. Nessa hora, é bom dizer, Silvino Neto conversava sério comigo”.

[...]

O povo está farto de políticos profissionais, de gente que promete este mundo e o outro antes das eleições para depois esquecer tudo ou fingir que esquece. O povo fartou-se de ver faixas, de ouvir berreiros de alto-falantes em cima de automóveis, de ler cartazes mentirosos. Silvino Neto teve então a habilidade de não fazer faixas, de não alugar alto-falantes, de não forrar paredes nem muros. Apenas usava o microfone e pela voz de Pimpinela dizia as verdades, as verdades que todo mundo gosta de ouvir. Contou as misérias. Criticou, desandou em cima dos figurões.

[...]

Mas deve-se também acentuar que a Tupi a ajudou muito. Nas vésperas das eleições tirou-o do microfone porque ele era getulista. Foi a conta. Os ouvintes votaram nele (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 58, p. 3).

Anselmo Domingos não havia dado apoio formalmente para nenhum dos candidatos, seja para a vereança ou a presidência. O distanciamento, aos olhos do escritor de novelas, era necessário para a frutificação da democracia. Mas, as atitudes e ações da classe radiofônica giraram por outro espectro, qual seja, para apoiar veementemente a volta de Getúlio e, também, adentrar ao campo político, concorrendo para cargos legislativos. Se Anselmo era “apolítico”, não se pode dizer o mesmo de seus pares. No caso de Silvino, ele utilizou do microfone e de seu programa humorístico no rádio para dizer “verdades que todo mundo gosta de ouvir”. Política de maneira séria, direta, criticando e desandando em cima dos “figurões”. Pode-se inferir que, em maior ou menor grau, Silvino Neto também ganhou uma parcela emprestada do capital político de Vargas. De acordo com o editorial, o “pulo do gato” para a vitória de Silvino Neto se deu pela censura protagonizada pela Rádio Tupi, motivada pelo fato do mesmo ser getulista.

A atuação de Silvino na Câmara Municipal foi acompanhada por algumas manchetes publicadas no periódico. A impressão era de surpresa. Acreditava-se que a pecha de humorista iria fazer com que seu comportamento ante a “assuntos sérios” seria de um mero comediante em um ambiente que não lhe caberia. Ao que tudo indica, não foi exatamente isto que aconteceu. Em uma notícia, foi dito o seguinte:

Ontem, por obra do acaso, lendo uma crônica assinada pelo meu colega Nestor

de Holanda, o queixo caiu-me. Este meu conterrâneo trazia a público, sob justos elogios, o quanto de útil e de construtiva tem sido a atuação de Silvino na Assembleia. Pasmei. Inclusive para a classe artística, vem ele apresentando projetos magníficos, de interesses prementes. Pediu a obrigatoriedade do zelo autoral para os discos comerciais, ajuda de custas para a ABR e respeito à lei dos dois terços nos espetáculos, tão burlada entre nós pelos empresários inescrupulosos. Quanta gente não está, como eu, de queixo caído! [...] Palmas ao vereador Silvino Neto! (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 92, p. 39).

A trajetória do humorista político e radialista da Câmara foi acompanhada de maneira elogiosa. As notícias que saíam sobre Silvino Neto e sua legislatura foram percebidas pelo semanário como importantes, principalmente para a classe artística, a exemplo da notícia citada, a obrigatoriedade do zelo autoral para discos comerciais, projeto do radialista, em defesa dos seus. Como apontado numa outra reportagem sobre as ações de Silvino Neto, sua preocupação maior era com a classe radialista,

Quando Silvino Neto conquistou um assento na Câmara dos Vereadores, revelando-se o campeão da confiança dos cariocas, (pois foi o vereador mais votado nas últimas eleições) muita gente duvidou de que a sua atuação na ‘gaiola de ouro’ resultasse em alguma coisa mais do que ‘movimento’, (no sentido pejorativo do termo), foi o que menos fez Silvino Neto, neste seu primeiro ano de atuação na política do Rio. O criador mordaz do futebol político, no ‘Clube da Camaradagem’, tomou a sério a investidura que lhe dera o povo e, descuidando mesmo de seu trabalho no rádio (que sempre lhe rendeu bom dinheiro) trabalhou com afinco. Do seu acervo de realizações no ano de 1951, podem-se destacar muitos projetos de relevância, já aprovados, como: a subvenção de Cr\$ 1,500,000,00 para ajudar a construção do Hospital do Radialista; a criação do selo infantil, cuja renda se destinará à construção de sanatório para crianças tuberculosas; a campanha educativa permanente para pedestres e motoristas; a isenção do selo de diversões para os teatros e circos, com espetáculos infantis, que franqueiem suas portas aos alunos das escolas municipais – e muitos outros (REVISTA DO RÁDIO, 1952, n. 133, p. 20).

Ainda com o tom de sobressalto, a revista enxergava um político comprometido, não somente com a classe radiofônica, visto que ele tinha conseguido uma subvenção para a construção do Hospital do Radialista, mas também para a população carioca, visando o bem-estar social de crianças, pedestres, motoristas, Silvino mostrou que não estava para brincadeira, levando bastante a sério o termo “representante do povo” e de seus interesses. De acordo com o semanário, não seria mais possível falar de Silvino sem tratar de suas ações políticas, pois, se “fizemos referência às atividades de Silvino Neto na Câmara Municipal, é porque já não é possível apartar o radialista do vereador”, ou como retratado na seção *Rua da Pimenta*, “Silvino Neto é, sem dúvida nenhuma, o único vereador do rádio que zela pelas coisas do rádio, na

Câmara”⁸⁴.

No decorrer dos anos na Câmara Municipal, de acordo com o semanário, Silvino, a exemplo de tantos outros e outras figuras do rádio que se afastaram de Getúlio, parece que o mesmo movimento foi feito pelo humorista político. Segundo os *Mexericos da Candinha*, “Silvino Neto que era getulista de quatro costados está virando a mão. Ninguém se espante se daqui a pouco ele começar a falar mal do querido Presidente”⁸⁵. Porém, esse afastamento não logrou uma outra imagem dele no semanário. Silvino ainda era visto como um vereador de excelência. Prova disso é que em todas as entrevistas do vereador-radialista, sua atuação sempre era louvada,

Muita gente ficou surpreendida com a vitória espetacular de Silvino Neto – que, competindo com nomes de peso no cenário político do Rio, logrou de ser o vereador mais votado nas últimas eleições. Mas Silvino Neto não decepcionou. No início do seu mandato, quiseram estigmatizá-lo como ‘o humorista da Câmara’; entretanto, a justiça manda que se diga: poucos vereadores têm sido tão austeros, dentro do recinto da Câmara, como o nosso amigo Pimpinela.

- Não vim à Câmara, assumir o posto que o povo me confiou, para fazer graça. Vim trabalhar pelo povo (REVISTA DO RÁDIO, 1953, n. 196, p. 5).

Palavras escolhidas para adjetivar as ações de Silvino demonstram não só o empenho deste, mas da própria maneira como a revista foi mobilizando uma imagem positiva de seus radialistas políticos. O humorista fez jus, trabalhando de maneira séria, pelo “povo”. Após dois anos na Câmara Municipal, Silvino Neto ainda era destaque e digno de ser notado pelos leitores radiofônicos. Dentre os diversos elogios, tem-se “é um defensor dos interesses do povo e um dos maiores exemplos de ativa dedicação à causa popular [...] Silvino Neto, o vereador, o cantor de tangos, o humorista e compositor, é, no entanto um bom amigo”⁸⁶. É possível fazer um paralelo com as mesmas honrarias que a revista entregava para Getúlio, “amigo” e “defensor do interesse popular”. Claro, no alvorecer da crise de 54, a revista foi mudando a direção, juntamente com os demais radialistas, e aos poucos, não tocando mais no nome do presidente, ou quando citado, quase sempre associado a um nome de artista de rádio que era getulista e deixou de ser. Após a morte de Vargas, em dezembro de 1954, Silvino Neto concedeu mais uma entrevista. Nela, ela comenta seu afastamento da legenda petebista,

Na Câmara, Silvino não seguiu a orientação petebista, tanto assim que passado

⁸⁴ Revista do Rádio, n. 193, 19 de maio de 1953, p. 22.

⁸⁵ Revista do Rádio, n. 194, 26 de maio de 1953, p. 34.

⁸⁶ Revista do Rádio, n. 203, 1 de setembro de 1953, p. 26.

um ano rompia com seu partido para ficar à margem do mesmo, formando uma carreira oposicionista ao governo.

- Por que você deixou o PTB?

- Porque estava em desacordo com os planos do governo. Eu não fora eleito para defender Getúlio e sim para defender os interesses do povo carioca. Sentindo como quase todo mundo a descrença pelos métodos governamentais, escrevi uma carta ao dr. Getúlio Vargas e deixei o PTB.

- Você pretende continuar na política?

- Não. Apesar de ter sido eleito vereador, nunca fui político. Trabalho e trabalhei pela cidade e pelo povo e aí então, como prova de meu trabalho, ruas calçadas, crianças internadas, escolas funcionando, etc. (REVISTA DO RÁDIO, 1954, n. 274, p. 27).

Embora a resposta de Silvino não seja certa o suficiente para se compreender os reais motivos de seu desligamento do PTB, ele deixou pistas, como seu desacordo com os planos governamentais do partido, podendo inferir que seu “problema” talvez não fosse com Getúlio propriamente, mas com outros membros petebista. Importante salientar que nas eleições de 1954, Silvino Neto não conseguiu a reeleição para vereador, o que, provavelmente, foi resultado de sua atitude política de se distanciar de Vargas. Trabalhismo e getulismo permaneceram influentes no cenário político nacional, e a derrota nas urnas pode ter vindo do fato do humorista ter se desfilado do partido getulista. E assim, a trajetória política de Silvino encerrou-se, pelo menos nas páginas revisteiras radiofônicas. É notório que no caso de radialistas getulistas, o espaço concedido pelo semanário para que suas vozes fossem ouvidas era substancialmente maior do que quando se compara com candidatos antigetulistas, o que se observará no próximo tópico.

5.3. E os antigetulistas? Vereadores radialistas fora da órbita varguista

A União Democrática Nacional foi criada no contexto da redemocratização de 1945, junto com o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PSD (Partido Social Democrático). Como já apontado, os dois últimos giravam suas rodas para o getulismo. Já a UDN reuniu em seu antro, uma forte oposição contra Vargas. Esse partido tinha duas figuras do rádio, Ary Barroso e Carlos Frias. O primeiro tornou-se vereador nas eleições de 1947, através da legenda udenista. No então ano, a revista ainda não existia, portanto, tem-se poucas informações vindas do periódico a respeito da atuação de Ary Barroso na Câmara Municipal. Na verdade, poucas foram as vezes em que a revista de Anselmo Domingos se interessou em falar da visão política de Barroso.

Digo isto pois logo na primeira entrevista de Ary para o periódico, o assunto principal

foi sobre o Flamengo, apesar do título ter vindo “*Dutra não cumpriu! O presidente prometeu e se esqueceu... curiosa entrevista com Ary Barroso*”⁸⁷. Nela foi perguntado o que faria se fosse o presidente Dutra. Respondeu que daria independência administrativa para a Capital Federal, algo que Ary Barroso alegava ter sido promessas do General, mas que não havia cumprido. Este foi o único momento em que a entrevista abordou algum assunto político. O restante foi somente sobre futebol. Uma curiosa amenidade, levando em consideração que além de Ary Barroso ter sido em sua época um dos mais conhecidos radialistas, compositor, era também locutor e vereador. Mas, pelo menos nessa primeira aparição do mesmo na revista radiofônica, ela não pareceu muito entusiasmada com as atuações políticas do udenista.

Na coluna sobre Rádio e Política, Caspary inicia narrando sobre a trajetória do radialista e, naquela época, vereador, Ary Barroso, “eleito vereador por um número elevado de votantes, Ary Barroso trabalhou na Câmara Municipal para que o Distrito Federal possuísse o seu estádio municipal, uma praça de esportes capaz de acolher os representantes das seleções internacionais [...]”. A Revista aponta que Ary estava cogitando mudar de partido, e que estaria mesmo disposto a ingressar no PTB. No entanto, o próprio radialista diz que é mais fiel ao seu público eleitor do que aos partidos. Em outras palavras, Ary Barroso não disse com todas as letras que poderia mudar para o partido de Getúlio, mas que poderia trocar por outro partido, se assim seus eleitores clamassem para tal. O que vislumbramos já no título “*Ary Barroso com os trabalhistas?*”⁸⁸ é um redimensionamento de sua resposta, pois não havia nada certo ainda. Caspary, um dos jornalistas que escreve para a revista, parece jogar com as palavras e escamotear o que de fato o udenista evidenciou.

Passadas as eleições, o radialista de fato não sagrou sua vitória nas urnas. Para Anselmo Domingos, a derrota de Ary Barroso ocorreu por uma explicação relativamente simples: não era do PTB e nem apoiou Getúlio. Um editorial foi dedicado para que o editor-chefe explicasse suas ideias.

⁸⁷ Revista do Rádio, n. 20, outubro de 1949, p. 8.

⁸⁸ Revista do Rádio, n. 31, 11 de abril de 1950, p. 25.

ARI BARROSO COM OS TRABALHISTAS ?

O POPULAR LOCUTOR ESTÁ ENTRE A U.D.N. E O P.T.B.

Texto de CASPARY

Tódas as lutas, tódas as dificuldades, tóda a movimentação de sua vida, tornou Ari Barroso um grande músico e um inspirado poeta. Dessas conquistas, surgiu talvez uma grande razão de seu sucesso que, depois de ser musical, se fez radifônico e mais tarde popular e político.

Hoje, Ari Barroso é um homem que se divide entre o Parlamento, o microfone e seu piano de compositor. Nas horas vagas, distrai-se nas entidades esportivas e os seus argumentos, a sua vivacidade, o seu jeito todo especial de encarar as coisas para tirar o melhor resultado possível das situações, tornaram-no ponto de atração de sempre e uma figura que a maior parte dos desportistas aprecia enquanto os restantes temem e respeitam!

Eleito vereador por um número elevado de votantes. Ari Barroso trabalhou na Câmara Municipal para que o Distrito Federal possuísse o seu estádio municipal, uma praça de esportes capaz de acolher os representantes das seleções internacionais nas disputas do Campeonato do Mundo.

Aproximando-se o término de seu mandato e talvez prevendo que o seu partido não tenha forças suficientes para reelegê-lo, Ari Barroso pensou em mudar de legenda. Trocando de partido, teria, porém, de escolher um que o pudesse acolher com certas vantagens e então pensou no PTB.

Murmura-se, porém, por traz dos bastidores que o PTB não quis aceitar a oferta de Ari, mas não achou de boa política recusá-la de imediato e preferiu embromar o político, esportista, músico e radialista. Ari Barroso, que deve conhecer o código do R. E. (responder embromando) tão comum nos arralais políticos, percebeu o movimento e voltou à UDN, de onde não saíra oficialmente, já numa demonstração de sagacidade e espírito prevenido.

Apesar de conhecermos todos os detalhes da quase passagem de Ari para as hostes trabalhis-

tas, não quisemos deixar de interrogá-lo a respeito. Encontramo-lo à saída do estúdio depois da apresentação de seu programa esportivo e fomos de imediato perguntando se ele pretendia deixar a UDN.

— Ainda não está nada decidido, meu velho. Eu sou da UDN mas uma coisa posso afirmar: Sou mais do público que me elegeu!

— E foi o público que pediu para você mudar de partido?

— Talvez. Eu sigo sempre o que os meus eleitores ordenarem. Sou da UDN mas não po-

derei dizer que continuarei na União Democrática ou se me transferirei para outro partido. O fato é que continuarei fiel aos meus postulados democráticos ouvindo a voz da razão e da minha consciência.

E assim, sem nada esclarecer, com o firme propósito de não afirmar se deixou ou não a UDN, Ari Barroso tomou o elevador para descer até o térreo, onde o esperava seu luxuoso "Buick" com "chauffeur", uma das aquisições mais recentes do vereador, radialista e compositor.



★
Ari Barroso, um dos nomes mais populares em todo o Brasil. Está disposto a entrar para o partido de Getúlio

Revista do Rádio

Imagem 32: Entrevista com Ary Barroso, no contexto das eleições de 1950, n. 31, 1950 (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Ary Barroso chamou-me à porta da Câmara Municipal: “Você vai mesmo contar porque eu perdi as eleições?”. E antes que eu lhe respondesse perguntou-me ainda: “Você sabe mesmo por que eu perdi?” [...] Respondi-lhe: “Primeiro, porque você não estava na chapa do PTB. Você foi político politicamente, querendo ficar com uns e outros. Não contou portanto com os getulistas nem com os udenistas. Os seus votos, poucos na verdade, foram os de seus amigos”, Ary pensou um pouco. Franziu a testa e concordou. [...] (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 63, p. 3).

A derrota explicada por Anselmo Domingos demonstrava também sua clareza política ante os fatos ocorridos no turbulento ano de 1950. Enquanto alguns radialistas surpreendiam com sua vitória, como no caso de Silvino Neto, outros foram surpreendidos por sua derrota. A lógica por trás da explicação do editor residia no fato de que Ary Barroso fez política tal qual todos os demais concorrentes, o que poderia explicar também a vitória do humorista, que dizia o que ninguém tinha coragem de falar, fazendo o caminho inverso, porém, apoiando e sendo apoiado pelo partido getulista, algo que Ary não tinha. Para Anselmo, talvez esse tenha sido o “erro” do compositor, de não ter se posicionado enfaticamente, tal como fez Carlos Frias, udenista ferrenho, um dos poucos radialistas de oposição a Getúlio que venceu as eleições daquele período.

As outras menções posteriormente a respeito de Ary Barroso giraram em torno de sua vida artística, visto que ele não voltou para a Câmara tal como esperava. O que ficou também claro, tanto para Ary quanto para Anselmo foi, “que seu lugar é entre o povo, povo do Flamengo, povo dos campos de futebol, dos subúrbios, dos morros, da gente do samba. E esse povo, todo mundo está vendo, não é o povo da UDN. Logo, a derrota de Ary Barroso está mais do que explicada”. E ainda reitera que a “política” dos anos 50 somente provou que “a grande maioria dos radialistas queria ardentemente a volta de Getúlio”, e que sua volta reverberou na massiva derrota de alguns elementos do rádio que ou não eram muito afeitos a Vargas ou não se posicionaram de maneira contundente, como fez Carlos Frias. Eleito o segundo vereador radialista mais votado do Rio de Janeiro, em 1950, pela UDN, desde as primeiras menções do locutor, nunca escondeu sua predileção política. Ao ser questionado se gostava de trabalhar e em quem votaria para presidente em 1950, “já tínhamos ouvido as respostas de um rádio autor e de um animador. Era preciso ouvir um locutor. Procuramos Carlos Frias, que assim se manifestou: 1.^a) Muito. 2.^a) Eduardo Gomes”⁸⁹

O Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato udenista, iria colocar-se novamente no pleito para presidência em 1950, e Carlos Frias, sem papas na língua, deixou claro que já tinha um

⁸⁹ Revista do Rádio, n. 3, abril de 1948, p. 16.

candidato favorito. Destoava, tanto da esmagadora maioria da classe radiofônica, quanto do próprio discurso da *Revista do Rádio*, o que, evidentemente, tornava Carlos Frias um radialista que pouco aparecia no periódico. Numa outra reportagem dizia-se que “E o Carlos Frias, poderia, por acaso, escolher o Getúlio ou o eleito pessedista? Ele, que vive apregoando as qualidades do Brigadeiro, através do microfone da Tupi e da Tamoio, uma flama inigualável?⁹⁰. Isto explica as razões que levaram à cisão entre Silvino Neto com a Rádio Tupi, visto que Carlos Frias apregoava, sem nenhum tipo de censura, sobre as qualidades do Eduardo Gomes. Por aí se tira que, provavelmente, os radialistas políticos utilizavam do microfone para fazer política, seja para defender suas candidaturas, seja para fazer apoiar campanhas presidenciais. A vitória de Carlos Frias foi comentada em um editorial sobre os candidatos do rádio. Sob as palavras de Anselmo Domingos,

Mas o que queremos salientar nestas linhas introdutórias é o tremendo erro psicológico em que tantos caíram. Esqueceram que o fã também tem o direito de ter simpatias políticas. Os programas de auditório eram o melhor termômetro. E os festivais artísticos também, as excursões, os ‘shows’. Se Carlos Frias quiser ser sincero que o diga. Ele venceu porque contou apenas com a oposição. Quem não era getulista só poderia votar num udenista. E entre os udenistas do rádio Carlos Frias era o melhor (REVISTA DO RÁDIO, 1950, n. 59, p. 3).

Por mais que houvesse o reconhecimento de que Carlos Frias figurava como “o melhor candidato do rádio” contrário ao getulismo, os comentários elogiosos a respeito do udenista eram um pouco mais contidos do que comparados a outras personalidades radialistas mais devotadas a Vargas. A bipolarização que Anselmo Domingos enxergava revela as visões que tinha sobre a política de seu tempo. Para ele, se não era getulista, o que restava era o udenismo. E no caso, os radialistas udenistas não seriam a maioria, pois quando Anselmo diz que Carlos era “o melhor” entre a oposição, isto significava também, que não haveria espaço na política, de acordo com editor-chefe, para dois da UDN. Getúlio tinha vencido o páreo. Junto com ele, Silvino Neto e Scuvero Martins. Não haveria tanto espaço para contrários. Somente para Carlos Frias, segundo vereador mais votado na Capital Federal.

⁹⁰ Revista do Rádio, n. 46, 25 de julho de 1950, p. 16.



CARLOS FRIAS ELEITO VEREADOR

Depois de Silvino Neto, por sinal o vereador mais votado do Rio, Carlos Frias foi o radialista que recebeu maior número de sufrágios nas eleições de 3 de outubro último. Concorrendo na chapa da UDN, o locutor da Tupi obteve expressiva votação, que lhe garantiu a vereança e o segundo posto entre os vereadores mais votados do seu partido. A eleição de Carlos Frias é prova insofismável de sua intensa popularidade.

Imagem 32: Notícia sobre a vitória de Carlos Frias como vereador da Capital Federal, n. 67, 1950

(Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Mas, a vida política de Carlos Frias não seria tão fácil quanto a de seus adversários políticos. Antes mesmo de tomar posse, foi impedido porque tinha sido condenado judicialmente pelo crime de falência fraudulenta. A notícia caiu como uma luva nos papéis e nas tintas que seriam muito bem gastas pelo periódico radiofônico, que não perdeu nenhum dos acontecimentos dessa desventura digna de radionovela,

A notícia estourou como uma bomba, abalando toda a cidade! Os fãs radiofônicos, os elementos ligados à política, arte e sociedade, interrogavam-se, duvidando, muitos, da veracidade da notícia. Carlos Frias, o vibrante radialista, fora preso acusado de falência fraudulenta! A REVISTA DO RÁDIO, sempre pronta a agir em defesa dos radialistas e saciar a curiosidade de seus leitores, tratou de ficar imediatamente em contato com o locutor da Tupi, para ouvi-lo em afirmações de defesa, escrito de que tudo não passa de um lamentável equívoco que, breve, será elucidado, para gáudio de todos nós (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 69, p. 12).

A condenação de Frias levou-o à inelegibilidade e à perda dos direitos políticos. visto que a Constituição de 46 tornava, simultaneamente, inviável a posse em cargos públicos de sujeitos condenados judicialmente, “da mesma forma os artigos 132 e 138 combinados, enquadram como ‘inalistáveis’ e conseqüentemente, ‘inelegíveis’ aqueles que “estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos”⁹¹. A partir daí, as manchetes sobre Carlos Frias e sua delicada situação passaram a ser mais frequentes. Seu nome estava na boca do povo e nas páginas especializadas em rádio. Um radialista, eleito para ser vereador, impedido de exercer o cargo por conta de uma sentença judicial. Não dá para mensurar a dimensão e a importância de uma notícia desse cunho pronta para ser estampada em uma revista que sobrevivia de fofoca, ao mesmo tempo que definia, nessas mesmas fofocas, o justo, correto, a democracia, o getulismo, o antigetulismo. Ainda que o semanário não se posicionasse a favor ou contra, o interesse dela em divulgar sobre o assunto escancara as posições políticas dos editores da revista, já que pouco ou quase nada era falado sobre o radialista. Seu nome passa a ser notícia coincidentemente quando algo lamentável ocorre em sua vida política.

Após a decretação de sua liberdade, emitida pelo Supremo Tribunal de Justiça, Carlos Frias passou a ter o direito de ser empossado, o que também foi digno de nota e entrevista estampada no semanário,

- Quando é que você pretende ser diplomado?
- Dentro de uma semana, talvez. Meu advogado já remeteu ao Tribunal Eleitoral uma cópia da decisão do Supremo Tribunal de Justiça anulando a

⁹¹ Revista do Rádio, n. 73, 30 de janeiro de 1951, p. 11.

minha sentença e tudo correrá de molde burocrático e processual!
- Depois de empossado você pretende abandonar o rádio?
- Em absoluto. A minha atividade política não poderá nem por sombra interferir na minha carreira profissional. Continuarei, como vereador, a ocupar o microfone da Tupi (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 80, p. 20).

E após o tumulto causado pela situação, Carlos Frias foi diplomado, em 1951. Mais um radialista vereador na Câmara Municipal, diferenciando dos outros, ele se colocava na trincheira de oposição a Getúlio. No mesmo ano em que tomou posse, Vargas assinou um decreto que estremeceu as relações entre governo e rádio. Um decreto que permitia ao presidente escolher os membros da Comissão Especial do Rádio. Até então, essa escolha era feita pelos próprios radialistas, mediado pela Associação Brasileira de Rádio. Com o decreto assinado, Getúlio poderia interferir nesses e nos demais assuntos concernentes ao meio radiofônico. Para Carlos Frias, este decreto feria cruelmente a liberdade e democracia:

Mais uma vez Carlos Frias coloca-se contra Getúlio Vargas – demitiu-se da Associação Brasileira de Rádio por causa de uma entrevista de Manoel Barcelos – perigo para a liberdade do rádio?”

A notícia de que Carlos Frias desligara-se da ABR fez com que a nossa reportagem procurasse ouvir o conhecido homem de rádio e também um dos políticos cariocas de maior evidência nesses últimos tempos. Encontramos Carlos Frias na Rádio Tupi e ficamos de pronto conhecendo o seu ponto de vista:

- Quando li o decreto do Presidente, sobre o Rádio, consultei imediatamente o meu Partido e fui à tribuna da Câmara mostrar a repulsa que, como radialista, sentia por um decreto ferindo a consciência democrática da nossa profissão, poderá acarretar os maiores prejuízos para o homem de rádio.
- Quer dizer que, ao falar na Câmara, você não tinha o propósito de se desligar da ABR?
- Não! Defendia um ponto de vista pessoal e estava certo de que defendia como defendo a minha classe! (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 102, p. 21).

Quando a reportagem começa alegando que “mais uma vez” Carlos Frias se colocava contra Vargas, é porque, provavelmente, em outras situações, certamente se opôs ao presidente, demarcando, desde o início, sua posição declaradamente política de ser antigetulista. No entanto, não era um posicionamento cego e ingênuo. As razões que levaram o radialista a ser contra o decreto presidencial vinham, de acordo com sua leitura, do fato de ferir a “consciência democrática” da profissão.

Carlos Frias, tomando como exemplo seu colega de Câmara, Silvino Neto, também conseguiu subvencionar verba para a construção do Hospital do Radialista. Além disso,

Dentre os projetos apresentados por Carlos Frias, contam-se o que mandava

desapropriar a casa em que nasceu Noel Rosa: o que atribui à Associação Brasileira de Rádio, uma subvenção de 5 milhões de cruzeiros; o que proíbe à Prefeitura arrendar os postos de gasolina de sua propriedade. Nas duas legislaturas passadas, Carlos Frias funcionou brilhantemente na Comissão de Finanças: no primeiro ano como relator do orçamento e no segundo ano como Presidente da Comissão. É, atualmente, o grande defensor da ideia da construção de abrigos nos pontos de ônibus e bondes (REVISTA DO RÁDIO, 1953, n. 196, p. 4).

Frias e todos os demais radialistas políticos não deixaram sua classe desamparada, muito menos as organizações representativas, tais como a A.B.R., que recebeu via Câmara Municipal uma subvenção de 5 milhões de cruzeiros, o que demonstrava que os vereadores do rádio não foram para “gaiola de ouro” sem o intuito de cooperar com o meio radiofônico, que foi plataforma para que eles conseguissem vencer o pleito. E ainda seguindo mais as práticas de dos radialistas-vereadores, eis que Carlos Fria também troca de partido e se filia, para concorrer às eleições de 54, ao Partido Republicano (PR). E assim como Silvino Neto e Ari Barroso, também não garantiu a reeleição, o que foi notadamente estampado na revista,

Depois de recuperado e voltando às atividades radiofônicas, Frias deixou-se levar pelo sangue de seus ancestrais, abraçando a política. Data daí a Campanha Brigadeirista em que Frias foi um dos luminares, viajando por todo o Brasil, com uma caravana de artistas, falando nas praças públicas e organizando comícios. Terminado o pleito, entre os vereadores da UDN figurava Carlos Frias, que no Conselho Municipal se situou muito bem e está agora com seu nome indicado para as próximas eleições, pelo Partido Republicano (REVISTA DO RÁDIO, 1954, n. 259, p. 56).

Seu reconhecimento é feito nas páginas radiofônicas, mas talvez, não na mesma proporção que outros e outras radialistas mais ligadas ao getulismo. Claro que não é suficiente para compreender a causa de sua derrota em 54. Pelo que se pode perceber, as dinâmicas políticas nas eleições municipais são distintas quando comparadas às presidenciais (LAVAREDA, 1991). Getúlio tinha enorme capital político, diferente dos radialistas que ali se aventuraram no universo da política. Carlos Frias, na ótica da revista, era o único indivíduo do rádio que conseguiria agremiar o público ouvinte, e eventualmente leitores e leitoras do periódico, que fosse antigetulista, já que de acordo com o diretor-chefe “o público também tinha suas próprias preferências”. Desta maneira, acaba a trajetória política de mais um radialista. Carlos Frias, Ari Barroso, Silvino Neto, e Sagamor de Scuvero Martins, e tantos outros nomes de renome no meio radiofônico que se propuseram a serem representantes do povo, candidatos do rádio e companheiros diários, amplamente estampados na *Revista do Rádio*, principal porta voz destes “campeões do microfone”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu principal intuito era apresentar o vocabulário político da *Revista do Rádio*. O então periódico se colocou desde sua criação como uma revista integralmente voltada ao universo radiofônico. Tudo que envolvia estações, programas, radialistas, artistas, era possível e passível de ser encontrada no maior semanário sobre o assunto daquele período. No entanto, é inegável o fato de que o periódico se entranhou muito mais com assuntos de foro íntimo e pessoal da classe radiofônica do que, necessariamente, sobre outras temáticas. Outros temas aparecem, mas não com a mesma intensidade no que diz respeito às fofocas da vida dos artistas (e principalmente, das artistas femininas) do rádio. Portanto, é praticamente incontestável que a revista de Anselmo Domingos era, em nível alarmado, uma revista que se dedicava a falar sobre o universo privado da “gente do rádio”, sobretudo as estrelas e “rainhas”.

Porém, como demonstrado a partir das análises feitas no presente trabalho, nem só de amenidades vivia a revista. Ou reduzir a revista em ser apenas um conglomerado de superficialidades, sem muito a dizer sobre cultura e política, por exemplo, é limitar as possibilidades de ler e reler o semanário. Ora, o que tentei fazer ao longo do trabalho foi mudar as lentes de leitura, observar outros ângulos que até então foram ignorados, além de desbravar o terreno político de uma revista de “fofoca”. Como dito anteriormente, não discordo do fato do tratamento minucioso que o semanário dava para assuntos da vida pessoal dos artistas do rádio. Porém, não creio ser possível enxergar somente com esse filtro analítico. Até mesmo as amenidades podem revelar aspectos importantes para compreensão da História do Rádio nos “anos dourados”, e por quê não dizer da história da sociedade brasileira dos anos 50? Digo isto pensando nas representações forjadas pela *Revista do Rádio* no que diz respeito às mulheres. Não houve nenhuma outra categoria social mais evocada nas páginas radiofônicas do que o ser-feminino. Desde as capas, reportagens, fotografias que exaltavam a beleza física das artistas nas praias, as mulheres foram alvo certo do periódico de Anselmo Domingos.

Na guarita das amenidades e “fofocas”, é possível observar e analisar uma fonte inesgotável de sentidos e representações que eram formuladas sobre e para as mulheres e ao mesmo tempo informadas, tanto para as que trabalhavam no meio quanto das leitoras-ouvintes. É importante ressaltar essa questão, dado as ocorrências que a revista estampava sobre as cantoras, rádio atrizes, locutoras, ou até mesmo o alarde que o periódico fez sobre o concurso da “Rainha do Rádio”. Ainda que essa não fosse a intenção, a revista engendrou visões e comportamentos sobre como as mulheres daquela época deveriam se portar, ou o que elas deveriam esperar da vida. Aqui o casamento e a família são as peças fundamentais para

compreender as imagens forjadas das e para as mulheres radiofônicas. O caso mais emblemático foi a separação de Herivelto Martins e Dalva de Oliveira. A forma escolhida pelo semanário para se referir à situação de Dalva foi “desquitada”. Um termo comum daquele tempo, que provavelmente, também tinha forte conotação pejorativa. Se o termo não era ingênuo, tampouco as intenções por trás de quem as escrevia. A ideia seria formatar a situação vivenciada por Dalva e Herivelto como um exemplo a não ser seguido por quem lia a revista. Além disso, até mesmo no universo das “fofocas” que embalavam as histórias dos artistas de rádio podem servir analiticamente como uma ponte para compreender as lógicas sociais, culturais e políticas da década de 50.

Outras revistas antecederam a *Revista do Rádio*, cada uma a seu modo, informando sobre o então meio de comunicação mais importante daquele período. Os primeiros periódicos acompanharam os passos trilhados pelo rádio, técnico e informativo no início, e posteriormente, comercial e voltado para o entretenimento. Ou seja, conforme o tempo se passava, e o rádio se agigantava, tornando-se cada vez mais “companheiro diário”, mais as revistas espelhavam o brilhantismo e a pompa que a mídia radiofônica adquiria. Se o papel radiofônico no seu nascedouro foi informar e educar, sua era de “ouro” (anos 40 e 50) passou a ter um caráter eminentemente de “massa”, e os periódicos especializados bailavam conforme o tom. Porém, tendencialmente, as revistas de rádio foram deixando de ter um formato “científico” e meramente informativo, para acompanhar a vida privada de seus artistas.

O semanário aqui analisado perseguiu os passos de suas predecessoras, principalmente na linguagem específica sobre o meio radiofônico. Ora, o editor-chefe da revista não era um profissional que veio da imprensa escrita. Não era jornalista por ofício. O que quero dizer é que sua trajetória no rádio, sendo escritor de radionovelas, permitiu que ele reunisse em seu periódico os ingredientes necessários para que sua empreitada fosse adiante. E a longevidade da revista só demonstra seu sucesso. Foram quase vinte anos de história. Do começo ao fim, a revista de Anselmo Domingos emplacou as primeiras colocações, deixando um legado para o mundo dos impressos. De acordo com Rodrigo Faour, a *Revista do Rádio* pode ser considerada a primeira “revista de fofoca” brasileira. Melhor dizendo, talvez o primeiro periódico que se dedicou a essa temática. Talvez isso explique as razões que levaram pesquisadores a encarar o periódico como uma fonte histórica relegada ao seu principal propósito.

Por conseguinte, tentei ao longo do trabalho demonstrar que a revista radiofônica discutia, informava e possuía claros posicionamentos políticos. Essas posições não ficavam tão evidentes quando se comparava com o esforço inestimável que o periódico realizava para cobrir a vida privada dos artistas do rádio. No entanto, as linguagens culturais e políticas estavam

também estampadas, timidamente ou não, a leitura política do periódico de Anselmo Domingos permitiu que vislumbrássemos o vocabulário político daqueles que escreviam na revista, bem como daqueles e daquelas que viraram manchetes. Pensemos no concurso da Rainha do Rádio. Usualmente, poderíamos analisar o concurso sob a insígnia da "indústria cultural", que surgiu ao mesmo tempo que o certame. As rainhas, grandes artistas do rádio, tornaram-se produtos culturais, alçando junto com elas, grandes empresas beneficiadas com suas imagens.

Porém, há mais no concurso que pode ser observado. Se levarmos em conta que a classe radiofônica tinha linguagens políticas que contornavam suas práticas e ações, seria possível também encarar o concurso como um "ensaio democrático". Visto que ao optar pelo voto como a forma de se escolher a rainha do rádio, os organizadores do concurso, juntamente com a *Revista do Rádio*, utilizavam de instrumentos políticos que estão intimamente conectados com a "experiência democrática" vivenciada na República de 46. O exercício de votar em uma candidata para torná-la Rainha do Rádio, ganhava ares de disputa política, além da utilização de todo um vocabulário notoriamente político (como demonstrado no segundo capítulo, termos como "cabos eleitorais", "voto popular"), que demonstrava plena sintonia com o contexto histórico vivenciado pelos atores, atrizes, cronistas do rádio, enfim, o próprio Anselmo Domingos, corroborando com a ideia de que o tal concurso pode ser analisado para além de seu objetivo.

Defendo também que a linguagem e a cultura política que é a força motriz da classe radiofônica, além da própria revista, é o trabalhismo varguista. Política e Rádio parecem ser indissociáveis, sobretudo no período aqui estudado (anos 50). A fonte/objeto de pesquisa evidenciou de maneira contundente tal fato. A classe de radialistas e artistas de rádio não só se interessavam por política, como também participavam, debatiam, mudavam de posições, usavam o rádio como uma plataforma para alcançar cargos políticos, mas também, para apoiar candidatos e candidatas políticos, dentro e fora do meio radiofônico.

Porém, como demonstrado no presente trabalho, a linguagem do trabalhismo foi observado para além de um mero apoio da classe radialista para com Getúlio e seu retorno. Era também a base e o motor que engendrava as práticas políticas dos próprios radialistas. A Associação Brasileira de Rádio e o Sindicato dos Radialistas, amplamente divulgados na revista, são a prova cabal do tamanho alinhamento político destas com a linguagem do trabalhismo. A principal característica, herdada das práticas trabalhistas/varguistas, diz respeito a um tipo de organização corporativista e assistencialista, que visava, ainda na ditadura do Estado Novo, cooptar e tutelar as classes trabalhadoras. Embora a simpatia da classe radiofônica para com Vargas fosse notória, acredito que eles não procuravam na figura getulista aquilo que

queriam para os seus. O que se pode concluir desta questão é que, o trabalhismo foi a linguagem política dos radialistas, representados pela A.B.R. e por um Sindicato, que travava batalhas para conquistar ganhos materiais para a classe. Ou seja, um trabalhismo que não era totalmente devoto ao Vargas.

Desde aumento de salário, organização de bailes para artistas de rádio até a saga do Hospital do Radialista, as duas organizações representativas do meio radiofônico utilizavam do trabalhismo varguista como fonte de inspiração para agirem em prol de sua classe. Inicialmente, acreditava que bastava a aproximação dos elementos do rádio com o getulismo para explicar o apoio e a admiração destes para com Getúlio. Entretanto, o que foi revelado a partir das análises empreendidas neste trabalho é que, muito mais que apoiar, a classe radiofônica soube canalizar aspectos da linguagem trabalhista para defender seus interesses. Para além de colocar-se para concorrer a cargos políticos, sob a ligação direta com o partido de Getúlio, a classe de radialistas, estampados no periódico, conduziram suas práticas políticas, também, internamente ao rádio.

O ponto central do trabalho, a meu ver, diz respeito à imagem de Vargas construída na revista. Vale ressaltar que meu ponto de partida foi este. Na medida em que avançava na pesquisa, percebia o franco interesse do periódico tinha de trazer suas posições políticas, não só de quem escrevia, mas também das figuras que apareciam nas páginas revisteiras de Anselmo. Quando nos anos 50, mais especificamente no período eleitoral, o periódico estampou as preferências políticas dos radialistas e artistas de rádio, que apontavam em direção de Vargas. A esmagadora maioria votou em Getúlio. Juntamente, o periódico, antes mesmo da campanha presidencial, já apresentava notícias, imagens e reportagens sobre Vargas. De alguma forma, as menções, muitas vezes honrosas, à figura varguista, mobilizou uma coesa e precisa imagem de Getúlio na revista.

Meu principal questionamento era: o que motivou o periódico, bem como os próprios radialistas, a terem Vargas como alguém prestigioso, um amigo? Por que apoiá-lo? Quais eram os intentos da classe radiofônica em ter um grande apreço por Getúlio? Bem, ao que tudo indica, havia radialistas, apoiadores de Vargas, que também se candidataram para cargos políticos. Ou seja, o cálculo de benefícios feitos por estes e estas que se colocavam no pleito eleitoral, acabavam levando em conta que, o provável apoio político e voto a Getúlio, poderia convertê-lo em uma maior possibilidade de vencer as eleições. Ou seja, toda a imagem positiva gestada pela revista, tornava mais palatável, aos olhos dos leitores, os “campeões do microfone”, termo cunhado pelo periódico ao se referirem aos candidatos do rádio.

Acredito que o apoio da classe radiofônica para o retorno de Vargas ao poder, acabou

de alguma maneira, desembocando em quem lia a revista, um arsenal de nomes ligados ao meio radiofônico, sugeridos nas páginas de Anselmo Domingos, que deixava bem claro o quão benigno seria para população carioca elegerem radialistas, companheiros diários desses mesmos ouvintes (e)leitores. É provável, como também demonstrado no presente trabalho, que o rádio servia de plataforma para que esses candidatos do rádio conseguirem angariar votos para suas candidaturas. Silvino Neto, Scuvero Martins, Ary Barroso, Carlos Frias, e tantos outros, se colocaram na trincheira eleitoral, estes venceram, já a maioria perdeu, Apesar disso, é possível observar o grandioso interesse que o rádio tinha por questões políticas. E esse interesse não passou despercebido pelo olhar e pela tinta da *Revista do Rádio*, que apesar de ser uma “revista de fofoca”, não deixou também de participar e debater sobre política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela de Castro. **Vargas e a Crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ADAMI, Antonio; DIAS, Lúcia C. M. As revistas de rádio no Brasil: décadas de 1920 a 1950. In: **Revista ECCOM**, v. 10, n. 19, jan./jun. 2019.

ALVES, Juliana Martins. Trabalho e Trabalhadores no segundo governo Vargas: as greves como "antidireito" (1951-1954). In.: **Revista de História**. São Paulo, n.º 172, p. 367-396, jan.-jun., 2015.

_____. Reinventando o trabalhismo nos anos 1950: a "missão pedagógica" da política estatal no segundo governo Vargas. Passagens. In: **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, janeiro-abril, 2013, p. 142-160.

AMORIM, Daniela Oliveira Albertin de; CAMARGO, E. Algumas considerações sobre a história do rádio no Brasil. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO DADA FACULDADE CÁSPER LÍBERO, 6, 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

ANGELI, Douglas Souza. Do populismo à experiência democrática: a incorporação dos trabalhadores urbanos ao cenário político brasileiro. In: **Estudios Históricos**, Uruguai, n. 17, 2016.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. Estado e trabalhadores. In: ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro (Org.). **Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

AVANCINI, Maria Marta Picarelli. **Nas tramas da fama: as estrelas do rádio em sua época áurea, Brasil, anos 40 e 50**. Dissertação de Mestrado (História), Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. A História das Revistas no Brasil: um Olhar Sobre o Segmento Mercado Editorial. In: **REVISTA PLURAL**, v. s/n, p. 01-23, 2010.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 2011.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean P.; SIRINELLI, Jean. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

BILHÃO, Isabel. “Trabalhadores do Brasil!”: as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.31, n. 62, 2011.

BORDIEU, P. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In: _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1986.

_____. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5, p. 193-216, jan./jul. 2011.

BORGES, Paola Giuliana. **Se queres saber...: a hora e a vez das rainhas do rádio**. Curitiba: Appris, 2019.

_____. **Cantoras do rádio e mulheres**: um estudo sobre representações femininas no Brasil da década de 1950. In: Simpósio Nacional de História, 29, 207, Brasília. **Anais...** Associação Nacional de História, 2017.

- CALABRE, Lia. **No tempo do rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil (1923 - 1960).** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.
- _____. Políticas públicas culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque. In: **Revista Estudos Históricos**, n. 31, p. 161 - 181, 2003.
- _____. O Historiador e o rádio: relações em questão. Brasília: FCRB, 2008.
- _____. A Era do Rádio - Memória e História. In: Simpósio Nacional de História, 22, 2003, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Anpuh, 2003.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 11(5), 1991.
- COSTA, Luís Ricardo Araújo da. **Bota o retrato do velho outra vez: a campanha presidencial de 1950 na imprensa do Rio de Janeiro.** 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2014.
- COSTA, Osmani Ferreira da Costa. **Rádio e Política.** Londrina: Eduel, 2005.
- CRUZ, H.; PEIXOTO, M. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 1- 411, 2007.
- DÂNGELO, Newton. Intelectuais, revistas radiofônicas e música popular no Brasil: o rádio por escrito – 1924-1954. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. 2013, Natal. **Anais...** Natal: Associação Nacional de História, 2013.
- D'ARAUJO, M. C. **O segundo governo Vargas (1951-54).** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.
- DIAS, Bibiana Soldera. A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olhar de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista O Cruzeiro. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA HISTÓRIA, 9., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2008.

DOSSE, F. **A História em Migalhas: Dos Annales a nova história.** Bauru/São Paulo: EDUSC, 2003.

FAOUR, Rodrigo. **Revista do Rádio – Cultura, Fuxicos e Moral nos anos dourados.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura Municipal, 2002.

FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores ‘querem’: política e cidadania na transição democrática de 1945. **In: História Oral**, n. 1, 1998, pp. 169-19

FERREIRA, Jorge. (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FONSECA, Mariane Carla. **Porque abandonei Dalva de Oliveira: desconfiança, traição e desquite nas páginas de um jornal – do discurso à representação social e aos conflitos de gênero.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2014.

GIANELLI, Carlos Gregório dos Santos. O acervo digitalizado da Revista do Rádio na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: reflexões e usos da história digital no tempo presente. **Escritas**, TO, v. 08, n. 02, p. 08-27, jan./jun. 2016.

GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 31- 58, 1996.

GOMES, Ângela Castro & D´ARAÚJO, Maria Celina. **Getulismo e trabalhismo.** São Paulo: Ática, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas. **Revista USP.** São Paulo, n. 65, 2005

GOMES, Ângela de Castro (org.) **Vargas e a crise dos anos 50.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

GOMES, A. de C.; FERREIRA, J. Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação. **In: Locus** (UFJF), v. 24, 2018.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997,

HAUSSEN, Doris Fagundes; BACCHI, Camila Stefenon. A Revista do Rádio através dos seus editoriais. (década de 50). In: Congresso Brasileiro de Comunicação, 24., 2001. Campinas. **Anais...** Campinas: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

HUPFER, Maria Luisa Rinaldi. **As Rainhas do Rádio: símbolos da nascente indústria cultural brasileira**, São Paulo: Senac Editoras, 2009.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil. Fortaleza: **Anais do Encontro Nacional de História de Mídia**, 2009.

LAVAREDA, A. **A Democracia nas Urnas: O Processo Partidário-Eleitoral Brasileiro**, de Antônio Lavareda. IUPERJ/Rio Fundo, Rio de Janeiro, 1991.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1986.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. in: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, A. L. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. **História**. São Paulo, 22: 59-79, 2003.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. **A grande imprensa “liberal” da capital federal (RJ) e a política econômica do segundo Governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de**

desenvolvimento nacional. Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira**: uma visão econômica, social e política. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MCCANN, Bryan. **Hello, Hello, Brazil**. Popular Music in the making of modern Brazil. Duke University Press, 2004

MIGUEL, Luís Felipe. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso Brasileiro. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n.20, p.115- 134. 2003.

NEGRO, Antonio Luigi. Ignorantes, Sujos e Grosseiros: uma Reinvenção da História do Trabalhismo. **In: Trajetos**, v. 2, n. 4, p. 9-33, 2003.

NEVES, Lucília de Almeida. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945 - 1964). In: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho de. **Sociabilidade Parlamentar em cena**: Atores políticos, cotidiano e imprensa na cidade do Rio de Janeiro (1902-1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

PALTI, Elías J. **O tempo da política**: o século XIX reconsiderado. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.

PARANHOS, Adalberto de Paula. **O roubo da fala**: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

QUELER, Jefferson José. Os sentidos do quererismo: disputas políticas em torno do conceito na redemocratização de 1945. **História**, São Paulo, v. 35 e 104, 2016.

RIBEIRO, Ana P.G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. In: **Estudos Históricos**, n. 31, 2003.

REMOND, René. Por que a história política? **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história conceitual do político**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010. (Nota de trabalho).

SANTOS, Maycon Douglas Vieira dos. Porque o rádio tem história: reflexões históricas sobre o rádio no antigo Norte Goiano (1940 - 1970). In: **Revista de História da UEG**, v. 8, n. 2, p. e821913, 2019.

SANTOS, Maycon Douglas Vieira dos. Apontamentos para uma análise das representações de Getúlio Vargas estampadas na Revista do Rádio (1948-1950). In: **Revista Angelus Novus**, 16(16), 2020, 187-201.

SODRÉ, Nelson W. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRESCENTTI, J. L. P. Quem paga a conta? Os principais anunciantes da Revista do Rádio (RJ, 1948-1959). In: Encontro Estadual de História da ANPUH-SP: História, desigualdades e diferenças, 2020, São Paulo. **Anais...** Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 25, 2020.

VIEIRA, Lucas Schuab. A imprensa como fonte para pesquisa em História: teoria e método. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - BOCC**. 2013.